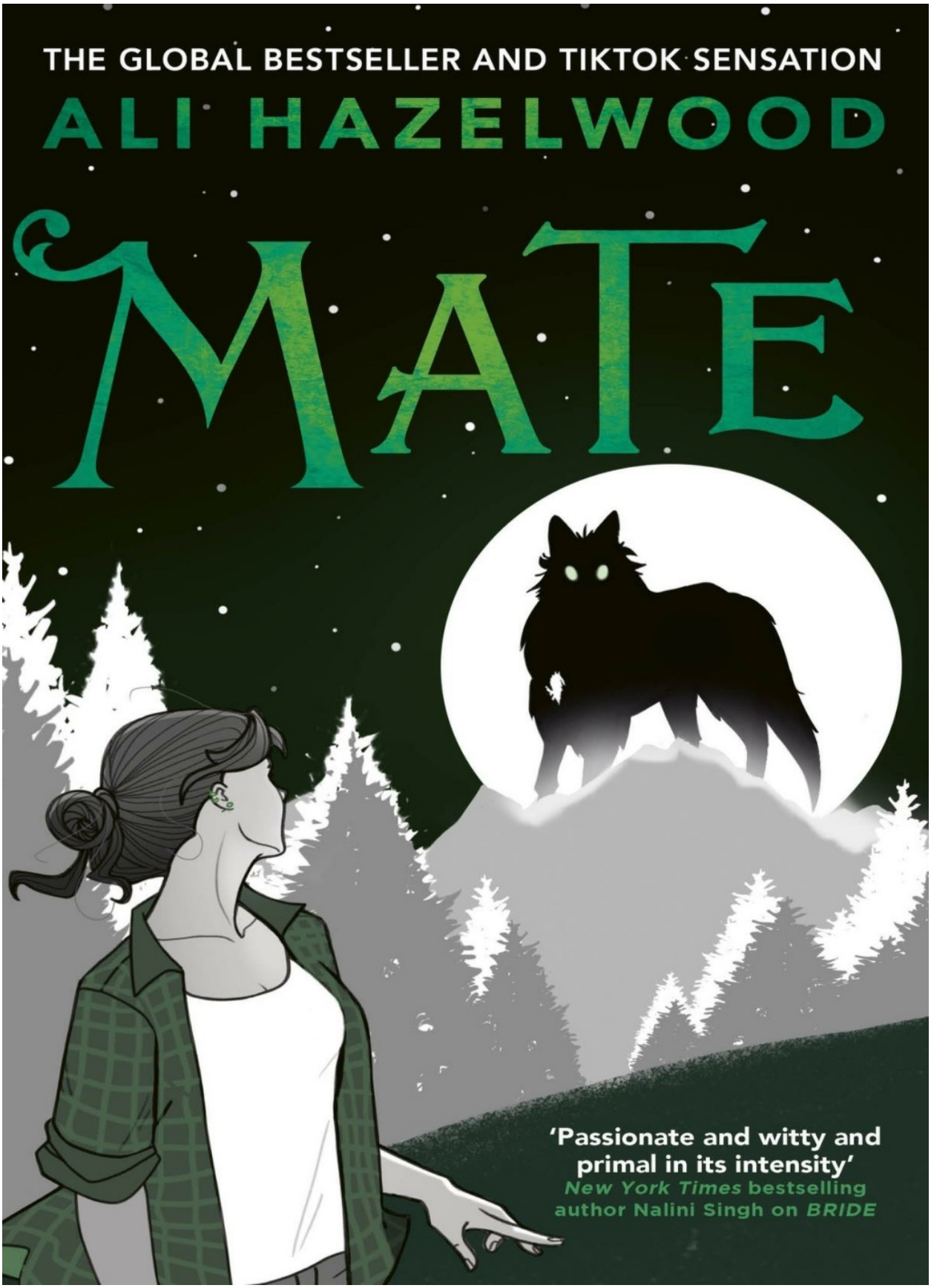
THE GLOBAL BESTSELLER AND TIKTOK SENSATION

ALI HAZELWOOD

MATE



'Passionate and witty and primal in its intensity'
New York Times bestselling author Nalini Singh on *BRIDE*


THE GLOBAL BESTSELLER AND TIKTOK SENSATION
ALI HAZELWOOD
MATE
'Passionate and witty and primal in its intensity'
New York Times bestselling author Nalini Singh on BRIDE

Índice

Título

Direitos autorais

Conteúdo

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 3 0

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Epílogo

Agradecimentos

Expandir/recolher Descrição Estendida

O best-seller global e sensação do TikTok. Uma citação da autora de best-sellers do New York Times, Nalini Singh, sobre Bride diz: "Apaixonante, espirituoso e primitivo em sua intensidade."

ELOGIOS A ALI HAZELWOOD

“Outro home run de Hazelwood.”

—*Pessoas* na *Noiva*

“Um avanço literário... *The Love Hypothesis* é uma estreia autoconfiante, e supomos que seja apenas o primeiro exemplo de grandeza que veremos de um autor que, de alguma forma, tem a audácia de ser tanto uma potência acadêmica quanto um romancista divinamente talentoso.”

—*Entretenimento semanal*

" *A Noiva* é uma delícia! Apaixonante, espirituosa e primitiva em sua intensidade, a estreia paranormal de Ali Hazelwood apresenta um mundo tão intrigante quanto seus personagens. Eu simplesmente adorei a leitura."

—Nalini Singh, autora de best-sellers do *New York Times*

“Ali Hazelwood finalmente nos traz o sobrenatural, com seu humor característico, enredo cheio de reviravoltas e um tempero que não acaba nunca —apertem os cintos.”

—Hannah Whitten, autora de best-sellers *do New York Times, sobre Bride* “Hazelwood libera sua voz brilhante e inteligência em um Romeu e Julieta paranormal.”

—A autora de best-sellers *do New York Times*, Ruby Dixon, sobre *Bride*

“Ali Hazelwood é uma potência romântica e ela me colocou de volta na minha era de lobisomem.”

—Hannah Grace, autora do best-seller nº 1 *do New York Times, em Bride* “Tudo o que eu quero e muito mais em um romance paranormal.”

—A autora de best-sellers *do New York Times* Lauren Asher sobre *Bride*

“O unicórnio do romance contemporâneo: o casamento elusivo entre o profundamente inteligente e o deliciosamente escapista... *A Hipótese do Amor* tem um apelo comercial enorme, mas o segredo mais silencioso é que há um público específico, composto por todas as Olives do mundo, que esperaram profunda e ardentemente por este livro.”

—Christina Lauren, autora de best-sellers do *New York Times*

"É oficial. Não há nada que Ali Hazelwood não consiga fazer brilhantemente quando se trata de escrever. ADOREI."

Jodi Picoult, autora do best-seller nº 1 *do New York Times, sobre Bride*

“Sempre que quero um romance sensual, espirituoso e delicioso, contado com uma voz fresca e inteligente, leio Ali Hazelwood. Prepare-se para ficar viciado. Cada livro é pura alegria.”

—Simone St. James, autora de best-sellers do *New York Times*

"Engraçado, sexy e inteligente. Ali Hazelwood fez um trabalho incrível com *The*

Love Hypothesis ."

—Mariana Zapata, autora de best-sellers do *New York Times*

“O romance que floresce de um casamento de conveniência é ao mesmo tempo terno e sensual, indiscutivelmente sexy e cheio de emoção.”

- Isabel Cañas, autora best-seller *do USA Today, sobre Noiva* “Extremamente nerd e sexy, com comentários precisos sobre mulheres em STEM.”

—Helen Hoang, autora de best-sellers *do New York Times, sobre o amor no cérebro* “Ministros da STE, reúnam-se. O mundo de vocês está prestes a ser abalado.”

—Elena Armas, autora de best-sellers do *New York Times, sobre o amor no cérebro*

TAMBÉM POR ALI HAZELWOOD

A Hipótese do Amor Amor no Cérebro Amor, Teoricamente Noiva

Não estou apaixonado Fim do Mundo

Romance de verão problemático

ANTOLOGIAS

Detesto amar você

NOVELAS

Sob o mesmo teto, preso a você Abaixo de zero

Dois podem jogar Cruel Winter com você

ROMANCES PARA JOVENS ADULTOS

Xeque e Mate

AMIGO

ALI HAZELWOOD



ESFERA

Primeira publicação nos Estados Unidos em 2025 pela Berkley,

uma marca da Penguin Random House LLC.

Primeira publicação na Grã-Bretanha em 2025 pela Sphere.

Direitos autorais © Ali Hazelwood 2025 O direito moral do autor foi afirmado.
Design de livro por Daniel Brount

A Penguin Random House valoriza e apoia os direitos autorais. Os direitos autorais alimentam a criatividade, incentivam a diversidade de vozes, promovem a liberdade de expressão e criam uma cultura vibrante. Agradecemos por adquirir uma edição autorizada deste livro e por cumprir as leis de direitos autorais, não reproduzindo, digitalizando ou distribuindo qualquer parte dele, sob qualquer forma, sem permissão. Você está apoiando escritores e permitindo que a Penguin Random House continue a publicar livros para todos os leitores. Observe que nenhuma parte deste livro pode ser usada ou reproduzida de nenhuma maneira para fins de treinamento de tecnologias ou sistemas de inteligência artificial.

Todos os personagens e eventos desta publicação, exceto aqueles claramente de domínio público, são fictícios e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a permissão prévia por escrito do editor, nem ser circulada de outra forma em qualquer forma de encadernação ou capa diferente daquela em que foi publicada e sem que uma condição semelhante, incluindo esta condição, seja imposta ao comprador subsequente.

Um registro do catálogo CIP para este livro

está disponível na Biblioteca Britânica.

ISBN 978-1-4087-2272- 5

Esfera O representante autorizado

Uma impressão de no EEE é

Grupo de livros Little, Brown Hachette Irlanda

Casa Carmelita 8 Centro Castlecourt

50 Victoria Embankment Dublin 15, D15 XTP3, Irlanda

Londres EC4Y 0DZ (e-mail: info@hbgi.ie)

Uma empresa Hachette UK

www.hachette.co.uk

www.littlebrown.co.uk

Aos usuários do LiveJournal tehdirtiestsock, the_miss_lv e pianoforeplay, bem como aos anônimos que me ajudaram a

divulgar.

Espero que estejam prosperando, onde quer que estejam.

CONTEÚDO

Capítulo 1

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 1 4

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 3 3

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Epílogo

Agradecimentos

PRÓLOGO

TA CRIANÇA FOI BEM TREINADA —NÃO PELA FAMÍLIA, MAS PELA VIDA.

Quando a porta quebrou e ela correu para a mãe, não foi para buscar conforto, mas para provê-lo. " *Venha comigo"* , ela queria implorar, mas como as palavras não saíam, ela puxou a manga. " *Venha comigo. É melhor assim."*

Mas a mãe se libertou e não lançou um único olhar para a menina, que não teve escolha a não ser recuar para o andar de cima, sozinha. Havia um homem dormindo no quarto, um lobisomem cruel e desagradável que a assustava quase tanto quanto as pessoas que a i nvadiram. Mesmo assim, ela o sacudiu para acordá-lo e avisá- lo.

"Estou tentando descansar um pouco, porra", rugiu ele, empurrando-a. A garota se abaixou antes que ele pudesse atingi-la. "Se você não consegue ficar quieta..." Ele parou, percebendo que algo estava errado. Ela olhou ao redor em busca de um esconderijo e entrou no armário.

Por um tempo, foi só isso. Ela abraçou os joelhos e respirou através do cheiro de mofo de roupas velhas. Quando os gritos começaram, ela começou a contar. As pessoas na casa sempre a chamavam de burra, mas ela conseguia chegar a mil, e os números em sua cabeça, empilhados um após o outro, abafavam os lamentos de dor, os insultos rosnados, os sons de ossos quebrando. Ela permaneceu em silêncio, mesmo com os ruídos se aproximando e ficando mais altos. *Duzentos e cinco. Duzentos e seis. Duzentos e...*

Uma poça de sangue viscoso vazou por baixo da porta, e a criança não conseguiu mais se controlar. Seu suspiro ricocheteou das paredes do armário abarrotado antes que ela pudesse cobrir a boca. Ela soube então que estava praticamente morta.

Não. Não, não, *não* .

Tremendo, ela mordeu o lábio e rezou para o antigo deus de sua mãe. Na escuridão, não conseguia distinguir a cor do sangue. " *Fique calma"* , disse a si mesma, encolhendo-se em uma pilha de cobertores antigos. Os apelos haviam cessado um minuto antes, mas ainda havia movimento por toda a casa. Talvez fosse sua mãe. Talvez ela estivesse subindo as escadas para procurá-la.. .

A porta do armário se abriu abruptamente. Uma figura escura encarava a garota, sua silhueta alta emoldurada por um halo brilhante vindo da luz do teto.

Ele era a Morte. Quem a Morte seria se fosse uma pessoa.

Tomada pelo terror, a garota abriu a boca e encheu os pulmões de ar, pronta para gritar. Mas o homem levou o dedo aos lábios, e o simples comando a paralisou.

"Não sou muito fã de gritos", explicou ele, aproximando-se. Atrás dele estava o cadáver do Lobisomem que ela tentara alertar, com um líquido verde-floresta escorrendo do corte no pescoço.

E ela seria a próxima.

"Não se culpe. Não é porque você fez barulho." A voz da Morte era um estrondo baixo cortando o silêncio. Ele parecia distraído, olhando ao redor da sala, como se procurasse algo que pudesse ter perdido. "Senti seu cheiro assim que entrei." Ele se agachou até a altura dela, pisando descuidadamente em sangue.

Os dentes da criança batiam de puro medo. *Implore* , ordenou uma voz. *Implore.* Mas sua boca não abria.

"Você está aí em cima?", gritou alguém do primeiro andar, e a garota estremeceu. Ela tentou ser corajosa, mas lágrimas começaram a escorrer pelo seu rosto. O homem percebeu, e sua expressão tornou-se descontente, assim como a da mãe quando a garota costumava reclamar da nova vida.

Fraco. Chorão. Egoísta.

Ele estendeu a mão para ela com um suspiro, e ela fechou os olhos com força.

No delírio das batidas do seu coração, ela só queria que o fim fosse rápido. *Que fosse rápido. Pode ser doloroso, desde que seja rápido.*

Mas então um polegar gentilmente enxugou as lágrimas do seu rosto, e seus olhos se abriram.

"Ei!" Outra voz subiu as escadas, mais perto desta vez. "Precisa de alguma coisa?"

Os olhos escuros do homem encontraram os dela. Ele suspirou novamente. "Chame a assistente social."

"Merda. Quantos desta vez?"

"Um." O maxilar do homem se contraiu enquanto seu dedo fazia uma última passada.

"Não chore. Ou chore, se preferir. Mas é melhor assim. Espero sinceramente que este seja o pior dia da sua vida." Seus lábios se curvaram em um pequeno sorriso. "Quando foi a última vez que você comeu?"

Ela piscou, surpresa com a mudança de assunto. A verdade era que não conseguia se lembrar. Ontem? Dois dias atrás?

"Vamos. Vamos pegar algo quentinho para você." Ele estendeu os braços e, como a criança não conseguia desviar sozinha da poça verde e pegajosa, ela o deixou pegá-la, sem entender por que estava permitindo que um assassino a carregasse escada abaixo. *Talvez ele também tenha ajudado a mãe,* pensou ela, sabendo que o homem era forte o suficiente para a tarefa.

Sim, com certeza. Ela tinha certeza de que eles estavam indo até ela naquele momento. Então, enterrou o rosto no pescoço do estranho e deixou que seu coração pulsasse lentamente, acalmando-a. E como conseguiu, começou a contar até mil novament e.

CAPÍTULO 1

Ela o despedaçou e o refez. Levou menos de um segundo.

Dias de hoje

EUSe existisse uma noite ideal para morrer, não seria esta.

Tem *tanta* coisa errada com isso. Eu poderia reclamar da chuva recente, da lua fraca do tamanho de um dente de alho, do celular descarregado no meu criado-mudo.

O problema principal, porém, é que estou usando apenas duas peças de roupa: calcinha e uma camisola. Ambas eram perfeitamente adequadas por baixo do meu edredom fofinho. Infelizmente, esqueci isso na cabana. Quando acordei à uma da manhã, percebi que alguém estava invadindo a casa.

É outono. Num lugar que há mais ou menos um ano — quando eu ainda acreditava tolamente que era Humano — eu teria chamado de Oregon. Agora que meus genes Lobis estão assumindo o controle, coisas como cartografia e fronteiras estaduais se tornaram comicamente triviais, mas o cerne da questão permanece: novembro no Noroeste é frio, e eu não estou vestido adequadamente.

Que momento perfeito , digo para mim mesmo, correndo atrás do tronco nodoso de um abeto de Douglas. Com o peito arfando, encaro minha mão em forma de humanoide. Visualizo a mudança, desejando que minhas unhas roídas se transformem em garras.

Transforme-se em um lobo, Serena. Transforme-se em um lobo, porra, ou eu juro por Deus que...

Que *nada* ... Meu corpo se recusa a ser envergonhado e obedecer. Olho para o céu, mas a tão divulgada atração da lua oferece apenas o mais apático dos puxões. Com um gemido abafado, retomo minha corrida pela floresta, os pés descalços escorregando na lama fresca. Uma dúzia de pequenos cortes cruzam minhas solas e canelas. Quanto mais corro, mais fraca minha esperança de que o solo esconda o cheiro de ferro do meu sangue.

E eu estou correndo há algum tempo.

O intruso está me seguindo. Ganhando terreno. O vento carrega seu cheiro cada vez mais próximo, e não gosto do que ele me diz. Vampiro. Adulto em seu auge. Ansioso. A emoção da perseguição o excita, e sua excitação arranha o fundo do

meu estômago. Por mais revoltante que isso seja, é o menor dos meus problemas. Porque se eu consigo senti-lo tão claramente, há uma grande chance de que *ele* esteja perto o suficiente para...

"Finalmente, porra." As palavras sibilam como balas no meu ouvido. Um instante depois, minhas costas batem contra um tronco. Não sei o que dói mais: a casca da árvore cravando na minha pele, a mão que ele aperta em volta do meu pescoço ou seu fedor nojento e maníaco.

A floresta está escura como breu. Não há escuridão através da qual os Lobisomens não possam enxergar, mas eu só tenho metade daqueles bons genes de lobo, o que significa que minha visão noturna é imprevisível. Ainda assim, a sede de sangue do Vampiro é inconfundível. Assim como a lâmina em sua mão. "Você não é muito rápido, né?", ele rosna.

Sério . Reviro os olhos e me obrigo a gemer, impotente. "Por favor", imploro. O cheiro dele explode, como se ter mulheres à sua mercê fosse sua tara — que previsível —, então dou mais um pouco. "Por favor, não me mate. Farei o que você quiser."

"O que eu quiser?"

Ele está *tão* interessado. Soltei um gemido e arregalei os olhos. "Qualquer coisa."

Seus olhos percorrem meu corpo, como se avaliassem para que eu poderia ser útil — tráfico de órgãos, caldo de ossos, manutenção de jardins. Ao contrário de mim, ele *é* rápido. Sobrenaturalmente rápido. Com uma velocidade estonteante, sua faca corta a frente da minha blusa de seda, aprofundando o decote.

Esse *filho da puta* .

Mas, enquanto ele olha de soslaio, seu cheiro aumenta. O que significa que ele está distraído o suficiente com o que descobriu para que eu tenha a chance de usar bem as aulas de autodefesa que minha irmã me obrigou a frequentar.

Joelho na virilha.

Cabeçada no nariz.

E, como um extra, uma cotovelada no estômago. Por que não?

O Vampiro grunhe. Murmura algumas variações de "puta de merda". Mas estou livre. Posso não conseguir fugir dele, mas consigo *pegar* um punhado de terra e jogar nos olhos dele, o que causa dano suficiente para atrasá-lo. Olho freneticamente ao redor e... *sim* ... avisto uma pedra afiada e irregular. Abaixo-me para pegá- la.

"Sua *aberração da natureza* ." O Vampiro está em cima de mim novamente, torcendo meu braço para trás. Solto um grito, mas a pedra está na minha mão. Tragicamente, ele está segurando meu pulso no ângulo errado para eu golpear.

Em teoria, eu sei qual é o próximo passo — *aproximar-se, baixar o centro de gravidade, girar o corpo, atacar com a mão livre* — e, cara, eu tento. Infelizmente, o Vampyre está um ou dois níveis acima da média dos lutadores, e nada disso funciona.

É aí que meu estômago começa a revirar de verdade. Isso não vai acabar bem. "Me. Solta", eu cuspo.

"Cala a boca." O cheiro forte do seu perfume arde no meu nariz. Ele está ainda mais agitado agora. E eu estou numa enrascada ainda maior. "Posso não ter permissão para te matar, mas posso te fazer sofrer pra caramba antes de eu..."

"Mas você consegue?" Uma voz masculina o interrompe. Ela vem em nossa direção, vinda de algum lugar no meio das árvores. Um som rico e lento, ao mesmo tempo cruel e distante. Não há resposta que possa perturbar essa voz. "Você consegue mesmo, amigo?"

O corpo do Vampiro se enrijece. Antes que ele possa controlar sua reação instintiva, sinto o cheiro de um medo absoluto, abjeto e acre.

Fecho os olhos. Forço meus pulmões em chamas a inspirar lentamente. Deixo minha perspectiva dos próximos dez minutos se reajustar, moldar-se a uma forma que é... ainda infeliz, sim, mas um pouco menos.

Koen.

Koen está aqui.

Vai ficar tudo bem.

O Vampiro me puxa para a frente, segurando a faca na minha garganta. Imagino se ele pretende me usar como refém ou como um escudo de carne que mal chega ao topo do seu peito. "O que você está fazendo aqui?", ele grita.

É uma pergunta justa. Koen mora a várias horas de distância e não aparece há quase dois meses, desde o dia em que me deixou na cabana, a meu pedido, com uma tonelada métrica de suprimentos, um olhar demorado e um zombeteiro " *Divirta-se conversando com os abetos", um comentário matador* que não correspondia à intensidade em seus olhos.

"Você acabou de perguntar o que *eu estou* fazendo no *meu* território? Que porra *você está* fazendo, seu merda?" Com alguns passos longos e sem pressa, Koen emerge do matagal.

Ele está diferente. De qualquer outra pessoa, sim, mas também desde a última vez que o vi. Seu cabelo preto está preso no topo da cabeça, numa versão crescida e desgrenhada do seu corte mais recente. Ele não se barbeia há semanas, e suspeito que também esteja um pouco atrasado no sono. Sua presença, porém, tem o efeito de sempre em mim: me dá lastro e me joga no chão quando estou prestes a ser levado embora.

Alfa .

Seu aroma profundo é inconfundível. Sólido e apaziguador. O contraponto perfeito ao pânico do Vampiro.

Que rosna: "Eu vou matá-la se você chegar mais perto."

Koen, é claro, se aproxima. Com o ar plácido de alguém que nunca duvidou de sua capacidade de martelar o mundo à sua vontade. "Uh-uh. Serena, ele disse que vai te matar. Tudo bem com isso?" Seu tom é pura curiosidade intelectual. Olhos cor de carvão brilham fixamente na noite.

"Fiquei sem macarrão instantâneo semana passada", resmungo. Não foi minha melhor ideia, já que o Vampiro quase torceu meu úmero para fora do encaixe.

Mas o movimento divertido da boca de Koen *quase* compensa.

"Você é Koen Alexander, não é? O Alfa do Noroeste."

"Claro que sim. Qual é o *seu* nome, amigo?"

"Isso não importa. Se você chegar mais perto— "

Koen estala a língua. "Você precisa me dizer seu nome, senão vou ter que inventar um. Alguma ideia, Serena?"

Pigarreio. "Eu gosto do Bob."

"Bob, o Vampiro. Adorei."

“Esse *não é* meu nome— ”

"É, se a moça disser, shartstain. Quer me dizer o que está fazendo no meu território antes que eu arranque suas bolas e enfie na sua garganta?"

O Vampiro não responde, mas torce meu braço com tanta violência que minha visão fica turva e quase perco a consciência. Quando consigo distinguir os sons novamente, ele me puxa para dentro do seu corpo e rosna: "Ela pode ser valiosa demais para matar, mas eu posso causar muito dano."

"Então vá em frente." Pela primeira vez desde que apareceu, os olhos de Koen encontram os meus. Não consigo ler absolutamente nada neles. "Essa garota aguenta muita coisa. Estou errada, Serena?"

De alguma forma, encontro forças para balançar a cabeça — uma mentira descarada. E, no entanto. Pode ser uma alucinação olfativa induzida pela dor, mas acho que sinto o quanto isso o deixa satisfeito.

"Tem certeza?", pergunta o Vampiro. " Afinal, ela é meio *humana ."*

"E você é meio burro. Que coincidência impressionante."

"Todos a querem, sabia? Desde aquela entrevista que ela deu, todos os vampiros do continente estão procurando por ela."

"É. Tenho certeza de que há muitas mesas de vivissecção com o nome dela."

"Mas você sabe quanto eles vão pagar?" A voz do Vampiro assume um tom repentinamente persuasivo. "Como a pessoa que traz o híbrido até eles, eu poderei definir meu preço."

"Claro. E eles definitivamente não vão se livrar de você no segundo em que você a entregar."

O Vampiro bufa. "Sou mais esperto que isso. Fui o primeiro a encontrá-la — você acha que sou o único atrás da recompensa dela? Outros vão seguir. Assim que descobrirem que você está dando abrigo a ela, virão para cá. Tem certeza de que quer passar o resto da vida protegendo uma meio-humana? Deixe-me tirá-la das suas mãos. Olhe para o outro lado."

"Em termos de ofertas, Bob, essa é preguiçosa pra caramba." Koen abre os braços. "O que *eu* ganho com isso? Você tem que oferecer algo em troca. Dividir a recompensa, lavar meu carro..."

“Dizem que ela é sua companhei ra.”

É como se a floresta ouvisse as palavras. Como se as *entendesse* . Por um breve segundo, cada bicho, cada folha, cada gota d'água se aquieta, como se aguardasse a reação de Koen.

"São mesmo?", ele avança, ainda relaxado. Ele está dando um passeio noturno. Vagando por um museu. Livre de todas as preocupações.

“Sim. E sabe o que mais dizem?” "Aposto que você vai me contar." “Que ela rejeitou você.”

"Ai." Koen não parece sentir dor. "E seu raciocínio incontestável é que eu me vingarei dela com prazer, permitindo que você a leve."

"Não seria melhor? Acabar com ela de uma vez por todas?"

Koen levanta a mão, fazendo o Vampiro se sobressaltar. Tudo o que ele faz, porém, é massagear a têmpora como um pai exausto faria. Se perguntando por

que seu filho pequeno es tá enfiando outro giz de cera na narina. "Cara. Vou ter que te matar, e Jorma vai me fazer preencher um monte de papelada para isso." Ele suspira, e o traço de impaciência em sua voz me faz gelar o sangue.

Mas não a do Vampiro. Porque o que ele diz em seguida é: "E ela é bonita, não é?" Eu fico muito, muito quieto. E o Koen também.

“E agora ela não está em posição de *rejeitar* ninguém.”

Nenhuma resposta.

"Você entendeu o que eu quis dizer? *Alfa?* "

Qualquer pretensão de casualidade desaparece do comportamento de Koen. Cada átomo do seu corpo está agora em alerta máximo, voltado para a presa. Para *mim* .

"Como eu disse, ela é muito bonita. Eu não me importaria de jogá-la na sua direção depois que eu terminar com ela", ele oferece. Os olhos de Koen se contraem em alfinetadas de desgosto, e seu cheiro exala uma aversão tão inequívoca que até o Vampiro sabe voltar atrás. "Ou você poderia se divertir com ela. Aí eu a levaria embora, sem fazer perguntas. Ela não teria com quem reclamar."

Uma coruja piou ao longe. Prendo a respiração, esperando que Koen mande o Vampiro se foder, mas o silêncio persiste, e seus olhos ficam opacos, e depois de um tempo ele...

Koen *acena com a cabeça* .

Meu coração despenca.

Não. Ele não faria isso. Ele nunca faria isso.

"Koen?", pergunto. Meio pergunta, meio súplica.

"Em minha defesa, Serena..." Koen dá de ombros. "Você sempre tem alguma coisa errada." Gelo formiga por toda a minha pele. "Não. Não. Koen, *não* — "

"Tomei a liberdade de começar", diz o Vampiro, e antes que eu possa imaginar o que ele quer dizer, sua mão livre abaixa a metade rasgada da minha blusa até meu ombro.

Os olhos de Koen se demoram no meu peito quase nu como se eu não passasse de um pedaço de carne. Uma oferenda a ser apreciada. Algo criado para ele usar. Observo suas pupilas dançarem de forma estranha, sinto uma mudança em seu cheiro antes que ele murmure: "Viu, é *assim* que se faz um acordo. Eu sabia que você tinha isso em você, Bob."

Mais uma vez, imploro ao meu corpo para assumir a forma de lobo. Mais uma vez, sou ignorado. Com um grunhido furioso, começo a me debater nas garras do Vampiro, tentando desesperadamente me libertar. Mas ele é mais forte do que eu, e Koen provavelmente é mais forte do que nós dois juntos. Posso nocautear um deles e ainda estarei ferrado.

Agarro a pedra na palma da minha mão, mas, mesmo dobrada como ele me fez, ainda não consigo usá- la.

O terror percorre meu corpo. Batidas no meu peito.

"Ela é toda sua, Alfa. Faça o que quiser com ela." O Vampiro solta uma risada rouca e irritante. Ele abaixa a lâmina e me empurra alguns centímetros para a frente sem soltar meus pulsos. Ele fede como se soubesse que tudo acabou para mim —que ele *venceu* . "Talvez ela até gostasse?"

Koen pondera o assunto enquanto se aproxima, perto o suficiente para que eu possa sentir seu calor, e eu mostro os dentes para ele enquanto me contorço nas garras do Vampiro. Isso não pode ser real. *Alfa protege* , diz uma voz calma de Lobisomem que vive dentro dos meus ossos. *Alfa está em casa. Koen não é assim* .

Só que não tenho tanta certeza.

Koen para na minha frente, me encarando como se eu estivesse à disposição dele, e sim. Ele é *exatamente* assim.

"Será que ela faria isso?", ele se pergunta, com a voz baixa e profunda, os olhos acariciando meu rosto e se demorando em meu seio nu. Mais perto ainda, sua

presença me envolve como um cobertor quente. Seu perfume floresce em minhas narinas, seguro, aterrador, tão incrivelmente perfeito que por um momento me esqueço do Vampiro atrás de mim, das agulhas de pinheiro cravadas nas solas dos meus pés.

"Por favor", digo suavemente, mas acho que Koen não me ouve. Sua mão sobe até meu rosto. Envolve minha bochecha, pressionando meu lábio inferior com o polegar.

"Você gostaria, Serena? Aproveita?"

O pânico explode novamente em meu peito. Balanço a cabeça violentamente. Não. *Não.* "Bem, então." Seus olhos suavizam, e ele solta um suspiro meio resignado, meio divertido. "Melhor usar essa pedra na sua mão, matador."

Demoro um instante para entender o que ele quer dizer e perceber que o aperto do Vampiro em meu pulso se afrouxou. Soltar meu braço e cravar a ponta irregular da pedra em seu estômago exige tão pouco esforço que é quase um anticlímax.

"Mas que—" O Vampiro se dobra. Estou prestes a acertá-lo de novo, mas ele se recupera e me joga no chão. Ele ergue a faca acima da cabeça, mirando na minha garganta. "Sua vadia de *merda*— "

Ele para com um suspiro abrupto, como se estivesse sob o efeito de uma revelação repentina e esclarecedora. Ele me encara, os olhos esbugalhados, a boca escancarada, e eu quase espero que ele... peça desculpas? Então, depois de tossir um pequeno filete de sangue cor de amora, ele perde o equilíbrio. Observo sua descida, horrorizada, enquanto ele cai bem ao meu lado, de cara em um pedaço de musgo.

Ele *não* se move mais.

Eu também não. Não sei o que isso diz sobre mim, mas sou incapaz de *não* olhar fixamente enquanto o sangue borbulha das garras profundas. feridas paralelas moldadas em suas costas, ferro se misturando com o cheiro terroso do solo.

Demora um bom tempo até que eu consiga olhar para o meu corpo — milagrosamente intacto, ainda que quase nu —e então para Koen —

superficialmente indiferente. Qualquer outra pessoa me ajudaria a levantar, menos o Alfa da matilha do Noroeste. Em vez disso, ele balança a cabeça lentamente, limpando a mão que acabara de usar para matar um homem na camisa de flanela. Os traços em um violeta profundo criam uma pintura estranhamente bonita sobre a tela em preto e branc o.

Ele demora um pouco para se lembrar de que eu existo. "Boa noite, Serena." A intensidade de alguns momentos atrás se dissipou, e ele parece indiferente. Talvez ele saiba que um pingo de compaixão me derrubaria. Talvez ele realmente não se importe, e nunca se importou, com nada. "Como foi sua noite?"

"Sem incidentes", respondo com a voz rouca.

"É? Você está com uma cara péssima."

"Eu sim." Suor gélido escorre pela minha têmpora e entre meus seios, que me apresso em cobrir o melhor que posso. "É assim que você fala com seu amado companheiro?"

Uma única sobrancelha se ergue. "Eu disse que você era meu companheiro. Não que eu te amasse."

Solto uma risada ofegante e indignada, mas pelo menos não estou chorando. É bom manter a pouca dignidade que me resta enquanto Koen me lança um olhar frio e avaliador e se agacha ao meu lado.

“Temos que ir”, ele me diz.

"Onde?"

"Para a Toca." Ele me pega, apoiando os braços sob minhas costas e joelhos. O frio se torna uma lembrança distante. "A retirada na floresta acabou, matador."

CAPÍTULO 2

"De jeito nenhum."

“Se você não contar a ela, Koen, ela vai descobrir de qualquer jeito.”

"Como? Ela vai roubar meu diário? Ela consegue ler mentes?"

Lowe, em sua defesa, tem a elegância de parecer vagamente constrangido. "Não vou esconder isso da Misery. E a Misery não vai esconder isso dela."

"Ah, vai se foder. Eu gostava mais quando você estava sozinha, triste e deprimida. Escuta, eu digo para a Serena, e depois? Nada pode acontecer, mesmo que ela esteja interessada."

"Se tornássemos isso público... Se ela for a companheira do Alfa do Noroeste, nenhum Lobisomem lhe fará mal. Híbrido ou não."

Uma mistura de raiva e indignação fervilha no estômago de Koen. "Nenhum Lobisomem vai machucá-la, porque eu estarei lá para matá- los."

"Você vai? A Miséria está aqui, e Serena quer ficar com a Miséria. Você não estará por perto."

"Então vou para o complexo Moreland. Minha matilha se administra sozinha." Mas Lowe apenas olha para ele como quando tinha doze anos, já sério demais para a idade, como se os pilares da Terra repousassem em seu esfíncter contraído, e Koen nunca conseguiu suportar isso. Naquela época, tudo o que ele queria era proteger Lowe da feiura de ser o tipo de lobisomem que eles são. Ele ainda o faz. "Você é tão irritante." Koen passa a mão pelo rosto.

"É", Lowe se levanta. "Tive um ótimo exemplo."

Quatro meses e meio antes

do território do sudoeste

KAS PRIMEIRAS PALAVRAS DE OEN ALEXANDER PARA MIM FORAM "NÃO ESTÁ conectado". Coisas memoráveis, realmente.

Tenho certeza de que é o início de toda história de amor épica: uma garota tentando ligar um laptop e apertando o botão liga/desliga com violência crescente. Um homem enorme de camisa xadrez, encostado no batente de uma porta, olhando para ela com ceticismo. O constrangimento devastador de causar uma primeira impressão nada boa em alguém que seus amigos amam e

respeitam.

Koen apareceu na garagem da Lowe há algumas horas, com a irmãzinha dela a tiracolo, dando início à reunião de família que está acontecendo lá embaixo. Ana está animada, Misery finge não adorá-la e Lowe finge não ficar impressionado com a incapacidade de Misery de esconder sua adoração. É fofo e merece um pouco de privacidade.

A miséria está no seu melhor. Eu posso não estar no meu pior, mas ainda estou em cons tante evolução.

Passei os últimos dois meses aprisionado em território Vampyre. Eu tinha certeza de que meu sequestro terminaria com meu baço sendo jogado aos guaxinins, o que significa que esta é uma segunda chance na vida com a qual ainda não sei o que fazer. Tenho vagado pelo tempo e

espaço lentamente, nunca totalmente coerente, constantemente superestimulado. Depois de meses de silêncio, os sussurros são altos demais. As cigarras parecem concentradas em romper meus tímpanos. Minha pele está fervendo ou é uma geleira. Ultimamente, gosto de ficar sozinho. Então, fui sorrateiramente até o escritório de Lowe. Sentei-me uma cadeira de couro. Peguei um laptop e tomei a decisão radical de verificar meu e- mail.

Foi aí que Koen me encontrou e decidiu me ensinar sobre eletricidade.

"Ah." Olho para o cabo de alimentação, sim, bem pendurado. "Dããã." Sorrio, tentando demonstrar a proporção certa de autodepreciação e mortificação, e procuro uma tomada.

“À sua esquerda”, ele diz.

Eu me viro.

"Sua *outra* esquerda."

Quero sair, engolir um porco-espinho e esperar que a hemorragia interna acabe comigo. Em vez disso, deixo o laptop de lado e me levanto. "Koen, certo? Prazer em conhecê-lo." Estendo a mão —que ele olha, mas não aperta. " *Ok"* , penso, guardando-a no bolso de trás.

Talvez seja coisa de Lobis. Talvez os parceiros de aperto de mão do Koen devam atingir um certo limite de QI, o que eu claramente não atinjo. A Miséria mencionou algo sobre ele ser "um babaca excepcional" —um elogio raramente feito por ela —então, se ele não gosta de mim, não vou reclamar. Há coisas mais urgentes ocupando meu cérebro. "Precisava de alguma coisa?", pergunto com um sorriso educado.

"Para conversar. Você tem um minuto?"

"Claro. O que houv e?"

Ele não me diz. Em vez disso, olha, olha, olha mais um pouco. Seus olhos... não são pretos. Nem cinzas. Algo entre os dois. Reflexivos. Parecem piche: armadilhas viscosas, pegajosas e bem armadas. Não consigo desviar os meus, mas também não consigo sustentar o olhar dele. "Você está aqui para contemplar o híbrido?", pergunto sem hostilidade. Os Lobis que conheci até agora só me demonstraram gentileza, e a curiosidade deles é um pequeno preço a pagar pela recepção. Principalmente considerando que a maioria dos Humanos atiraria em mim sem pensar duas vezes. Visão. "Aqui estou." Eu me viro para dar a ele a melhor visão de 360 graus do meu eu aberrante. "Sinceramente, acho que pareço humana, mas..." Interrompo, porque os olhos dele... Aquilo que eles estão fazendo não é normal. Eles brilham, se contraem e...

Koen grunhe. Sua cabeça se inclina para trás, revelando um pescoço forte e uma garganta ativa. "Que porra eu fiz para merecer isso?", ele murmura.

"Com licença?"

"Na verdade, acabei de me lembrar." Ele abaixa o queixo e suspira. Sua voz é grave e rouca. "Fui um merda a maior parte da minha vida, só isso."

“Eu... não entendo?”

Passos pesados ecoam escada acima. É Lowe, que se junta a nós e pergunta: "Você contou a ela?"

"Ainda não."

Lowe concorda, e eu tenho a primeira dica de que, seja lá o que Koen quiser de mim, provavelmente é algo mais sério do que " *Posso perguntar sobre sua dieta híbrida e sistema musculoesquelético e se você muda de pelo no outono?"*

"Onde está a Miséria?", pergunto, subitamente apavorada. "E a Ana?"

"Eles estão bem. Os dois lá embaixo." Lowe faz uma pausa. "Você quer a Misery aqui?"

"Eu..." Sim. Mais ou menos. Mas também sinto falta de ser uma adulta funcional que consegue viver sem o seu cobertor de segurança de Vampy. "Não."

Lowe se vira para Koen. "Você quer mesmo contar a ela agora?"

"Poderia muito bem."

Os dois homens ficam em silêncio, olhando fixamente — Lowe como se eu fosse um gatinho ferido que ele está tentando encurralar para tomar uma injeção, e Koen... Não consigo ter uma boa leitura dele, o que pode explicar o quão alarmante eu o acho.

Ou podem ser as cicatrizes. As três marcas de garras paralelas no rosto, por exemplo. A do meio é a mais longa: Começa na testa, disseca a sobrancelha e continua pela bochecha em uma linha fina e reta. Ele também tem pequenas marcas no lábio superior, na base do maxilar, passando pela clavícula. Mas nenhuma delas está com fome, vermelha ou nova. Nenhuma sugere que ele esteja ansioso por uma briga.

Ele também é grande —tipo, *grande* . Apenas alguns centímetros mais alto que Lowe, mas aproximadamente noventa vezes mais intimidador. *É porque Lowe se sente domesticado* , explica uma voz sábia e instintiva vinda do fundo do meu crânio. *Lowe pode, e vai, se controlar e controlar. Koen é um curinga. Koen é inexperiente. Koen fará o que diabos ele...*

"Você é minha companheira", ele diz. Com pouca inflexão.

Tão pouco que devo ter ouvido errado. Aprendi na faculdade. Eletiva de Linguística, no penúltimo ano. *Os padrões rítmicos da linguagem contribuem para a compreensão auditiva.* "Como é?"

"Você e o Vampiro são próximos, certo?", ele pergunta, cheio daquela calma que beira a indiferença. Ele está tirando sarro de mim? "Ela explicou o que é um companheiro?" Lentamente, eu aceno.

“O que Misery é para Lowe, você é para mim.”

Oh.

Oh?

Ah. "Isso é um, hum... diagnóstico terminal?"

Seus lábios se contraem. "Não há cura, receio."

"Entendo." Pigarreio. "Bem, esse relacionamento com certeza evoluiu rápido."

Suas palavras me surpreenderam, mas a forma como os cantos dos seus olhos se enrugam em divertimento me choca dez vezes mais. Sua risada é uma risada profunda e calorosa que faz meu coração disparar. "Você não tem ideia, garoto."

Cruzo os braços. "Você deveria me chamar de 'garoto', dada a situação?"

"Não sou casado com ele. O que você prefere?"

"Bem, sempre tem meu nome verdadeiro. Mas se você insiste em um apelido, eu prefiro algo com um pouco mais de..."

"Mais?"

“Mais dentes.”

Ele ergue a sobrancelha. "Tratamento de canal?"

"Não. Qual é, você sabe o que quero dizer. Algo que inspire medo."

“Crise do mercado imobiliário.”

“Ok, talvez menos medo e mais... admiração. Guerreiro.”

Ele me olha com ceticismo. "Você tem o quê? Um metro e meio?"

"Estou seis centímetros acima disso. E para sua informação, outro dia essas perninhas atarracadas massacraram vários vampiros."

"Olha você indo, assassino."

"Pessoal." A voz de Lowe me assusta. Esqueci que ele estava ali. "Deveríamos voltar ao assunto em questão."

Koen e eu trocamos um breve olhar *de "Você acredita nesse narcisista?* ".

"Acho que essa parte da conversa acabou", diz Koen, afastando-se da porta com indiferença. "Ela foi informada. Ela entende. Podemos todos retomar nossas atividades normais, como correr com as mochilas ou" —ele olha para o meu laptop —"boicotar tomadas".

Contenho um sorriso. "Esqueci *uma vez* e— "

"Serena." Lowe interrompeu novamente. "Você *realmente* entende o que isso significa?" A urgência em seu tom contrasta confusamente com a indiferença de Koen.

E então o impacto total disso me atinge.

Não, eu *não* entendo. Porque eu nem parei para *pensar* . "Será que... Será que significa que ele..." Sobre a questão do parceiro, Misery foi superficial nos detalhes. E não é como se Lowe abrisse seu coração secreto comigo. "Será que significa que ele gosta de mim?"

“Sim”, diz Lowe —o que cobre perfeitamente o “Não” de Koen.

Franzo a testa. "Nossa. Isso está me trazendo muita clareza. Valeu, pessoal."

Lowe encara Koen, que ostenta um sorriso irônico. "Olha, tenho certeza de que você é uma pessoa muito simpática. Mas não é disso que se trata."

“Do que *se* trata?”

Lowe massageou a ponta do nariz. "Para um Lobisomem, encontrar um parceiro desencadeia uma série de mudanças fisiológicas. Misery comparou isso a se apaixonar à primeira vista, e há alguma verdade nisso, mas..."

"Desculpe", interrompi. "Você poderia nos deixar sozinhos?" Olho para Koen, mas a pergunta é para Lowe, cujo cheiro preocupado sinaliza uma *forte* objeção.

Para ser justo, um encontro a sós com um possível maluco que quer que eu me torne sua noiva por correspondência *parece* uma péssima ideia. Mas suspeito que, se o Koen quisesse me machucar, ele conseguiria, independentemente de o Lowe estar cuidando de nós ou não.

Mais importante: suspeito que Koen não tenha interesse em fazer nada disso.

“Por favor”, acrescento calmamente.

Em resposta ao olhar inquisitivo de Lowe, Koen assente. Uma vez.

"Ligue se precisar de *alguma coisa* ", Lowe diz rispidamente antes de se virar, um convite curiosamente direcionado a mim *e* a Koen.

Então ficamos sozinhos. De alguma forma, meu estômago parece uns cinco quilos mais leve. Estranho. "Você pode entrar, por favor? E, ah, sente- se."

Ele faz isso, sem fazer perguntas — ajoelhando-se brevemente para conectar meu maldito carregador na maldita tomada. Finjo não ver e fecho a porta.

Koen se esparrama preguiçosamente na cadeira ao lado da minha, quase relaxado demais, um grande predador examinando sua presa. Como se estivéssemos prestes a discutir o novo cronograma de coleta de lixo, e não um... Um marco psicossocial importante na vida de um lobisomem. Talvez essa coisa de companheiro não seja tão importante assim?

"Lowe parece..." Volto para a minha cadeira. Passo as palmas das mãos pelas pernas do meu moletom. "Muito protetor. De mim *e* de você, eu acho."

"Ele não é uma graça?", o tom de Koen é puro carinho. "Sempre foi assim, desde antes de ele cair na real. O melhor lobisomem que já conhec i."

Sorrio. "Que bom que a Miséria está em boas mãos."

“E vice- versa.”

Inclino a cabeça. "Não te incomoda que ela seja uma Vampira?"

"Eles obviamente se importam um com o outro." Ele soa como se nada mais fosse levado em conta em sua aprovação, o que eu acho muito cativante.

"Então." Passo a língua no fundo dos dentes. "Amor à primeira vista, hein?"

Koen estremece. "Não exatamente. Lowe é meio romântico."

"Oh?"

"Um efeito colateral de toda essa decência, provavelmente. Influencia sua percepção do mundo."

"Mas *sua* percepção é imaculada. Porque você *não é* decente?"

Ele não responde, mas cheira como se concordasse. "O que está acontecendo aqui tem muito pouco a ver com amar ou gostar, Serena."

“Então o *que* isso tem a ver?”

Uma pausa. Seus lábios se curvaram. "S ério?"

Olho para ele, perplexa.

"Ah, cara. Posso explicar tudo para você, se precisar."

" Preciso *mesmo* de você. Tipo, eu tenho cinco anos, de preferência."

“Não tenho certeza se consigo fazer algo sob NC- 17.”

"O que você... *ooh* ." Minhas bochechas se enchem de calor. Depois de olhar boquiaberta para Koen por um longo tempo, percebo que estou apertando o peito como uma governanta vitoriana e, de repente, solto.

“Eu...” Balanço a cabeça, não querendo parecer uma órfã privada de educação sexual que pensa que o parto ocorre quando as melecas do nariz atingem a massa crítica.

Não sou. Embora eu já tenha sido, na minha adolescência. Miséria era o Vampiro Colateral, obrigado a viver entre os Humanos, a ser morto se os Vampiros violassem as regras do cessar - fogo entre as duas espécies. Eu era seu companheiro — um órfão selecionado aleatoriamente para ser seu amigo e garantir que ela não se sentisse muito solitária (algo com o qual *ninguém* se importava) ou muito perturbadora (algo que *todos* tinham medo de morrer). Só que o Órfão Humano Selecionado Aleatoriamente acabou se tornando mais parecido com o Híbrido Humano - Lobisomem Escolhido Propositalmente que Precisava Ser Mantido Sob Vigilância pelos Vampiros para Impedir que o Mundo Descobrisse que Humanos e Lobisomens São Reprodutivamente Compatíveis e, Portanto, Poderiam Decidir Não Se Odiar ou Mesmo Formar Alianças Contra os Vampiros.

Reviravolta na trama.

Mas, na época, ninguém sabia disso. Naquela época, todo o meu *valor* se refletia exclusivamente na Miséria. Minha educação dependia da dela. E como ninguém tinha certificação para ensinar anatomia reprodutiva a um Vampiro, eu também não recebi educação sexual.

Mas, quando saímos, tivemos acesso ilimitado à internet, encontros e namorados. E, claro, sexo.

Só que isso foi há uma vida inteira. Alguns anos que poderiam muito bem ser eras geológicas inteiras. Naquela época, eu era *humano* . Não tinha medo da lua cheia, nem da cor do meu sangue se derramando se eu me cortasse. Quando comecei a perceber que havia algo muito, muito errado comigo, todo o conceito de sexo se tornou ridiculamente trivial. No início do meu

sequestro, fiquei brevemente... Preocupado que isso pudesse me ser imposto. Quando não foi o caso, foi agradavelmente esquecido.

E agora aqui estou eu. Pensando nisso. O sexo é um dragão alado gigante, se esticando e despertando na minha cabeça.

"Você consegue..." Engulo em seco. "Essas mudanças biológicas que você mencionou. Você consegue se controlar?"

O significado demora um minuto para ser assimilado. Quando isso acontece, quase espero que Koen se ressinta da minha pergunta, mas não há nenhum traço de atitude defensiva em seu firme "Sempre".

Isso torna mais fácil acreditar nele. "Então, basicamente, você só quer..."

"Correto." Ele acena casualmente. *Sim, eu adoraria uma xícara de Earl Grey. Sim, responderei a uma breve pesquisa em troca de um desconto de dez por cento na minha compra. Sim, eu quero f —*

"Espero não parecer convencido, mas... como isso é diferente da reação da maioria dos homens humanos que conheci?" Estremeço no instante em que as palavras saem. "Meu Deus. Eu *pareço* convencido mesmo. Me desculpe. Prometo que não ando por aí achando que meu rosto provoca mil ereções..."

“Você é a mulher mais linda que eu já vi”, ele diz simp lesmente.

Como se não fosse grande coisa.

Como se ele estivesse elogiando meu gosto por meias.

Como se eu pudesse parecer o reflexo de uma verruga na maçaneta da porta, e isso não mudaria nada para ele.

O que pode ser exatamente o que eu preciso. Minha aparência sempre foi um ponto sensível para mim. Algo feio, para se envergonhar. *Sexualizada muito jovem* , disse uma amiga formada em psicologia. Misery e eu completamos doze anos, e nossos caminhos divergiram. Ela ficou mais alta, graciosa, etérea. Eu, mais suave. Mais redonda. De repente, meu corpo *explodiu* . Eu me transformei em algo com quadris e seios, e as pessoas — principalmente homens adultos — me olhavam de maneiras que oscilavam entre o desconfortável e o perigoso.

Talvez seja uma coisa boa , disse Misery, cética, notando a maneira como o Sr. Elrod rastreava meus movimentos. *Talvez signifique que você é bonita?*

Duvido que homens com o dobro da minha idade me olhem como um sinal de qualquer coisa além de quererem tirar vantagem. E esse era o ponto crucial. A miséria era o colateral. A miséria precisava ser mantida viva, ou uma guerra entre espécies devastaria o sul do continente norte-americano. Acima de tudo, a miséria era *especial* e, portanto, proi bida.

Eu , por outro lado, era uma órfã humana. Substituível. Um centavo a dúzia — menos que isso. Meu valor era nulo, e a equipe estava plenamente ciente disso. Eu via isso em seus olhares. Ouvia nos comentários que eles nunca se davam ao trabalho de sussurrar. Sentia isso na intensidade com que eu tinha que pedir, pressionar, implorar, insistir para receber meu primeiro sutiã ou roupas que não me serviriam em poucos meses. Eu estava lá à discrição deles, e sem proteção. Se eu não tomasse cuidado, quem sabia o que poderia acontecer?

Eu sabia. E quando eu tinha doze anos, comecei a prender uma cadeira embaixo da porta do meu quarto todas as noites.

"Não duvido que muitos homens te abordem. Mas eu não sou humano, então não sei bem qual a diferença." Ele dá de ombros, mais uma vez entediado com a conversa. "Pode ser só uma

questão quantitativa. No fim das contas, são os hormônios. Sexo. O resto — gostar, ou amar, não vem junto."

"Entendo." Tamborilo os dedos no braço da cadeira e me inclino para trás, observando. Não apenas Koen, mas também a maneira como ele *me faz* sentir. Na minha vida anterior, eu não teria lhe dado um único olhar. Serena, porém, observa a mecha de cabelo preto caindo sobre sua testa; o rosto barbeado e agressivamente bonito. Ele é intenso demais, impetuoso demais. Bruto demais nas bordas e pelo menos uma década mais velho que eu.

Eu tenho — tive? — um tipo: bonitinho, educado, solícito. Infantil. Da minha idade. Caras gentis que sublinhavam seus trechos favoritos de prosa. em livros que líamos juntos, e que eram seguros o suficiente de sua masculinidade para me emprestar meu hidratante quando passavam a noite. Nunca gostei de me sentir sobrecarregado.

Koen é o Alfa de uma matilha que ocupa um quarto do país. Koen me confunde só de respirar o mesmo ar. Koen é tão diametralmente oposto ao tipo de homem

que eu prefiro que um transferidor deve estar envolvido. "A essência disso", resumo, como se estivesse anotando uma ata de reunião, "é que você me acha atraente."

“Essa pode ser a definição de 'eufemismo' no dicionário, mas sim.”

Estou um pouco irritada. "Mas você não vai, hum, morrer de coração partido por minha causa?"

Ele suspira. "Os humanos são tão dramáticos."

"E os lobisomens são uns babacas", respondo docemente.

“Para sua sorte, você é uma mistura dos dois.”

Mordo a parte interna da bochecha, desesperada para esconder o quanto estou entretida. A julgar pelo brilho divertido em seus olhos, ele está perfeitamente ciente.

“Bem, essa atração que você sente por mim está claramente além do seu controle, então não vou dizer que estou lisonjeada. E você parece ser um cara legal. Você tem, hum, um emprego remunerado, e parece que passa muito tempo sem camisa cortando lenha— ”

"Eu não."

"Não?"

“Eu sou Lobisomem. Eu produzo meu próprio calor.”

Faz sentido. "O que eu quis dizer é que você é claramente um bom partido. Mas eu sei muito pouco sobre você. Não tenho ideia da sua idade, do seu sobrenome, da sua cor favorita..." Eu o observo. "Provavelmente é preto. É preto, não é?"

“Na verdade, eu gosto mais do vermelho.”

"Como sangue humano?"

Ele *não* nega isso.

“Certo. Bem. Como eu disse, obrigada pela consideração. Infelizmente, não estou em condições de começar um relacionamento, então devo recusar sua oferta, e— ”

“Que oferta?”

"Aquele que você..." Franzo a testa. Porque ele *não* fez nenhuma oferta.

“Essa conversa *não é* um convite, assassino.”

Isso é... verdade, mesmo que eu não saiba por que só agora estou percebendo. O Koen não está dando em cima de mim. Ele não está tentando se intrometer na minha vida de forma sutil. Ele *não* decidiu que formar dupla comigo completaria perfeitamente a família nuclear de Lowe e Misery e nos permitiria organizar jantares de fim de ano em intervalos alternados.

Não há expectativa de nada.

Mas... “Por que você queria que eu soubesse, então?”

"É a verdade. Você deveria estar ciente." Ele diz isso com naturalidade, como se *o real* e *o compartilhado* fossem construções sobrepostas.

“E você e a verdade são particularmente próximos?”

Ele me avalia por um instante. "Não vou *mentir* para você, Serena."

“Bem, provavelmente vou mentir *muito para você* .”

"É?" Seu sorriso é quase encantado. "Que tipo de mentiras você conta?"

"De todos os tipos." Engulo em seco. Olho para os meus próprios joelhos. "Mas só se for para o bem maior."

"Tem certeza que?"

Sim. "E você? Tem *certeza* ?"

“Tem certeza de...?”

"Como você sabe que eu sou realmente seu companheiro?"

"Eu simplesmente acredito. Confie em mim."

Surpreendentemente, sim. Na verdade, estou menos preocupada com o que ele sente e mais com... "Como posso saber se alguém é meu parceiro? Quero saber se sinto o mesmo por você." Ele descarta a pergunta com um gesto. "Você não."

"Como você sabe?"

"Se você fizesse isso, você estaria ciente."

"Isso não é verdade. Talvez os sinais estejam lá, mas não os percebo porque sou apenas metade Lobisomem."

"Você não poderia deixar de vê- los."

Minha garganta está seca. Meu estômago, pesado de decepção. Eu...? Não. Qual é. Eu não *quero* um parceiro, seja lá o que isso signifique. As teias de aranha do meu desejo sexual criaram suas próprias teias de aranha. Sempre precisei de muito tempo sozinha. Além disso, ainda estou descobrindo *o que* sou. Isso não é o começo de nada.

Exceto.

"Eu me sinto... muito segura. Aqui, com você", confesso, recolhendo-me para dentro por um instante, tateando meu corpo ininteligível e minha mente confusa em busca de clareza. A presença de Koen é incômoda, e me sinto apertada demais por ele, mas estou vivenciando um momento incrivelmente tranquilo. Sem ansiedade. Sem o medo sufocante do que está por vir. "Normalmente eu... Bem, tem sido um pouco desgastante descobrir que sou híbrida. Mas, neste momento, não estou com medo nenhum."

"É porque eu sou Alfa. Nós trazemos calma e ordem."

“Mas não sinto o mesmo com Lowe.”

Ele rapidamente descarta a possibilidade. "Não leve isso muito a sério. Não é sinal de nada." "Mas..." Por que estou reagindo? Ele acabou de me dar uma saída. "Ok. Bom, então, já que esta é claramente uma daquelas situações de desejo não correspondido com as quais, hum, todos nós temos que lidar às vezes..."

"Sim?" Ele parece divertido. Como se soubesse de algo que eu não sei. Ele não deveria se sentir desanimado e rejeitado?

"Você é o marido da minha melhor amiga... o melhor amigo da minha melhor amiga. E eu adoraria me dar bem com você. Então talvez pudéssemos ser, sabe, amigos."

“E os conhecidos educados?”, ele responde.

Não sei se ele está falando sério, então aceno com a cabeça. "Fechado. E você pode me procurar em silêncio, se quiser."

Ele solta uma risada rouca e baixa. Ela fica quase toda no canto dos olhos, mas me envolve mesmo assim. "Obrigada." Ele não parece muito arrasado. Ou talvez seja do tipo que encontra humor em qualquer situação. É o que Misery e eu costumávamos fazer sempre que as coisas davam errado, que era sempre: rir delas. Vê-las dar errado ainda mais. Ficar histérica, mas de um jeito divertido.

Ainda sou assim. A miséria pode estar resolvida, transbordando de pertencimento, mas sou um desastre. "Você não me quereria de qualquer jeito, se não fosse por toda essa coisa da biologia. Sou um desastre", digo, subjugado, quase inaudível.

Mas ele me ouve. "Ah, sim. É você."

"Ei." Meu queixo se projeta. " *Eu* consigo dizer. *Você* não deveria."

"Serena, você é uma meio-humana Lobisomem que admite ser uma mentirosa compulsiva, não sabe como a eletricidade funciona e, sem dúvida, está mergulhada em um TEPT complexo. Acredite, uma *criança pequena* consegue dizer isso."

Quero muito ficar indignada, mas uma risada sai de mim sozinha. E então Koen

se levanta, indo em direção à porta, e sinto novamente um peso no estômago, um peso que parece ficar mais pesado só porque ele está indo embora, e mais pesado ainda porque eu gostaria que ele ficasse um segundo a mais.

E então a compreensão me invade, tão inexorável quanto um pequeno terremoto, de que... é isso. O resto da minha vida. E talvez eu pudesse, lenta e cautelosamente, começar a vivê- la. "Sabe", digo quando ele abre a porta e sou bruscamente lembrada de que existe um mundo fora das paredes desta sala. "Na verdade, acho que talvez eu pudesse..."

Ele olha para mim por cima do ombro.

"Só." Minha barriga está quentinha. "Você parece... Misery e Ana te amam, o que significa que você é um cara legal. Talvez pudéssemos, Hum, tentar sair um dia desses? Um café, talvez. Ou... Não sei bem o que vocês fazem quando saem, mas... Acontece que eu te conheço muito pouco, mas até agora, meio que gosto de você.

Não , *"Ei, eu adoraria ir a um encontro com você"* já foi pronunciado de forma mais desajeitada, mas tudo bem. Porque os olhos de Koen suavizam com diversão, indulgência e talvez um pouco de afeto também.

É isso que faz com que suas palavras pareçam uma faca afiada deslizando entre minhas costelas.

"Eu falei sério, matador. Essa coisa de parceiro é sobre transar. A parte de mim que importa não está interessada em você. Goste de mim ou não", ele diz gentilmente. "Eu realmente não dou a mínima."

CAPÍTULO 3

Ela espera pouco e não se ofende facilmente. Isso torna frustrantemente difícil afastá- la.

Dias de hoje

KOEN ALEXANDER, O ALFA SELVAGEM DA matilha MAIS PERIGOSA do continente, governante

indiscutível de um território selvagem conhecido por sua sede de sangue excepcional, ouve música clássica humana enquanto dirige.

Eu *não* esperava por isso.

E, no entanto, aqui está ele. Depois do massacre de Vampiros, felizmente impassível enquanto me leva de volta ao grupo do Sudoeste. Batendo levemente os dedos longos no volante para manter o ritmo como um conhecedor. Seria um insulto manifestar abertamente meu choque? Me importo em ofender Koen?

Sim. E *sim* , já que ficarei sozinha com ele neste carro pelas próximas horas. À mercê dele, talvez ele não tenha.

"É Bach?", pergunto, sem a mínima ideia de como Bach soa. Na minha vida passada, quando eu era uma repórter financeira da Human, cuja ideia de um momento extremamente estressante incluía avaliar o amadurecimento de melancias ou ter que espirrar ao dirigir, eu gravitava em direção ao pop.

"Por que você não trocou de marcha?", pergunta Koen em vez de responder. Seus olhos não desviam da estrada à frente.

"De sculpe?"

“Por que você não mudou para a forma de lobo para fugir do Bob?”

"Certo. Quem *é* Bob, afinal?"

O olhar que ele me lança dura um quarto de segundo, mas transmite perfeitamente o que Koen pensa sobre pessoas que respondem às suas perguntas com mais perguntas. Que bom saber que sua paciência e disposição para se filtrar não aumentaram nas semanas desde que ele me levou para a cabana. Mexo nas mangas do moletom extragrande que ele me emprestou e, pela décima vez desde que entrei no carro, digo a mim mesma para esquecer o jeito como ele encarou meu peito nu na floresta.

Era um plano. Para distrair o Vampiro. Para salvar a minha vida. Ele nunca me faria mal, e eu não tenho motivos para ter medo dele.

Bom, eu tenho *uma* : ele é objetivamente assustador.

"Não consigo me transformar quando a lua está tão pequena", digo a ele.

É assim que funciona com os Lobisomens: quando a lua está gorda e redonda no céu, mal conseguimos resistir ao seu chamado e precisamos de todo o nosso autocontrole para evitar a transformação em lobo. A sensação de algo despertando dentro de mim, implorando para ser solto uma vez por mês, sempre na mesma fase lunar — foi isso que me fez perceber que talvez eu não fosse tão humano assim, afinal.

Por outro lado, quando a lua está fraca, apenas Lobisomens altamente poderosos e dominantes conseguem se transformar. Eu não sou nenhum dos dois, e minha inépcia deveria ser bastante crível para Koen.

Se ao menos.

"E ainda assim", ele reflete com sua voz profunda, "quando te conheci, você podia se transformar quando quisesse."

“Não quando a lua estava assim.”

"Quando era menor, se bem me lembro. E lembro."

Eu me forço a não ficar tensa. Lobisomens captam mudanças fisiológicas como detectores de mentiras sencientes, e eu guardo segredos demais para ter alguém tão perspicaz quanto Koen no meu encalço. "Talvez você tenha me confundido com outra pessoa."

Ele me lança outro olhar dissecante e eviscerante. "Sua repentina incapacidade de mudar tem algo a ver com o “Por que você decidiu desaparecer em férias de dois meses no meio da floresta?”

Sim, é verdade, e não, não é da conta dele. "A razão pela qual decidi *desaparecer* , se é que essa é uma palavra que se pode usar para alguém cujo paradeiro nunca foi *ignorado* , é que as coisas com as quais tive que lidar no ano passado incluem, em ordem cronológica, mas não traumatogênica" —levanto a mão e começo a contar com os dedos —"a lenta percepção de que não sou totalmente Humano; a percepção ainda mais lenta de que sou muito mais lupino do que jamais acreditei; meu sequestro e subsequente prisão nas mãos dos Vampiros; o

primeiro assassinato em massa do bebê —do qual participei como o *assassino* ; e, finalmente, me revelar ao resto do planeta como o primeiro híbrido Humano-Lobi." Enfiei minha mão espalmada no rosto de Koen como se fosse a cartela de bingo mais fodida do mundo e pisquei os olhos para ele. "Acho que minha necessidade de descanso e relaxamento era justificada."

"Sem querer estragar sua surpresa, mas duvido que você consiga reivindicar uma moeda comemorativa de um Assassino em Massa se foi em legítima defesa."

Ele provavelmente está certo. E não me sinto mal pelos (dois? Três? Sete? É tudo um borrão.) vampiros que matei para proteger a Miséria. "Mesmo assim. Reorganizar minha autoimagem de cidadã cumpridora da lei para carniceira oportunista exigiu um trabalho interno. Ajustes de ego. Autorreflexão. Choro. Esse tipo de coisa." Puxo os joelhos até o peito, coloco o moletom sobre as canelas arranhadas e pergunto: "A propósito, como você sabia?"

"Sabe de uma coisa?"

“Que alguém viria me buscar na cabana.”

“Lowe me ligou hoje mais cedo. Dois vampiros, Bob e mais um pouco de porra, tentaram hackear o Sudoeste e acionaram alguns sistemas de detecção de intrusão. Alex, o cara de TI deles, percebeu que eles estavam procurando a sua localização.” Uma pausa. “E a da Ana.” Cubro a boca com a mão. Ana e eu temos uma coisa em comum: somos híbridos de Humano-Lobisomem. Mas, enquanto eu tornei pública minha verdadeira natureza, a dela é estritamente necessária.

Porque Ana tem *sete anos* .

“Ela está— ”

"Certo, sim. Bob conseguiu rastrear você pelo seu telefone via satélite e te seguiu para o norte. Não havia informações sobre Ana. Mas Alex plantou algumas para atrair os outros espertinhos para mais fundo no território do Sudoeste."

"E?"

"Lowe o matou, é claro. Mas antes de sua... morte prematura, o amigo de Lowe fez aquela" —ele faz um vago movimento circular —"coisa de hipnose nele."

"Que hipnose... Oh. O fascínio?"

"É. Isso." A expressão de Koen diz claramente: *Não sou fã* . É um sentimento comum entre os lobisomens.

"Então a Miséria cativou o Jizzmuffin? O que ele disse?"

“Um membro do conselho dos vampiros está oferecendo uma quantia de dinheiro que pode mudar sua vida por um híbrido.”

“Qual membro?”

"A investigação não foi tão longe. Ou Jizzmuffin não sabia, ou Lowe ficou impaciente e avançou para a parte do massacre da n oite."

É uma pena, mas estou extremamente orgulhoso. "Bom, Misery. E pensar que ela costumava dizer que eu era a única pessoa que ela conseguia cativar com competência." O olhar de Koen é de perplexidade, então me apresso em explicar: "Consensualmente. Ela praticava comigo quando éramos crianças."

“Ela *praticou* com você.”

"Claro. De que outra forma ela poderia aprender? Ela precisava de um cérebro para treinar, e o meu estava bem ali."

"Talvez tenha havido danos permanentes. Isso explicaria."

“Explicar o qu ê?”

“As muitas coisas que estão erradas com você.”

Franzo a testa. "Tipo o quê?"

“Seu isolamento autoimposto. O quanto você ficou mais fraco desde a última vez que te vi. O fato de você cheirar exausto. Sua afinidade com mentiras. Sua recusa em mudar, mesmo quando sua vida depende disso— ”

"Sabe", eu o desafio suavemente, "se você está me acusando de alguma coisa, você pode simplesmente dizer isso."

"Não. É mais divertido te encurralar e te fazer admitir." Ele claramente tem sentimentos sobre o que aconteceu esta noite. Eles incluem frustração, preocupação, raiva e até uma pitada de desconfiança. Não sei como sei, já que seu perfil pétreo não se moveu um milímetro. Talvez eu esteja ficando melhor em adivinhar as emoções dos outros pelo cheiro, como um *verdadeiro* lobisomem.

Olhe para mim, o pequeno híbrido que conseguiu.

"Não há nada a admitir", digo, sem emoção. "Você acha que o Bob contou a alguém sobre nossas localizações?"

“Não. Ele é um idiota que entrou no território do Noroeste sozinho.”

"Era."

"Era", admite Koen, perturbadoramente satisfeito. A justiça é rápida e brutal, e a do Noroeste, acima de tudo. A matilha é conhecida por passar mais tempo na forma de lobo do que as outras, por ser cruel além do necessário para manter suas fronteiras e por guardar rancor. O Noroeste tem menos membros que o Sudoeste, mas seu território é mais amplo e remoto. É por isso que, quando decidi que precisava ficar sozinho, pareceu a melhor opção.

Mas agora que Koen está respirando no meu pescoço, estou repensando as coisas.

"Você está cansado, e temos uma longa viagem pela frente", diz ele, mudando abru ptamente de assunto. "Vá dormir."

Estou *cansado* . Mas: "O que vamos fazer com a Ana?"

Ele franze a testa, surpreso. "Eu te disse, Ana está bem."

“Ana tem *sete anos* . Precisamos ter um plano para protegê- la.”

"Nós?"

"Nós", repito. Quando *eu* tinha sete anos, eu era órfão. Quando *eu* tinha sete anos, só aconteciam coisas horríveis ao meu redor. Muita coisa disso me atinge muito perto de casa, e eu não quero que ela nunca mais se sinta como eu costumava me sentir.

“Ana tem Lowe, e o Vampiro— ”

“O nome dela é Mis éria.”

“— e uma matilha inteira que está pronta para morrer e, mais produtivamente, para *matar* por ela.”

“Eu também deveria ajudar. Eu posso— ”

"Serena." Há um tom áspero em sua voz. Ele aperta o volante com mais força. "Você bateu a cabeça mais cedo?"

"O quê?", instintivamente massageio a nuca. "Acho que não. Por quê?"

“Só estou tentando descobrir o que causou a perda de memória.”

“Eu não tenho— ”

“Claramente você esqueceu que foi agredido há cerca de quarenta e cinco minutos.” "Eu não fiz."

"Sério? Isso é ótimo pra caralho." Há um V profundo entre seus olhos escuros e reflexivos, um V que faz suas cicatrizes se destacarem. "Assim, não preciso te lembrar que você corre vinte vezes mais riscos do que a Ana."

"Isso não é verdade."

Ana é irmã de um Alfa, e sua existência é um segredo bem guardado. *Você não tem família, nem matilha, nem influência, nem recursos* — você nem mesmo tem um lar. Você está praticamente sozinha no mundo e esteve sob vigilância a vida toda, o que torna muito fácil para um grupo específico de pessoas prever seu próximo movimento. E não se esqueça de que, nos últimos meses, seu rosto tem

aparecido em todos os noticiários do mundo. mundo. Agora, um experimento mental: se alguém decidir que quer bancar o cientista louco com um híbrido, quem você acha que ele escolheria, o assassino?

Koen está furioso —não sei se é pela minha estupidez ou por ter me sobrecarregado. Ainda assim, a profundidade da minha falta de... de *tudo* não é algo que eu queira contemplar no momento. "Você tem razão", digo calmamente, sentindo uma pressão ardente atrás dos olhos. "E não vou dizer que consigo me defender de quem vier atrás de mim. No entanto, se eu souber de uma ameaça, posso *me* preparar e cuidar de mim mesma..."

“ *Eu* vou cuidar de você”, ele diz asperamente.

Ah. "Ah."

Ele suspira e passa a mão pelo cabelo grosso e despenteado.

“Koen, você não precisa— ”

"Serena." Percebo na voz dele a pouca paciência que ele tem. Pela primeira vez, me ocorre imaginar como foi a noite dele antes de aparecer para cuidar do Bob —e de *mim* . O telefonema de aviso do Lowe. A corrida furiosa para me alcançar. O medo de ser tarde demais.

A parte de mim que importa não está interessada em você , ele disse, e eu não duvido. Mas mesmo que a coisa do companheiro não signifique nada para Koen, mesmo que ele não se importe comigo como pessoa, ainda sou um híbrido que poderia fazer a ponte entre Lobisomens

e Humanos. Estou sob a proteção dele, e ouvir que eu estava em perigo não deve ter sido fácil. "Obrigada", digo com sincera gratidão. "Por vir me buscar. Por chegar lá na hora certa."

“Não me agradeça.”

"Por que?"

"Eu odeio isso pra caramba." “Você odeia ser... agradecido?” "Sim."

“Eu... Por quê?”

"Se estou fazendo algo, pode ter certeza de que escolhi por livre e espontânea vontade." Ele fica em silêncio por um momento. Então suas narinas se dilatam e ele se vira para examinar meu rosto, com uma expressão cada vez mais horrorizada.

"O quê?", pergunto. "Tem uma mariposa subindo pela minha narina, ou..." Dou uma batidinha na bochecha com a palma da mão, e ela volta molhada.

É isso que o está perturbando.

"Ah." Koen acabou de matar alguém sem pestanejar, mas não aguenta que eu derrame uma única lágrima. "Estou bem", eu o tranquilizo. Seu alarme não diminui. É como se eu tivesse levado um tiro na frente dele. "Estou bem, prometo. Só estou cansado."

"Então vá dormir, porra", ele ordena, em pânico. *O Lobo Mau e Assassino, Responsável por Milhares, Não Aguenta o Choro de uma Garota.* Que manchete. "O que você está esperando? Precisa de uma história para dormir?"

Contenho um sorriso. Acomodo-me no encosto de cabeça. "Por quê? Você tem alguma?" *"Meu?"*

"Não... Lobisomens. *Nós* , eu acho."

"Claro, mas eles são sombrios. Humanos e vampiros vindo atrás de nós se mordermos nossos professores com muita força. Os deuses da natureza brincando com seus filhos bestiais. Horror cósmico —esse tipo de coisa."

“Uau! As crianças gostam deles?”

"Não. Tive pesadelos com eles durante anos."

Concordo lentamente. "Isso explica."

"O que?"

“As muitas coisas que estão erradas com *você* .”

Mesmo sob a barba, consigo ver. Um pequeno sorriso. Um bufo suave.

"Vá dormir, Serena." Desta vez, o tom dele é um empurrãozinho que me faz bocejar instantaneamente. " *É coisa de Alfa"* , disse Misery. " *Eles são ótimos em fazer suas sugestões parecerem a melhor opção para todos os envolvidos."*

Então fecho os olhos e deixo o tempo e a estrada passarem. Até que me lembro de algo. "Koen?" Estou quase dormindo, minhas pálpebras pesadas demais para abrir.

"Sim?"

“Acho que você me deve um pedido de desculpas.”

"Para que?"

“O jeito que você olhou para os meus seios.”

Silêncio. Então, em vez do *"Sinto muito"* ou *"Vá dormir, porra"* , como eu esperava, ele diz: "Acho que *você* me deve um pedido de desculpas".

"Para que?"

“Como seus peitos são espetaculares.”

Meu Deus, ele é mesmo um babaca de primeira. "Você deve ser a pior pessoa que eu já conheci."

“Não ficaria surpreso”, ele murmura.

Adormeço com um sorrisinho no rosto. E por algumas horas, não penso no pouco tempo de vida que me resta.

CAPÍTULO 4

Ele está se enxugando depois do banho, e a ligação está no viva-voz. Isso lhe dá esperança de que possa ter entendido mal.

"Você está falando sério?" Ele não espera pela resposta de Lowe. Como regra, Lowe não brinca. "Quem diabos deu essa ideia a ela?"

“Maddie Garcia perguntou.”

"Puta merda, foi a governadora humana quem vazou a existência dela para a imprensa, para começo de conversa. Ela sabe chupar merda de canudo."

"Não podemos ter certeza." Uma pausa. "Mas sim. A equipe dela provavelmente sabia. E quando o conhecimento da existência de um híbrido não foi suficiente para influenciar a opinião pública, ela pediu a Serena que se apresentasse publicamente. Serena disse que sim."

"E você deixou."

“Não tenho nada a dizer sobre o assunto.”

"Você tem noção do perigo que ela correrá depois? Ser conhecida como minha companheira não a protegerá em território Vampiro ou Humano."

"Serena acredita que os benefícios superam os custos. E, Koen..." Um suspiro. "Por mais que você odeie isso, Misery detesta ainda mais."

Ele duvida.

“Mas”, continua Lowe, “se a irmã de Serena está disposta a reconhecer que muitas coisas boas podem vir disso, então você também deveria— ”

"Eu não vou fazer isso, porra."

"Tão ruim assim?", pergunta Lowe após um longo silêncio.

Não. É pior que iss o.

Dois meses e meio antes

Território humano

TA COISA QUE EU MAIS ODEIO — E HÁ *MUITO* O QUE ODIAR aqui — é

o calor pegajoso das luzes

da câmera. Ele manda pequenas gotas de suor pela minha espinha e faz a pele das minhas costas grudar na minha blusa ("Rosa claro!" a pedido da Ana).

"Ligamos o ar condicionado no máximo", conta um dos produtores, desculpando-se, "mas o Governador Garcia enviou mais de vinte agentes do Serviço Secreto para proteger vocês. Estamos trabalhando com uma equipe mínima, mas o estúdio não foi construído para uma multidão desse tamanho."

Sorrio, grata. Concordo com a cabeça, apreciativa. Será que ele sabe que, além dos agentes humanos, há cerca de quinze lobisomens circulando incógnitos. Metade Koen's, metade Lowe's? *Maddie disse que providenciaria segurança* , mencionei a eles há dois dias, quando me informaram sobre o plano. *Você não confia nela?*

O diplomático "Sim" de Lowe , *mas coincidiu completamente com o curto "Não"* de Koen . Sua palavra favorita, juntamente com seu tom favorito.

Inclinei a cabeça para ele, fascinada. *Você confia em alguém?*

Com sua preciosa vida, assassino? Como eu poderia?

Este é Koen em poucas palavras. Zombeteiro, ilegível e talvez até um pouco cruel. No entanto, ele faz as coisas.

"Entramos em cinco minutos", lembra-me o produtor. "Precisa de mais alguma coisa?" “Estou bem, obrigado.”

A poucos metros de distância, o jornalista estrela que conduzirá a entrevista está gravando um teaser. “... a resposta que todo ser humano tem procurado no último mês: Quando foi o primeiro híbrido de Lobisomens-Humanos conhecido nasceu? Como ela conseguiu passar despercebida até os vinte e poucos anos? Como era a vida dela? Quem é ela e, acima de tudo, por que está se revelando agora? Fique por aqui para saber mais...”

Eu me distraí. Dissociei. Tento não pensar no que está em jogo. Numa revelação chocante, o negócio de ir à TV para falar sobre o quão alienígena alguém é pode ser um pouco alienante. Solitário. Misery e Lowe insistiram em estar aqui, mas

quanto menos óbvia minha ligação com o Sudoeste, melhor para Ana. A presença de Maddie só alimentaria os rumores (corretos) de q ue sou seu peão político cuidadosamente escolhido. E não é como se eu pudesse ter pedido a Danny, o último cara com quem namorei antes de descobrir que era uma Lobisomem, para ser meu acompanhante enquanto me desmascaro como o Híbrido cuja Existência Foi Vazada para a Imprensa.

Portanto, Koen.

A iluminação do palco embaça a multidão atrás das câmeras, mas o perfil mais alto, o de braços cruzados e austero, só pode ser ele. Sorrio em sua direção, ciente de que, mesmo que eu pudesse ver, não haveria resposta.

Ele se opõe tanto ao que estou prestes a fazer que chega a ser engraçado. Sua desaprovação vibra através do tempo e do espaço e me ancora a este momento. Nada mais aqui parece *real* . "Pronta?", pergunta a entrevistadora, sentando-se à minha frente. Ela é mais velha. Elegante. Seu cheiro revela o quanto me acha inquietante, mas sua cara de pôquer é sólida como titânio. Sinceramente, estou impressionada. "É isso que os telespectadores em casa estão vendo agora." Ela aponta para os monitores. "Uma entrevista com o geneticista que gravei ontem."

O caminho para este estúdio de estufa foi pavimentado com amostras bucais, coletas de sangue e exames laboratoriais. *Seis* grupos independentes de cientistas confirmaram que sou "um cruzamento interespecífico" (latim para *aberração* , eu acredito) e não, como alguns especialistas e trolls de mídia social decretaram: “um vigarista inventando coisas para ganhar influência”.

“... não se acreditava que fosse possível. Não temos relatos de híbridos, mesmo em territórios como a Europa, onde Lobisomens e Humanos vivem vidas mais amalgamadas. O que mudou?”

“A hipótese mais provável é que mutações genéticas aleatórias tenham ocorrido em matilhas norte- americanas.”

“Mutações genéticas como o quê?”

É impossível dizer sem mais dados. Meu palpite seria que há mutações nos genes que codificam o reconhecimento de gametas, ou genes reguladores. A questão principal é que essas mutações tornaram os lobisomens

reprodutivamente compatíveis com os humanos.

“E essas mutações afetam todos *os Lobisomens, em todo o mundo?”*

Improvável. Alcateias were tendem a ser autossuficientes e isoladas. Por exemplo, alcateias como a do Noroeste e a do Sudoeste são aliadas conhecidas, o que pode resultar em trocas genéticas entre elas. Mas, de acordo com a maioria dos observadores humanos, essas duas

alcateias raramente interagem com as alcateias da glândula New En. E o mesmo vale para outras alcateias norte-americanas e europeias: pouquíssimas conexões.

“Então, quais são as chances de humanos e lobisomens se tornarem uma única espécie?”

O geneticista ri. *"Eu não me preocuparia com isso. Lembre-se, a maioria dos híbridos não é fértil."*

“E esse aqui?”

"É altamente improvável que ela consiga ter filhos, seja com humanos ou com lobisomens. A diferença na estrutura dos cromossomos dificultará a produção de gametas funcionais..." Uma experiência extracorpórea, é isso que é. Minha alma está lá em cima, pendurada no teto, como uma barra de macaco, em uma treliça, olhando fixamente para o meu corpo insensível enquanto ele aprende que pode não ser capaz de ter filhos.

Pela primeira vez.

Na frente de dezenas de pessoas.

De alguém que ri disso como se fosse o melhor cenário possível.

Está tudo bem , lembro ao meu corpo enquanto o interior do seu estômago é revirado até sangrar. *Isso não muda nada. É o menor dos seus problemas. Você sabia que isso seria uma merda quando concordou. Mantenha-se na tarefa. Concentre-se em...*

“... fez você decidir vir falar conosco?”, pergunta o entrevistador.

Estamos no ar. Eu ligo. Mergulho de volta no momento. "Francamente, percebendo que era isso ou deixar que outros assumissem o controle da narrativa." Sorrio com o mesmo sorriso confiante e seguro de si que costumava usar para apresentar histórias ao meu editor ou para encantar o cara da pizzaria e fazê-lo me dar a fatia com mais pepperoni. "Desde que minha existência foi revelada publicamente, há três semanas, muitas imprecisões foram relatadas. Gostaria de esclarecer as coisas."

Entendo. E para lembrar aos nossos telespectadores, *o The Herald* , antigo local de trabalho da Sra. Paris, recebeu informações sobre a suposta existência de híbridos de uma fonte humana não revelada. Sua veracidade foi amplamente debatida. Então, alguns dias atrás, você fez uma declaração à imprensa revelando seu nome.

“Obrigado por me dar a oportunidade de compartilhar minha história.”

“Você poderia explicar por que acreditava ser humano até o ano passado?”

As pessoas *adoram* receber uma boa teoria da conspiração. No entanto, é preciso escolher seus pratos e acompanhamentos com muito cuidado. Veja a minha situação: eu *poderia* dizer a verdade —que estive sob vigilância a vida toda porque alguns membros déspotas das sociedades Humana, Lobisomem e Vampira eram tão sedentos por poder e patologicamente relutantes em coexistir, que... Envolvidos em uma complexa teia de enganos desleixados, mas que perduram há décadas. O problema é que parece... duvidoso. Rebuscado. A responsabilidade é muito difusa. Mais importante, isso só reforçaria a hostilidade dos humanos em relação às outras duas espécies, e já há muito disso circulando por aí.

É por isso que, depois de concordar com esta entrevista, Maddie, Lowe e eu nos abaixamos e discutimos alguns pontos de discussão. O título da nossa história é *Um Ex- Governador Humano Maligno Trancou o Pobre Híbrido de Mim em um Porão Porque Odiava a Paz* . É palatável. Fácil de entender. Pode até permitir que o Humano comum se sinta moralmente superior.

Eles nunca prenderiam um órfão e mentiriam para ele.

Eles podem até estar inclinados a abrir seus corações a uma vítima de inju stiça.

Eles podem decidir ver os Lobisomens como pessoas, em vez de máquinas de açougue com olhos brilhantes.

E no final, é isso que esperamos conseguir: comprar boa vontade para Maddie Garcia, a nova governadora humana, e apoio público suficiente para tornar as reformas possíveis.

"Minha verdadeira natureza foi escondida de mim. O ex-governador temia que, como híbrido, eu tivesse o potencial de me tornar um símbolo de união entre Lobisomens e Humanos —algo indesejável, já que sua carreira política se baseava em divisões e alarmismo."

“Você está falando do ex-governador humano Davenport, que morreu inesperadamente na prisão há dois dias?”

"Sim."

Não fomos nós , Lowe se apressou em dizer quando a notícia da morte do governador se espalhou. Um pouco rápido demais, considerando que eu nem tinha perguntado.

Tem certeza disso?

Tragicamente, sim. Koen parecia decepcionado. *Embora seus cúmplices vampiros e humanos possam ter tido algo a ver com isso. Sua morte é muito fortuita para eles.*

Meu aceno recatado e o murmúrio de "Sim. Que ele descanse em paz" deveriam me render várias estatuetas de prêmios de atuação. "Ele sabia que eu era meio lobisomem."

"Como?"

"Isso ainda estamos pesquisando. Infelizmente, não tenho muitas lembranças dos meus primeiros anos de vida, nem dos meus pais. Tudo o que sabemos é que, aos sete anos, eu morava em um orfanato humano na Cidade. Suspeito que, durante um exame de rotina, um dos médicos percebeu que eu era parte Lobisomem e

alertou o Governador Davenport." Nada do que acabei de dizer é mentira, o que é altamente incomum da minha parte.

“E o que o governador Davenport fez?”

"Na época, ele sabia que eu era geneticamente meio Lobisomem, mas eu me apresentava como Humano. Mesmo assim, ele achou melhor ficar de olho em mim."

"E é por isso que você cresceu na mansão do Vampiro Colateral, como companheira da Misery Lark. Ela foi a penúltima Colateral antes do programa ser descontinuad o."

"Correto."

“E quando você começou a exibir características de Lobisomem?”

“Cerca de dois anos atrás.”

"Naquela época, você já vivia livremente na sociedade humana, certo? O Governador Davenport ainda estava te vigiando?"

Concordo com a cabeça. "Ele me sequestrou e me prendeu por várias semanas."

"Por que?"

Acredito que ele se sentiu ameaçado pela possível reação do público humano à minha existência. Na época, a campanha de Maddie Garcia para governadora estava ganhando força, e ela foi eleita mais tarde. Ficou claro que muitos eleitores queriam ver alguma mudança. nas relações entre Lobisomens e Humanos, e o Governador Davenport pensou que minha presença poderia galvanizá-los ainda mais.”

“Ele agiu sozinho?”

"Até onde eu sei." Apagamento descarado dos Vampiros e Lobisomens com quem ele conspirava. Tenho certeza de que ouvirei tudo sobre isso quando nos encontrarmos novamente, no inferno.

"Como você se libertou?"

Nossa! "Eu mudei para a forma de lobo e escapei."

“Então você *consegue* mudar?”

"Sou." É mentira? Nem tenho mais certeza. "Mas é uma habilidade nova para mim." “De que maneiras você é humano?”

"Bem, meu sangue é vermelho. Minha força e acuidade sensorial estão em algum lugar no meio entre a de um Lobisomem e a de um Hu mano."

"Entendo. Serena, deve ser muito doloroso reviver tudo isso — obrigada por compartilhar conosco. E os rumores de que existem outros?"

"Outros?"

"Outros híbridos. *O* artigo do Herald sugeriu que você pode ser um dos dois."

E esta, *esta* , é a verdadeira razão pela qual estou aqui. Todo o resto — Maddie, paz, reformas, opinião pública... bem, tudo importa. Mas não tanto quanto tirar os holofotes de Ana. Foi por isso que passei a última semana debruçada sobre a pia de porcelana do banheiro da Lowe's, ensaiando minha carranca até que ficasse impecável. Quando a vejo franzir minha testa em várias telas, decido que todo aquele treino valeu a pena. "Se existem outros híbridos, nunca ouvi falar deles. Mas adoraria conhecê- los."

A entrevistadora se inclina um pouco para a frente, pronta para investigar. Reconheço o brilho ambicioso em seus olhos, a emoção da perseguição. Eu era como ela. Costumava fazer perguntas difíceis. Eu queria a verdade.

Agora tudo que eu quero é acabar logo com isso.

“O artigo que expôs você”, ela diz, “alegou a existência de uma híbrida feminina mais jovem, que vive com os Lobisomens”.

"Ah, certo. Sim." Forço uma pontada de compreensão transbordar na minha expressão. "Será que a fonte estava enganada? O que foi dito sobre o outro Lobi costumava ser verdade sobre mim quando eu era mais jovem... Talvez seja daí

que surgiu a confusão?" Dou de ombros, sem entender nada.

"O próprio artigo afirmava que a fonte não conseguia fornecer evidências da existência desse segundo híbrido", concorda o entrevistador. Minha postura não muda, mas sinto *meus* músculos se fundirem à cadeira.

Eu tinha um único trabalho, porra, e consegui. Estou *com* vontade de ir para casa e vomitar na banheira, mas essa moça continua fazendo perguntas. "... você tem ficado com a matilha do Sudoeste. Sente falta de viver entre os humanos?"

“Sim, claro”, eu digo, em vez de um mais verdadeiro : *De jeito nenhum* .

A questão é que os humanos têm sido menos do que excepcionais comigo ultimamente. Meus antigos colegas do *The Herald* escreveram um artigo de opinião sobre se sentirem traídos e traumatizados pela maneira como eu "deliberadamente me deturpei" "em um ambie nte profissional, nada menos". Um garçom de um restaurante em que eu nunca sequer entrei registrou publicamente a ocasião em que pedi um bife e prometeu uma gorjeta de 40% para deixá-lo ainda mais malpassado. Pete, um engenheiro com quem saí *três* vezes, vendeu sua história para um tabloide. *Sempre suspeitei que havia algo errado com ela. Ela parecia não gostar do que a maioria das mulheres faz.* Do pau dele, ele se referia. Não acredito que estou sendo processada internacionalmente por me recusar a transar com um cara que me disse que eu parecia a mãe dele.

Então, sim. Os humanos estão na minha lista negra, e não sinto falta deles. O que sinto falta é do período da minha vida em que a palavra *problema* poderia se aplicar à impressora que não funcionava.

“No entanto”, acrescento, “sou muito grato pela oportunidade de passar um tempo com os lobisomens e aprender seus costumes”.

“E o que você diz para aqueles que acreditam que híbridos como você são uma ameaça à sociedade e devem ser eliminados?”

Sorrio com simpatia, como se ela não tivesse acabado de me perguntar: *Como é quando as pessoas querem te ver morrer com seus olhinhos redondos?* Adoro jornalismo. "Eles são livres para acreditar no que quiserem. Mas séculos de conflito não beneficiaram ninguém, exceto aqueles no poder. Acho que a ponte

genética entre as duas espécies pode ser o prenúncio de um futuro melhor."

Há mais algumas provocações, e eu despejo mais alguns chavões, o que deve me render um contrato de sete dígitos para um livro de aforismos a qualquer momento. Assim que a entrevista termina, Koen me espera na lateral do palco, parecendo tão satisfeito como sempre.

O que não é nada disso.

"Você é ela, hum, Alfa?", pergunta o entrevistador, observando-o. Ela cheira apavorada. E excitada.

"Claro", Koen fala lentamente, enquanto eu bufo, "Ele é mais como minha babá". “E ela é mais como uma dor no meu— ”

"Vamos lá", quase grito, puxando a manga da sua camisa xadrez. Ele é a única pessoa no prédio que não está usando traje formal. Eu diria que ele não recebeu o memorando, mas, conhecendo o Koen, ele o devolveu com " *Eu faço o que eu quiser"* rabiscado por toda parte. Com sangue, provavelmente.

No elevador somos eu, ele e um grupo de agentes humanos parados atrás de nós. "Você sabia?" ele pergunta baixinho, olhando para as portas.

Meu coração dispara. Ele está falando sobre o que o geneticista revelou sobre híbridos terem filhos. Não tenho ideia de como, mas tenho certeza. "Não."

Seu maxilar se move de um lado para o outro.

No saguão da emissora, um manobrista se aproxima timidamente dele. "Senhor, seu carro está esperando lá fora."

A sobrancelha de Koen, aquela dissecada por cicatrizes, arqueia-se num ângulo que indica claramente que *nunca fui chamado de Senhor antes, e é melhor que isso não aconteça novamente* . Viro a cabeça para esconder um sorriso, e é então que o ouço.

— a ousadia de vir aqui e forçar agentes do Serviço Secreto a vigiá-la. Como se não fôssemos os primeiros da fila para nos livrar dela. — O homem de preto atrás de nós resmunga na direção do amigo. Baixo o suficiente para não ser

ouvido —se Koen e eu fôssemos humanos. Mas não somos. E o agente aparentemente é *tão* estúpido assim, porque continua: "Não acredito no tipo dela."

Eu me viro, pronta para pedir educadamente que ele repita na minha cara, mas Koen envolve um braço em volta da minha cintura e me puxa para o calor intenso do seu corpo. Visto de fora, provavelmente parece um gesto brincalhão e afetuoso. Eu o interpreto como o que é: uma ordem firme *para não matar* ...

"Não com uma plateia tão grande, pelo menos", ele murmura suavemente contra a concha da minha orelha. Sem me soltar, ele se estica em toda a sua altura. "Escutem, camarada", ele diz aos homens, ao mesmo tempo tranquilo e assertivo.

Este é o Koen, no comando, pastoreando pessoas, endireitando a espinha. Será que os agentes sabem que ele é um Alfa? Para mim, é impossível não notar. Aqueles olhos. Seu cheiro insuportável. Como é difícil dizer a ele qualquer coisa que se aproxime de *um "não"* . "Eu também não gosto do tipo dela. Se eu acho que ela deveria ter vindo aqui? Nem pensar."

O agente pisca. Quase consigo ouvir sua pele se arrepiar.

"Mulheres? Elas pertencem à cozinha. Mas *eu* não." Não consigo ver o rosto de Koen, mas o sorriso em sua voz é *de gelar o sangue* . "Eu me viro. Gostaria de se desculpar com a moça ou gostaria de saber o que isso significa?"

O cheiro do homem é puro terror, misturado com uma pitada de vergonha. Ele começou a fazer besteira, mas não quer perder a cara na frente dos colegas. "Isso é uma ameaça?"

"Se você precisa perguntar, devo estar fazendo algo errado." Koen me vira e me prende ao seu lado. O amigo do agente —mais velho e claramente mais sábio — dá uns cinco passos para trás e pega sua arma.

O mesmo acontece com todas as outras pessoas no saguão.

Koen ignora todos. "Você tem duas opções, seu desmancha-prazeres. Pode se desculpar com a moça agora mesmo, ou pode esperar até mais tarde para se foder. A escolha é sua. E não se preocupe, não vou me decepcionar de jeito

nenhum."

"Não tenho medo dos seus animais. Mande-os atrás de mim e veja o que— "

"Uau. *Muito* ofensivo. O que foi que eu fiz para você pensar que eu não te mataria?"

Algo no tom de Koen deve ter alertado o homem de que aquilo não é brincadeira. Sua garganta se move. Sua bochecha treme. Após alguns segundos de reflexão furiosa, ele sibila para mim: "Desculpe."

Meus ombros caem em alívio.

"Não foi tão difícil, né?", Koen sorri. Ele estende a mão e aperta a do outro homem num aperto amigável e pacificador que dura menos de um segundo. "Cuidado, amigo. Parece que você se machucou."

O homem levanta o braço, perplexo ao ver sangue vermelho e espesso escorrendo por sua pele pálida, passando pelos pulsos e chegando à manga do terno. Ele parece incapaz de entender o que acabou de acontecer, e eu não o culpo, porque eu também não consigo — pelo menos até notar os dois cortes verticais em seu pulso. São em forma de garra. Profundos. E correm paralelos à longa veia na parte interna do braço.

Na verdade, eles quase não perceberam.

"Se você fizer mais algum comentário sobre essa garota aqui e eu descobrir", diz Koen, baixo demais para que qualquer um além de nós três ouça, "será sua garganta".

Eu tremo. O homem respira fundo, apertando o pulso contra o p eito.

“Mostre-me que você entendeu.”

Ele acena rapidamente.

"Muito bom. Vamos, Serena." O braço de Koen envolve meu ombro. "Preciso que você me faça um sanduíche."

Deixei que ele me levasse até a porta, sentindo como se estivesse me movendo na água. "Koen? "

"Hum?"

"O que aconteceu?"

“Você deu uma entrevista que acertou em cheio, apesar das minhas objeções repetidamente declaradas e muito válidas.”

"Não, eu quis dizer..." Sair é como dar de cara com uma parede feita de gritos. Sem surpresa, minha presença aqui atraiu uma multidão tão grande que a emissora rompeu as barreiras VIP.

“—abominação— ”

“—nunca se esqueça do que os Lobisomens fizeram ao meu povo— ”

“—mentiroso, você é um mentiroso— ”

“— abençoada com o poder do sangue e o sangue do poder, a carne renascerá e tomará novas formas— ”

O último é o meu favorito. O do Koen também, a julgar pela forma como suas pupilas se transformam em fendas.

Mas há meia dúzia de placas de " *Nós te amamos, Serena, você é tão corajosa, você ainda é uma de nós* ", e eu sorrio para os donos delas enquanto Koen me empurra para frente e abre a porta do passageiro do carro para mim.

Ele agarra a beirada do teto para proteger minha cabeça. Quando me sento no banco, ele se encosta na porta e diz no meu ouvido: "Você se saiu bem aí, matador."

Os gritos, a entrevista, o homem sangrando no saguão —tudo se torna ruído de fundo. Olho para ele. Não me dou ao trabalho de esconder o sorriso. "Um grande elogio." "Não disse que você se saiu *muito bem* ", ele murmura, fechando a porta atrás de mim.

Nós comemos sanduíches no jantar, mas é Koen quem acaba fazendo-os, com uma ajudinha de Ana.

CAPÍTULO 5

Seus segundos gostam dela, desde o começo.

Traidores.

Dias de hoje

EUACORDE FLUTUANDO VÁRIOS METROS ACIMA DO CHÃO —E imediatamente decida voltar a dormir.

Que bom. Pela primeira vez, não estou com frio. Minha cama tem um cheiro agradável e amadeirado, nada parecido com o suor rançoso de um pesadelo. O travesseiro tem a consistência perfeita. Tudo naquela situação é aconchegante e repousante, e não vejo motivo para interrompê-la —até que uma voz preocupada rompe meu casulo de alegria.

“Por favor, diga-me que ela está dormindo e não inconsciente.”

Meus olhos se abrem e duas percepções me atingem: a pessoa que está falando é Amanda, a segunda mais próxima de Koen.

E eu *não estou nem um pouco* na cama.

Koen está me carregando para dentro de uma cabana que não parece muito diferente daquela em que passei as últimas semanas, com um braço enganchado sob meus joelhos dobrados e o outro me aconchegando em seu peito. Minha cabeça se aninha na lateral de seu pescoço, onde o arranhão de sua barba faz cócegas em minha bochecha. Os eventos da noite passada me envolvem em ondas ondulantes.

Olhe para mim, vivendo para ver outro dia.

"Que horas são?" pergunto.

“Quase amanhecendo.”

Devemos estar a algumas horas de distância da minha cabana, então. "Estamos no sudoeste?" É para lá que ele vai me levar, certo? De volta a Misery e Lowe.

"Ainda no Noroeste. Paramos em um dos nossos esconderijos."

Preguiçosamente, acaricio o ombro de Koen e me estico em seus braços. "Eu consigo andar."

"Eu também. Quer abrir um clube?" “Posso ser presidente?” “Tesoureiro, no máximo.”

"Sem acordo." Bocejo na base do seu pescoço, o que faz com que ele primeiro vacile e depois aperte mais. "Sério, pode me soltar."

Ele faz isso, mas só porque chegamos ao nosso destino. Ele me coloca em um sofá desgastado, mas limpo, e então começa a me olhar com a testa franzida.

"Você está bem?", ele pergunta, ríspido. "Tem alguma coisa... solta aí dentro?"

"Solto? Tipo o quê?"

"Sei lá porra. Uma artéria?"

Decido ignorar a pergunta e pergunto: "Você sabe o que é um coque masculino?" "Um o quê?"

"Hmm. Não deve ter chegado aos Lobisomens. Só estava me perguntando se as vibrações lumbersexuais foram de propósito?"

Ele franze a testa. Inclina-se. Segura minha nuca com uma das mãos, enquanto os dedos da outra deslizam pelos meus cabelos, agora emaranhados de suor, lama e sangue do Bob. Seu aperto é suave. Suave.

"O que você está fazendo?" “Sentindo uma protuberância.” "Por que?"

“Pode explicar o início repentino da afasia.”

Solto uma risada. "Vamos lá, Koen. Me diz que você pelo menos grita 'madeira'

de vez em quando."

A única coisa que ele está disposto a me dizer é que vai me internar. É melhor, então, que Amanda se afunde ao meu lado e me envolva num abraço.

"Olha só você. Nem um pouquinho morto." Ela sorri. Quando se afasta, Koen já não está mais lá. "Apesar da sua existência violenta e arriscada."

Bufo novamente, olhando para seu rosto redondo, pele morena impecável, lábios carnudos. Ela tem mais ou menos a idade de Koen, embora pudesse se passar por uma estudante do ensino médio. É aí que as semelhanças terminam: ela é gentil e bem-humorada, e acho que nunca a ouvi chamar alguém de "vagabunda podre".

"Senti sua falta", ela me diz. Ela e eu nos conhecemos recentemente, mas nos aproximamos muito rápido. Koen não me deixava entrar na cabana sem supervisão periódica e a encarregou de vir me ver uma vez por semana, mais ou menos. Eu realmente não me considero no mercado para novas amizades, não nesta fase da minha... *vida* , digamos assim, mas há um limite para quantas partidas de I Spy uma pessoa pode jogar (dezessete, para ser mais precisa) antes de começar a perder uma conversa significativa. Na segunda visita, estávamos nos despedindo como cortadores de carvão no *Titanic* . Bem catártico — ainda que resumido e altamente redigido da minha parte. "Você não parece muito bem."

Eu sorrio. "É. Foi o que ouvi dizer."

"Desculpe, algum vampiro idiota interferiu na sua busca por, uh, paz interior."

Estou profundamente envergonhada por minha história de capa para precisar ficar na cabana ter exigido que eu proferisse palavras como *harmonia* e *serenidade* com a cara séria. Às vezes, você simplesmente faz o que precisa ser feito. "Está tudo bem. Tem sido muito... restaurador", minto descaradamente. Lobisomens geralmente conseguem entender mentiras, mas têm dificuldade em me entender. Ser híbrido tem suas vantagens. Bem... vantagens. Singular. "Graças a Deus, o Koen estava na sua região para se encontrar com os líderes do grupo." Amanda pega minha mão. "Eu estava me borrando de medo quando o Lowe nos contou que o Vampiro estava te rastreando."

"Eu não estava", diz Jorma, entrando na sala. Ele é outro padrinho de Koen —

um homem severo e escultural, com cabelos brancos. Cachos loiros e olhos azuis-gelo. Jorma adora regras, trabalho administrativo desnecessário, esperar em filas e — arriscando um palpite, aqui — comidas sem graça cobertas de proteína em pó. Seu sonho de infância provavelmente era se tornar monitor de corredor. Só o vi sorrir uma vez, e foi um processo assustador, como se tivesse aprendido a mover os músculos faciais em um livro. Espero que nunca mais aconteça. "Serena já derrotou vários vampiros em uma luta antes." Ele acena para mim em aprovação. "Não há motivo para se preocupar com ela."

Eu deveria ser grata pelo que é obviamente o mais próximo de um elogio que Jorma recebe, mas sua fé equivocada só me faz querer me encolher no sofá. "É. Obrigada", eu resmungo.

O último segundo na cabine é Saul — que, ao contrário de Jorma, nunca preencheu um formulário na vida, se comunica principalmente por sorrisos e piscadelas e é o maior e mais barulhento flertador que já conheci. "Querida", ele diz em vez de *"Olá"* . Ele me encara com uma expressão de dor. "A roupa chique de moletom com capuz, manchada de sangue, de garota finalista, combina com você. O cabelo, nem tanto."

Faço beicinho. "Mas meu estilista disse que era a *minha cara* ."

"Você merece um reembolso." Ele se inclina para beijar minha bochecha. "Você parece maltratada. Precisa de um abraço? Chá de camomila? Um livro de colorir com lápis? Tudo isso?" Toda vez que o Saul surge numa conversa, alguém sente a necessidade de mencionar o quão incrivelmente bonito ele é, mas eu não vejo isso. Talvez seja porque eu sei que ele é ex da Amanda. Talvez ele simplesmente não me atraia. Acho que estou mais a fim de...

"Ela está bem", ordena Koen, retornando ao quarto com algo na mão. "Pare de se preocupar."

É uma coisa estranha de se dizer, considerando que, em seguida, ele se ajoelha na minha frente e segura o calcanhar de um dos meus pés na palma da mão. Ele passa uma toalha úmida por todas as pequenas escoriações que o chão da floresta deixou na minha pele, aquelas que já estão começando a cicatrizar. O calor é tão indecentemente bom que engulo um gemido.

"Você está bem. Não está, assassino?", ele pergunta, olhando nos meus olhos.

Concordo com a cabeça, um pouco sem fôlego.

“Você precisa de uma cama e algum descanso”, Saul continua, sem se deixar abater. "E uma refeição quente", acrescenta Amanda. "Será que eu deveria..."

"Ela é uma Lobisomem adulta que não precisa de mimos", interrompe Koen. Mais uma vez, um pouco chocante de ouvir, especialmente enquanto ele enrola meias grossas e macias nas minhas canelas. Elas chegam logo abaixo dos meus joelhos. Talvez eu vá para o meu leito de morte usando- as.

“Isso não significa que não podemos nos preocupar com ela”, ressalta Amanda.

“Semana passada, Colin voltou de uma varredura com o braço quase pendurado, e vocês todos riram na cara dele.”

“Como é apropriado quando se perde uma luta contra um urso”, diz Jorma, com uma expressão séria.

Saul parece concordar. "Eu tinha esquecido que você tinha declarado que era contra a lei serem excelentes uns com os outros, Koen."

“Então não se esqueça de anotar.”

"Mais uma vez, se tivéssemos um departamento de RH, eles estariam tão ocupados lidando com..." O telefone de Saul apita. Ele para de falar para ler uma mensagem e, quando levanta os olhos, está totalmente profissional. "Alfa, Lowe está pronto para conversar."

Koen assente. Espero que ele saia para atender a ligação, mas Amanda mexe em um cabo e, um instante depois, uma tela plana que eu não tinha notado ganha vida lentamente.

Várias pessoas aparecem, todas conhecidas por mim da minha época no Sudoeste. Lá está Lowe, é claro. O segundo ruivo cujo nome claramente se apagou da minha mente. Alex, o cara da TI que me ensinou a jogar *Grand Theft Auto* . E...

"Olha quem ficou sem papel higiênico e decidiu voltar à civilização", diz Misery

com um sorriso largo. Seu rosto pálido de elfo é o mais perto que chegarei de ter um lar. Acho que é apropriado, então, o quão estrangeira ela parece ultimamente.

Ela parou de se preocupar com lentes de contato ou lixar os caninos, o que me enche de alegria. Pela primeira vez na vida, ela está feliz. protegida e envolvida no mundo ao seu redor. *Você tem ciúmes do relacionamento dela com Lowe?* Amanda me perguntou uma vez, e eu entendo por que ela pensaria isso. Quando criança, éramos Misery e eu — só nós duas, de mãos dadas contra o mundo. Agora somos Misery e Lowe e a criança fofa que ela, de alguma forma, está cuidando como madrasta, apesar de não ter o direito de ficar sozinha com alguém cujas fontanelas mal se fecharam. E sim, eu também. Em algum lugar lá longe. Na periferia.

Mas eu disse à Amanda que não, e é a verdade. Não acho que eu seja capaz de sentir ciúmes. É um sentimento que exige a suposição de que algo é devido, e eu nunca desenvolvi isso. Anos em um orfanato, depois mais anos como a boneca do Colateral, acabam com a possessividade de qualquer um.

Ainda assim, a mudança exige adaptação — e segredos exigem distância. Quando percebi que precisava me afastar, misturei verdades e mentiras, disse que estava superexcitada e pedi um lugar isolado para me aclimatar aos meus sentidos de Lobisomem. Misery e Lowe não gostaram da ideia de eu deixar o Sudoeste, mas acreditaram na história que eu inventei.

Quer saber quem *não* acreditou? Koen. Por que um cara que conheci dois meses antes era melhor do que meu amigo de longa data em ler minhas besteiras é algo que não pretendo nem pensar.

"Brincadeira sobre o papel higiênico", acrescenta Misery. "Eu sei que vocês se transformam em lobos e lambem a própria bunda."

Ao lado dela, Lowe estremece, mas a puxa para mais perto. Se as coisas derem errado amanhã, hoje, em cinco minutos, pelo menos posso ter certeza de que a pessoa com quem ma is me importo está em excelentes mãos. Estou genuinamente feliz por ela.

Embora talvez um pouco menos quando ela me diz: "Serena, você está péssima". "Sério?", eu franzo a testa. "Ninguém está interessado em poupar meus sentimentos?"

Os "não" de Misery e Koen estão em perfeita harmonia. Ele se senta ao meu lado, perto o suficiente para nossas coxas se tocarem, pernas esticadas sobre a mesa de centro e panturrilhas cruzadas. A imagem do tédio relaxado. "Então", ele começa, "que porra aconteceu, e quem eu mat o?"

Abstenho-me de apontar o óbvio: *Bob, o Vampiro* , e *Você já têm* .

Lowe suspira. "Estamos elaborando uma lista."

"Ótimo." Koen parece pronto para arregaçar as mangas. "Vou ficar com os dez primeiros nomes."

"O que aconteceu na cabana?" Lowe pergunta.

"É, Serena", acrescenta Misery. "Com que força você atacou o cara que tentou te pegar?" Eu congelo, relutante em admitir o quanto sou covarde.

"Ele não vai mais incomodá-la", diz Koen, secamente. "Ela se certificou disso." Definitivamente não é toda a verdade, mas Misery se esquiva e me dá um sorriso orgulhoso e cheio de presas.

“Na verdade”, começo com culpa, “se Koen não estivesse lá— ”

Paro, porque de repente a tela é totalmente tomada por um par de olhos verde-claros penetrantes. Eles piscam para mim enquanto uma vozinha sonolenta pergunta: "Serena, te

contaram que perdi dois dentes?" O ângulo muda, e uma pequena língua entra e sai de uma ampla abertura frontal. Por *muito* mais tempo do que o necessário para uma demonstração.

Ana. Meu coração quase explode de amor por ela. Por algum motivo, minhas mãos começam a tremer. "Não." Tento firmar a voz. "Eles esconderam isso de mim, grosseiramente." "Eu pensei que sim." Ela se afasta, o suficiente para que eu a veja lançar um olhar decepcionado para os adultos atrás dela. "Alguém vai me trazer dinheiro. Uma fada. Uma fada assustadora feita de dentes."

"Já falamos sobre isso, sua peste. A fada *pega* os dentes, mas ela não é feita

de..." Misery acena com a mão. "Sabe de uma coisa? Claro. A maldita fada é feita de esmalte e polpa."

"Ana, está muito cedo para você acordar", diz Lowe, sem soar severo. "Lembra que você prometeu que, depois de cumprimentar a Serena, voltaria para a cama?"

"Certo. Tchau, Serena", ela diz alegremente, parando para beijar o irmão na bochecha e soprar uma framboesa no braço de uma Misery resignada.

Eu a observo desaparecer, tentando não pensar no fato de que existem pessoas por aí qu e estariam dispostas e seriam capazes de machucá-la, até que Koen diz: "Eu pensei que o conselho dos vampiros tivesse concordado em parar de mexer com os lobisomens".

"É uma situação complicada", reconhece Lowe. "Como você sabe, Owen, irmão de Misery, tem tentado consolidar o controle sobre o conselho dos Vampiros e convencê-los a concordar com um tratado de paz trilateral com os Lobisomens e os Humanos."

"Com resultados mistos, dadas as frequentes menções à sua repentina queda de cabelo", Misery nos informa. Não está claro para quem a recapitulação se dirige. Provavelmente para mim, a pessoa mais votada para abandonar a conexão de internet e se esconder no mato.

“Após a entrevista de Serena”, continua Lowe, “a opinião pública humana tornou- se altamente favorável aos lobisomens. Revelar a compatibilidade genética foi uma aposta, e valeu a pena. A aliança que Maddie e eu formamos está mais forte do que nunca. Coexistência pacífica, áreas desmilitarizadas, fronteiras mais flexíveis — nada disso teria sido possível seis meses atrás.”

"E os vampiros estão se sentindo excluídos?" Saul pergunta.

"Os Vampiros foram convidados para o encontro", diz Misery. "Mas, para alianças entre espécies, o conselho precisa de uma maioria qualificada, e alguns membros acham que tudo isso é um truque para enfraquecer sua posição na região sudoeste."

Koen bufa. "Esses vampiros rabugentos realmente acreditam que as outras

espécies pensam tanto neles, hein?"

"Foi exatamente o que *eu* disse", ressalta Misery. Elas trocam um olhar, breve, mas cheio de desprezo. É chocante como elas conseguem... junto. "Basicamente", continua Misery, "alguém no conselho quer acabar com a aliança entre os Lobisomens e os Humanos, e eles colocaram uma recompensa pela cabeça de Serena, e agora qualquer Vampiro que precise de uma fortuna está atrás dela."

"Como a encontraram?", pergunta Koen. "Só Amanda e eu sabíamos a localização dela." "Essa é minha... bem, não sei se alguém diria que é *culpa* , por si só, *mas* ..." Alex pigarreia timidamente, torcendo as mãos. Suspeito que ele ache o Koen normal aterrorizante — e o Koen *raivoso* , horripilante. "Quando dei o telefone via satélite para Serena, eu, hum, gravei com as iniciais dela para, hum, manter um registro", ele finaliza em voz baixa.

"Que meticuloso da sua parte. Por que não adiciona algumas fotos recentes, só para dar um auxílio visual aos sequestradores?"

"Na verdade", Alex engole em seco. "Pode ter havido um."

Deixa pra lá, Alex, *estou* com medo do Koen. Deslizo a mão na perna dele, sentindo a carne quente da coxa através da calça jeans. Seus músculos se contraem, mas relaxam abruptamente. “Sabemos quais membros do conselho definem a recompensa?” pergunto.

Misery balança a cabeça. "Owen tem uma rede de informantes e acha que a Conselheira Selamio ou o Conselheiro Ross podem estar por trás disso. Outros também podem estar envolvidos. De certa forma, não é algo ruim. Se forem pegos participando de algo que possa desencadear uma guerra entre espécies, serão mortos instantaneamente e seus assentos passarão para seus herdeiros. Selamio Jr. e o Bebê Ross são babacas, mas não são burros. Eles sabem que entrar na aliança trilateral seria o melhor."

"Então... por que os pais deles ainda estão vivos?", pergunta Koen. Sua filosofia de liderança parece ser: *se inconveniente, por que não morto?*

"Eles estão escondendo os rastros", admite Lowe, relutante. "Sem provas, Owen não pode fazer acusações."

Koen resmunga, insatisfeito com o conceito de devido processo legal. "O que eles querem com a Serena?"

"Para provar que é uma impostora. Para usar o DNA dela para diluir o poder simbólico de um híbrido Lobisomem-Humano, criando híbridos Lobisomem-Vampiro ou Vampiro- Humano. Quem sabe?" Misery massageia a testa, como se a pura idiotice estivesse lhe dando dor de cabeça. "Mas eles estão dispostos a gastar muito dinheiro para que Serena seja entregue a eles, *viva* , e..." Ela aperta os lábios. Me encara com aqueles olhos lilases que não piscam. "Serena, você acabou de dar de ombros?"

"O quê? Não."

"Ela fez", murmura a ruiva. “Eu também a vi”, diz Jorma. “Sim.” Saul.

"Poderia ter sido um arrepio?", pergunta Amanda.

"Eu... Talvez eu tenha dado de ombros." Olho ao redor, na defensiva. "É, tipo, contra as regras da matilha?"

"É só que, sabe?", Misery gesticula vagamente. "Uma reação estranha quando alguém te diz que há hordas de assassinos com dificuldades financeiras atrás de você."

"Para começar, eles não são assassinos. Eles me querem viva para que possam raspar DNA da parte interna da minha bochecha e usá-lo para criar bebês bananas-lobo. E, sinceramente..." Dou de ombros novamente. *Conscientemente* , dessa vez. "Eu sabia que meu nome estava em um monte de livrinhos pretos. Agora está em mais livrinhos pretos, maiores, mas eu já ultrapassei meus níveis de angústia." Perspectiva é uma droga e tanto. "Está tudo bem, sério", digo a vários pares de olhos cada vez mais compreensivos, orgulhosa da maneira como pareço ter convencido a todos —e então encontro o olhar de Koen.

Que, claramente, nunca encontrou uma mentira minha que não pudesse descascar como milho doce.

" *Estou* preocupado com a Ana", apresso-me a acrescentar, desviando o olhar. "Ela já é um monte de estressores empilhados numa trincheira. casaco. Há um

limite para o número de tentativas de sequestro e assassinato que uma criança pode suportar antes de desenvolver problemas sérios e comportamentos autodestrutivos. Não gostaríamos que ela crescesse e, digamos, fizesse pós-graduação.”

"Não se preocupe", Misery me tranquiliza, "todos os dias eu digo a ela que ficaremos decepcionados com qualquer coisa que não seja uma carreira de DJ".

“Você é um ótimo modelo.”

"Eu sei. Certo, Lowe?"

Lowe parece exausto, como em todos os dias das semanas que passei na casa dele. Em sua defesa, somos *muitos* .

"Como os Vampiros descobriram sobre Ana?", pergunto. "Achei que o status dela como híbrida era estritamente baseado em necessidade de informação."

"É. Até agora, apenas membros de alto escalão do Noroeste e do Sudoeste e o médico dela sabem. E os Vampiros, eles não têm *certeza* ", diz Misery. "Mas eles têm esperança. Coloque- se no lugar deles: alguém está oferecendo uma fortuna em troca de um híbrido. Você é uma aposta certa, mas difícil de rastrear e conhecida por ter se livrado de vários Vampiros. Ana é um a criança. Muito mais fácil de lidar."

"Serena", interrompe Lowe, "o mais importante agora é garantir que você e Ana estejam seguras e fora do radar. Vamos levá-las de volta para o Sudoeste amanhã, e..."

“Mas essa é uma péssima ideia.”

Mais uma vez, todos se voltam para mim. Exceto Koen, que continua olhando para a frente como se... Não consigo me livrar da impressão de que ele sabe o que estou prestes a dizer. "Como?", pergunta Lowe.

"Eles vão voltar para me buscar."

"Eles não vão chegar nem perto de você", murmura Koen, arrogante e um pouco convencido demais. Ninguém mais consegue ouvir, mas minhas bochechas estão

quentes mesmo assim. “Com um incentivo financeiro tão alto, eles não vão desistir.”

"É esse o ponto." Misery me olha como se suspeitasse que meu cérebro caiu em uma fossa séptica. "Eles não vão parar, então precisamos te esconder..."

“Não. Você precisa esconder *Ana* .”

Ela franze a testa. "Ana, sim. *E* você..."

"E *eu* vou ficar tão mal escondido que eles não vão precisar de muito esforço para me encontrar. Vou ficar à vista de todos. Vou ser um alvo tão fácil que nem vai passar pela cabeça deles gastar recursos para localizar outro híbrido." Sorrio. "E quando vierem atrás de mim, vamos usá-los para descobrir quem está por trás da recompensa."

CAPÍTULO 6

Ele vai pegar as mentiras dela e desmascará-las uma por uma. Depois, vai forçá- la a mostrar o que está por baixo.

MUM PLANO PERFEITAMENTE RAZOÁVEL, QUE VISA IMPEDIR o massacre de uma criança muito

fofa que certa vez apontou para um desenho de um antílope e me perguntou se era um "duocórnio", não foi recebido com a mesma admiração.

Os protestos são tão veementes que não consigo deixar de me perguntar se me ouviram mal. Talvez pensem que estou planejando sequestrar um SUV e atropelar a mãe de gatinhos recém - nascidos? Isso explicaria a enxurrada de objeções, que inclui palavras como "inaceitável" (Lowe), "sentença de morte" (Saul), "ideia terrível" (Alex), "deve ser a metade humana falando, porque isso parece loucura" (Amanda) e "isso parece errado em tantos níveis, alguns dos quais devem ser *legais* " (Jorma), além de uma variedade adicional de grunhidos e protestos.

Misery, que está se adaptando um pouco bem demais à função de companheira de um Alfa, me ordena: "Venha para a cama no Sudoeste agora mesmo. *Sem jantar.* "

"Comida errada, Misery. Além disso, não aceito ordens da garota que um dia me deu micose de unha."

"Cale a boca. Reconheça-me como seu Alfa!"

"Querida, já conversamos sobre isso", murmura Lowe, dando um tapinha no joelho. "Não é assim que funciona."

“E tragam-me presentes de ouro, incenso e manteiga de amendoim!”

“Misery, eu vi você jogar meleca nos transeuntes.”

“Eu era uma *criança* .”

“Você tinha *dezessete anos* .”

Mas ela não para de protestar e rosna que eu sou "valioso demais, importante demais, amado demais" para ser usado como isca. Meu Deus. Que momento inconveniente para ela finalmente entrar em contato com suas emoções.

"Não estou com pensamentos suicidas", digo a todos, "nem estou sugerindo que eu entre desarmado na sede dos Vampiros. Podemos combinar com segurança..." Paro para esconder um bocejo na palma da mão, e é então que Koen declara a reunião encerrada e se levanta.

"Vou levá-la para a cama." Isso demonstra sua autoridade, pois nem uma única sobrancelha se levanta.

Meus pés machucados tocam o chão e eu cerro os dentes. Koen imediatamente me pega no colo, um braço forte envolvendo minhas costelas enquanto me pressiona contra o seu lado, com os dedos dos pés balançando a alguns centímetros do chão.

É indigno. E pateticamente condizente com a minha posição na vida.

"Mais uma vez, sou *capaz* de andar", murmuro contra seu ombro. Sua barba eriça a pele macia da minha têmpora, uma sensação delicada, mas agradável. Ele corre muito mais quente do que eu. As maravilhas da genética não se dividem entre espécies com temperaturas de base muito diferentes.

"Ouvi boatos, mas não ousei acreditar." Ele entra pela primeira porta à direita. Ele me arrasta um pouco em seus braços, então ele puxa as cobertas e me deposita em um colchão

macio, entre lençóis com cheiro de lavanda. "Mostre-me amanhã, depois que suas solas estiverem curadas."

"Será a performance da minha vida." Estremeço com o frio repentino e puxo a barra do moletom dele para baixo das minhas coxas nuas.

Sinto, mais uma vez, *algo* sobre Koen. O quão imponente ele é. O tipo de ameaça que colore o ar ao seu redor por quilômetros. Não vem da altura e dos músculos, mas de... outra coisa, algo indefinível com palavras humanas —as únicas que tenho.

Vocabulário. É isso que me impede de entender Koen.

Talvez com o tempo , digo a mim mesmo.

E então responda: *Que horas, Serena?*

"Você entendeu, né? Por que eu quero desviar a atenção da Ana?"

Lá embaixo, ele não disse muita coisa — apenas sentou-se ao meu lado, um centro silencioso e sombrio de energia intensa. Não é que eu queira a aprovação dele, especialmente depois que ele deixou claro que não se importa com a minha. Mas a oposição dos outros ao meu plano não é racional. Vem de algum lugar sensível, bem no fundo de suas entranhas. A miséria me ama, e Lowe também, mesmo que seja apenas por alguma propriedade transitiva conjugal. Estar no comando, porém, significa construir compensações complexas. E Koen não é nada se não estiver *no comando* ...

"Sim. Isto é para você." Ele coloca um telefone via satélite que eu nunca tinha visto antes no criado-mudo e me olha com desaprovação enquanto conecta o carregador na tomada.

Merda. Ele tentou me ligar para me avisar sobre o Bob hoje mais cedo? Nunca vou saber, porque meu celular estava sem bateria e eu o deixei na cabana. Devo reiterar que, de fato, sou capaz de cuidar de aparelhos que funcionam com pilhas? "Obrigada. Por isso."

"Você já me agradeceu, e eu já disse — não sou muito de gratidão. Ou retribua o favor vindo à minha casa e limpando as luminárias, ou cale a boca."

"Não, não se trata de salvar a minha vida." Sento-me sobre os calcanhares. "Obrigada por ficar do meu lado. Sobre a Ana."

"É isso que você quer dizer?", ele zomba. " *Não vou* ficar do seu lado, Serena."

“Lá em baixo, você não se opôs.”

"Eu não me opus porque não *preciso* . É honroso da parte de Lowe e do Vampiro tentarem te convencer a não fazer uma idiotice." Seus olhos penetram os meus e

ele se inclina para a frente, palmas contra o colchão, prendendo minhas coxas. Ele é uma muralha de calor, todo aroma de floresta. Tão perto, eu podia facilmente traçar todas as pequenas cicatrizes em seu rosto. "Vou simplesmente te trancar, matador. Se eu tiver que te acorrentar à porra da minha cama para te manter vivo, não hesitarei."

Recuso-me a me encolher. "Você é mesmo um babaca."

Bem, duh , seu olhar afirma claramente. "Se você gosta de autoimolação e morte, posso facilmente providenciar isso para você. Não precisa envolver outras espécies."

“Isso não é autoimolação. É uma estratégia — colocar-se em perigo para ganhar algo. Agir pelo time. Como Misery fez quando se casou com Lowe.”

Koen arqueia as sobrancelhas. "Aqueles dois estão terrivelmente apaixonados. Seja lá o que ela esteja tomando, *não é* para o time."

Estremeço. "Obrigada por esta imagem mental *altamente perturbadora da minha irmã* ..." "De nada."

— E sim, deu tudo certo, mas ela poderia ter sido mutilada e comida. Ela poderia estar convivendo com as bactérias intestinais do Lowe. Todos nós fazemos sacrifícios. Olha o Lowe — ele tem a minha idade e precisa cuidar de uma matilha inteira. Você tem uns 35 anos, teve muito mais tempo para se acostumar com o seu papel.

Sua expressão se obscurece. "Eu não tenho trinta e cinco anos, Serena."

Enrubesço e observo seu rosto esculpido e complexo. Ele não parece velho, só parece que passou por uma merda. "É tudo..." —levo a mão até o rosto dele, acariciando delicadamente sua barba — "hum, pelos faciais e essas coisas. Envelhece você. Eu poderia aparar seu cabelo, levaria dez minutos, no máximo. Eu costumava fazer isso para a Misery..."

“Tenho trinta e *seis anos* . Ainda mais decrépito do que você pensava.”

"Oh."

"Eu sei. É extremamente perturbador que os Lobisomens tenham permissão para chegar a um estado tão precário."

“Não é isso que eu— ”

“Mas fique tranquilo, assassino, que não estou tão fraco a ponto de não amarrá-lo no meu porão se você se colocar em perigo.”

O problema com o Koen: ele *é* um babaca, mas um babaca razoável. O que significa que quanto mais descontroladas suas ameaças se tornam, menos críveis elas soam. E mais forte é meu impulso de simplesmente rir na cara dele. "Mas e o arco de personagem mártir que eu sempre quis?"

"Não sob minha supervisão. Não no meu território. Não sob minha proteção."

Eu me ajoelho mais para ganhar alguns centímetros. Isso deixa nossos narizes próximos um do outro. "Koen, você sabe que é uma boa ideia."

"Se por boa ideia você quer dizer besteira. O problema com o seu plano, e estou usando essa palavra generosamente, é que *você* não tem os recursos para executá- lo."

"Então *me ajude* ." Tento envolver meu pulso com a mão, mas meus dedos não se encontram. "Você se importa com Ana tanto quanto eu. E se... e se eu ficar no Noroeste? Onde fica seu Covil? Olympia? Me leve para lá. Me exiba por aí. Faremos com que seja tão fácil para os Vampiros me encontrarem que eles nem vão investigar o paradeiro de Ana. Eles virão atrás de mim, suas patrulhas os capturarão e Owen assumirá o controle do conselho. *Por favor.* Pelo menos considere isso."

Ele se endireita abruptamente, libertando-se do meu aperto sem esforço. Um pequeno arrepio percorre minha espinha, e a maneira como ele me olhou antes, o peso de seus olhos no meu corpo nu, tudo me atravessa como um raio. Por um momento, eu estou... Não sei. Ansiosa. Inquieta. Aquecida. Cheia. Vazia. Pesada. Boa, mas ruim. Não sei.

Não *sei* o que sou ou como me sinto, porque meu corpo estúpido não é mais meu, e parece que não há ninguém como eu no mundo inteiro.

"Você precisa de comida", diz ele, indo em direção à porta. "Vou pedir para o Saul trazer algo para você."

Meu estômago revira numa negação veemente e indelicada. "Não estou com fome."

Koen cruza os braços. Me examina como se tivesse um diploma de medicina e eu estivesse fazendo meu check-up anual. "Você também não está com sede. Estranho, para um lobisomem." "Sou apenas metade Lobi."

"Você é." É inquietante, francamente. A maneira como ele enxerga através das camadas de besteira que eu meticulosamente aplico na minha pele todos os dias. "Talvez pudéssemos caçar

juntos. Encontrar alguma caça. Encher essa sua barriga." Seus olhos descem para a minha barriga, e de repente eu sinto calor.

"Eu te disse. Não posso me transformar agora."

"Ah, sim. Esqueci que você... não é muito poderoso." Ele diz isso —*não muito poderoso* — com uma voz grave e rouca, deixando claro que me acha um monte de merda se passando por pessoa. "Lua pequena demais?"

Eu concordo.

"Mal posso esperar pela lua cheia, então. Adoraria ver sua forma de lobo." Ele diz isso sugestivamente, mas não do jeito forçado de um terceiro encontro dando dicas de que está *curioso* sobre a vista do meu apartamento. Isso é uma busca puramente intelectual da parte dele: *Eu adoraria ler aquele artigo sobre microdosagem . Adoraria mergulhar de snorkel no recife de coral, se a oportunidade surgisse. Adoraria te pegar mentindo.* Ainda assim, algo distorcido no meu cérebro registra isso como inapropriado, sujo, perturbador, glorioso e...

Eu vi a forma de lobo de Koen. O pelo preto e brilhante que me lembra seus cabelos. As patas grandes. Aquele tufo branco bem no peito, acima do ponto onde seu coração bate. O tamanho dele. Ele é muito *Koen* em um nível que não consigo descrever em palavras. Ele poderia estar ao lado de uma dúzia de animais idênticos, e eu ainda seria capaz de distingui- lo. Deus, estou prestes a

usar a palavra *aura* ?

"Enquanto isso, vou pedir para Saul trazer comida para você. Já que você parece tão magro." "Eu *não* ."

“Certo. Imagem de saúde.”

Eu sorrio. "Não precisa medir as palavras. Só diga que eu sou feia, chega, e..."

"Serena", ele rosna. Seu olhar, o negro opaco dos seus olhos, é abrasivo. Me arrasta até o esqueleto. "Durma. Quando você acordar, eu te levo de volta para o Sudoeste."

"O quê?" Não. *Não.* É onde Ana está. "Por favor, não. Só pense nisso..."

"Se você continuar mentindo para mim, não poderei te proteger direito. E se eu não puder te proteger, não vou te manter por perto."

"Eu não estou—Qual mentira?"

Ele bufa baixinho. "Você conta *isso* para muitos?"

"Eu...", mexo na manga do meu moletom. "Eu minto muito." "Você não deveria. Dizer a verdade pode ser terapêutico." Estreito os olhos. "Sabe o que mais pode ser terapêutico?" "Me dar um soco nas bolas?"

Era *exatamente* isso que eu ia dizer. "Como você sabia que eu— "

"Você é previsível pra caramba." Ele está indo embora de novo, e eu o odeio. *Tanto* . Principalmente quando não tenho escolha a não ser gritar para ele: "Tudo bem".

Ele não para.

“Eu vou dizer a verdade.”

Continua andando.

Fecho os olhos com força e me forço a admitir.

“Não consigo me transformar há meses.”

CAPÍTULO 7

Não é o único segredo que ela guarda. Nem é o pior. Por enquanto, porém, ele vai jogar. A alternativa é inaceitável.

KOEN LEVA UM TEMPO BEM DOCE PARA SE VIR PARA MIM. SUA SURPRESA com a minha confissão não foi suficiente. "Foi tão difícil assim?"

Cerro o punho. "Já que você obviamente já sabia, por que me fez dizer isso?"

Ouvir você reconhecer verbalmente suas limitações traz sabor e tempero à minha vida. Por que você estava mantendo isso em segredo?

“Eu não sei. Eu... Talvez eu só não quisesse que você me menosprezasse.”

"Eu nunca *deixarei de* te desprezar, principalmente por causa da nossa diferença de altura. Quando isso começou?"

“Há algum tempo.”

“Foi antes ou depois de eu permitir que você ficasse sozinho na cabana— ”

"Você *me permitiu* ?"

“—sob repetidas garantias de que você poderia cuidar de si mesmo, *assassino* ?”
“Eu... Antes. Eu já não conseguia me transformar.”

Seu maxilar treme. "A questão é a seguinte: você não é idiota."

“Uau. Que elogio.”

"Claro. Lembre-se disso quando eu perguntar por que diabos você está agindo como tal. Há quanto tempo?"

"É realmente difícil dizer. Poucos dias depois de me mudar para o Sudoeste?"

"Quantos?"

Tento me lembrar. "Talvez uma semana ou mais? A primeira vez que tentei e não consegui foi no dia seguinte... depois que a Ana voltou." Um dia depois que Koen e eu nos conhecemos. "Também comecei a me sentir mal, e..."

"Sentindo-se mal?"

Diga a ele , eu me ordeno. *Conte a ele. Conte tudo a ele. Isso tornará as coisas muito mais fáceis.*

Mas não seria. Seria incrivelmente egoísta. As coisas seriam mais fáceis para mim e significativamente mais complicadas para todos os outros. "Nada de ruim. Você tem razão, meu apetite está baixo. Náuseas. Problemas para dormir. Um dos médicos do Sudoeste, Dr. Henshaw, disse que é estresse de..." Dou de ombros e sorrio. Artisticamente, se assim posso dizer. Quando se trata do meu passado recente, a proporção entre o que deu errado e o que poderia ter dado errado é tão alta que chega a ser objetivamente engraçado. "Faça a sua escolha. Basicamente, eu só preciso esperar e relaxar. Daí a cabana."

"Você está com dor?"

Balanço a cabeça instintivamente. Sua expressão é tão desconfiada que me encolho. "É mais como desconforto."

Koen não *quer* acreditar, mas é óbvio que não sabe onde está a mentira. "Para alguém que lida com tantos segredos, você é péssimo em guardá- los."

"Vou tentar melhorar, Alfa." Pisco os olhos para ele, o que faz sua carranca se aprofundar dez vezes mais. "Você poderia, por favor, não contar para a Misery e o Lowe?"

"Ah, você também está escondendo coisas deles?"

"Sou um mentiroso que não dá oportunidades iguais. E, falando sério, isso só daria a eles mais uma coisa com que se preocupar, quando Ana deveria ser deles..."

“Prioridade, sim. Você a mencionou.” Meu pescoço esticado chora de gratidão

quando Koen se senta na beirada do colchão. Sua postura é preguiçosa, mas seu olhar permanece atento. "Segundo o costume dos Lobis, não posso esconder isso do Lowe. Ele é o seu Alfa."

"Mas ele está? Eu não fui ao Detran para assinar a papelada..."

"Para o quê, agora?"

—E eu não fiz um juramento de sangue. Você mesmo disse que eu não tenho matilha... "Você não é membro oficial de nenhuma matilha. No entanto, você é filiado ao Sudoeste. A alternativa é que a sociedade lobisomem o trate como um lobisomem rebelde, e você não *quer* isso."

“Eu não entendo, por que isso importa— ”

"Correto. Você *não* entendeu. Alcateias não são famílias extensas e amigáveis, assassino. Para entrar com segurança no território de uma alcateia, você precisa ser afiliado a ela ou a seus aliados."

“E se eu não estiver?”

Ele me lança um olhar inexpressivo que... Certo. Isso foi bem claro. "Posso mudar? Se eu fosse filiado à Northwest, então seria aceitável que Lowe não soubesse, certo?"

me tornaria seu Alfa."

"Você se importaria com isso?"

Ele me encara como se eu estivesse tentando lhe vender um pacote de feijões mágicos. "Só para deixar claro, eu sei que estou sendo manipulado. Só estou permitindo porque adoro tanto a ideia de te dizer o que fazer . "

Não consigo conter o sorriso. "Muito bem. Combinado. Agora que sou oficialmente um Northwesterner— "

"Não é um nome que conhecemos."

“—em nome da confidencialidade dos membros Alfa— ”

“Que não existe.”

— Peço que, por favor, não diga à Miséria que eu... sei lá, estou regredindo ao meu eu humano? Ela já tem muitos motivos para ficar nervosa. — Mordo o lábio inferior por um momento. —Será que... "Então você me acolhe? Isso vai aliviar a pressão do Sudoeste. E... me sinto mais seguro quando estou com você."

Sua língua cutuca a parte interna da bochecha. "Você tem?"

Concordo com a cabeça, me perguntando por que é verdade. Tenho certeza de que Lowe e seus assistentes são igualmente capazes. Eles podem até ter um incentivo maior para me proteger, já que... bem. Lowe nunca sentiu necessidade de me lembrar que a parte dele que importa jamais poderia se interessar por mim. "É. Eu me interesso."

"Que pena. Porque eu não quero que você se sinta segura."

"Você... não?"

Com um olhar penetrante, ele se inclina na minha direção, cheio de algo cruel que não consigo nomear. "Quero que você se apavore de medo, Serena. Quero que você morra de medo de mim, que nem pense em não fazer o que eu digo. Quero que você sinta como se sua garganta

macia estivesse em minhas mãos, e quero que você tenha tanto medo de que eu a rasgue que, quando eu disser para você fazer algo para sua própria segurança, você não pense em dizer nada além de 'Sim, Alfa'."

As últimas palavras são sussurradas a poucos centímetros do meu rosto, o sopro de sua respiração quente contra minha bochecha, e a questão é: ele *é* assustador. Ele *poderia* me abrir como uma romã madura demais. E ele é definitivamente capaz de me forçar a fazer o que quiser. Já vi o jeito como até mesmo seus segundos o olham, amor, confiança e respeito misturados com circunspecção. Ouvi Lowe e Misery sussurrarem suas preocupações. Sei que há um toque de imprevisibilidade em Koen.

E, no entanto, a única resposta que consigo dar às suas ameaças é um pequeno sorriso de desculpas.

Ele não me pediu para ser sua companheira. Eu não pedi para ser uma híbrida. E, no entanto, aqui estamos nós dois.

Não consigo me conter. Levanto a mão e, com as costas dos dedos, acaricio a pele da sua bochecha. É um toque muito leve, quase nada. Mas ele envia correntes trêmulas pelo meu braço, clamando por mais.

Os músculos de Koen ficam tensos, e ele se encolhe ao meu toque. Revirando os olhos, ele se afasta de mim, e o frio volta a invadir meus ossos.

"Você é um grande incômodo", ele murmura, quase suavemente. "Eu sei." Aperto os lábios. "Obrigada novamente por— " “Serena.”

“Eu sei, mas tenho que dizer, e— ”

"Basta cobrir os canteiros de rosas do Saul e podemos ficar quites." Ele gira nos calcanhares. Ele vai embora?

"Você vai dormir?", pergunto para ele.

"Depois que eu terminar." Ele não especifica com o quê.

“Onde você vai dormir?”

“Há meia dúzia de camas nesta cabana.”

Que resposta sem graça. E além de *"obrigado"* , ele também não deve ser muito fã de *"boa noite"* , porque ele abre a porta e...

"Koen?"

Ele para. Vira-se para mim com uma expressão que é ao mesmo tempo paciente, insultuosa e desdenhosa. O *Alfa por excelência tem* cara de quem tem coisas para fazer.

"Só..." Engulo em seco. "A coisa do companheiro."

Seu rosto não se move um milímetro. Sua predestinação biológica de querer

sexo comigo parece interessá-lo menos do que o sabor de iogurte favorito da faixa etária de 15 a 21 anos.

“O resto do seu bando, eles sabem?”

Ele dá de ombros, com um ombro só. Sério, ele não dá a mínima para as coisas em que passo as noites pensando demais. "Todo mundo dá."

“Você não... Não é segredo?”

"Nós garantimos que todos os Lobis soubessem, Serena."

"Ah. Por quê?"

“Nenhum Lobi sensato tocará em você se achar que você é importante para mim .” Se eles *pensam* .

Coço a nuca. "Eles acham que nós...?"

“Não. Nós deixamos isso claro também.”

"Então eles sabem que eu sou seu companheiro, mas não estamos juntos?"

"Correto."

“E isso não te incomoda?”

"Por que isso aconteceria?"

"Não sei. Só... o Alfa malvado. O chefe de todo mundo. Achei que você talvez quisesse..." "Me poupar da humilhação de ter sido rejeitado?" Ele solta uma risada. "Serena, há coisas muito piores do que isso."

Existem? Não tenho tanta certeza. O bom e o ruim da minha vida estão fortemente correlacionados com a sensação de ser desejado — ou não. Mas Koen não é um órfão humano, muito menos alguém cuja fama se deve à sua inutilidade na terapia por causa de um caso grave de amnésia infantil.

Goste de mim ou não. Eu realmente não dou a mínima.

Meu Deus, quantas vezes preciso fazer com que ele me diga antes de transformar isso em uma lembrança duradoura? "Desculpe. Não sei por que perguntei. Só estou cansada."

"Certo. Se ao menos você tivesse uma cama para dormir."

O sarcasmo dele é uma descarga elétrica. "Eu te odeio", digo suavemente.

"Você precisa que eu verifique se há monstros no armário?"

“Não.” Eu já sei onde eles estão.

"Um copo d'água? Escovar o cabelo cem vezes? O maldito penico?"

Deixo escapar uma risadinha e balanço a cabeça, e antes que eu possa forçar meu "boa noite" nele, Koen já foi embora.

Meu coração parece um buraco. Ignoro, passo cinco minutos socando meus travesseiros para dar forma e acabo dormindo profundamente.

COMEÇA COMO SEMPRE. OU SEJA, BEM O SUFICIENTE.

Eu me pergunto quão universal é a verdade de que quanto mais nos aproximamos do fim, mais mundanas nossas atividades oníricas se tornam. Os meus costumavam ser ridículos, igualmente divertidos e horripilantes, mas ultimamente eles são sobre apenas uma coisa: sexo. Parece tão... pouco ambicioso. Eu poderia estar sonhando com castelos, ou veados com chifres de gelatina, ou pizzas no céu. Em vez disso, é tudo trabalho — palmas ásperas em volta do meu joelho e pele nua e escorregadia de suor. Aromas de fora. Calor pegajoso, gotejante e nebuloso. Mordidas em músculos inflexíveis. Murmúrios ondulantes, sussurros de algo escuro e bom que nunca consigo entender, e risos pressionando minha garganta. Bochechas vermelhas, um rubor oliva quente, toques pesados e persistentes, dores que não machucam. Contrações de prazer, um aperto de dedos brancos, o pulso de algo faminto e necessitado. Um soluço. Uma inspiração aguda. Graves graves, vibrando através de mim. Uma expiração silenciosa. Forte e suave, engolidas abafadas, um ritmo desleixado e preguiçoso.

Nem é *sexo* . Pelo menos, não até onde eu sei. Apenas os componentes, os

pedaços e não o todo, entulham minha mente, ocupam cada canto. Como eu disse, é bom o suficiente — até eu acordar.

Um gemido agonizante escapa da minha garganta e pressiono a palma da mão na boca.

Não perco tempo. Já sei que não adianta esperar que a dor lancinante diminua. Minha temperatura aumentaria ainda mais, e o calor provavelmente me mataria. Agarrando a beirada do

colchão, consigo rolar para fora da cama e me arrastar até o banheiro. Quando me transformo em um monte de suor, lágrimas e calafrios no tapete macio do chuveiro, é aí que a diversão começa. Algumas noites, eu só lido com a febre. Em outras — cada vez mais frequentes — meu

estômago exige o que merece. Felizmente, quando a primeira crise sai, estou bem ao lado do vaso sanitário. Cheira a ácido, vômito e podridão, e engasgo ainda mais, mas depois que isso passa, a dor diminui por tempo suficiente para eu recuperar o fôlego.

Então me concentro no problema *real* : estou prestes a explodir em chamas.

Pode ser exagero — ou não. Meus órgãos vão derreter pelos meus orifícios se eu pular o próximo passo? É a mesma sensação. Então, me acotovelei na banheira e abri a torneira de água fria .

O primeiro respingo frio na minha pele escaldante sempre me faz suspirar de alívio, mas dura absurdamente pouco. Mas vai melhorar. Quando estiver com água até o pescoço, vou parar de me sentir como se um pequeno mamífero violento tivesse rastejado para dentro do meu abdômen e estivesse roendo minha carne enquanto cospe fogo. Por enquanto, porém, meu coração martela contra as costelas, meu corpo se arqueia e se contrai, e engulo a dor de cem ossos se desintegrando.

E como é tudo o que posso fazer, sento, enterro o rosto nos joelhos e espero.

CAPÍTULO 8

Ela liga para ele do nada. Ele não salvou o número dela, mas está gravado em

sua pele. "Preciso de um favor."

"Um favor. E eu..." Ele para e cobre brevemente o microfone do telefone com a palma da mão para dizer a Jorma que sim, ele assinou o que quer que estivesse em sua mesa esta manhã. "Eu sou o seu favor, cara, agora?"

"Hum. Você quer ser?"

“Não. Eu não gosto de fazer coisas boas para as pessoas.”

A risada baixa dela faz o corpo dele reagir . *"A questão é... quando Ana estava sendo atacada, Lowe disse que você a escondeu."*

"Eu fiz."

Ela molha os lábios. Ele consegue ouvir. "Ele disse que o Noroeste é o melhor lugar para desaparecer."

Uma pausa. "Tem alguém atrás de você?"

"Não, não. Nada disso. É mais como... eu realmente preciso de uma pausa."

Dois meses antes,

território do sudoeste

KÉ DESAPONTADOR COMO HÁ POUCA DIFERENÇA ENTRE OS CONSULTÓRIOS MÉDICOS DE HUMANOS E DE HOMENS.

Eu provavelmente deveria saber. Quando perguntei a Lowe se o Sudoeste tinha *um, hum, curandeiro holístico que eu pudesse consultar, ou algo assim ,* ele olhou para mim com a expressão em repouso. *Devo ter caído... Chutei muitos cachorrinhos na minha vida passada para merecer essa* cara, e disse: " *Nós merecemos. Nós os chamamos de doutores. Eles têm diplomas e coisas assim."*

Claramente, o problema aqui *sou eu* . A primeira vez que Misery me trouxe ao território dos Vampiros, eu esperava capas com golas eretas, veludo escarlate e uma coleção de morcegos mexicanos de cauda livre, distantes e distantes. Em vez disso, encontrei prédios comerciais e caras do mercado financeiro de terno,

lotando os elevadores e gritando ao celular como se suas vidas dependessem de criptomoedas. Até Owen, o gêmeo de Misery, parecia menos um descendente demoníaco das trevas e mais um babaca perdido e indolente com problemas com o pai.

Por outro lado, minha impressão dele pode ser influenciada pelo fato de que ele me deu em cima incansavelmente, desde o momento em que entrei no Ninho até o segundo em que saí. Nunca contei para a Miséria, e vou levar isso para a minha cova rasa.

Muito em breve, aparentemente.

O consultório do Dr. Henshaw, tragicamente, é uma nova adição em uma longa lista de expectativas não atendidas. A placa na porta seguida por um médico completo? A ausência de uma arte conceitual de vetor de evolução em que um *Australopithecus* transita para humano e depois para lobo? Nenhuma pinça assustadora? Lenços desinfetantes com *o mesmo cheiro* dos que usei no meu apartamento?

Como eu disse: decepcionante. O cenário *e* as notícias.

"Serena", ele chama. É um homem mais velho, gentil e bom no que faz. Meus problemas o deixam perplexo e desafiam sua autopercepção, o que explica metade da urgência em seu tom. A outra metade... Não deve ser fácil transmitir o tipo de informação que ele acabou de transmitir. "Não se preocupe. Não é culpa sua", digo, saltando da mesa de exame com um sorriso. Enfio a blusa de volta na calça jeans. O mais estranho é que, em termos de dias, eu estava tendo um *ótimo* dia. Hoje não vomitei. Não desmaiei. Não senti como se todas as minhas mucosas estivessem encharcadas de ácido muriático. *Será que é meu aniversário, porra?,* pensei enquanto vinha para cá.

Alerta de spoiler: não é. "Por favor, não se sinta mal com isso", eu o tranquilizo. "Está tudo bem."

"Serena, eu não..." Ele faz uma pausa para alisar a espessa barba grisalha. "Como eu disse, o distúrbio do pico de cortisol é uma doença muito comum entre os lobisomens e uma das principais causas de morte."

"Mas é muito incomum que um Lobi tão jovem quanto eu tenha DAC. Não estou

respondendo ao tratamento e minha condição está piorando mais rápido do que você já viu." Sorrio para mostrar a ele que sim, eu estava ouvindo.

Quando procurei o Dr. Henshaw pela primeira vez, meu maior medo era que ele me dissess e que minha estranha biologia híbrida era um mistério médico demais para me dar um diagnóstico. Nunca me ocorreu que minha doença pudesse ser fácil de identificar, mas intratável.

Para seu crédito, o Dr. Henshaw fez tudo o que pôde. Consultou vários colega s. Compartilhou meus exames laboratoriais anônimos com especialistas. Compartilhava anotações, pedia conselhos e solicitava exames adicionais em nome deles.

E hoje... Bem. Hoje.

Mesmo que eu não possa fazer muito por você, ainda há adaptações a serem feitas. Você precisará de cuidados paliativos para tratar seus sintomas. Podemos e devemos envolver sua família e seus amigos mais próximos, como Lowe e o Vampiro, e dar a eles o máximo de tempo possível com você.

"Está tudo bem", eu digo. Eu me sinto... não, *estou* calma. Não que eu já tenha sido uma pessoa dramática, apesar das acusações da Misery de que sou "gravemente instável" por chorar por causa de vídeos de cachorros se reencontrando com seus donos. A facilidade com que estou digerindo a notícia de que estou prestes a virar comida de larva é quase mais inquietante do que a própria informação. "Prefiro não contar a ninguém."

Seus olhos se arregalam. "Lowe é meu Alfa. Sinto-me desconfortável, escondendo informações que..."

“Sinto muito pelo seu desconforto”, interrompo. Gentil *e* firme. “Mas antes de entrar nesta sala pela primeira vez, eu certificou-se de que você não era obrigado a relatar suas descobertas para Lowe, e você disse— ”

"Só se ameaçassem a segurança da matilha." A expressão entre as sobrancelhas se aprofunda, como se ele estivesse procurando uma brecha. "Serena, quase todas as pessoas com TSC apresentam episódios agressivos à medida que a doença progride. Você já teve apagões e sonambulismo. Outro dia, você disse que se agarrou à cabeceira da cama durante a noite..." "Prometo, não preciso de

recapitulação." Tento dar um sorriso divertido para suavizar minhas palavras. Nós dois estivemos aqui pelos últimos dois meses, tentando pílulas, injetáveis e até pequenas cirurgias. Mas eu piorei constantemente, e o Dr. Henshaw, equilibrado, disse: "

Ainda não encontramos o tratamento certo", e se tornou um " *Você não está respondendo tão bem quanto eu esperava" ,* e então se desfez em carrancas que interpretei como *"O que diabos há de errado com seu corpo?".*

Então, hoje, ele disse sombriamente: *Meus colegas e eu concordamos que seu corpo não consegue sustentar esse nível de desequilíbrio adrenal por muito mais tempo. Simplesmente não é compatível com a vida, tanto do ponto de vista fisiológico de um Lobisomem quanto de um Humano. E a taxa de seu declínio...*

Tudo bem. Tentamos. Não deu certo. Mas a vida é assim: às vezes você ganha, às vezes você perde —e nesse caso, vira morte.

“Quanto tempo?” pergunto a ele.

Ele não hesita. "De três a seis meses."

Certo. Tudo bem. Isso é... Eu posso trabalhar com isso.

"Não tenho palavras para agradecer", digo com sinceridade. Talvez, depois de trilhar meu caminho para pastos mais verdes, este possa ser o meu legado. Gratidão. Não seria bom ser lembrada como a híbrida que não pediu para ver o gerente quando as coisas não saíram como ela queria? "Você fez tanto por mim. Eu escreveria uma avaliação positiva online, mas não tenho certeza se *tentar consertar uma híbrida* te mataria, então."

Serena, eu recomendo fortemente que você compartilhe o que está acontecendo com Lowe. No mínimo, porque você pode facilmente machucar alguém durante um episódio. Você também mora com Ana, que...

"Eu *nunca* ..." Paro e me forço a não agir na defensiva, porque ele não está errado. Se eu triturasse um pedaço de madeira dormindo sem perceber, o que me impediria de triturar... "Você tem razão." Fico na ponta dos pés para pegar minha jaqueta. "A matilha *corre* risco comigo por perto. Mas há maneiras de lidar com isso."

"Como?"

"Eu poderia pedir um pouco de isolamento. A miséria sabe que estou sobrecarregada." "O Vampiro não vai gostar."

"Ela está acostumada com as coisas não dando certo. Ela é uma devoradora de pílulas amarga, com grande habilidade e experiência."

"Ela não concordou em se casar com Lowe para *te encontrar* ?" O Dr. Henshaw inclina a cabeça. "E você planeja deixá-la com uma mentira?"

"Se eu acho que seria melhor para ela? Sim." Tenho me esforçado muito nas últimas semanas para esconder minha condição das pessoas com quem convivo. Não pretendo pa rar agora. "Mas é uma bela viagem de culpa."

“Valeu a pena tentar.”

Sorrio para ele, imaginando quando vai cair a ficha de que estou prestes a morrer. Os átomos que me compõem serão comidos por vermes, se transformarão em fungos e serão redistribuídos pelo universo. Por que me sinto tão pequena? "Meus registros médicos ao longo dos anos, aqueles que te dei. Você ainda os tem?"

Ele concorda.

"Depois que eu... Sinta-se à vontade para fazer cópias e compartilhá-las com quem quiser — elas serão úteis quando Ana crescer e..." Minha voz falha. Na última década, recusei-me a deixar que minhas circunstâncias me definissem. Que se dane ser órfão, ou pobre, ou... A dama de companhia de Collateral. Foda-se ser vítima. Foda-se olhar para o meu próprio umbigo e chafurdar na minha miséria.

E então conheci Ana. Que é órfã e híbrida. Ela é tudo o que eu costumava ser. E a compaixão que nunca consegui demonstrar a mim mesma *transborda* sempre que penso nela. Quem quiser machucá-la terá que rastejar sobre meu cadáver frio e em decomposição. Literalmente, talvez.

"A minha é uma doença de Lobisomem e provavelmente não tem nada a ver com

o fato de eu ser híbrido", digo ao médico. "Mas meu histórico médico pode ajudar, caso Ana tenha algum problema, e... eu já te disse que ficaria feliz em doar meu corpo, certo? Certifique-se de, hum, me dissecar e tudo mais. Para aprender."

"Serena." Os olhos claros do Dr. Henshaw perscrutam os meus. "Você não deve abrir mão dos cuidados paliativos."

"Se a dor ficar muito forte, eu volto para você. Mas você sabe que fui vigiada a vida toda, tudo por causa da minha biologia. Algo que aconteceu antes mesmo de eu nascer ditou as últimas duas décadas da minha vida, e... Acho que, se você tentar entender, talvez consiga entender que eu prefiro não passar os últimos meses da minha vida sendo cutucada e cutucada. Eu só quero *ser* , pelo menos uma vez."

“Você não quer passar um tempo com sua irmã?”

"Não se essa doença me transformar em uma pessoa diferente. A miséria e eu ficamos sozinhos por tanto tempo. Há mais ou menos um ano, quando percebi que havia algo errado comigo, fiquei com medo de que, se eu desaparecesse, isso a destruiria. E a questão é... isso vai acontecer, quando acontecer. Mas ela tem pessoas que a ajudarão a juntar os cacos agora." Eu sorrio. É sincero. "Esse é o maior presente que eu poderia pedir."

Envolvo minha mão na maçaneta da porta, pronto para sair, quando o Dr. Henshaw pergunta: "E o Northwest Alpha?"

Uma batida. "E ele?"

"Você não é companheira dele?"

Olho para ele por cima do ombro. "Ele não vai se importar. É só... são só hormônios. Sexo." O médico inclina a cabeça. "Duvido muito que isso seja verdade."

"Koen é um homem adulto. Eu..." Pisco, sentindo uma explosão de raiva. Não posso me preocupar com Koen. Preciso garantir que Misery e Ana estejam seguras e bem cuidadas, e... Será que o Dr. Henshaw não entende? "Ele aguenta querer transar com alguém e ouvir um não", digo, com a voz ácida de

preocupação e algo que parece muito com arrependimento. "Se ele não consegue, o problema é dele."

Saio, fingindo não ouvir o Dr. Henshaw me dizer que, se essa é a impressão que tenho, ou me mentiram, ou estou mentindo para mim mesmo.

CAPÍTULO 9

A única pergunta de Jerzy é: "Você tem certeza?"

Ele balança a cabeça, porque não, claro que não é.

“Espero estar errado sobre ela.”

"E se não estiver?", pergunta Karolina.

Não muda nada.

Dias de hoje

EUÀ TARDE, DESÇO AS ESCADAS MANCALANDO, VESTINDO UM SUÉTER GROSSO e uma

calça de moletom arregaçada que pertencem a alguém muito mais talentoso verticalmente do que eu. Minha dor de cabeça lateja no céu da boca. Sinto- me completamente machucado. Seja por brincar de esconde-esconde com Bob, o Vampiro, por dormir em uma cama de cerâmica ou pela simples maldição de viver no meu imprevisível saco de carne, não tenho a mínima ideia.

Olhe para mim. Mimado pela escolha.

"Qual é o seu estimulante matinal preferido?", pergunta Amanda com um sorriso largo quando chego à cozinha depois de andar um pouco. "Café? Chá? Metanfetamina?"

Levanto as sobrancelhas. "Essa é uma opção comum de café da manhã em pousadas Were?" “Eu poderia sintetizar algumas coisas bem rápido.”

Ela está brincando, eu acho. Não tenho certeza. Diante de provas da existência

de coisas como parceiros biológicos obrigatórios, híbridos e a legalidade de concursos de beleza infantil, é difícil descartar... qualquer coisa. Estou a uma toca de coelho da internet de me tornar um Terrano. "Estou bem, obrigado. Tentando evitar estimulantes." Para onde foi o Koen? Acordei *profundamente* consciente de que ele não estava por perto — nem em casa, nem vagando pela floresta lá fora, nem em lugar nenhum por perto. Eu diria que o rastreamento por GPS é um superpoder dos Lobis, mas o meu não se estende a ninguém além dele.

“Estou batendo papo com alguns dos líderes do grupo.”

Você não é um líder de grupo?"

"Eu? Ah, porque sou auxiliar? Não. Mas é assim que funciona na matilha do Lowe, certo?" "Acho que sim." Sento-me e abraço as pernas contra o peito. A temperatura está fria, embora não se possa adivinhar pelo short e pela regata da Amanda. Claramente, uma de nós é uma lobisomem de verdade. A maneira mais fácil do mundo *de encontrar o intruso* . "Como vocês fazem as coisas?", pergunto, e então apresso-me a acrescentar: "Se me permitem, podem me contar."

"Claro que sim. Você é uma de nós." Ela estende a mão sobre a mesa, cobrindo brevemente minha mão com a dela. Sua pele contra a minha parece tão intensamente *errada* que tudo o que consigo fazer é me conter de repulsa — uma reação totalmente apropriada a um gesto gentil. Nunca fui particularmente ativa, mas essa coisa hormonal está me deixando tão evasiva quanto a Misery. "Nossa matilha é dividida em grupos geográficos, assim como o Sudoeste. Mas ser líder de grupo não significa se tornar um dos padrinhos do Koen."

“Então, os segundos são eleitos separadamente?”

"Eleita. Ha." Ela dá um tapa na mesa. "Somos os segundos porque o Koen quer, ponto final. Fazemos as coisas um pouco diferentes aqui. Menos democracia e mais... despotismo?" Seu sorriso é desavergonhado. "O Noroeste é composto por cinco grupos periféricos e um núcleo. Os cinco líderes dos grupos formam a Assembleia, que é uma espécie de conselho. Eles trazem as necessidades de seus territórios para o Alfa, o aconselham. O mantêm sob controle. Esse tipo de coisa."

“Se você tem a assembleia, por que ainda tolera um Alfa?”

Ela ri baixinho. "Não somos humanos, Serena. Somos biologicamente programados para nos unirmos em torno de uma figura digna." Ela inclina a cabeça para mim. "Você é um Lobisomem. Não um completo, talvez, mas você também sente isso, não é? A importância que Koen tem como símbolo. Unidade. Força. Segurança. Acho que é como fé, de certa forma, mas também não é, e..." Ela solta uma risadinha. "Não sei como explicar, mas você entende, né?" Não sei se entendo. Não do jeito que ela gostaria que eu entendesse, pelo menos. Concordo com a cabeça mesmo assim, e ela parece satisfeita. "Koen vai voltar logo. Ele só precisava discutir uma... situação."

Enfio as mãos nas mangas. "Será que *sou eu* quem está nessa situação?"

"Não."

"Ah." Um calor sobe pelas minhas bochechas. "Prometo que não vou viver acreditando que sou o centro do universo."

"Você meio que está, no momento. Sinceramente, se eu fosse sequestrado e caçado no ritmo que você está sendo, eu presumiria o mesmo. Mas isso é outra coisa —espero que não seja nada com que se preocupar."

Como a grande maioria dos humanos, cresci desconfiando que, se conhecesse um lobisomem, seria espetado num kebab antes mesmo de poder perguntar educadamente sobre seus costumes e tradições. A maioria das informações publicamente disponíveis sobre eles eram especulações, muitas vezes contraditórias, sempre incompletas. Eu entendo, lobisomens não querem que outras espécies saibam de seus negócios — inimigos jurados e tudo mais. Ainda assim, era *muito* inconveniente para mim. Quando percebi que era um deles, o sigilo deles tornou impossível prever qual seria sua reação a um híbrido, e foi isso que me impediu de pedir ajuda. Mas mesmo nos meus dias mais difíceis, quando meu corpo me arranhava com necessidades que eu não conseguia decifrar e eu contemplava entrar no território de uma matilha, acenando uma bandeira branca e deixando as fichas caírem onde caíssem, eu nunca, nem *uma vez* , considerei me aproximar do Noroeste.

De todas as matilhas do continente norte-americano, elas são as menos propensas a conflitos, principalmente porque seu território não faz fronteira com

o dos Vampiros. No entanto, são cercadas por vários assentamentos humanos e, embora não organizem exatamente festas de rua mensais, não consegui encontrar nenhuma indicação de que suas fronteiras tenham sido historicamente tão controversas quanto as entre o Sudoeste e os Humanos. A matilha do Noroeste aperfeiçoou a arte de, como diria Koen, cuidar da própria vida.

E, no entanto, qualquer menção a eles induz à discussão. Nos humanos e em sua própria e spécie.

É a política de zero strike , Alex me contou enquanto eu estava hospedada na Misery's. Ela e Lowe frequentemente desapareciam para fazer coisas de recém-casados que, na minha humilde experiência, não deveriam levar mais de quinze minutos. Alex me notou vagando distraidamente

pelo jardim e gentilmente me acolheu para algumas aulas de história. *Eles não toleram nenhuma invasão.*

Isso não é verdade para todos os pacotes?

A maioria das matilhas matará os intrusos e encerrará o dia. Eles não cercarão seus perímetros com cadáveres empalados verticalmente.

Uma longa pausa. *Empalado em...? Ah, sabe? Só suas apostas normais? Por que eles fariam isso?*

Para lembrar aos vizinhos a localização exata de suas fronteiras. Ele parecia tão enjoado quanto eu. *Você tem que admitir, a lógica de Koen é sólid a.*

acho que não preciso .

De qualquer forma, eles odeiam a igualdade de oportunidades. Fizeram isso com os humanos, mas também com as matilhas do Canadá e do Centro-Oeste. Então ninguém mais se mete com eles.

Que bom descobrir que o cara que me disse que eu era sua companheira estava feliz com o empalamento. *Koen e Lowe são aliados* , eu disse. Para me acalmar.

Sim. O Norte e o Sudoeste nunca foram inimigos, mas se tornaram aliados próximos porque a tia de Koen era companheira de Roscoe, nosso antigo Alfa.

Quando Lowe fez doze anos e começou a se sentir Alfa demais para Roscoe, Roscoe o enviou para o Noroeste. Um acordo do tipo exílio em tudo, menos no nome.

E Koen o acolheu?

Sim. Basicamente, ele o criou. Dizem que Koen não queria bancar o babá, mas era óbvi o que Lowe um dia seria o Alfa, e ele não podia deixá-lo ficar muito ferrado. Alex riu, mas eu não tinha tanta certeza de que Koen estivesse brincando.

Mas eles são diferentes , pensei. *Lowe é muito mais sobre diplomacia e menos sobre... empalamento.*

Sim, são. Mas eu estive no Noroeste por vários meses, alguns verões atrás, fazendo um trabalho de TI. Entendo por que Koen é considerado um ótimo Alfa.

Por quem?, perguntei, cético. *Ele mesmo?* Era importante para mim que Koen Alexander fosse um... homem medíocre, Lobisomem, Alfa. Meu orgulho e meu respeito próprio estavam em jogo.

Todo mundo, na verdade. Ele reuniu o Noroeste depois que a matilha se dividiu em diferentes facções. De repente, pude ver os leves tons esverdeados da pele de Alex. Ele cheirava a calor, nervosismo e... medo? *Aliás, ouvi falar da coisa do companheiro.*

Ah. É. Que direção infeliz para esse bate- papo.

E... você sabe que na primeira semana que você esteve aqui, eu meio que te convidei para sair?

Sim. Nos meus sonhos, eu batia violentamente meu crânio contra a parede.

Você disse que não. E está tudo bem. Mas seria possível para você... Respira fundo. *Nunca, jamais,* jamais *mencionar isso ao Koen?*

Ah. *Alex, Koen e eu não somos...*

E se você mencionar isso a ele, poderia me avisar? Para que eu possa, sabe,

queimar minhas impressões digitais com o modelador de cachos da minha irmã e ir para a clandestinidade e talvez comprar alguns documentos falsos...

Eu poderia fazer uma orgia no quintal do Koen, e ele não daria a mínima. E... eu gostava do Alex. Ele era, na maioria dos dias, a pessoa mais inteligente da sala. Ele me lembrava do tipo de cara que eu costumava namorar — simpático, gentil, fofo. E a ideia de tocá-lo fazia meu estômago revirar e minhas entranhas apodrecerem. *Desculpe por ter dito não, mas você não quer ficar com alguém que nem sabe qual caixa de espécie marcar no formulário do censo.*

"Há algum conflito?", pergunto a Amanda agora. "Entre Koen e os líderes do grupo?"

"Não. Ou não mais do que o normal. Koen adora irritar as pessoas — é o seu passatempo principal."

"É aceitável dizer isso sobre o seu Alfa?"

"Se for verdade. O que é mesmo." Ela sorri e gira os ombros, arqueando-se em um alongamento. Não consigo conter o arquejo quando meus olhos tropeçam em suas unhas, alongadas como armas afiadas e letais. Quando ela boceja, seus caninos não estão mais cegos. "Ah, merda." Ela ri e imediatamente volta atrás. "Faz meses que não estou na forma humana há mais de um dia. Não estou acostumada, eu acho."

Ana me contou algo parecido. " *Quando eu estava no norte, o tio Koen passou quatro dias na forma de lobo e* nunca mais *voltou* ", disse ela, soando com a mesma mistura de excitação e escândalo de quando eu lhe expliquei que não, Sparkles não teria gatinhos, porque seus testículos estavam em algum lugar no fundo da composteira de um veterinário. Descansem em paz, Sparkles Jr. e Sparklette. *E era lua* nova *! Tão legal!*

Aqui, o lobo é o padrão. A forma humana está em algum lugar entre um incômodo inevitável e uma restrição embaraçosa que afeta apenas os Lobis menos dominantes. "Sinta-se à vontade para mudar", digo a Amanda com um sorriso.

"Por que não vamos correr juntos?" Meu estômago embrulha. "Eu..." “Espere, você tem essa ligação, certo?” "Que chamada?"

"A geneticista do Sudoeste. Juno? Ela tem algo a compartilhar, mas Koen queria que eu te lembrasse que você não precisa falar com ela se preferir. Vamos brincar na lama?", pergunta Amanda, esperançosa, e por mais que eu queira pouco discutir genética...

Respiro fundo. "Na verdade, estou *louca* para colocar o papo em dia com a Juno."

UM ENCONTRO COM JUNO, O GENETICISTA — UMA LINDA ALITERAÇÃO — só pode significar uma coisa: ela inseriu minha amostra de DNA em uma Grande Máquina Científica, e a Grande Máquina Científica cuspiu informações sobre meus parentes sanguíneos.

Durante toda a minha vida, senti-me ambivalente em relação a aprender qualquer coisa sobre os meus pais. Não é a atitude típica de um órfão —embora talvez seja? Tenho a certeza de que alguns de nós procuram descobrir o nosso passado para definir melhor o nosso futuro e toda essa coisa da terapia, enquanto outros são tão blasé como eu. Crianças criadas como eu desenvolvem um tipo único de pragmatismo, nascido da consciência de que nada nos servirá de escudo para a realidade. No meu dia de carreira na segunda série, quando disse a um professor que queria ser jornalista, e ele riu, dizendo que era mais provável que eu fosse encontrado morto numa vala aos dezoito anos, nenhuma mãe helicóptero apareceu para ter uma conversa séria com o diretor. Quando a cantina nos serviu frango estragado e o dormitório parecia uma piscina de água com vómitos em projécteis, nenhum pai amoroso garantiu que nos mantivéssemos

hidratados. Quando o enfermeiro assustador com o condenações criminais facilmen te descobertas insistiram em nos observar mudar depois da Educação Física, nenhum agente de condicional veio prendê- lo.

Tínhamos que cuidar de nós mesmos, e assim fizemos. Claro, havia um certo pesar pelas nossas famílias perdidas, mas manter uma ideia, assim como guardar rancor, consome uma quantidade considerável de energia, que poderia ser usada para... bem, intimidar outros órfãos, na minha experiência nada incomum. Se Ruth, do orfanato, tivesse tido mais contato com suas emoções, talvez não tivesse me obrigado a beber água de privada por me recusar a abrir mão do meu sanduíche.

Então, não passei a vida procurando meus pais, porque há pouco espaço para que isso se resolva de forma satisfatória. Ou eles queriam se livrar de mim (trágico, comovente, o tipo de trauma que prospera) ou foram forçados a isso (trágico, comovente, o tipo de trauma que prospera). Nenhuma das opções tem um final feliz. Claro, há espaço para variações nos níveis de rejeição, autoaversão e *mal-estar geral* que vivenciarei à medida que minha história se desenrola. Mas, a menos que o relatório de Juno venha com uma máquina do tempo e uma refilmagem em que mamãe, papai, Fido, o goldendoodle, e eu façamos uma cerca no subúrbio — e talvez eu consiga cuspir no café da Ruth só uma vez —, duvido que algo de bom venha disso.

Ignorância, felicidade, esse tipo de coisa.

E , *no entanto* , há cerca de dois meses, depois de ouvir meu prognóstico do Dr. Henshaw, decidi não voltar para casa, para Misery, imediatamente. Em vez disso, passei na casa de Juno. E disse a ela que, finalmente, eu estava pronto para que ela comparasse meu DNA com os bancos de dados disponíveis, para ver se conseguia encontrar algum parente meu.

Talvez a lembrança da minha própria mortalidade tenha me deixado curioso. Talvez eu tenha medo de ser insubstancial e de que nenhuma parte de mim reste depois que eu partir. Talvez eu esteja apenas preenchendo o tempo, sentado à escrivaninha do quarto onde dormi ontem à noite, enrolado em um cobertor grosso. Eu adoraria que a Miséria estivesse presente, mas é... meio do dia, quando os vampiros estão mais sonolentos. Não quero incomodá-la. Então, quando atendo o chamado e a vejo ao lado de Juno, a boca escancarada num enorme bocejo de presas, meu coração aperta.

“Ela *não* precisa estar aqui”, Juno me diz, apontando para ela.

"É", diz Misery. "Eu meio que sim."

Juno a ignora. "Expliquei a ela o conceito de confidencialidade várias vezes."

"Serena me quer aqui. Certo?"

"Ela pode ficar, eu acho", digo com um tom exagerado e descontente que a faz me mandar um beijo.

Juno é quase patologicamente sem humor. Legal, porém, e o fluxograma que uso para decidir se considero alguém como amigo é composto por uma única pergunta: Tentaram me matar ou à Miséria? Não? Fantástico. Vamos passar um dia no spa. Fazer tirolesa. Falar demais sobre infecções urinárias recorrentes.

“Primeiramente, gostaria de dizer o quanto lamento sua experiência com o conselheiro genético humano. Ele estava sendo entrevistado como especialista e não tinha o direito de divulgar informações sobre *sua* saúde reprodutiva ao público.”

"Ah." Engulo em seco. "Está tudo bem. Tenho certeza de que eles não queriam..."

"É inaceitável, e a sua raiva e a do Koen são perfeitamente justificadas. Ele foi suspenso, aguardando investigação." Quando Juno conversou com *o Koen* sobre a minha raiva? "Em

segundo lugar, peço desculpas por ter demorado tanto para entrar em contato com você. Tenho certeza de que você estava ansioso com os resultados..."

"Ela absolutamente não fez isso", Misery a informa alegremente. "Sua evitação é o material com que os sonhos dos psiquiatras são feitos."

Juno pisca. "Bem, Serena, de qualquer forma, o motivo de isso ter demorado meses é que eu tive que analisar o DNA do seu pai em vários bancos de dados de Lobis, e..."

"Meu pai? Você quer dizer... que meu *pai* era um Lobisomem?"

"Sim." Ela parece surpresa. "Achei que você soubesse. Foi amplamente divulgado no noticiário humano. Maddie achou que o público gostaria de saber, e... me desculpe."

"Está tudo bem. Não é sua culpa se passei os últimos meses escondida dentro de uma noz, e..." Balanço a cabeça e espero que minha percepção de mim mesma se ajuste. Nunca articulei isso completamente, mas em algum lugar, num canto da minha mente sem palavras e com muitas, *muitas* vibrações, presumi que a Lobisomem fosse minha mãe. Provavelmente porque esse é o caso com...

"Eu não sou como ela", digo. O alívio é algo físico, tangível.

"Não como quem?"

“Ana.”

Juno concorda. "De fato."

“Isso significa que... Isso significa que teremos resultados diferentes também?”

"Resultados? De quê?"

"Apenas... desafios diferentes. Ou problemas." *Ela não terá um diagnóstico terminal aos 25 anos, terá?*

“Presumivelmente. Estamos trabalhando em uma amostra de dois, mas vocês já se manifestam de maneiras diferentes. Vocês são mais próximos dos humanos — sangue mais vermelho, temperatura basal mais baixa, sentidos menos aguçados. Ana pode não se transformar, mas não conseguiria se passar por humana como vocês na idade dela. Então, sim. Podemos presumir que genótipos diferentes levarão a fenótipos diferentes.”

Misery inclina a cabeça. "Você parece feliz com isso."

"Ah, não, não estou." Percebo meu sorriso na tela. Pareço prestes a dançar swing em cima do teclado. Provavelmente porque estou. "Só estou cansada. Pode falar, por favor." Juno acredita. A infelicidade é um pouco mais complicada, mas eu venho escondendo coisas dela há anos. *Para o bem dela* , lembro a mim mesma, tomando cuidado para não olhar para ela enquanto mudo de assunto. "Como você sabe que meu pai era o Lobisomem?"

“Nós demos uma olhada no seu DNA mitocondrial.”

"Certo. E o DNA mitocondrial é transmitido principalmente de mãe para filho." Percebendo a expressão de espanto de Misery, pergunto: "O quê?"

"Nada. Só olha só você. Sendo toda ciência."

“Eu tinha uma aula obrigatória de biologia na faculdade.”

“E você reteve conhecimento daquele Dó grave?”

"Fique longe das minhas transcrições."

“Mas são uma leitura fascinante para a hora de dormir.”

“ *E* foi um C- mais.”

“Você, mulher, em STEM.”

Ela merece ser ignorada, e o pigarro de Juno sinaliza sua concordância. "Usei comparação de DNA para encontrar seus parentes genéticos, mas no Sudoeste não há indivíduos com segmentos de DNA idênticos aos seus."

“Isso significa... nenhum parente?”

“Podemos ter certeza razoável de que seu pai não era do Sudoeste.”

"Que pena." Misery parece decepcionada, como se quisesse que nós duas tivéssemos isso em comum. Que a casa *dela* fosse *a minha* casa.

"Então expandi minha busca para outros grupos", continua Juno. "O que complicou as coisas."

Misery bufa. "Os outros Alfas que lhe deram acesso aos seus preciosos dados não estavam no meu cartão de bingo."

"Que bom, porque eles não fizeram isso. No entanto, quando Lowe entrou em contato, a maioria concordou. Os que não fizeram... mudaram de ideia mais tarde, depois que Koen conversou com eles." É óbvio, pelo rosto inexpressivo dela, que " *conversa"* não é a palavra certa para o que aconteceu. "É aqui que as coisas ficam complicadas. Não tive acesso direto aos bancos de dados —os geneticistas deles analisaram o DNA da Serena. Não temos escolha a não ser confiar que eles fizeram bem o seu trabalho e que seus bancos de dados são mantidos com precisão."

"E você faz?"

Ela hesita. "Acho que sim. Serena é... uma mercadoria valiosa, por vários motivos. Se uma matilha tivesse algum motivo para reivindicá-la, com certeza o faria. E não teve."

Misery coça a cabeça. "Cara, você surgiu de um canteiro de repolhos?"

"Talvez? Será que eu sou de outro continente?"

"Essa é uma explicação. Lowe tem contatos na Europa, então estamos explorando isso. Mais provavelmente..." Juno faz uma pausa. Seus olhos encontram os meus. "Há uma matilha americana cuja estrutura passou por várias transformações. A maioria dos seus registros foi perdida."

"Certo. E você pode nos dizer que matilha é essa, ou— "

"Não precisa." Interrompo Misery, porque já sei. "É o Noroeste, não é?"

CAPÍTULO 10

Ela está trançando o cabelo. Inclina a cabeça para a frente, separando os fios e ignorando o mundo ao seu redor. Não percebe que ele está parado na porta. Sua nuca nua está lá para ele olhar, rosada, vulnerável e acessível.

É tão flagrantemente indecente *que ele precisa se desculpar.*

EUÉ MISERY QUEM FAZ A ÚNICA PERGUNTA SENSATA: "COMO se *perde* um banco de dados

genético? Quer dizer, o Koen é temperamental e tudo mais, mas nem ele perderia..." "'Destruído' é uma palavra melhor. Acredito que foi um acidente."

“Que tipo de acidente?”

Juno hesita por uma fração de segundo. "Um incêndio, eu acho. Vinte anos atrás."

Lembro-me do que Alex me disse: "Isso tem alguma coisa a ver com o fato de o Noroeste estar dividido em diferentes facções?"

"Sinto muito." Outra pausa infinitesimal. "Não sei muito sobre as circunstâncias."

Troco um olhar silencioso com Misery, que captou a mesma vibração excêntrica. "E a minha... mãe?" A palavra soa perturbadoramente estranha na minha boca. "Os humanos têm bancos de dados?"

“Nada tão completo quanto o nosso. Seus cadastros são, em sua maioria, opt-ins, empresas de biotecnologia que oferecem triagem personalizada. Isso cobre uma pequena porcentagem da população humana neste continente, mas vou tentar.”

Coço a lateral do pescoço, ponderando minhas opções. Medindo a temperatura. Estou decepcionada, mais do que imaginei. Mas está tudo bem. Não preciso *saber ...*

"Serena, eu sei que essa é uma pergunta delicada, mas... Misery mencionou que você não se lembra de muita coisa da sua infância. É verdade?"

Eu concordo.

“Há algo sobre suas primeiras memórias que possa nos ajudar a refinar nossa busca?” “Na verdade não. Eu mal...”

Qual é o seu nome, querida? Você sabe como podemos entrar em contato com seus pais? Ela ficará no carro por várias horas. Vamos garantir que ela não esteja consciente durante esse período.

Você é burro? Eu odeio os idiotas. Ela pode ficar em uma cama diferente da minha? Não é grande coisa. Só o deserto. Você nunca viu uma pera espinhosa antes?

Balanço a cabeça. "Comecei a codificar linearmente minhas memórias de infância quando tinha sete ou oito anos, mas tenho algumas lembranças esparsas de antes. A mais antiga é de Paris, uma pequena cidade humana ao norte da Cidade. Era abril, e eu tinha... Eles estimaram minha idade em cerca de seis anos. Disseram-me que entrei no escritório do Serviço de Proteção à Criança sem saber como cheguei lá." Meu tom é sempre imparcial quando falo sobre isso, porque nunca sinto como se fosse *eu* quem passou por isso. "Ninguém local me conhecia, nem mesmo quando expandiram o raio de busca. Eu não conseguia

me lembrar do meu próprio nome, e as enfermeiras se cansaram de me chamar de 'a menina'. Uma delas me chamou de Serena, em homenagem à mãe dela, e... Bem, pegou. Duas décadas, e ainda firme e forte."

"Infelizmente, nem todos nós podemos receber o nome do estado literal de agonia", diz Misery. Seu sorriso me traz de volta ao presente.

Retribuo o sorriso. "Uma oportunidade perdida. Dói-me admitir o quão inflado meu ego se tornou, mas, considerando os anos de vigilância secreta, presumo que os humanos tenham arquivos completos sobre mim."

“Não há nenhuma, Serena”, diz Juno.

“Bem, isso é certamente humilhante.”

"Acreditamos que foram destruídos pela equipe do Governador Davenport." Ela franze os lábios. "Tudo bem. Pelo menos por enquanto. Se você se lembrar de mais alguma coisa, ligue para Lowe ou para mim."

"Ou *eu* ." Misery franze a testa. "Agora que pensei nisso, Serena, me mande seu novo número de telefone. Assim eu posso te manter atualizada sobre os movimentos intestinais do Sparkles, como você pediu."

"Pedi fotos fofas. Por favor, parem de enviar cocô de gato."

"Não." Seu olhar se move rapidamente para algum lugar além da minha cabeça. "Sei que deve ser sintoma de excesso de trabalho ou depressão grave, mas estou adorando a aparência *de sobrevivente de naufrágio sem acesso a lâminas* , Koen."

Viro-me tão rápido que quase distenho um músculo. Koen está atrás de mim, parado na porta.

"Comporte-se, Vampira", ele diz a Misery, naquele tom afetuoso que só usa com ela e Ana. Deveria estar em desacordo com sua teimosia habitual, mas de alguma forma lhe cai como uma luva. E me dá uma pontada estranha no peito. Aposto que ele *se* importa, *gostem* ou não.

"Eu *nunca estou* bem", Misery responde, e um momento depois ouço a chamada

de vídeo sendo encerrada.

“Há quanto tempo você está aqui?” pergunto a ele. Ele dá de ombros. Abre os braços. "O que é o tempo?" “Quanto você ouviu?”

“Não sei. Tudo?”

Franzo a testa. "Tenho quase certeza de que ser o Alfa desta matilha não lhe dá permissão para bisbilhotar as pessoas."

"Tenho quase certeza de que ser o Alfa desta matilha me dá permissão para jogar pessoas no triturador de papel e fazer pedaços em formato de dinossauro com o que sobrar."

Ele pode ter acabado de ameaçar me macerar, mas pelo menos ele está engraçado. "Você ouviu a reviravolta na história, então?"

"Qual deles?"

"Eu posso fazer parte da sua alcateia." Ele me encara, indecifrável, até eu continuar. "Podemos ser parentes. Eu posso ser seu primo."

Ele zomba, nada impressionado. "Você não é."

"Como você sabe?"

"Eu *tenho* uma prima. Olhar para ela *não* é como olhar para você."

Olho para baixo, sentindo calor de repente. Espera aí. Estou lisonjeada? Nada do que ele acabou de dizer pode ser interpretado como *agradável* .

"Vamos", ele me indica com a cabeça. "Estamos indo."

"Para onde? Você não vai me levar de volta para o Sudoeste, né?", pergunto enquanto me levanto.

“Veremos.”

"Koen." Desço as escadas correndo atrás dele. "Você disse que se eu contasse a

verdade, você concordaria com o meu plano."

"Eu fiz?"

"Sim." Cerro minha mão em sua flanela. Parece a de ontem, mas verde, e sem sangue de vampiro. "Por favor", digo quando ele me agracia com seu olhar. Ele está no meu espaço. Ou talvez eu esteja no dele. "Deixe-me ir ao Covil com você. Pelo que sabemos, é onde eu nasci." "Você quer tanto ser meu primo , hein?"

Reviro os olhos. "Sabe, ser tão reservado e cheio de segredos não é tão charmoso quanto você..."

"Relaxa. Não vou te levar de volta para o Sudoeste." Ele deve saber que estou *quase* abraçando-o, porque se inclina e ordena: "Diminua o ritmo."

"O que?"

"Esse olhar... como se eu fosse te levar ao abrigo para escolher um gatinho. Não vai ser divertido. Não vou te colocar em mais uma cabana isolada no meio do nada."

“Para onde vamos então?”

"Você disse que queria ser isca." Seu sorriso é tudo menos satisfeito. "Hora de te fisgar, matador."

"VOCÊ PRECISA COMER", ELE DIZ ASSIM QUE O CARRO SAI DA GARAGEM.

Olho para os abetos-cicuta que margeiam a estrada, com o nariz pressionado contra o vidro frio, e murmuro: "Estou bem".

O interessante sobre este lugar é: quanto mais ao norte avançamos, mais bonito ele fica. Dramático. Um pouco misterioso. Exuberante e rico. Vejo milhões de tons de verde. Tudo se eleva. Árvores salientes sem fim, musgo esponjoso, água fluindo sempre, por toda parte, vibrante e sobrenatural e tão *vivo que me* faz sentir vivo também.

“Você é muitas coisas, e *bom* não é uma delas.”

Olho para Koen, que não é muito diferente da paisagem: ao ar livre, remoto e sombrio. Selvagem e nublado. "Deve ser bonito", penso.

"O que?"

"Ser você. Saber *tudo* ."

“É sim”, ele concorda.

“Existe algum outro estrato não satisfeito na minha pirâmide de necessidades que eu deva saber?”

"Você está com sono. Um pouco desidratado. Mas a fome é o que mais me preocupa." "Eu te disse. Meu apetite tem sido— "

"Baixo. Tudo bem. Vamos encontrar algo que você possa manter no lugar." Comportamentos como esse costumavam acabar com encontros instantaneamente — *É, você* quer *outra bebida* ; *prometo que vai adorar este filme* ; *Você precisa de alguém que realmente te entenda, querida, deixa eu cuidar de você* . Mas com o Koen, eles não me incomodam de verdade. Talvez seja porque com meus ex-namorados parecia pose, crianças brincando de se fantasiar. Koen, porém, cuida de milhares de pessoas. Seu trabalho, sua vocação, a declaração de missão de toda a sua vida é descobrir o que os Lobisomens em seu território

precisam. Não é tão absurdo que ele pudesse assumir mais uma pessoa. Mesmo que eu seja a mais incômoda até agora.

“Nós algum dia voltaremos para a cabana onde eu estava hospedado?”

"Não. Fica a horas de distância." Ele franze a testa. "Por quê? Quer levar flores para o túmulo do Bob?"

"Primeiro, você deixou o cadáver do Bob exatamente onde ele caiu. Ele provavelmente foi comido pelos castores."

“É. Os castores são perspicazes.”

“Em segundo lugar, *não* . É que todas as minhas coisas estão lá.”

"Seu o quê?"

“Minhas roupas.”

“Tenho certeza de que podemos comprar um novo saco de estopa para você.”
"Ok, bem... Obrigado. Mas tenho outras coisas lá que não posso substituir."
"Como o que?"

Rapidamente, procurei uma boa resposta. O infame telefone via satélite? Minhas bebidas esportivas? Nenhuma delas vale horas de viagem. Talvez os analgésicos fortes que o Dr. Henshaw me receitou *para quando as coisas ficarem realmente ruins, Serena. E eles vão* ... Mas não posso contar a Koen sobre eles, assim como não posso dizer a ele o que realmente quero buscar.

Então minto. "Meu bichinho de pelúcia."

"Seu bichinho de pelúcia." “Sim. A Ana me deu.” "Ela fez isso, agora?"

"Ela comprou para mim com a mesada dela." Que é quase o mesmo salário que eu costumava ganhar. A miséria *não é* rigorosa com aquela criança. "Eu durmo com ela todas as noites."

Ele olha para mim como se estivesse pensando em estender uma lona e me massacrar nela. "É importante para mim", continuo, sem graça. "O quê? Você não acredita que uma família pode ser uma menina e seu pinguim de pelúcia rosa?"

“Eu enfaticamente não.”

"Você é tão intolerante."

“Que bom que você finalmente percebeu.”

Não adianta discutir com ele. Dou um bocejo enorme e dramático e deixo minha cabeça cair de lado contra a janela, fingindo tirar um cochilo. Seu bufo deixa claro o quão pouco o estou enganando, mas não me importo. Por mais que eu

adorasse esfaqueá-lo, seu cheiro é seguro e quente, tão envolvente e absorvente quanto o abeto de Douglas.

Tento esquecer a cabana — acima de tudo, tento não pensar nas cartas que enfiei no fundo da cômoda. E depois de um tempo, afundo no primeiro sono reparador que tive em muito t empo.

CAPÍTULO 11

Número desconhecido: Agora você está oficialmente no comando da minha irmã, então saiba que se ela ralar um joelho, eu vou acabar com a sua vida. Vou roubar sua identidade e arruinar seu crédito. Vou plantar evidências de crimes de colarinho branco no seu computador. Vou assumir o controle da sua webcam e filmar você enquanto cutuca o nariz. Vou hackear o diretório da sua matilha, me passar por você e mandar e-mails para todo mundo dizendo o quanto você adoraria que eles viessem te dar um abraço. Vou vender suas informações na dark web, clonar seus cartões de crédito e fazer doações para instituições de caridade pró-câncer em seu nome, e se você algum dia comprar um carro inteligente...

Número desconhecido : sssli999f *Número desconhecido* : lgi64ssss99f *Número desconhecido* :

Número desconhecido : 00kk9 —

Número desconhecido : Desculpe. A Ana roubou meu celular. Onde eu estava?

TO toque áspero da palma da mão na minha bochecha me acorda , com uma mecha de cabelo atrás da

orelha. Meus olhos se abrem e procuro o relógio do painel. Cochilei por mais de três horas. "Puta merda."

"Eu te disse. Privação de sono." A mão de Koen agarra meu encosto de cabeça, tão longe do meu rosto que devo ter sonhado com seu toque. O que é típico do meu recente turbilhão de emoções psicossexuais. neuroses. O fato de meu estômago não estar se revirando, mesmo eu detestando qualquer tipo de contato físico, é prova disso.

"Onde estamos?", pergunto, saindo do carro. A algumas centenas de metros de nós, passando pelos arbustos perenes que salpicam a costa e por uma praia de areia que parece intocada pelo homem, há um lago. Ou...

Inspiro uma vez, profundamente. De novo. Sal. Mar. "Isso é um rio? A costa?"

“Um estuário. Se você seguir a costa em direção ao norte até o fim da enseada, é lá que o oceano começa. Siga- me.”

Ele sobe a colina, em frente à água. Demoro um instante, ouvindo as gaivotas sobrevoando e semicerrando os olhos para os golfinhos —não, *focas* — espirrando água ao longe. Então, corro atrás dele. "Estamos na Toca?"

“Sim. Olympia é como os humanos a chamam.”

Olho ao redor, aproveitando a leve elevação do terreno. Estamos no topo de uma colina ondulante, e abaixo de nós está o que parece... não, *é* uma cidade. Ela se espalha por quilômetros, acompanhando suavemente as curvas do rio, adentrando o interior. Há aglomerados de prédios, estradas, postes de energia, pontes. Poderia abrigar milhares e milhares de pessoas. Mas também é desarmantemente...

“Horizontal”, murmuro.

A expressão de Koen é interrogativa.

"Tão diferente das cidades humanas. Não tem um único arranha-céu. E também..." A brisa marinha sopra no meu cabelo. Fios grudam nos meus lábios. "Um pouco fantasmagórico? Tem tantas casas, mas poucos carros e tão pouca gente andando por aí..." *Ah.* " Eu coro. Não é que não tenha muita gente. "Eles são..." Mordo a língua, porque é claro que os lobos que circulam na orla da floresta são Lobisomens. Animais simples nunca são tão grandes, nem têm expressões tão onipresentes. Acima de tudo, eles não se juntariam a um coro de uivos depois de avistar Koen.

O que, a julgar pela sua reação, é uma típica recepção de boas-vindas. Ele levanta a mão em saudação, com um pequeno sorriso nos lábios, e me leva a uma cabana bem nos arredores da floresta.

"O terceiro quarto ainda nem acabou." Ele deve ter notado minha confusão e continua: "A atração da lua ainda é forte o suficiente para que mais da metade do Noroeste consiga facilmente manter a forma de lobo. Dê uma semana e você verá muitas 'pessoas andando por aí'."

Subo os degraus que levam à varanda envolvente, um pouco envergonhada pela ironia em sua voz, e admiro o exterior de madeira e as janelas altas. É bonito. Rústico. A porta está destrancada, e Koen a abre sem bater ou se anunciar. Deve pertencer a alguém próximo — um amigo, um segundo ou uma namorada.

Ele tem? Tem namorada? É por isso que ele foi tão indiferente, quando...

"Por que você ficou com um cheiro tão preocupado de repente?", ele pergunta, me levando para dentro.

"Nada." Dou alguns passos hesitantes, imaginando se serei confundida com uma intrusa destruidora de lares e desossada. Que jeito de morrer! Mas duvido que seja minha, porque, assim que respiro fundo, sei *a* quem pertence a cabana.

"Você mora aqui", digo a Koen. Em tom acusador. O cheiro dele está em todo lugar. Ele envolve cada objeto com um manto de bem, calma, segurança e — já mencionei *bem* ? Sinto- o grudar nas minhas narinas e no céu da boca. É como se ele tivesse tirado a camisa e me dado permissão para lamber sua pele, e...

Que diabos? *Não.*

“Esta é a sua casa”, repito —menos reprovador, mais mal- humorado.

"Sim."

"A porta estava destrancada. E você estava fora da cidade."

“Eu sou o Alfa da matilha, Serena.”

Justo. A probabilidade de o espaço dele ser invadido sem convite é provavelmente menor do que alguém lhe dar um hipopótamo de estimação. Além disso, não haveria muito para roubar. Este lugar não é como a casa do Lowe — grande, lotado e bagunçado, um óbvio trabalho de amor. O estilo de decoração escolhido pelo Koen parece ser: " *Eu ia pendurar um ou dois quadros,*

mas me distraí, minha culpa ...".

A porta se abre para um único cômodo grande —cozinha à esquerda, sala de estar à direita. Ele claramente não é muito fã de bugigangas e enfeites, mas, a julgar pelas prateleiras cheias de livros, gosta de ler. Na mesa de centro, vejo um laptop. Alguns móveis adicionais, esparsos, mas lindamente feitos à mão. Um sofá. Um corredor que provavelmente levará aos quartos, e... é só isso. Sem TV. Sem aparelho de som. Os eletrodomésticos da cozinha são do tipo que custariam menos do que o frete no eBay. A geladeira é um modelo antigo, não muito mais alta do que eu. "Você fez isso?", pergunto, traçando os veios da madeira da linda mesa de cerejeira.

“Há algum tempo.”

"Realmente?"

"Sim. A loja fica nos fundos."

“Então você *corta* lenha.”

"Eu *trabalho* com madeira. Não é a mesma coisa."

Lenhador , digo para mim mesmo. "Você não passa muito tempo aqui, não é?" "Não ultimamente. Só me escreva uma lista e eu te pego o que você precisa." É aí que meu coração para. Porque eu entendo por que ele me trouxe aqui.

Preciso do plano de fuga mais incrível de todos. "Não posso ficar na sua casa", digo, calma. Razoável. Sou adulta. *Não estou* em pânico.

"Por que?"

"Porque." Tento dar um sorriso brincalhão. "Sou cleptomaníaca. Eu roubaria suas lâminas e seu gel de barbear —e, *claramente* , você precisa urgentemente deles."

“Serena.”

"Sem falar que eu bisbilhoto. Você teria que esconder todas as suas revistas pornográficas." “Eu tenho Wi-Fi, matador.”

“Bem, ativar a navegação anônima é uma chatice.”

Ele cruza os braços. "Que bom que você é engraçado. Da próxima vez que alguém tentar te serrar para estudar seu microbioma intestinal meio humano, você pode afastá-lo com uma cutucada nos hábitos de masturbação dele." Ele caminha pelo corredor, e eu corro atrás dele. "Koen, sério." Passamos por um quarto com um cheiro tão apetitoso *que* só pode ser o dele. Entra outro. "Acho que este lugar não é uma boa opção para mim."

Ele abre o armário do banheiro para inspecionar seu conteúdo. "Porque..."

“Bem, esta não é realmente uma área isolada, e ainda não aprendi a ignorar os sons.”

"Pobre bebê Lobisomem." Ele se vira para mim. De repente, vejo compaixão em seus ol hos. "Nesse caso, encontraremos um lugar onde você possa ficar sozinho no meio do nada."

Meu coração dispara. "Sério?"

"Não", ele responde suavemente. "Que se dane. Você vai ficar onde eu te coloquei." Eu desabo.

Koen não é uma criança indefesa, nem um vampiro que desmaia nas horas mais claras do dia. Tenho certeza de que, se eu tiver um episódio violento de sonambulismo, receberei *exatamente* o que mereço. Mas e se for *ele* quem estiver dormindo? Sem mencionar que ele pode ser altamente perspicaz —e isso não combina com meus segredos.

Preciso ficar isolada para apodrecer de verdade nas minhas disfunções. "A questão é", tento novamente, "que eu gosto muito de morar sozinha".

"Talvez você tenha tido colegas de quarto de merda", diz ele casualmente, abrindo um armário. Ele pega um conjunto de lençóis limpos e os leva até o nariz. Devem passar no teste, porque ele os joga no colchão. "Eu, por outro lado, sou uma delícia."

Observo-o desenterrar vários travesseiros. "Isso não incomoda suas costas,

Koen?" "Você quer dizer o peso avassalador do meu ego? Não, não importa."

“Ah, qual *é* . Como você sabia— ”

"Você vai ter que inventar insultos mais criativos do que esse, Serena." No caminho para a cama, ele bate no meu nariz com dois dedos e começa a desdobrar uma das fronhas.

Respiro fundo, me animando. "Eu *realmente* não gostaria de me impor."

"É muito tarde para se preocupar com isso", ele diz distraidamente, continuando a arrumar a cama .

"Bem", eu franzo a testa. "Desculpe. Eu não pedi para ser um híbrido caçado por todas as espécies."

"Você não pediu. Você também não pediu para ser minha companheira." Ele para no meio do processo de colocar um lençol de baixo para me olhar diretamente nos olhos. "No entanto, você me pediu para te acolher e te usar para atrair Vampiros para longe de Ana. *Esse* foi o seu erro." Sua boca se curva em um pequeno sorriso irônico. "Eu não vou dormir na cabana com você, se é isso que te preocupa."

Eu coro. "Não, não é isso que... Espera. Onde você *vai* dormir?"

"Lá fora", ele diz, como se eu merecesse fazer aulas de reforço para Lobisomens só por pedir.

“Você dorme lá fora.”

"Sim."

“Ao ar livre.”

"Sim."

"Todas as noites."

Uma breve pausa. "Não todas as noites."

"Ah, que bom."

“Só todas as noites em que tenho tempo para dormir.”

"Quer dizer que você não dorme todo... Sabe, não responda a isso." E eu costumava achar meu trabalho estressante. "Você nunca superou sua fase de acampar no quintal... Ah. Você dorme em forma *de lobo* ."

"Como Deus pretendia", diz ele, com o tom de alguém cuja opinião sobre a vontade de Deus é secundária à sua. Racionalmente, sei que Koen não nasceu com uma matilha para mandar. Deve ter havido um tempo em sua vida em que as pessoas ao seu redor *não* se jogariam debaixo de um carrinho de banana só porque ele estalou os dedos para elas.

E ainda assim não consigo imaginar. "Não posso ficar com você, Koen. Preciso ficar sozinha."

“Você precisa ou quer?”

"Isso importa?"

"Não. Você vai fazer o que eu disser de qualquer maneira."

Fecho os olhos. "Talvez eu devesse voltar para Lowe e Misery..."

“Que, notoriamente, não têm nada nem ninguém mais importante do que você para se preocupar”, ele diz lentamente.

Pressiono meus lábios.

"Um conselho, matador?", ele murmura. "Teimoso e estúpido são apenas algumas letras de diferença."

"Você não é o melhor soletrante, é?"

Um sorriso surge nos cantos da boca dele — e depois na minha. Trocamos um longo olhar, igualmente frustrados e entretidos um com o outro. Uma estranha tensão se forma entre nós, me puxando, me lembrando que eu gosto dele, gostei

dele desde o começo, não *quero* brigar com ele.

Talvez eu pudesse contar a ele. Acho que ele entenderia. Ele é rude e abrasivo, um pouco malvado, mas também sabe lidar com coisas incômodas. Coisas como dever, responsabilidade, amor. Ele não me julgaria por fazer o que eu precisava fazer. Talvez ele me ajudasse nos meus últimos meses. Talvez eu não estivesse tão sozinha.

Isso parece... bom. Tão bom que quase digo: *Koen, preciso que você saiba de uma coisa* . Mas ele jamais guardaria um segredo tão grande. E aí Misery, Lowe e Ana descobririam, e

eu quero o melhor para eles.

Então pergunto, no meu tom mais durão: "O que eu tenho que fazer para você me deixar ficar sozinha?"

Ele faz uma pausa, me encarando daquele jeito sério e intransigente que eu deveria temer. "Você quer ficar sozinha?"

Concordo com a cabeça, ansioso.

"Certo." Ele larga o travesseiro. Estala os dedos para que eu o acompanhe. "Eu permito. *Se* você me provar que consegue lidar com isso."

DURANTE OS DEZ MINUTOS DE VIAGEM, SINTO MUITO ALÍVIO , imaginando Koen me deixando em uma casinha pitoresca depois de provar que, finalmente, adquiri a capacidade de conectar um carregador a uma tomada.

Eu deveria ter esperado algo mais parecido comigo em um colchonete de academia. Vestindo shorts emprestados e uma camiseta branca. Em pé na frente de uma mulher alta e loira que parece uma modelo de lingerie, forte o suficiente para sobreviver a um evento de extinção. Ela é inescrutável de um jeito que faz você mijar nas calças.

"Esta é Brenna", diz Koen, muito mais perto dela do que de mim. Não sei por que noto, ou por que isso me deixa com a barriga pesada. "Uma das minhas auxiliares. Ela administra esta academia e treina a maioria dos membros mais jovens da matilha em combate corpo a corpo." Eles trocam um pequeno sorriso.

Claramente, eles se conhecem há muito tempo. "A Serena aqui disse que, se estiver esperando um ataque, ela pode se virar sozinha."

"Você quer que eu prove que ela está errada?" Brenna parece entediada. Duvido que ela tenha grande consideração por mim. Mas será que *eu* tenho grande consideração por mim? "Preciso ter certeza de que ela não vai morrer sob minha supervisão. O amigo do Lowe gosta dela", acrescenta.

"Você tem uma queda por Lowe", Brenna concorda, como se fosse seu defeito fatal.

"Isso é desnecessário", eu digo. "Para começar, Lobisomens comuns são muito mais fortes que Vampiros. E, num cenário em que eu vivesse sozinho, eu teria armas."

"Não me importo se ela usar uma arma", Brenna oferece, com um brilho de desafio nos olhos.

"Bem, ela não pode. E vampiros altamente treinados derrotam lobisomens em combate o tempo todo." Ele gesticula em minha direção com um pequeno floreio. "Mostre-me que você pode ser o último a ficar em pé no combate corpo a corpo, e eu deixo você viver onde quiser. Certo?"

Percebo que ele espera mais protestos. Então, sorrio docemente. "Ok." E acrescento, baixinho: " *Alfa* ". Seu maxilar se contrai como se ele *não tivesse* gostado daquilo, mas devo estar com vontade de provocá-lo. "Você não precisava me trazer até aqui. Você mesmo poderia ter lutado comigo." Inclino a cabeça. "A menos que esteja com medo de mim?"

Sua expressão se torna inexpressiva. "Claro. Estou com medo. Não é que eu tenha algo melhor para fazer do que brigar com garotinhas mimadas que adoram me fazer perder tempo."

Meu estômago embrulha. É desnecessariamente cruel o jeito como Koen segura meus olhos por um instante, como se para saborear a dor neles. Então ele aperta carinhosamente o ombro de Brenna, sussurra algo em seu ouvido que a faz sorrir, e se acomoda no banco mais distante.

Eu o odeio.

"Pronta para começar quando você quiser", diz Brenna quando ele sai do alcance da voz. Eu também a odeio. Por extensão. O que é injusto, mas me alimenta.

Misery e eu praticamos *bastante* autodefesa, e tenho alguns movimentos guardados. Não sei como eles vão se desenrolar depois de meses. de má higiene do sono, uma dieta feita principalmente de ácidos estomacais e meu atual nível de condicionamento *físico* , mas não me importo.

Brenna não espera nada de mim, e eu posso usar isso a meu favor.

"Eu não sabia que os Lobisomens iam à academia", digo a ela com um pequeno sorriso. "Os lobisomens fazem tudo o que os humanos fazem. Só que melhor."

Então talvez eu não a odeie. Talvez eu até goste dela. A culpa é da Misery se eu tenho uma queda por loiras altas que usam humor *de "foda-se"* para esconder a sua verdadeira identidade. Vou escrever um e-mail de condenação contundente para minha irmã.

Mas tem uma coisa que preciso saber, e decido não ficar enrolando. "Você e o Koen..." "É." Ela se aproxima, com passos leves. Começamos a circular um ao redor do outro.

"Legal." Ela me dá um soco no torso. Eu dou um pulo para trás e desvio. Por algum motivo, meu peito dói de qualquer maneira. "Há quanto tempo, hum, vocês estão juntos?"

“Nós não somos mais.”

Oh.

Desvio mais alguns socos e tento um ataque baixo, mas ela me acerta com um chute na perna. Caio de bunda, mas consigo me levantar antes que ela... Não sei. Quando isso vai parar? Pinfall? Nocaute? Primeiro sangue? Ela não vai me matar, né? "Vocês não terminaram por causa da coisa do companheiro, né?", pergunto, já ofegante.

"Como se. Você não fosse o centro da realidade." Ela bufa. "Foi há um milhão de anos, e não houve *separação* . O chão estava caindo debaixo dos nossos pés."

Ela mira um cruzado na minha cabeça, que eu mal consigo desviar. Eu contra-ataco com um soco nas costelas dela, seguido rapidamente por um chute leve.

Eu acerto os dois. E eles devem doer — se não a carne dela, o orgulho dela. Brenna me encara, e é aí que ela começa a lutar para valer. Eu meio que espero a forma como ela agarra meus ombros, e até mesmo o joelho na minha barriga. Eu bloqueio o último, mas ela me derruba com um golpe de corpo que...

Puta *merda* .

"Escuta." Ela me prende no tapete. Me segura enquanto sussurra bem perto do meu rosto. "Eu não sou uma mulher ciumenta que treme ao ver uma namorada troféu bonita. Mas você não sabe de *nada* . As coisas podem ficar bem difíceis aqui no Noroeste. Koen poderia usar um adulto, em vez de uma combinação bonitinha de bolinha e corrente que só o deixa mais lento."

É difícil não levar o que ela diz para o lado pessoal quando, se estivesse de bom humor, ela poderia facilmente me estrangular. "Posso desconhecer os costumes dos Lobis e do Noroeste, mas, em minha defesa, as pessoas não têm sido muito comunicativas com informações..."

"O que você quer saber? Pergunte à vontade, porque eu não vou te mimar. Essa sua coisa estranha de híbrido e esse olhar de bochechas rosadas e olhos arregalados não me *agradam* . Eu fui jogado no fundo do poço quando era uma década mais novo do que você agora, e ninguém

me jogou uma corda, nem um pedaço de pau, e eu sou mais forte por isso. Você se beneficiaria de menos luvas e mais rudes— "

Empurro meus quadris e empurro seu pescoço, criando espaço suficiente para nos virarmos. Giro sua mão, puxo-a para baixo da minha axila e a prendo em uma chave de braço. "Por que o Noroeste foi dividido?", pergunto. Já que ela está tão ansiosa para falar, prefiro que seja sobre algo que não seja eu.

"Essa é uma pergunta muito mais inteligente do que eu esperava de você", ela diz, sem conseguir se desvencilhar.

"É, bom. Eu costumava me considerar uma pessoa inteligente."

"Costumava ser?"

"Não perceber que espécie eu era durante a maior parte de duas décadas me fez reavaliar", bufei.

"Isso deve te foder pra caramba, né? Não te invejo."

"Por quê? Foi tão *divertido* ." Acho que ela deve estar rindo. Aperto meu braço com mais força e pergunto: "Quando a matilha se separou?"

“Quarenta anos atrás. Um pouco menos.”

"Por qu e?"

“Um desentendimento entre o antigo Alfa e a Assembleia. Os grupos se separaram e se autogovernaram. O Alfa permaneceu no controle do núcleo. Os cinco grupos representavam cerca de metade da população, então a divisão foi equilibrada.”

“Os grupos e o núcleo estavam em guerra entre si?”

"O quê? Não." Mais risadas ofegantes. "Nós interagíamos constantemente. Eu nasci no grupo das Crateras Lunares, mas minha mãe trabalhava no Covil quando eu tinha uns cinco anos. Koen e eu aprendemos a ler na mesma escola."

“Então o que aconteceu para que o núcleo e os grupos se reunissem?”

"Forasteiros tentaram nos destruir. A força do Noroeste vem da sua união."

Devo ter me distraído demais com a conversa, porque Brenna se liberta. Nós duas nos levantamos rapidamente, e então começa uma sequência de ganchos e chutes. Ela tenta me encurralar, mas eu me movo para o lado. Dou um golpe nela com o cotovelo e miro no joelho dela, mas ela não está mais me subestimando, o que é uma pena.

"Eram humanos?", pergunto. "A ameaça, quero dizer."

"Não é sempre assim?" Ela tenta uma viagem para dentro. Eu tento um clinch. Nós dois falhamos. "Vocês são tão muitos, não é surpresa que estejam

envolvidos em *tudo* ."

Dou um passo para trás. Ganho espaço. Reinicio a luta. Sinto o início de hematomas surgindo sob minha pele. "Como Koen reuniu a matilha?"

"Ele se recuperou. Fez promessas. Assumiu e venceu inúmeros desafios." Ela avança. Desfere um golpe no corpo que me faz desacelerar. com golpes no peito. "Perdi meus pais e minha irmãzinha em questão de horas. Você acha que eu me importo com um término?" Seus golpes se tornam mais fortes, e eu não consigo mais aparar. Ela mergulha, com os ombros contra meu abdômen, e me força a cair no chão novamente.

"Porra." Tento me esquivar, mas ela está pesada em cima de mim.

"O pior é que..." Nós duas respiramos pesadamente. Seus olhos azuis penetram os meus enquanto ela tenta aplicar uma chave de braço, dessa vez em mim. "Eu não desejaria isso a ele." "Isso?" Eu digo engasgado.

"Você."

Meu coração dispara, mesmo sem haver maldade na palavra. Ela só sente muito, eu acho. Sinto muito pelo Koen, pela forma como ele me sobrecarregou, e estou quase curioso o suficiente para perguntar por quê. *Brenna, o que especificamente em mim não é material para um pacote completo? Porque estamos positivamente* cercados *de escolhas aqui. Será que é o fato de eu ser um híbrido? Que eu não sei como ser um Lobisomem de verdade? Que há uma recompensa pela minha cabeça? Que eu cresci com um Vampiro? Que eu estou desempregado?* Uma risada irônica escapa de mim. Honestamente, é genuinamente engraçado como eu não me encaixo bem no Alfa desta matilha.

Brenna não está nada entretida. "Não quero ser injusta. Sua vida tem sido difícil. Mas espero que você vá embora logo, Serena. Agradeço por você estar tentando proteger a irmã do Lowe, mas espero que você saiba que não deve ficar por aqui quando isso acabar."

Seria tão fácil retrucar, se ela estivesse sendo deliberadamente rude. Mas ela está obviamente com dor. *E* distraída demais para notar que ela está afrouxando o aperto e a abertura que está me dando. Solto meu braço, troco de posição e balanço as pernas sobre o corpo dela. Pressionando a articulação do cotovelo

dela, observo-a se debater por alguns segundos.

Está lá nos olhos dela, no momento em que ela percebe que não há saída.

"Eu não vou ficar por aqui", eu digo, ofegante. "Vou sair da sua cola antes que você consiga me dar um tapa. E você não precisa se preocupar comigo e com o Koen. Não estamos juntos. Essa coisa de companheiro não tem nada a ver com o nosso relacionamento. Não estamos secretamente apaixonados um pelo outro. Nem estamos transando."

"Ah, eu sei." Seu sorriso é forçado. "Acredite, *todos nós* sabemos."

"Ótimo. Ele explicou a situação para você." Levanto os olhos e o encontro nos encarando. Para *mim* ... Se ele está bravo por eu ter vencido, ele disfarça bem. Há uma sombra de sorriso ao redor dos seus olhos, no canto do rosto, que lembra... orgulho.

Espero que o que ele leia no meu sorriso largo e presunçoso seja: *Acho que vou morar sozinha* .

E talvez ele saiba. Porque ele acena com a cabeça, uma vez, como se admitisse que eu estava certa. Abro a boca para dizer algo irritantemente vitorioso — e é aí que percebo que minha comemoração foi prematura.

Com um estalo explosivo, Brenna me levanta de cima dela. Ela se solta e aproveita meu choque absoluto para envolver meu pescoço por trás com um braço, e...

"Ele não precisava explicar nenhuma situação para ninguém", ela sussurra em meu ouvido. "Há *três* coisas em que acredito com a máxima certeza. A morte virá para todos nós. Não importa o que aconteça, o sol nascerá todas as manhãs. E Koen nunca, *jamais* , vai tocar em você. Nem mesmo se você *implorar* de joelhos."

Ela me solta tão abruptamente que eu caio de costas no tapete, desorientado, tonto, respirando fundo. Quando abro os olhos, Koen está me encarando, a boca erguida em um sorriso nada surpreso.

“Pelo seu bem, assassino, é melhor não deixar louça suja na pia.”

CAPÍTULO 12

Que fofo, como ela acha que ele a deixaria sair de vista.

EUPERDIDA DE FORMA JUSTA, ENTÃO SIGO KOEN E MANTEnho a boca fechada, movendo

cuidadosamente meu corpo machucado e dolorido. Qualquer cara decente perguntaria solícito se eu estava bem, mas ele claramente não é assim. Ele anda na minha frente,

me ignorando, e quando para de repente, quase esbarro em suas costas.

No capô do carro dele, há um pequeno pacote, cuidadosamente embrulhado em papel pardo. Alguém escreveu com uma caneta preta: *Para o antigo Humano.*

Instintivamente, viro-me para Koen e o pego. Um segundo depois, estou no ar: seu braço está firmemente em volta da minha cintura; meus pés não tocam mais o chão. Sua mão pressiona minha barriga e me puxa para mais perto do seu peito. "Por curiosidade, você tem um desejo de morrer ou está apenas sendo enganado?"

Puxo seu braço, sem muito sucesso. Ainda estou suspenso. "Ah, sim, a atividade suicida máxima. Abrir minha própria correspondência."

“Serena, isso não é normal.”

“Pacotes?”

"Pacotes para híbridos meio-humanos que estão sob minha proteção e cuja existência está ameaçada por vários grupos." Ele se inclina para a frente, mirando suas palavras na concha da minha orelha. Um arrepio percorre minha espinha. "Já que você parece precisar ser lembrado, se algum idiota de aparência suspeita aparecer em uma van branca e pedir para você ajudá-lo a resgatar seu cachorrinho..."

"Ok, entendi." Ele inala profundamente contra as minhas costas. É como se compartilhássemos um único corpo. "Você consegue dizer quem deixou? "

Ele balança a cabeça. "Eles esconderam o cheiro."

"Hmm. A Brenna tem câmeras de segurança?"

"Sim. Mas duvido que tenham detectado alguma coisa, ou ela já saberia."

"O que significa?"

“Só que a pessoa que entregou o pacote sabia onde ficava o ponto cego.”

“Essa é uma lista curta?”

"Não. O objetivo das câmeras é monitorar forasteiros, não membros da matilha." Koen me solta e uma nova dança se inicia, na qual é razoavelmente determinado que o pacote não contém explosivos ou riscos biológicos, e então levado para dentro do carro.

“Faz todo o sentido”, eu digo.

"Hum?"

"Que o Alfa responsável por milhares de membros da matilha assumisse essa empreitada super arriscada, enquanto o híbrido desempregado observa a uma distância segura. Minha vida vale *muito* mais que a sua", digo docemente.

Ele finge refletir sobre o assunto. "Você tem razão. Eu deveria acabar com você e acabar logo com isso."

Contenho um sorriso e o observo rasgar lentamente o papel. Há um cartão dentro, e o rosto de Koen fica tenso de preocu pação.

O bilhete, sem assinatura, diz simplesmente: *Da sua mãe.*

Embaixo há um colar de prata: uma lua arranhada por quatro marcas de garras.

"A MÁQUINA DE LAVAR E A SECADORA FICAM NO CORREDOR", KOEN ME CONTA DE VOLTA para sua casa. É como se nunca tivéssemos saído. "Tem um banheiro no seu quarto."

Tem. Infelizmente, não tem banheira, o que é uma parte crucial da minha rotina noturna. Felizmente, acho que avistei uma no banheiro do Koen enquanto ele me entregava uma pilha de toalhas que Parecem mais macios que a pele de uma foca. Enterro o rosto neles e inalo profundamente. Traços de sabão e da pele dele enchem meus pulmões, e coro um pouco quando ele ergue a sobrancelha. "Hum. Obrigada."

A reviravolta que eu *não* esperava, dada a escassez de móveis, é o piano. Olho fixamente, intrigada. É de mogno. Ao mesmo tempo liso e suavizado pelo tempo. Pequenas cicatrizes. Pontos desbotados. "Você toca?"

"Não."

“Então por que— ”

“Herdeiro de família.”

Acho que isso explica o jeito como está encostado na parede no canto mais distante, quase escondido. Quero investigar, mas o tom de Koen não me incentiva a fazer mais perguntas.

De volta à cozinha, ele abre a geladeira. Ela contém um único item: uma caixa roxa de algo chamado "waffles de unicórnio".

Minhas sobrancelhas se arqueiam.

"De quando a Ana estava aqui", ele murmura, e fico feliz em notar um certo constrangimento. Mas não há nenhuma lufada de ar frio, porque a geladeira nem está conectada à tomada.

"Acho que não sou a única que não sabe como funciona a eletricidade", murmuro baixinho. Koen bate a porta, enfia o dedo na base do meu queixo e me obriga a encará- lo.

“Quer dizer isso de novo na minha cara?”

"Não particularmente." Pisco os olhos para ele e não me dou ao trabalho de me soltar. Estou resignada a ficar aqui, e devo admitir: ele cheira bem. Seu toque é

agradável. Estar aqui é agradável. Bom, bom, *bom* ... Minha mente está girando um pouco. "A maioria dos membros do Noroeste são durões demais para consumir comida? Você só come em forma de lobo?" Deve ser isso. Ele não pode simplesmente pegar os talheres da avó e jantar com risoto de trufas e melancia densuke se 80% do tempo ele tem patas e dentes carnassiais. "Coitados dos esquilos, sendo perseguidos até a sarjeta."

"Os esquilos merecem. Merdinhas presunçosos", ele resmunga. Ele inclina a cabeça e me observa atentamente, como se algo tivesse acabado de lhe ocorrer. Ele se aproxima e me obriga a dar um passo para trás até que minha coluna encoste no balcão. "Feche os olhos."

"O que?"

Ele agarra meu queixo. "Por uma vez, faça o que eu digo e feche os olhos."

Eu concordo, já que ele agora é meu Alfa *e* meu senhorio. Tento não tremer com a proximidade dele. "O que você está fazendo?"

"A mesma coisa que eu faço com crianças pequenas e rebeldes. Mantenha os olhos fechados."

“Eu—Com licença?”

"Respire fundo. Mais uma. Ótimo. *Mais uma.* " Sua voz se torna um ronco, não mais grave do que o normal, mas mais ressonante. Suave e autoritária. Ela se projeta dentro da minha cabeça, e ouvir seus comandos é como uma coceira que... eu *poderia* evitar coçar, mas por que eu faria isso, se obedecer é tão bom? "Relaxe. Quero que você pense na última vez que esteve na forma de lobo."

Claro. Se é isso que Alfa quer.

“Não se imagine como um lobo. Concentre-se em como era a sensação de estar cercado pelos ruídos da floresta. As outras criaturas. O cheiro da terra e das árvores.” Suas palavras são calmas, mas parecem tão intensas quanto uma lança atravessando meu abdômen. “Lembra da última vez?”

Eu tinha feito apenas quatro ou cinco corridas antes dos meus problemas começarem, mas elas eram... lindas. Mágicas. A natureza tem seu jeito próprio e

amoroso de fazer sentido para um lobo. Tudo é *corporal* , imersivo, físico. Fácil. Encharcado de sol, encharcado de chuva. Um passo em direção a algo significativo. Alcançando. Adiante. Alcançando, alcançando, *alcançando* mesmo quando tudo desliza para fora de —

"Pare", ordena Koen. Sua mão desliza até minha bochecha. Um toque suave e reconfortante. "Está tudo bem, Serena. Você está bem."

Relutantemente, abro os olhos, um tanto chocada por estar na cozinha de Koen. "O que aconteceu?"

Minhas bochechas estão queimadas de sol. Minha camisa e meu cabelo estão encharcados de suor — tanto que o tecido branco gruda nos meus seios e nos meus mamilos endurecidos. É material para concurso de camisetas molhadas. Férias de primavera. Imundo.

Koen também está olhando.

Pigarreio. Cruzo os braços. "O que aconteceu?"

"Não muito." Sua voz está rouca. Ele engole em seco. Leva um tempo e muito esforço para erguer os olhos para mim. "Às vezes, quando o bloqueio é mental, pode ajudar. Ser guiado." "Você quer dizer, ser comandado por um Alfa? Mas não funcionou. O que isso quer dizer?" "Que há outras razões em jogo." Ele molha os lábios. Dá um passo para trás e inspira fundo. Como se o ar ao meu redor fosse tóxico e ele precisasse de uma pausa. "Valeu a pena tentar." “Por que pareço ter passado doze horas em trabalho de parto?”

"Porque seu corpo estava tentando se mover. O que é uma atividade extenuante e que consome muita energia."

"Mas eu não fiz isso."

“Suas células ainda funcionaram para isso.”

Empurro meu cabelo úmido e escorrido para trás. "Talvez eu não consiga fazer isso de novo. Transformar, quero dizer." Mesmo que o Dr. Henshaw tenha dito que pessoas com DAC geralmente conseguem se transformar quase até o fim. Que divertido ser a exceção à regra. "Então não vai." Ele dá de ombros. Os

músculos tensos em seus ombros parecem dizer: *"Eu*

não dou a mínima" . "Contanto que eu saiba com o que estou lidando, posso mantê-lo vivo." Concordo com a cabeça. Minha cabeça começa a latejar. "Só quero que você saiba que sou muito grata pelo fato de que..."

"Serena", ele resmunga. "O que combinamos?"

Minha mente fica em branco por um instante. "Ah, certo. Sem gratidão. Foi mal. Espera aí... posso dizer 'foi mal'?" Abro meu sorriso mais angelical. "Desculpas podem ser pedidas?"

Ele suspira. "Vá dormir, matador. Você vai ter um dia longo e desagradável amanhã."

"Eu sou?"

“Sim. É hora do desfile híbrido.”

“Por favor, me diga que não é o que pare ce.”

Ele cruza os braços. "É *exatamente* isso. Se você quer atrair os Vampiros, vamos ter que garantir que eles te vejam comigo. O que significa que terei que te exibir um pouco."

"Mas como? Não há vampiros andando pela Toca."

"Eles coletam informações de outras maneiras. Vampiros e humanos voam com drones sobre nosso território o tempo todo."

"E você deixou?"

"Sim. É como os manipulamos, fazendo-os pensar que sabem mais do que realmente sabem. É altamente ofensivo o quão ineptos eles nos acham, mas como é para o nosso benefício, vou deixar passar." Seu sorriso não alcança seus olhos. "Eles provavelmente já suspeitam que você está comigo. Só queremos dar-lhes provas."

“Por que eles suspeitariam disso?”

Seu olhar é firme. "Porque é *comigo* que eu guardaria minha companheira."

Baixo os olhos. Ele tem razão. Tão certa que mudo de assunto. "Sobre o colar..."

"Eu te disse." Sua voz endurece. "Provavelmente é só um garoto de dez anos tentando impressionar os amigos com alguma pegadinha idiota."

"Ainda- "

“Mesmo assim, vou investigar o pacote e o bilhete e depois devolvê-los a você.”

“Você é... Você acha que há alguma maneira de minha mãe realmente...?”

Uma batida na porta me detém. Jorma espia lá dentro. Ele acena educadamente para mim e diz: "Eu estava te chamando, A lfa."

"Devo ter perdido."

"Na verdade, você desligou na minha cara. Duas vezes. Assim que mencionei a papelada do Vampiro morto."

Um rosnado profundo e irritado surge. Do peito de Koen, creio eu.

"Posso ajudar", ofereço. "Gosto de papelada."

“Vá para a cama, Serena.”

"Mas- "

"Agora."

Ele me encara como se quisesse pouco mais do que me ter longe de vista — um começo nada auspicioso para a nossa convivência. Suspiro, aceno para Jorma e saio andando como se eu fosse mesmo uma criança rebelde.

MINHA NOITE É DELICIOSAMENTE CHATA, POIS ENVOLVE MUITO SONO E NENHUM VÔO. Fiel à sua palavra, Koen se esgueira do lado de fora da cabana em forma de lobo. Meus olhos cruzam com os dele pela janela quando

entro sorrateiramente em seu quarto para roubar mais travesseiros.

E seu edredom.

Eles me mantêm aquecido. Cheiram bem. São macios. Com alguns toques, minha cama parece um abraço, e não me arrependo.

Quando acordo de manhã, ele já está acordado. Vejo-o sentado na varanda, de peito nu, como se tivesse acabado de voltar à forma humana e só tivesse vestido um moletom para poupar minha sensibilidade delicada. Como não tenho permissão para expressar gratidão verbalmente,

decido retribuir sua hospitalidade vasculhando seus armários para fazer café. Quando lhe levo uma caneca, percebo que ele não está sozinho.

"Ah." Pisco para o lobo encolhido na varanda, bem aos pés de Koen. "Oi." Seu cheiro me diz que ele é macho, adulto. Saudável. Será que devo me apresentar e... não sei, Estendo a mão para apertar sua pata. Então, olhando mais de perto, noto seu tamanho, o pelo cinza e desgrenhado, a cauda espessa e pendente, e me dou conta. "Espera aí. Você não é um Lobisomem. É só um... lobo."

Koen solta uma risada matinal rouca. "Nem um pouco."

"O que você quer dizer?"

“Ele é meio cachorro.”

"Espera aí, sério? Posso..." Mas sim. Posso. O cão-lobo me olha, ansioso para me conhecer. Deixo a caneca de lado e deixo que ele cheire minha mão primeiro, depois a acaricie. Meus dedos vasculham seu pelo grosso, e o movimento de sua língua enquanto coço suas orelhas é pura alegria.

"Você é *tão* lindo." Eu rio quando a língua dele roça na minha bochecha. Deixo que ele faça de novo. "Sim. Eu também sou híbrido. Vamos ser melhores amigos. Quem é você?"

"Ele anda por aqui", diz Koen, divertido. "De vez em quand o."

"Qual o nome dele?"

“Ele é um animal selvagem.”

"Eu sei. Mas qual é o nome dele?" Koen franze a testa. "Ele não tem uma." "O quê? Por quê?"

“Para que ele precisa de um nome?” "Não sei. Para quando você fala dele?" "Com quem?"

"O veterinário? O balconista, quando você compra a ração dele?" Koen parece que eu acabei de sugerir que pegássemos as lontras e as hospedássemos em um hotel cinco estrelas. "Ok, claramente você não faz isso. Mas..." De repente, o cão-lobo fica tenso e sai galopando. "Não vá embora. Nós te ofendemos?" Faço beicinho —até avistar o esquilo que ele está perseguindo. "Aqueles filhos da puta", murmura Koen, claramente empático. Ele se vira para mim. Examina meu rosto, depois meu corpo sob a flanela que roubei. do armário para dormir. "Você parece melhor", declara ele. "Menos como se fosse desmaiar e começar a fertilizar o campo." Difícil de acreditar, depois que vi meu reflexo no espelho esta manhã — algo que eu vinha evitando cuidadosamente. "Você só está dizendo isso para ser gentil."

"Se eu lhe dei a impressão de que sou *gentil* , algo está muito errado, comigo ou com você. Pronto para estrear na sociedade do Noroeste?"

"Quase."

"Quase?" Ele se diverte. "Que assunto importante você tem para resolver, matador?"

Finjo pensar. Então, ainda de pernas cruzadas ao lado da cadeira dele, levanto meus dois punhos fechados e pergunto: "Qual deles?"

Ele se recosta. "Não tem nada em suas mãos, Serena."

"Não importa. Está tudo na minha cabeça. Escolha."

"Que diabos é isso agora?" Ele parece farto. Um pouco magoado.

"É uma brincadeira que eu e a Misery fazíamos quando éramos crianças. Não

podíamos sair para comprar presentes na maioria das vezes, então, quando queríamos fazer algo legal um para o outro..." Mostro meus punhos. "Escolha um."

Ele aponta para a minha direita. O que é melhor. "Você vai querer um café", digo a ele, estendendo a caneca.

"Espere aí. O que eu teria ganhado se tivesse escolhido o outro?"

“Um abraço.”

Seus olhos se arregalam. Depois, ele os aperta. "E se eu quiser mudar minha resposta?" "Primeiro, nós dois sabemos que você não pode." Eu empurro a caneca para ele até que ele

não tenha escolha a não ser aceitá-la. "Segundo, você não pode. É como quando a Misery decidiu que queria que eu limpasse o quarto dela em vez de lhe dar um beijo na bochecha."

Koen franze a testa. "Quero um beijo na bochecha."

"Você não pode mudar de ideia depois de escolher — esse é o objetivo do jogo. E o beijo nem era uma opção para você."

"Besteira. Quero *as duas* opções."

"De jeito nenhum." Eu bufo. "Não é assim que o mundo funciona — você não pode ter o bolo e comê-lo também. Quando você faz uma escolha, você perde o que não escolheu. Sempre há um preço a pagar. Na vida real e no jogo."

"Então é um jogo idiota." Ele olha para o café como se fosse feito de órgãos em decomposição. "Como vou saber que você não trocou os prêmios?"

Eu suspiro. "Como *ousa* me acusar?"

“Você é um mentiroso infame e confesso.”

"Mas eu *jamais* violaria a sacrossantidade do jogo." Levanto-me com a maior altivez possível. "Aproveite seu café enquanto me visto."

Só quando estou no meu quarto é que me lembro: não tenho uma única peça de roupa.

CAPÍTULO 13

Olhe para ela. Apenas... olhe para ela.

OMais uma vez, demonstro uma vergonhosa falta de controle diante da forma como a costa se desenrola

diante dos meus olhos. Admiro a costa acidentada, suspiro dramaticamente e digo "Meu Deus" umas quinze vezes, pressionando a testa contra o vidro frio da janela do passageiro

para ter uma visão melhor. Onde quer que meus olhos pousem, há azul e verde, denso e irregular, praiano, arborizado. Quando Koen me pega esticando o pescoço para trás para observar uma coluna de água, o carro diminui a velocidade para que eu possa admirar a vista.

Ou talvez haja um limite de velocidade, quem sabe?

Este lugar é tão tranquilo. Tão misterioso e nostálgico. A vegetação não é muito diferente da floresta ao redor da minha antiga cabana, mas esta ficava no interior. O oceano a torna ainda mais deslumbrante. Na minha vida passada, eu ansiava por viajar, mas isso exigia dinheiro, e eu tendia a usar o pouco que tinha em outros luxos. Comer, por exemplo. Não dormir em bancos de parque. Pagar impostos que financiavam minha própria vigilância. Que círculo completo da minha parte.

"Este é o lugar mais lindo que já vi", declaro, e o sorriso de autocongratulação de Koen me faz balançar a cabeça de tanto rir. "Você sabe que não tem motivo para parecer tão presunçoso, né? Esta não é a *sua* costa."

“É meu território.”

“Claro, mas não é como se você tivesse construído aquela formação rochosa ali.”

"Até onde você sabe. E talvez você queira parar de me contradizer no coração da

minha região, onde cada palavra minha é lei."

“Tudo o que estou dizendo é que você *não pode* levar o crédito por isso.”

Ele me lança um olhar inexpressivo. " *Posso* te amarrar a uma bigorna e te jogar daquele penhasco. E ninguém jamais saberá."

Dou uma risadinha, imaginando quantas dessas ameaças ele cumpre. "Não é o elogio enorme que você está fazendo parecer." Inclino-me no banco de trás para roubar o moletom com zíper do Koen. Ele não precisa, porque tem genes de fornalha. Vou pegá-lo de volta. Usar como cobertor. "Só estive no Sudoeste. Estamos trabalhando com um grupo de dois."

“Pelo menos você gosta mais do meu do que do Lowe’s.”

“Ainda estamos falando das paisagens, certo?”

"Sim. Claro."

Eu rio de novo e entramos num lugar que lembra as pitorescas cidadezinhas litorâneas que às vezes vejo em filmes, aquelas para onde pessoas financeiramente conservadoras vão nos fins de semana para comprar antiguidades, jantares e trair discretamente seus cônjuges. "Onde estamos?"

"Um pouco fora do Den. Um amigo meu tem uma loja aqui."

"Olha só vocês. Fazendo lojas. "

Ele puxa o freio de mão. "E encanamento interno. E estatísticas."

“E o sarcasmo?”

"Você me alcança rápido. Vamos."

Há um movimento considerável de pedestres: compradores, crianças brincando em balanços e, claro, vários Lobisomens em forma de lobo. Eles descansam sob as árvores, empoleiram- se nos galhos, deitam-se ao lado da estátua de um livro em frente a uma biblioteca local. Eles reconhecem seu Alfa e então me observam com uma curiosidade sonolenta e preguiçosa.

"Oi." Aceno na direção de um grupo reunido em um parque de bolso próximo. Eles piscam em resposta. Instintivamente reconheço que se trata de um cumprimento amigável.

Acho que ficar ao lado do Alfa deles faz toda a diferença.

"Devo me apresentar?", sussurro para Koen. "Isso faz parte do desfile hí brido?"

Ele bufa. Sua palma encontra o meio das minhas costas e me empurra em direção à calçada. "Não seria a coisa mais educada a se fazer?" Eu realmente não sei. Quando eu estava com o Sudoeste, eu não socializava muito. Eu me enfiava na casa da Misery, deixava a Ana trançar e desfazer meu cabelo mais de quarenta vezes por dia e me refugiava no meu quarto sempre que alguém novo vinha me visitar.

"Killer, você é a prova de que humanos e lobisomens podem transar — e *com sucesso* . Você não só é o rosto mais reconhecível do continente, como também haverá uma foto sua em cada cápsula do tempo lançada ao espaço durante o próximo século. Você está bem sem apresentações pelos próximos dois anos." Ele abre uma porta e faz sinal para eu ir na frente. "Vamos. Vamos pegar umas roupas para você."

Eu preciso deles, considerando a velocidade com que estou roubando os dele. Mas... "Você sabe como posso acessar meu banco?"

Sua mão desliza para cima, entre minhas omoplatas, e me guia para dentro. Ele não responde.

“Eu tenho algum dinheiro”, insisto.

"Você tem? Não precisa se exibir, Serena."

“Quer dizer, eu só preciso— ”

“Essa conversa é muito tediosa.” Ele parece distraído enquanto olha ao redor.

"Bem, prepare-se para ser ainda mais tedioso. Você não vai pagar pelas minhas coisas. É infantilizante."

Seus olhos escuros percorrem meu corpo. *Lentamente.* "Como se eu pudesse fazer *isso* ", ele diz lentamente.

Minhas bochechas queimam. O resto de mim também. Seu olhar não me abandona. Estou prestes a dizer algo extremamente estúpido, quando: "Koen, você chegou cedo! Uma estreia." Nossas cabeças se viram quando o homem mais elegante que já andou neste globo miserável emerge do fundo. Admiro suas pontas de asas, o bronzeado perfeito de sua pele, o balanço de sua mecha fulva que desafia a gravidade. Eu costumava ser habilidosa com spray de cabelo quando tinha um emprego que exigia higiene pessoal, mas, cara, tenho muito a aprender com esse cara. Os dois homens trocam um daqueles apertos de mão quase abraços. "Serena, esta é Carter. Carter, Serena, que não vamos nos dar ao trabalho de fingir que precisa de apresentações, precisa de algo para vestir que lhe sirva."

"É mesmo?" Ele me olha de cima a baixo. Franze a boca bem delineada. "Ela parece gostar da sua camisa de flanela."

O grunhido de Koen é ininteligível. Tento sorrir, mas sai tenso —o que ele percebe. "Você não está com medo, está?"

Não é bem uma pergunta, e decido ser sincera. "Só estou intimidada com a aparência sofisticada do Carter." Não ajuda o fato de minhas calças serem o moletom do Koen, enrolado umas cinco vezes, me dando uma *boia salva-vidas linda de criança na piscina* . "je ne sais quoi". "Você aguenta", diz Koen. Sua mão desliza por baixo da gola da minha camisa de flanela, entre as camadas de tecido que repousam sobre meu pescoço. Só calor, sem contato pele a pele. Ele me aperta com algo que pode ser um sinal de segurança, ou uma ameaça de estrangulamento. "Já que você teve tanta exposição à minha beleza."

Carter e eu caímos na gargalhada, mas paramos quando percebemos o olhar estreito de Koen.

"Com certeza", diz Carter, recuperando-se mais rápido. "É uma escolha narrativa válida. A barba por fazer, quero dizer." Ele examina Koen como se ele fosse um quadro de visualização. "A história que estou captando é que você é "Sou engenhoso o suficiente para sobreviver quarenta dias e quarenta noites no deserto sugando a umidade de uma pera espinhosa. Se não é isso que você

procura —*só* se não for, posso recomendar um corte de cabelo e uma barba?" "Não critique minha aparência. Isso me magoa."

"Seu o quê?", pergunto.

Koen me lança um olhar impassível.

“Nós só queremos o que é melhor para você”, explico.

Carter concorda. "E o que é melhor para *nós* ... O Alfa é a cara do bando. E agora, estamos com uma cara bem..."

“Desgrenhado”, termino.

"Somos lobos", retruca Koen. "Comemos nossas presas vivas. Enfiamos o nariz no saco uns dos outros. Rolamos na merda para disfarçar nossos cheiros."

"Entendido", Carter admite. "Embora alguns argumentem que nenhum lobo jamais se rebaixou tanto a ponto de andar por aí com um coque desgrenhado e obviamente sem premeditação..."

"Carter", rosna Koen. "Traga algo para a Serena vestir agora mesmo, senão eu vou dar um nó na sua barriga."

"Vamos lá, Alfa." Carter inclina a cabeça uma vez, profundamente, e me acompanha até os fundos da loja. "Koen disse que você precisa de um pouco de tudo?"

Não é bem verdade, já que não tenho planos de me aventurar para fora da cabine ou interagir com alguém que me julgue por passar a vida de roupão. "Não prevejo muitos coquetéis nu m futuro próximo e não sei se este é o melhor momento para começar a mergulhar. Só o básico?" "Perfeito."

Então, jeans. Moletons. Camisas térmicas, suéteres, uma jaqueta pesada. A loja do Carter é ótima, e eu não quero impor mais do que já estou, então concordo com qualquer coisa que ele me peça para experimentar, mesmo que minha pele esteja muito sensível há semanas, e o jeans e a lã raspem nela como lixas. A textura "O tecido de lã me faz desejar que houvesse trânsito suficiente para eu poder andar. *Uma evolução normal da sua condição* ", disse o Dr. Henshaw. "

Vista- se de forma a minimizar seus problemas sensoriais."

Eu costumava ser exigente com a minha aparência. Gastei uma boa parte dos meus primeiros salários construindo um guarda-roupa, e sinto falta disso — os tons profissionais de cinza e bege, os tons de azul, os pequenos toques estratégicos de cor. Minhas blusas poderosas, Misery as chamava. Calças poderosas, blazers poderosos, golas altas poderosas. Era exatamente isso que elas eram: eu, afirmando o pouco poder que eu havia conquistado para mim. Depois de

anos de roupas usadas e uniformes que nunca serviam no meu corpo adolescente em constante mudança, eu costumava ter muito orgulho de ter a aparência que *eu* escolhia. Aprender a me vestir, a pentear o cabelo, a me maquiar parecia um ato radical de autonomia. Alegre e *divertido* . Libertador. Encontrando a mim mesma.

Mas a garota pálida e emaciada que pisca para mim no espelho do provador não é ninguém. Seus cabelos escuros pendem frouxos, repartidos no meio, longos demais. Suas clavículas são mais afiadas que facas. Sua identidade foi arrancada camada por camada.

"Está tudo bem?", pergunta Carter do outro lado da cortina. "A jaqueta está bonita?"

Parece uma merda, porque *eu* pareço uma merda. Acho que eu me via como o tipo de pessoa que se agarraria à dignidade diante de grandes dificuldades. Aparentemente, sou apenas uma maldita desleixada —e só de pensar nisso eu começo a rir. "Ótimo. Adorei!"

O processo leva cerca de vinte minutos. Koen se mantém afastado, encostado na porta de vidro como o segurança mais atrapalhado do mundo, sem tirar os olhos de nós. Ele atende o telefone algumas vezes, tem algumas conversas em tom baixo que provavelmente poderiam ser comercializadas como "ruído branco altamente relaxante" e vendidas com lucros exorbitantes. Sorrio para ele sempre que nossos olhares se encontram.

Ele não responde.

"Koen", Carter chama, jogando um pacote de plástico nele. "Você pode pegar

mais um pouco disso para ela?" É calcinha. Koen Alexander está escolhendo *e* pagando pela minha calcinha. A situação é tão ridícula que não consigo conter uma risada histérica.

Antes de sairmos com meia dúzia de sacolas, Carter sussurra no meu ouvido para, por favor, "dar um jeito nessa situação dos pelos faciais", e Koen mostra o dedo do meio para ele sem se dar ao trabalho de se virar. No carro, porém, percebo que não paramos no caixa. "Espera aí. Vocês são algum tipo de utopia pós-capitalista sem dinheiro?"

Koen pisca. "O quê?"

"Você não pagou. É algum tipo de direito feudal Alfa?"

Ele arqueia uma sobrancelha. "Você acha que eles não sabem para onde enviar as contas?" A próxima parada é a loja de departamentos, onde os Lobisomens compram sua comida quando não estão a fim de kebabs de marmota. "Deve ser onde o Noroeste compra waffles de unicórnio", penso, o que me rende um puxão de orelha.

Este lugar é muito mais movimentado. A maioria dos Lobisomens no estacionamento está em forma humana, saindo dos carros com suas famílias ou colocando compras em seus porta - malas. Um casal caminha pela beira do estacionamento, de mãos dadas, completamente nus apesar da brisa fria, e desaparece atrás das árvores.

"Nós vamos te dar comida. E outras coisas que você precisar."

"Como?"

"Se você acha que vou rir enquanto falo de produtos de higiene feminina, você não sabe a quantidade de casais jovens de lobisomens que peguei em posições comprometedoras e submeti a conversas sobre sexo."

Eu rio. "Sem querer ofender, mas... tem que haver alguém mais adequado para isso."

"Vai se foder", ele diz suavemente. "Sou ótimo em explicar os perigos das ISTs parasitárias e a importância do consentimento mútuo."

Por que consigo imaginar isso tão bem? "Vocês não deveriam contratar um profissional?" "Existe uma. Agora. Naquela época, não tínhamos muita gente com diploma."

"É?", olho para ele. Desse ângulo, não consigo ver seus olhos muito bem. "O que mudou? Você conseguiu bolsas de estudo ou algo assim?"

Ele bufa, divertido. "A gente só cresceu, Serena."

É uma coisa um pouco estranha de se dizer, e eu quero me aprofundar, mas mais Lobis se viram para nós. Eles acenam para Koen. Sorriem para mim. Um pequeno grupo se apresenta, o calor da recepção é inegável. "Achei que eles me odiariam", digo enquanto passamos pelas portas de correr.

"Por que?"

"Não sei. Porque sou uma aberração? Porque estou colocando todo o território em perigo? Porque estou tomando o tempo do Alfa deles? Escolha o seu veneno."

"A maioria das pessoas realmente te vê como um símbolo de união." Ele pega uma carroça. "E aqueles que não sabem que é melhor não falar nada sobre isso." Lembro-me do colar. Koen tem quase certeza de que foi só uma brincadeira. Talvez seja a única maneira dos membros da matilha protestarem contra a minha presença?

"O Sudoeste tem sido péssimo com Misery. Ainda é."

Vampiros são mais controversos que humanos, e o Sudoeste é um foco de conflitos — três espécies praticamente vivendo uma em cima da outra? Porra, não. Além disso, Lowe está no comando há apenas alguns anos e herdou uma matilha de um maluco neurótico cuja estrutura de poder de décadas foi construída com base em alarmismo e informações enganosas. Vai dar muito trabalho para ele desfazer isso.

"E você? Seu Alfa anterior era maluco?"

Seu maxilar se move, como se estivesse mordendo a parte interna das bochechas.

Ele olha para algumas frutas, pensativo. "Nosso antigo Alfa cometeu erros, mas nenhum deles foi por maldade, como os do Roscoe. Tivemos problemas com alguns dos assentamentos humanos vizinhos, mas também temos dívidas com eles. Essa parte da nossa história fala alto demais para ser ignorada."

“Bem, isso certamente é muito conveniente para nós, meio- humanos.”

Ele pega um saco de laranjas. Dá um passo em minha direção. "Vivemos para servir." Por um momento, pensei que ele... Será que ele vai me *abraçar* ? Mas não. Ele estava apenas colocando as frutas no carrinho. "Por que seu coração está batendo assim, assassino?"

Meu estômago se revira. Estou prestes a dar uma desculpa, mas uma jovem nos interrompe. "Alfa? Você tem um momento?" Ela está segurando a mão de um menino de uns oito anos, que me encara boquiaberto. Quando aceno para ele, ele retribui o aceno hesitante, algo entre fascinado e petrificado. Talvez eu devesse lhe oferecer um autógrafo. Capitalizar essa nova fama enquanto ainda posso. Vender camisas. Candidatar-me a um cargo público. Assinar acordos de parceria.

É combustível de pesadelo.

O resto das compras é maravilhoso. É a primeira vez que ando em público desde antes do meu sequestro, e quase consigo fingir que minha vida não mudou em todos os sentidos. Eu poderia ser Serena Paris, jornalista do *The Herald* . Esta poderia ser a loja mais próxima do meu apartamento. As marcas são diferentes, a seleção de junk food é *assustadoramente* limitada e não consigo deixar de rir do tamanho da seção de cuidados com peles. Mas, no geral, há algo delicioso em descobrir que os Lobisomens também gostam de biscoitos de peixe dourado — só que os deles têm o formato das fases da lua.

A caixa diz *Lunar Bites* , e eu mando uma foto para Misery. *Mas será que são pasta de amendoim?,* é a resposta dela.

Compro ingredientes para alguns dos pratos que gosto de cozinhar, mais por hábito do que por fome. Algumas pessoas se apresentam e apertam minha mão — gentilmente, ainda que de forma desagradável. Leio o verso de um pote de suplemento para a saúde óssea. Observo os chás de ervas. Sinto a textura de cada cobertor que têm à venda. Pego uma vela. Sinto o cheiro — lavanda, vetiver, um toque de baunilha. Decido que adoro o aroma e o inalo novamente. Coloco - o de

volta na prateleira. Investigo os travesseiros dos quais não preciso, encontro o mais macio e esfrego meu rosto n ele.

É tão mundano, maravilhoso e aconchegante, a banalidade da cadeia de suprimentos. A emoção silenciosa das vendas de produtos comprados sem receita. A prateleira de orelhas de unicórnio brilhantes que faria Ana gritar de alegria. Koen segue alguns passos atrás. Acho que ele quer ser discreto, me dar espaço, mas não preciso de muitos produtos de higiene feminina, porque nunca menstruei. Não me importo de usar o xampu dele — ele cheira muito, *muito* bem — e ele já me deu uma escova de dentes extra. Hidratante parece um incômodo. Eu costumava ser uma defensora do protetor solar e realmente acredito que todos deveriam usá-lo, mas pessoas como eu (ou seja, aquelas que não viverão o suficiente para desenvolver melanoma) estão isentas.

“Foi legal”, digo a Koen no car ro.

“Fazer compras no supermercado?”

Concordo com a cabeça, sem saber como explicar que não me sinto tão normal e estável há muito tempo.

Se você gosta deste passatempo, pode continuar fazendo minhas compras de supermercado. Sem nenhum custo para você.

“Legal. Eu vou ficar responsável por comprar o seu— ”

"Waffles de unicórnio. Olha só você, se agarrando a piadas como se sua vida dependesse disso."

É o que eu tenho , penso. Recosto-me no encosto de cabeça e levanto o queixo para encará - lo. "Obrigada por..." Começo a rir imediatamente quando ele começa a protestar.

“Eu disse para você— ”

"Vamos."

“—apenas tire o pó dos malditos acessórios— ”

"Escuta, só..." Esfrego os olhos. Ele fica em silêncio imediatamente. "Você acha que os Vampiros já sabem que estou aq ui?"

"Tenho certeza."

Inclino a cabeça. "Você já não está?"

"Não o quê?"

"Claro. Você já se sentiu inseguro?"

“Na verdade não.”

"É uma coisa do Alfa?"

Ele dá de ombros. *Não.* Acho que significa *"É uma coisa minha"*. *De nada* . A conversa me arranca uma risadinha, mesmo que nunca tenha acontecido. Que vida interior florida eu tenho. "Bem", eu digo, "espero que isso passe para você".

Ele balança a cabeça e estende a mão para mim. Seus dedos ásperos e quentes empurram alguns fios de cabelo para trás das minhas orelhas, e um calor percorre minha barriga. Subindo pela espinha. Atingindo meu cérebro, como uma lâmpada se acendendo.

É uma coisa estranha para o Koen fazer. Isso o surpreende tanto quanto a mim, eu acho, mas ele não recua. É como se o resto do mundo tivesse dado uma pausa na existência. Somos só nós. "Na verdade", sussurro. "Tive uma ideia. Para demonstrar a gratidão que não consigo verbalizar."

"Já conversamos sobre isso." Sua voz também é um murmúrio baixo. "Limpando." O problema é que você não tem um espanador. Você mal tem acessórios.

"Vou comprar mais merda inútil. Para te manter ocupado."

"Não, eu estava pensando, e se..." É a minha vez de estender a mão, e ele obviamente não está acostumado com isso — com pessoas, comigo , iniciando contato físico. Acho que é isso que acontece quando você é o predador no ápice. Não há muita espontaneidade e liberdades tomadas.

Mas ele não recua quando eu puxo uma mecha de cabelo que roça em seu pescoço. "E se eu consertar essa bagunça? Te der uma repaginada."

"Um o quê, agora?"

"Sabe. A *questão* que discutimos com Carter. Aquela em que você parece um camponês medieval prestes a morrer de coqueluche. Eu sou profissional." Posso estar me desfazendo. Ou talvez algum espírito muito idiota tenha me possuído, porque deixei meu pulso arrastar contra a pele na base de sua garganta, como se fosse... como se fosse passar para ele? *Mais* , meu instinto grita para mim. *Mais* . *Faça-o cheirar como você.* Mas a respiração de Koen acelera, e ele vira a cabeça depois de estremecer em algo que poderia muito bem ser repulsa. Forço meu braço a recuar. Pigarreio. "No mínimo, sou um amador *muito* experiente. Misery teve uma fase de mullet."

"Uh- huh." Ele soa rouco. "Isso foi antes ou depois de ela ter mexido no seu cérebro?" "Durante, provavelmente." Quando ele ligou o carro? É difícil pensar aqui. Minha mente

está confusa. "De qualquer forma, eu também posso te pegar."

Ele estremece. Passa a mão pelo rosto. "Você ao menos consegue se ouvir?"

“E eu posso te depilar! Quer dizer, eu costumava depilar as pernas, quando me esforçava para parecer apresentável. *O tempo todo.* Bem, não o tempo *todo* , só antes dos encontros, mas nunca cortei uma artéria. Que eu saiba.”

"Reconfortante", ele resmunga, abaixando o vidro. O ar fresco entra no carro e nós dois respiramos fundo. Sinto-me imediatamente mais lúcido.

"Por favor. Deixe-me deixá-la bonita."

"Eu já sou bonita. Sou estupenda pra *caralho* ." Suspiro. "Ah, se você pudesse usar supositórios para..." “Para curar meu narcisismo maligno?”

Como ele *sempre* sabe? "Escute, eu só quero te deixar apresentável. Você disse que não tem tempo para ir buscar um corte de cabelo, mas eu já estou na sua casa, e você é minha babá. Imagine a *facilidade* ."

“Alguém já lhe disse que você é um tipo de incômodo, assassino?”

"Um cara. Uma ou dez vezes." Sorrio. "Mas eu poderia ser muito pior."

"Vou interpretar isso como uma ameaça." O carro para. De alguma forma, estamos de volta à cabana dele. *Ótima noção do que está ao redor, Serena.* "Preciso encontrar alguém", ele me

diz, levando as malas para dentro. A única coisa que me resta carregar é a tiara de unicórnio da Ana, que já está espalhando glitter pela casa tricromática do Koen.

"Quem?"

"Um amigo. É sobre o seu colar." “Ah. Você descobriu quem deixou?” “Não, o que é um problema por si só.” “Então não é... a coisa da mãe...?”

Ele suspira. "Ainda não sei. Volto em algumas horas. Se algo estranho acontecer, *qualquer coisa* , ligue para o meu telefone. E grite. Amanda está vigiando o nordeste, e Colin, o sudoeste." "E quanto a ataques vindos de cima?", provoco. Não há cadeiras na cozinha, então tento me levantar para subir no balcão, mas é alto demais. "Nenhum assistente cegonha-homem na patrulha aérea?"

"Se uma águia americana mergulhasse do céu para te raptar, minha vida seria muito mais fácil." Suas mãos se fecham em volta da minha cintura. Me levantam como se eu fosse uma pena. "E tudo bem... vou comprar mais móveis." Ele se demora por uma fração de segundo, o nariz pairando perto da minha têmpora, e ouço uma inspiração profunda. Uma expiração mais lenta. Uma lufada de calor contra minha pele aquecida. Minha testa quer, exige, clama para me inclinar para a frente e beijar a clavícula de Koen. Consigo me conter por tempo suficiente pa ra que ele se afaste e para que a possibilidade seja eliminada.

Mais seguro assim.

Lembra? Quando ele disse que não se importava com você? Quando ele te chamou de menininha mimada? Foi há menos de 24 horas. Ele não é *legal.*

"Vou preparar tudo, então", grito para ele enquanto ele se afasta. "Para a nossa

sestinha de spa." Ele me mostra o dedo do meio sem olhar para trás. E só mais tarde, quando estou desfazendo as malas e dando uma olhada no que compramos, é que encontro três coisas importantes.

A primeira me faz corar, revirar os olhos e desejar ter uma pá para me enterrar no jardim de Koen: todas as cuecas que ele selecionou para mim são vermelhas. Vermelho vivo. Vermelho opaco. Vermelho vinho. Vermelho sangue.

Todos. Tipos. De. Vermelho.

Não estou preparado para processar, então me concentro no *segundo* , o que me faz sorrir. A princípio, acho que ele pode ter substituído o bichinho de pelúcia que mencionei. Então, percebo que o pequeno pinguim rosa na bolsa é duro, feito de plástico. Alguns segundos mexendo nele me dizem que é um canivete com lâmina dobrável.

É fofo — e atencioso, especialmente considerando que não tenho mais garras à disposição. Há um tipo diferente e mais profundo de calor se espalhando por mim, e não quero pensar muito nisso, então desvio minha atenção para a *terceira* coisa.

E eu paro de respirar.

Porque cada coisa que olhei, arrastei, examinei, observei ou até mesmo *considerei* quando estávamos no supermercado, cada coisa pela qual decidi passar, cada coisa que eu disse a mim mesmo que não precisava —cada coisa de alguma forma chegou aqui, dentro da casa de Koen.

CAPÍTULO 14

Ele a ouve conversando com Pavel.

“Ei, é verdade que os humanos colocam gnomos em seus jardins?”

"Ah, sim. É uma coisa séria."

“De arrepiar.”

O riso dela ajusta o giro dos átomos dele.

TEI, COMEÇAM A CHEGAR NO FINAL DA TARDE.

Passo várias horas de pernas cruzadas no sofá, tentando reconstruir minhas cartas perdidas, até que a porta se abre de repente. Dois homens entram como se tivessem acabado

de receber a escritura do imóvel. Ambos são altos, musculosos e completamente nus. "Ah, Serena. O que houve?", diz a primeira.

O segundo apenas sorri, acena para mim e se inclina para alongar os tendões, me dando uma visão completa do seu ânus. "Dormi mal ontem à noite", ele geme. "Tudo dói."

“É por isso que você foi tão lento?”

"Vai se foder. Pelo menos *eu* tenho uma desculpa."

Pisco, imaginando se este é um novo sintoma de TSC: sonhos vívidos com homens nus brigando na sala de estar de Koen. É então que um lobo cinza, com pelos grossos e olhos verdes, trota para dentro, se coloca entre mim e os dois homens e rosna na direção deles. Em uma rápida sinfonia de ossos quebrando, queratina encolhendo e músculos se desdobrando, ele se transforma em uma forma familiar.

Amanda.

Nua, claro. E irritada. "Vocês chegaram muito cedo, e o Koen não quer ninguém que ele não tenha aprovado sozinho com a Serena."

"Ah. Nós não..." Os homens trocam olhares de puro terror. "Desculpe por isso. Nós vamos..." Um deles aponta para a porta.

"Não, por favor. Fique." Escondo rapidamente o que escrevi nas páginas de um livro e me levanto. "Você é...?"

Amanda suspira e aponta para o sujeito com sardas e um mullet vermelho espetado. "Colin." Ela muda para o cara de peito largo que claramente pula o dia de pernas. "Pavel."

"Prazer em conhecê-lo", digo, aliviado pela ausência de apertos de mão. "Não, sério. Que bom que você veio. Estou até me acostumando com o seu bumbum só... balançando aí."

Colin inclina a cabeça. "Não deveria?"

“Talvez os genitais humanos sejam geralmente retraídos?”, sugere Pavel.

"Ah, sim. Naquelas aberturas cloacais." Colin acena com a cabeça, compreensivo. "Como coalas e jacarés."

"Exatamente. Agora que penso nisso, lembro-me de ter lido em algum lugar que os humanos cagam e mijam da mesma ca— "

"Gente", Amanda retruca. "Vocês querem que o Koen volte e encontre vocês aqui?"

Eles empalidecem. Colin pigarreia. "Na verdade, estamos com muita fome. Vamos caçar para o jantar e voltamos mais tarde..."

"Posso te preparar uma coisa", ofereço. Uma veia começa a pulsar na testa de Amanda, então me apresso a acrescentar: "Eu não estava fazendo nada, de qualquer forma. E, Amanda, você está aqui e foi pré-aprovada. Koen não vai se importar."

Na verdade, o comportamento de Koen é menos previsível do que uma queda na bolsa de valores. Mas pouco mais de uma hora depois, quando ele retorna e encontra Amanda e mais cinco de seus ajudantes, agora vestidos, comendo almôndegas, salada e pão fresco, ninguém acaba empalado em suas garras. Todos se levantam para saudá-lo. ele entra, como se fosse o professor mais rigoroso do internato, mas retorna à refeição e à conversa rapidamente.

"Você sempre recebe visitas sentadas no chão?", pergunto quando ele se aproxima de mim e lhe entrega uma tigela com sobras. "E você poderia levar isso para fora? Para o Twinkles."

“Para quem, agora?”

"O cão-lobo que conheci esta manhã. Mandei uma foto para a Ana e ela escolheu um nome para ele."

Koen cruza os braços, recusando a tigela. "Que tal um vira-lata selvagem coberto de lama?", gritou Twinkles para ela.

"Acho que ela decidiu que ele é o irmão perdido do Sparkles, e está comprometida com o tema. Elle, já que o Koen não quer, você pode colocar isso na varanda?" Sorrio para a menina, que parece uma professora de jardim de infância muito foda. "Muito obrigada."

"Você *cozinhou* para mim?" Koen parece pouco entusiasmado.

"É. Não foi por isso que você me trouxe aqui? Para ficar com a sua casa?" A cara dele me faz soltar uma risada.

"Tentei impedi-la", diz Amanda, juntando-se a nós. "Mas não consegui."

Koen a encara. "Você não conseguiu impedir fisicamente um híbrido com metade do seu tamanho de produzir um tanque de molho marinara caseiro."

“Bem, o problema é que... ela até que cozinha bem.”

"Ah, obrigada. Quer mais uma porção?"

“Sim, por favor.”

“Está no fogão.”

"Legal. A propósito, chefe, o que os humanos disseram? Alguma coisa útil?"

Koen balança a cabeça enquanto Amanda desaparece atrás dele com um suave "Que pena". Ele e eu ficamos sozinhos no meio da sala lotada, e eu volto a picar vegetais para meu refogado.

“Serena.”

"Hum?"

"Que porra você está fazendo?" “É este prato de frango que— ” "Por que?"

"Foi você quem convidou alguns dos seus acompanhantes para que eu pudesse conhecê- los —sem me avisar antes, aliás. Graças a Deus pela Amanda."

“Eu os convidei porque queria que você soubesse quem são esses idiotas, caso precise de algo deles —não para brincar de casinha e *entretê*- los.”

"Mas eles estavam com fome. E eu adoro cozinhar. E nunca consigo fazer isso para ninguém." Sempre foi um sonho impossível para mim. Exibir meus talentos culinários. Alimentar os outros. Eu gostava muito de comida *antes* e me tornei bom em prepará-la, mas nunca consegui usar muito essas habilidades.

No meu futuro ideal, notavelmente banal, que nunca acontecerá, eu iria para um emprego que amo, voltaria para casa, prepararia o jantar para alguém cujo rosto estivesse na minha cabeça e no meu coração o dia todo e passaria o resto da noite assistindo a programas de TV chatos com essa pessoa. Claro que isso nunca vai acontecer, e parece tão básico que tenho quase certeza de que, se eu tivesse a chance de brincar naquela caixa de areia específica, me cansaria dela em duas semanas.

Mas talvez eu não fizesse isso? Coisas mundanas podem parecer *tão exóticas* quando sua vida inteira foi uma reviravolta atrás da outra.

"Sério, não me importo. Gostaria de um prato de— "

"Não", ele grita. Mas mais pessoas estão chegando, e ele está ocupado demais dizendo que "Serena não quer ver seu escroto triste e enrugado, e eu também não, então pare de ser um idiota e vista uma roupa decente" para passar um tempo na cozinha.

"É uma coisa humana", explica Colin a cada recém-chegado. "Eles têm cloacas." Sorrio e trabalho na minha salada de frutas.

"Koen tem *muitos* segundos", digo a Jorma meia hora depois, na varanda. Há mais de vinte pessoas circulando por ali, e alguém me explicou que várias moram longe demais para aparecer. Nem todo mundo aqui é um substituto. Alguns trouxeram parentes. Aquela garota ali? A parceira da Elle. E aquele é o irmão da Brenna. A mulher e os gêmeos? A família do Pavel. “Decepcionante.”

"Por que?"

“Esperava que os bebês participassem da liderança da matilha.”

Jorma me olha como se o conceito de humor tivesse furado seus pneus e cagado em seu canteiro de rosas, mas é agradável estar com um grupo com esse nível de camaradagem. Há um afeto evidente circulando, do tipo que me lembra do meu relacionamento com Misery: pessoas que cresceram juntas e passaram por momentos difíceis. Está gravado em suas cicatrizes onipresentes, nas linhas em suas testas, nas rugas nas laterais dos olhos quando sorriem.

Sempre há alguém por perto do Koen. Ele confia em mim o suficiente para não ser minha sombra, mas a cada poucos minutos sinto seu olhar curioso e persistente. *Está tudo bem?* Eu o tranquilizo com um aceno de cabeça, mas ainda luto com um fluxo de informações intenso demais para ser filtrado rapidamente, e vou para os fundos da casa para respirar.

"... o que ele está fazendo?" Ouço alguém perguntar e paro imediatamente. O sol se pôs e uma suave brisa marinha sopra entre as árvores.

"A mesma coisa de sempre." É a voz de Saul.

“Duvido muito.”

"Ah, sim, ele é tão..." Risos. "Se foi. Ela o matou e agora o assombra. Mas ele não vai admitir. Ou fazer disso um problema dela."

“Ela sabe?”

"Nunca farei isso. Então... a mesma coisa de sempre."

"Que difícil. E a merda do Favorito?" "Estamos investigando. Não é tão improvável." “Achei que tínhamos mantido o controle de...” "Bem, sim. Mas estávamos ocupados." “Certo. Eu lembro.”

"Você tinha *oito anos* ." Risos. "Há peças faltando. Mas ele não vai contar a ela a menos que tenha certeza. Talvez nem assim."

Um anel tilinta contra uma garrafa de cerveja. "Se fosse eu, preferiria não saber." "É. Ninguém merece isso. E você? Como estão as coisas lá no norte?"

"Nada mal. Já te contei sobre o incidente com as cabras montesas?"

O vento aumenta, e aproveito o aumento repentino do barulho para voltar sorrateiramente para dentro.

Meus pensamentos fervilham. É descontrolado e egocêntrico presumir que Saul estava falando sobre mim e Koen? Estou debatendo o assunto, mas um grupo me intercepta, e acabo tendo uma conversa muito agradável sobre fundos negociados em bolsa (ETFs) interespécies com Carl, um cara hipster simpático que claramente se arrepende de ter me conhecido no instante em que me afasto para tomar um copo d'água.

"Você é louco?", ouço Elle perguntando. "Dando em cima da amiga do Koen?"

"Cara, não. A gente só estava conversando."

“Só não se esqueça de avisar o Koen enquanto ele estiver te enforcando com seu próprio intestino grosso”, sugere outra pessoa.

"Cala a boca. Ele nunca faria isso."

"Não, ele nunca *fez* isso. Porque ninguém nunca deu em cima da companheira dele antes." Balanço a cabeça e enxáguo alguns copos, repassando mais uma vez o que Saul disse. Quando me viro, descubro... Boden, acho, é o nome dele. Irmão de Brenna, embora não sejam muito parecidos.

“Os copos limpos estão naquele suporte”, digo com um sorriso.

“Você não tem o direito de estar aqui.”

Eu pisco. "Certo. As xícaras limpas ainda estão naquele suporte." Eu me inclino contra a borda da pia, observando o garoto. Ele é alto. Da minha idade ou mais novo. Não tem a beleza de um astro de cinema, mas poderia conseguir um papel na TV. Ele também é altamente... *dominante* , acredito que seja a palavra certa, e essa consciência está na minha medula. Não tanto quanto Koen ou Amanda, ainda não. Seja lá qual for o ingrediente que eles usem para regar os futuros

Alfas, ele vai precisar de mais algumas tentativas.

Ainda assim, fica claro que ele sente que tem algo de valor a dizer. Cruzo os braços e espero, e ele não me decepciona.

“Você é meio humano que cresceu com um vampiro.”

"Cotovia da Miséria." Concordo com a cabeça. "Ela é minha irmã."

"Ela é uma sanguessuga."

"Verdade. E, portanto, não é o insulto direto que você imagina. Mas se você tiver mais informações biográficas sobre Misery que queira desabafar, fique à vontade."

“Acho que pessoas com as suas lealdades não têm lugar no Noroeste”, ele diz lentamente. Seu comportamento é calmo, mas percebo que ele está furioso. E sofrendo. E muito relutante em me ouvir de verdade. Não adianta entrar nessa conversa, e eu queria ser mais como a Miséria — encarar provocações como tentativas patéticas de me irritar, ignorar todas elas, nunca me aborrecer. O problema é que já ultrapassei o limite da quantidade de merda que estou disposto a aguentar. "Bem, *acho* que as pessoas que cresceram com o privilégio da arrogância moral poderiam dar um pouco mais de crédito a alguns de nós."

"É decência básica. Não arrogância moral."

"Sim. É." Eu me afasto do balcão e dou um passo em sua direção. "O bem e o mal são pincéis largos que nem sempre conseguem pintar os mínimos detalhes da vida real. Muitos vampiros, humanos *e lobisomens* fizeram coisas terríveis, mas Miséria não é uma delas. E, como

tenho certeza de que você sabe, minha presença aqui foi aprovada pelo seu Alfa, então, se você tiver um recado para a caixa de reclamações, você pode... pode levar para ele. Eu não pedi para nascer híbrida, e não sou uma princesinha de férias da sua abençoada vida de lazer, então pode levar sua sarcasmo— ”

Interrompi-me. Os olhos de Boden dobraram de tamanho e, embora eu adorasse presumir que é obra do meu pequeno discurso, eles estão fixos em um ponto atrás dos meus ombros. Quando olho, Koen está a alguns metros de distância. Parecendo entediado. "Boquinha, não

é, Boden?" Ele suspira. "Nunca pensei que me interessaria por isso, e ainda assim. A desgraça da minha existência." Seus olhos se voltam para os meus. "Não pare por minha causa", ele diz com um sorriso torto. "Eu adoro ver bundas sendo cavalgadas. É o meu tipo favorito de pornografia." Boden fica tenso — de raiva, vergonha ou uma mistura dos dois. "Se eu fosse o Alfa desta matilha, ela não teria permissão para vir aqui."

Estremeço um pouco, porque ele se sente tão *jovem* . Um dia, seus lobos frontais se desenvolverão, ele se lembrará dessa interação e seus amigos terão que remover todos os objetos cortantes de sua casa. Koen também parece envergonhado por ele. "Boden, considerando a quantidade de esfíncteres novos que essa garota acabou de te destruir, não preciso te dizer..." Ele para e faz uma cara pensativa. "Mas, pensando bem, eu adoro me entregar a demonstrações gratuitas de autoridade. Então, aqui está: Serena é minha convidada. Incomode-a de novo e eu farei você se arrepender."

"Ela não é sua convidada." Um sorriso irônico se forma na boca de Boden. "Metade dos membros desta matilha a quer morta."

"É assim mesmo."

"Sim. E todos nós sabemos que você a despreza tanto quanto todo mundo."

"Eu faço."

“Você está preso a ela porque ela é...”

"Porque ela é o quê?" Boden parece ter encontrado seu limite. A única coisa que ele não está disposto a mencionar. "Vamos lá", Koen insiste calmamente. "Diga.

O que ela é?"

"Seu companheiro."

"Ah, sim. Eu tinha me esquecido disso." Koen bate na própria têmpora com a palma da mão. Ele continua, monótono: "Já que você tem tanta certeza de que todos aqui a desprezam, inclusive eu, que fique claro: se você mexer com a minha companheira, eu vou te matar tão devagar, prolongar tanto, que as placas tectônicas vão se mover e criar novas cadeias de montanhas. E quando o resto da sua família vier te vingar, eu farei o mesmo com eles. E se seus ami gos vierem, eu não vou parar. Nem que tudo o que restar da matilha seja eu e ela. Vou pintar todo esse território de verde antes de deixar alguém da matilha derramar uma única gota de vermelho. Certo?"

Minha barriga se contorce com um calor líquido. O punho de Boden me aperta com tanta força que me preparo para um ataque.

Mas perto de mim, Koen nunca fica tenso. Como se soubesse desde o início da conversa que Boden acabaria abaixando a cabeça e dizendo: "Sim, Alfa".

"Ótimo." Ele aperta o ombro do garoto com um sorriso. "Agora saia da minha cozinha e vá passar produto no seu cabelo, ou seja lá o que for que você faz nas horas vagas."

Koen envolve meu ombro com o braço inteiro, a base da mão aberta batendo frouxamente no meu peito, e me puxa para perto dele. É menos um gesto de afeto e mais uma declaração, então não levo para o lado pessoal. Mas também não me afasto no instante em que Boden

desaparece. O calor de Koen é como... como água termal. Como uma daquelas poltronas almofadadas que Misery adora, aquelas que são terríveis para a postura. Algo para se *afundar* . "Isso soou maldoso", digo suavemente.

"É. Infelizmente, eu *sou* malvado." Ele diz isso como se não desse a mínima, mas sentisse que deveria. Meio carinhoso. "E ninguém vai tocar em você enquanto eu estiver de guarda." "Anotado." Pigarreio. Porque meu coração está batendo forte. Koen está simplesmente... muito, *muito* perto. E seu toque, diferente de todos os outros... de outra pessoa, não me dá vontade de me jogar escarpa abaixo. "Foi uma coisa intensa. Estou... lisonjeado."

"Não sinta. As ameaças eram muito exageradas, e menos sobre você do que sobre manter os babacas da matilha na linha."

"Certo, sim." Não é decepção, é o gosto amargo na minha garganta. Ou, não exatamente. "Eu imaginei."

Ele se afasta, e meu corpo quer segui-lo. Como não consigo, tento mais uma vez me içar para o balcão. Mais uma vez, suas mãos encontram meus quadris e me acomodam na superfície. Desta vez, eles permanecem.

Uma coisinha voraz e chorona começa a pulsar dentro de mim. "Boden vai ser o próximo Alfa?", pergunto para me distrair.

"Duvido. Há um punhado de jovens membros da matilha que são tão dominantes quanto ele e nem se comportam como marcas de derrapagem na correia do universo."

Koen ainda... não muito perto, mas também não muito longe. Um calor se transforma em algo líquido enquanto o encaro. A barba, o cabelo comprido, não escondem apenas sua beleza — são uma espécie de máscara. É impossível dizer o que ele realmente sente sobre qualquer coisa. Uma mecha escapou do infame coque, então eu a ergo e a afasto da testa dele. "Isso te preocupa? Que você possa ser desafiado a qualquer momento?" Misery me deu um resumo bem gráfico de como Lobisomens se tornam Alfas, o que envolve duelos físicos que frequentemente terminam em morte. É possível que ela estivesse apenas sendo dramática, mas ela insinuou fortemente a presença de nuvens de luta de desenho animado, torrentes de sangue e confetes feitos de pele voando por aí. "Que um dia um novo Alfa apareça e tente tirar tudo isso de voc ê?" Ele ri baixinho. "Assassino, nada disso é *meu* para ser tomado. Um Alfa não é dono de uma matilha, e quem quer que diga o contrário não tem o direito de supervisionar um banheiro de posto de gasolina, muito menos milhares de Lobisomens. É o oposto: a matilha é dona do Alfa como se fosse de um ferramenta, e se uma ferramenta mais nova e melhor aparecer, eu ficarei feliz em renunciar.” Não há ressentimento em seu tom.

"Você não odeia isso, não é?"

"O que?"

“Ser Alfa.”

Ele inclina a cabeça. "Por que você parece surpreso?"

"Não sei. Acho que Lowe parece se sentir muito mais em conflito com seu status de Alfa." Lowe tinha uma vida completamente diferente planejada. Ele é arquiteto de formação. Eu só

sei ser um Alfa. Como demonstrado pelo fato de que, quando ele me levou a um museu, sentei em uma escultura que custava mais do que o produto interno bruto da maioria dos pacotes.

"Por que?"

"Porque parecia uma cadeira, porra." Eu rio, e isso faz sua boca se curvar para cima numa curva tão... tão charmosa que *preciso* traçá-la. Mas então ele continua: "Alfa é tudo o que eu sempre fui e tudo o que sempre serei."

"E depois?"

"Pode não haver um depois. Mas se houver... Acho que vou encontrar um hobby." “Que hobby?”

"Não faço ideia. Vou ter que descobrir."

De repente, uma ideia idiota me vem à cabeça. Estendo os punhos e digo: "Escolha um". "Essa porra de jogo de novo não."

"Escolha um", insisto, com mais força. Ele suspira como se eu o estivesse forçando a limpar um estábulo e aponta para a minha mão direita —graças a Deus. Não sei qual teria sido a reação dele se eu o presenteasse com uma aula online de arquitetura. "Vou te ensinar a tocar piano."

Ele franze a testa. "Você sabe tocar?"

"Claro. A Colateral e sua companheira são moças bem-educadas. Sinceramente, a Mi séria era tão péssima nisso que fiquei com pena da nossa tutora." Finjo estremecer. "Vou te dar aulas, e você terá um hobby que não é, sabe, só ficar aí

parada, alta, imponente e *Alfa* ."

"Você não pode simplesmente tocar alguma coisa para mim?"

"Mas isso não faz de você uma jovem completa." Sua risada é um gemido. "Além disso, preciso ganhar meu sustento, e não é como se eu pudesse descongelar seu freezer. Vamos lá, posso te ensinar um acorde todo dia." Desço do balcão, envolvo dois dedos de Koen com a mão e o puxo em direção ao quarto. Recebemos alguns olhares curiosos no caminho, mas eu os ignoro, e ele também. Não é como se eu estivesse planejando transar com ele no armário, de qualquer forma. Eu só quero...

"Sente-se", ordeno assim que chegamos em frente ao piano, e, apesar do seu suspiro de sobrecarga habitual, ele obedece. A porta permanece escancarada. Conversas e risadas ecoam por todos os lados.

De volta à mansão Collateral, o piano veio com um banquinho que cabia duas pessoas. O do Koen só tem um banquinho redondo que não é largo o suficiente para nós dois. "Espere aí." Olho ao redor. Isso vai ser um problema, considerando sua relação tensa com móveis de mesa. "Deixe - me arrastar outra cadeira..."

Antes que eu possa ir em busca de um, ele puxa meu pulso e me puxa para entre os joelhos. Minha bunda bate nos músculos rígidos de seus quadríceps sem muita delicadeza, e seu braço esquerdo envolve meus quadris, com as costas da mão apoiadas na parte superior da minha coxa esquerda. Ele me posiciona de modo que minhas pernas ocupem o espaço entre as dele.

"Vamos acabar logo com isso", ele resmunga baixinho no meu ouvido. Meu coração dispara por um minuto, e não tem como ele não perceber, mas...

Certo. Claro. Ótimo. Só um acorde. Ele o escolheu. Ele o conquistou, de forma justa. "Alguma objeção a Dó maior?"

"Não."

"Legal." Engulo em seco. Seguro a mão direita dele entre as minhas e abro delicadamente seus dedos — polegar, indicador, anelar. "Aqui", sussurro, e eles parecem cair sobre as teclas brancas instintivamente, quase com facilidade

demais. Talvez outra pessoa tenha tentado ensiná - lo a tocar no passado? Talvez haja algum conhecimento básico, bem no fundo do cérebro dele? "Agora, é só apertar... assim. É." O acorde simples se eleva, nos envolvendo. "Você con seguiu. Olha só você."

Eu sorrio largamente, levanto meus olhos para encontrar os dele e percebo que ele já está me encarando, com olhos negros e vorazes.

"Olha só *você* ", ele diz. Pelo menos, eu *acho* . Eu poderia ter imaginado, porque é pouco mais que um rosnado sussurrado, rapidamente seguido por uma pergunta bem mais leve. "E agora?", ele pergunta.

Respiro fundo. "Agora você só, hum... sei lá. Repete o acorde várias vezes e toca a música mais chata da história?"

Ele ergue a sobrancelha. "Acho que vou fazer isso. É o que meu colega de quarto merece." Eu bufo e o vejo tocar o acorde de Dó mais dez vezes em rápida sucessão, com o olhar de *"isso é o que você consegue"* me entediando e me fazendo rir ainda mais. Estou tão ocupada me divertindo que levo um segundo para perceber que a mão esquerda dele, a que está na minha coxa, também está se mexendo.

Não é desagradável. Seus dedos pressionam levemente minha carne, o calor de sua pele marcando o algodão da minha calça, uma batida rápida que faz meu coração acelerar. É quase como se ele estivesse percorrendo a corda, subindo e descendo e subindo novamente em um ritmo constante, deslizando mais perto da dobra onde minha coxa e meu abdômen se encontram, e...

Com uma expiração brusca, fecho as pernas com um estalo. É um gesto automático, que prende os dedos dele ali, bem entre os dedos macios. gordura que envolve a parte interna das minhas coxas. Olho para ele, confusa. De repente, sinto calor por toda parte. Líquido.

O rosto de Koen, por outro lado, está gravado em pedra. "Serena", ele murmura, com o aroma intenso, a voz sobrenatural, e parece... Não sei. Uma pergunta, talvez. Um convite. Uma curva na estrada e o começo de algo.

Poderíamos nos beijar. Se quiséssemos, seria a posição perfeita, a situação perfeita. *Não podemos* , grito dentro da minha cabeça. *Você é louco?*

Mas isso não é verdade. Não *posso* , porque não tenho mais tempo. O Alfa do Koen. O Koen pode fazer o que quiser. O Koen decide se...

"Eu te disse", ele diz calmamente. De repente, ele fica gelado. "Não estou interessado." Meu estômago se contrai. As palavras ecoam através de mim, mais duras que um tapa. "Alfa?"

Viro-me para a porta. Um homem com têmporas grisalhas e um sorriso gentil e desgastado nos observa com curiosidade. Tento me afastar de Koen, mas seus dedos se soltam e apertam meu quadril, me impedindo.

"Desculpe o atraso. John pediu mais e mais histórias, e..." O olhar do homem se fixa em mim. O jeito como estou sentada no colo do Alfa dele. "Essa é minha filha de seis anos."

Tento me levantar novamente, e finalmente Koen me solta. Levanto-me e dou um passo para trás, não apressado, mas determinado.

O que diabos eu estava fazendo?

"A hora de dormir ainda é a sua parte favorita do dia, né?", pergunta Koen, descontraído, e o homem solta um gemido baixo e doloroso. É como se nada tivesse acontecido. *Porque nada aconteceu* , lembro a mim mesma. *Ele só disse que não está interessado . E não foi a primeira vez* . "Mai, aqui é a Serena. Serena, o Mai é o responsável pelas nossas fronteiras do nordeste. Você o tem mantido ocupado."

"Meu?"

Mai concorda. "Impedimos onze vampiros de entrarem em nossas fronteiras nos últimos dois dias."

Eu ofego. " *Onze?* É um número real?"

“Você gostaria de ver os corpos deles?”, pergunta Koen.

"Não."

"Bom." Seu sorriso não alcança os olhos. "Eles não estão em muito bom estado." Engulo em seco. "Você descobriu qual vereador os enviou?"

Não. Eram todos agentes independentes interessados na recompensa e não sabiam de muita coisa. Mas aposto que quem está por trás da recompensa está ficando impaciente. Logo logo vão fazer alguma besteira.

"Bom. Bom, não *bom* , mas..." Eu me encolho. Meu coração parece ter se estabilizado. "Obrigada, Mai, por... me manter segura. E sinto muito que você tenha ficado presa no t rabalho de matar vampiros."

"Tá brincando? Eu *adorei* ."

"Você?"

"Mai é meu segundo filho mais velho", explica Koen. "Ele escolhe as tarefas que quer." Conversamos um pouco. Mai pega o celular para nos mostrar algumas fotos de John, que parece adorável, uma ameaça e quer ser Koen quando crescer —como a maioria das crianças da matilha, aparentemente. Mas algo irritante e confuso gruda nas paredes da minha cabeça, um pensamento que não me sai da cabeça, nem mesmo horas depois, quando estou sozinha na cama, debaixo das cobertas, cercada por uma quantidade enorme de travesseiros de loja de decoração. *Mai é meu segundo filho mais velho* , disse Koen. O problema é que Mai parece meia década mais velho que Koen, no máximo. O que o daria em torno de quarenta anos. Não é o mais velho.

Incapaz de dormir apesar do cansaço, relembro os últimos dias. Cada passo que dei desde que entrei no território do Noroeste. Cada pessoa que conheci. E quando a ficha cai, quero pegar minha falta de capacidade de observação e afogá-la no rio mais próximo. Não acredito que demorei tanto para perceber como todos são *jovens* .

Esta *não é* a distribuição etária típica de uma matilha. Já conheci a maioria dos segundos de Lowe, e um terço deles parecia ter idade suficiente para ser seus pais. Sem mencionar que a casa de Lowe era uma espécie de porta giratória de Lobisomens de todas as idades em busca de plateia para todos os tipos de problemas.

Então é outra coisa. Eu me viro para dentro, as engrenagens girando. Quando se

trata do Noroeste, tenho muitas peças, mas não tenho certeza de como elas se encaixam. *Ainda.*

Por impulso, pego meu telefone no criado-mudo e digito uma mensagem.

Você está acordado?

Miséria: Sou um vampiro e é madrugada.

Reviro os olhos. Você pode perguntar ao Lowe há quanto tempo o Koen é Alfa?

A resposta vem em segundos. Não vou.

Serena: Por quê?

Miséria: Porque eu já sei a resposta.

Reviro os olhos com mais força. Misery, há quanto tempo Koen é Alfa?

Misery: Que gentileza sua perguntar! Vinte e um anos. Por quê?

Deixei o telefone de lado.

Koen tinha quinze anos quando se tornou Alfa. *Quinze.* E mais ou menos na mesma época, algo grandioso aconteceu —algo que matou a família de Brenna, destruiu os registros da matilha e deu ao Noroeste um motivo para se reunir.

Não tenho certeza de qual é a maioridade entre os lobisomens, mas vi como os jovens lobisomens são tratados em matilhas, e não consigo imaginar que alguém ficaria feliz com um garoto de quinze anos se tornando Alfa, muito menos o garoto de quinze anos em questão.

A menos que . . .

A menos que não houvesse alternativas. A menos que não houvesse membros mais velhos e dominantes para assumir. Porque todos que já tinham passado do fim da adolescência saíram ou foram... eliminados. Algum tipo de acidente? Um ataque? Mas como isso acontece? O que corta um bando com tanta precisão cirúrgica? *Quem* corta?

Pego meu celular novamente. Pergunto a Lowe como um garoto de quinze anos conseguiu unificar um bando inteiro.

Adormeci vários minutos depois, ainda esperando pela resposta.

CAPÍTULO 15

A cabine cheira como...

Impossível. Ele deve estar ficando louco.

TA NOITE TRAZ NOVOS NÍVEIS DE DOR E MORTIFICAÇÃO.

As lembranças não são muitas, mas, pelo que posso dizer: acordo algumas horas depois de ir para a cama, ofegante como um rinoceronte com apneia do sono, e vou até o banheiro enquanto meu corpo sofre com espasmos, cólicas e o fogo tomando conta de cada camada da minha epiderme. Sento-me no chuveiro enquanto a água fria escorre pela minha cabeça e imploro ao meu futuro cadáver que se cale. Imagino Koen entrando e encontrando o que sobrou de mim, uma arraia-manta encalhada, sem vida, no chão do banheiro, murcha depois de vomitar seus órgãos internos.

É aí que tudo fica confuso. Não me lembro de ter me levantado ou saído do banheiro. *Definitivamente* não me lembro de ter me deitado na cama do Koen. E, no entanto, é onde eu acordo. Pode ser uma característica evolutiva dos lobisomens: diante da morte iminente, buscar refúgio perto de Alfa. Talvez eu esteja no caminho certo. Eu deveria perguntar ao Koen se algum dia conseguirei encará-lo depois do que fiz com o quarto dele.

É... muito.

Na luz forte da manhã, olho para a bagunça encharcada da cama dele. Cambaleio, tiro os lençóis de algodão do colchão e percebo que ele está encharcado. É suor. Muito suor. *Acabei de passar uma hora suando na esteira* . Meu cheiro é forte, pungente, vagamente me lembrando de coisas que prefiro *não* reconhecer.

E isso satura cada centímetro da sua cama.

Isto é uma invasão do espaço privado de Koen.

É *profanador* .

Uma pequena misericórdia é que Koen passou a noite lá fora. Imploro ao deus das cadelas fisiologicamente desreguladas com distúrbios do sono que o mantenha longe por mais dez minutos. Coloco a roupa de cama dele, depois a minha, na máquina de lavar. Cenário: itens volumosos. Depois, limpo o quarto dele, tentando fazer com que cheire... *não como* eu, mas também como se uma pessoa perturbada não tivesse simplesmente jogado desinfetante em todo lugar —um equilíbrio delicado e impossível de encontrar.

Apresso-me no chuveiro, ensaiando o que direi a Koen se ele me chamar a atenção para essa nova faceta higienizadora da minha personalidade. *Por que lavei seus lençóis? Porque sou uma hóspede maravilhosa. Aceita uma taça de limoncello de cortesia?* Visto minhas roupas novas, mas algo parece... errado. Ao sair, tenho uma ideia —uma que nenhuma pessoa sã cogitaria, mas essa não é mais a minha versão do diagrama de Venn. Volto sorrateiramente para o quarto de Koen, roubo uma de suas camisetas e a visto às pressas por baixo do suéter.

E expire aliviado.

É como se meu pelo estivesse sendo escovado contra a textura dos pelos, mas esta camisa de cinco dólares o alisou de volta ao lugar certo. Não, não vou ficar pensando nisso agora.

Vou até a varanda dos fundos e encontro Amanda vestindo apenas uma parka longa. "Meu Deus *!"* Ela se anima quando lhe entrego uma caneca de café. *"Obrigada."*

"Obrigado . "

"Para que?"

“Patrulhando ao meu redor.”

"Tá brincando? Eu posso relaxar na forma de lobo. Prestar atenção aos barulhos da floresta. Rosnar para os esquilos. É a tarefa favorita de todo mundo. Bem,

exceto do Jorma. Mas isso é porque ele tem sede de planilhas."

Sento-me e sigo seu olhar para o grupo de lobos algumas centenas de metros à nossa frente. Eles se sentam nas patas traseiras, observando o espetáculo —que por acaso é uma luta.

O que envolve Koen.

Olho fixamente para sua forma de lobo. A pelagem dupla. Seu corpo musculoso. Sua mandíbula *assustadora* . Acho que também tenho uma, mas faz tempo que não a vejo. Nem estou enrolando-a no pescoço nu de um colega lobisomem, como se fosse uma coxa de peru assada no forno.

A loba marrom-avermelhada menor solta um gemido submisso. Quando Koen a solta, ela rola brevemente de costas para mostrar sua barriga macia. Então, após uma mordidinha carinhosa de seu Alfa, ela trota em direção ao resto do grupo, e um novo lutador toma seu lugar. Vejo Twinkles entre eles. Ele parece muito animado por estar no meio da ação, embora comicamente menor do que os Lobisomens ao seu redor. Mesmo assim, Ana ficará feliz em saber que ele está se mantendo ocupado.

“Isso é... normal?” pergunto.

"Milímetros?"

"Esse não é o desafio, certo? O que determina o novo Alfa?"

Ela cospe um bocado de café. "Serena, eles estão *brincando de briga* ."

"Certo. Só para ter certeza."

"É para desabafar." Amanda enxuga o líquido do pelo. "Viu como as mordidas estão mais suaves? As orelhas estão relaxadas. A cauda está neutra. Ficará mais fácil reconhecê-la conforme você passar mais tempo na forma de lobo."

Não vai, mas mesmo assim eu sorrio e aceno.

“Brincadeira de luta é um passatempo honrado dos Lobisomens.”

“Acho que nem todo mundo tem coragem para jogar pickleball.”

Ela ri. "Eu te ensino. E o Koen, é divertido treinar com ele. Ele é forte, mas seu autocontrole é inabalável..."

Ela interrompe a frase quando uma confusão se inicia. Nos viramos bem a tempo de ver Koen batendo a cabeça no flanco de um recém-chegado. Ele desfere alguns golpes contundentes, depois imobiliza o lobo cinza-escuro no chão com pressão suficiente para sufocá-lo, parando apenas quando ele geme de dor.

Amanda pigarreia. "Talvez Koen não seja a melhor opção agora. As coisas estão... muito complicadas."

"Está acontecendo alguma coisa? É aquela reunião com os líderes do grupo que você mencionou?"

"Não. Bem, sim. Mas isso é... Pode não ser nada. Ainda estamos torcendo..." Ela torce o nariz. "Na verdade, isso pode ter a ver com você."

"Comigo?"

"Bem, ele está morando sob o mesmo teto que a companheira. Ele fica muito perto de você, e eu acho que ele... ele *sente* isso. Se é que você me entende."

Eu não, na verdade... até que eu faça. E não queira mais respirar.

“Ele...?” Não consigo continuar.

"Ele está com tesão pra caralho", diz Amanda, com pena de mim. "À mercê da própria concupiscência lasciva. Provavelmente se masturba a cada três horas. Imagino que você ia dizer isso, né?"

Eu não estava. Na verdade, eu estava pensando na noite passada, nas mãos dele em mim, e me perguntando: Se o Koen quiser... Se o Koen *quiser* , comigo, então por que não?

A pergunta cria um calor denso e nebuloso na minha cabeça, uma gota deliciosa que se funde em uma nova ideia. Ela martela um ponto dolorido no fundo do meu estômago. Se não conseguir transar afeta Koen nesse grau, se ele está se

transformando em lobo e saindo para estrangular ursos pardos... *eu não deveria* fazer algo a respeito?

Eu certamente poderia. Afinal, já fiz sexo com homens de quem gostei e respeitei menos que o Koen. Quase exclusivamente. E eu... Não é que eu... eu não me importaria. Meu estado de espírito perturbado prova isso. Meu coração batendo tão forte contra minha caixa torácica que Amanda deve estar se perguntando se eu tenho angina —isso também prova isso.

Então por que não?

Porque você está prestes a desistir. E porque ele já disse várias vezes o quão pouco te quer. É por isso que não. Quando se trata dos desejos do Koen, você realmente vai acreditar na Amanda em vez do próprio Koen?

Não. Não vou. A questão é bem simples: o Koen pode me querer, mas não *quer* me querer. Ainda assim, não há motivo para ele desistir.

"Ele não precisa ser", digo a Amanda, ignorando o gosto ácido das palavras na minha língua. Talvez ela o avise. Talvez ela o inscreva em um aplicativo de namoro chamado Howlr, que alguém deveria inventar. Ele provavelmente já tem um monte de parceiros para transar.

"O que você quer dizer?"

"Só que, já que o Koen e eu não estamos... Não significa que ele tenha que ficar todo... reprimido. Não que ele precise da minha permissão. Mas, já que estou hospedada na casa dele, pode ser difícil para ele... Acho que o que estou tentando dizer é que posso me esconder. E eu não reclamaria nem nada se ele trouxesse alguém para..." Forço um sorriso, sentindo- me enjoada. "Saciar a concupiscência lasciva dele."

Ela me estuda por tanto tempo que me pergunto se meu balbucio a hipnotizou.

"Amanda? Está tudo bem?"

"O Koen não te contou? Ou o Lowe? Ou qualquer outra pessoa?"

“Não tenho certeza do que você está falando.”

Ela respira fundo. Passa as costas da mão pela boca. E então se resigna a ser a única a me dar a notícia. "Serena, o Alfa da matilha do Noroeste é tradicionalmente convidado a honrar um pacto de celibato. Ele é proibido por lei de... envolver-se em qualquer tipo de relacionamento íntimo —emocional *ou* físico."

CAPÍTULO 16

Ele disse a ela que nunca a tocaria porque não a queria o suficiente; na verdade, ele nunca a tocaria porque a deseja demais. O faz de conta, ele pensa, foi mais gentil com ambos.

EUAINDA ESTOU TRABALHANDO PARA ENTENDER AS IMPLICAÇÕES DO QUE Amanda revelou,

mas ela já está dando mais detalhes. "... não mudou muita coisa para ele. Sua presença o está desconcertando. Pelo menos, eu acho que sim... Koen não é o tipo de pessoa

que anda por aí reclamando do estado de descontentamento de seus testículos. E ele nunca pareceu afetado pelo pacto. Ele está lidando com isso há vinte anos, mas duvido que tenha sido um fardo para ele. Eu nunca o vi *olhar* para uma mulher, então..."

"Por que?"

"Com licença?"

"Lowe está com Misery. Eu sei que o Alfa de uma das matilhas da Nova Inglaterra tem uma companheira. Essa regra foi feita para o Koen?"

Amanda massageia os olhos. "É complicado."

"Como assim?"

O pacto de celibato costumava ser uma prática comum em matilhas. A ideia é que, se uma matilha concede a um Alfa poder absoluto sobre si, o Alfa deve ser capaz de garantir que o bem - estar da matilha seja o mais importante para ela.

Mas se cada decisão precisa ser tomada para o bem da matilha —

"Outras prioridades são uma ameaça", termino, começando a entender. "Como um parceiro. Ou filhos."

"Exatamente", ela murmura, franzindo a testa enquanto toma um gole de café.

“Mas você não concorda?”

"Eu... Em teoria, faz sentido. Mas se apaixonar e estabelecer relacionamentos não são necessariamente coisas que se pode controlar. E isso *sem* mencionar a questão dos parceiros biológicos. Apenas uma pequena porcentagem de nós encontra um, mas quando encontramos..." Seus olhos se erguem para a clareira acima de nós. Koen e um lobo cinza-estanho quase tão grande quanto ele rosnam um para o outro. "Era uma regra difícil. Sem mencionar que alguns Alfas aceitavam o pacto, mas o ignoravam."

“Família secreta com deficiência de vitamina D no porão?”

"No vão livre, no sótão. Dependendo do tipo de solo e da linha de congelamento, mas sim, mais ou menos." Ela bufa. "A regra ficou obsoleta. Algumas matilhas começaram a ignorá- la, outras a eliminaram gradualmente. Mas houve alguns contratempos." Outro gole, mais lento desta vez. "Embora, se quer minha opinião... Bem, você não perguntou, então..."

“Mas eu adoraria saber”, apresso-me em dizer.

"Nesse caso, preparem-se para uma arenga de nível internacional." Ela se vira. Seu joelho bate no meu. "Alfas são pessoas. E pessoas cometem erros. É por isso que as matilhas têm sistemas de freios e contrapesos. Temos uma Assembleia que pode contestar as decisões do Alfa, se necessário. E as regras são boas e boas, mas tudo o que podem afetar é o *comportamento* . Eles não podem policiar algo tão pessoal e desordenado como um *sentimento* , então..." Ela para,

talvez percebendo que está, de fato, arengando. Quando retoma, seu tom é mais suave. "Há cerca de setenta anos, a regra estava sendo lentamente revogada em toda a América do Norte. A matilha do Centro-Oeste estava na vanguarda disso. E depois de mais ou menos uma década, os primeiros relatos de líderes se aproveitando de sua recém-descoberta liberdade começaram a vazar. Um Alfa

transando com sua própria matilha. Concedendo privilégios em troca de sexo. Coisas de troca de favores."

Meu estômago embrulha. "Eles o pararam?"

"Ele foi desafiado e atualmente está fertilizando a espiga de milho mais rançosa do mundo. Mas parecia um conto de advertência. O Noroeste decidiu manter o pacto do celibato e, nas décadas seguintes, nossos Alfas pareceram bem com isso. Nem todo mundo quer ser sexualmente ativo ou estar em um relacionamento, sabe? Era um problema para depois." Amanda morde o lábio inferior. "E então veio depois."

"Isso foi há quatro décadas? O Alfa antes de Koen?"

"Um pouco menos que isso. Mas sim." Ela pousa a caneca, como se precisasse de todos os seus membros para isso. "Ela era uma Alfa fantástica. Além disso, estava apaixonada e não se desculpava por isso. Pediu à Assembleia que rescindisse o pacto. Segundo minha mãe, na época, a Assembleia era um bando de velhos cujo principal hobby era brandir os punhos para as nuvens. Ou talvez fossem apenas cautelosos. Estudaram todos os casos conhecidos de má conduta de Alfa, criaram uma centena de cenários em que a revogação do pacto levaria a uma chuva de asteroides que extinguiria toda a vida aeróbica, e a negaram."

“Foi por isso que os grupos se separaram?”

“Sim. Eu nasci dentro do núcleo naquele ano. E os grupos... Mesmo após a divisão, o instinto da maioria dos membros ainda era se unir sob um Alfa. A Assembleia continuou a existir como uma entidade, para garantir boas relações entre os grupos, que formavam uma aliança frouxa. E ao longo dos anos, conforme novos líderes de grupo eram eleitos, sua composição mudou para Lobisomens mais progressistas, e... a maré estava mudando. Parecia certo que a matilha se reuniria em breve.” Seus dedos apertam a balaustrada. “E então fomos atacados.” “Amanda, eu— ”

"Você sente muito, eu sei." Ela estende a mão para mim com um sorrisinho. Segura meu braço por cima do tecido do suéter. "Eu agradeço, Serena."

“Eu sei que foram os humanos, e eu— ”

"O quê?" Seus olhos se arregalaram de surpresa. "Quem te contou isso?"

“Br enna.”

Ela revira os olhos. "Isso *não é* verdade, e é uma leitura absurda do que... Humanos estavam envolvidos, sim, mas a verdadeira responsabilidade é dos Lobisomens."

"Nossa, são *as duas* espécies da minha espécie. Que coincidência."

Amanda ri. Me aperta uma última vez antes de me soltar. "Você não tem mais culpa disso do que eu. Ou do Koen. Ele tinha quinze anos, mas assumiu o controle, neutralizou a ameaça, convenceu os grupos de que seríamos mais fortes juntos. E quando a condição da Assembleia foi reintroduzir o pacto do celibato..."

"Ele concordou." Concordo com a cabeça, ignorando as pedras no estômago. Koen não precisa que eu sinta pena dele.

"É meio engraçado. Quer dizer, o Koen realmente faz o que bem entende. Ele não conheceu uma regra que não gostasse de quebrar, mas o pacto... ele é muito rigoroso com esse." Um pequeno dar de ombros. "Só não tenho certeza se ele se importa em ser, no momento."

Não entendo, o peso se acomodando no meu peito. Koen é um homem poderoso, com recursos quase ilimitados e a adoração das massas. *De algumas* massas. Ele até tem seu próprio clube da luta particular —o sonho de todo adolescente de 36 anos.

Só que ser impedido de ter relacionamentos não deve ser uma decisão fácil de tomar, principalmente aos quinze anos. E... por que ele não me contou? Na primeira vez que nos encontramos, ele me informou que eu era sua companheira, mas nunca mencionou o pacto.

Esta conversa não é *um convite.*

Mesmo quando eu o convidei para sair desajeitadamente...

Goste de mim ou não. Eu realmente não dou a mínima.

E ontem à noite...

Eu já disse. Não estou interessado.

Ele fez parecer que não *queria* ficar comigo. Nunca mencionou que não tinha *permissão* para isso.

"Estávamos pensando..." Uma voz masculina interrompe meus pensamentos. Quando olho para cima, Saul e Jorma estão parados em frente à cabana, nus. Mantenho meus olhos deliberadamente acima do pescoço deles e tento não engasgar com a minha própria respiração. "E aí, pessoal."

Saul sorri. Pisca para mim, como se costuma fazer. "Oi, querida. Jorma e eu estávamos na região, para..."

"Levar as surras do Koen?", Amanda oferece.

“É, isso mesmo. E lembramos que ontem à noite você mencionou o quanto adora cozinhar. Então, imaginamos que você provavelmente fez algo para o café da manhã hoje, e como é tão difícil calcular porções, talvez tenha sobrado. Não íamos querer desperdiçar, sabia?”

Contenho um sorriso. "O que vocês gostariam?"

"Ah, não queremos te incomodar. Só que, se você tiver algo que vá jogar fora de qualquer jeito..."

Viro-me para Jorma, que é muito direto e pouco falastrão. "O que ele gostaria?"

"Rabanada, por favor", diz Jorma. "Com salsichas."

"Você *não* precisa cozinhar para esses otários de jeito nenhum", Amanda me diz. E acrescenta: "Mas se fizer isso, lembre-se de que eu também não tomei café da manhã."

Eu sorrio. "Então entre."

Menos de uma hora depois, meu ego culinário cresceu até o tamanho de um

quasar. Da janela, observo Jorma, Saul e Amanda saltando da varanda de Koen e se transformando em lobos majestosos no ar. Sigo suas formas flexíveis até que desapareçam. É então que meu telefone toca com um número desconhecido.

No passado, eu comeria vidro com gonorreia antes de atender. No entanto, devido ao meu atual estilo de vida social de alta recompensa, tenho apenas dois contatos: Misery — salvo de memória — e Koen —pré-programado. O que significa que não estou em condições de rejeitar ligações desconhecidas.

"É a Juno", diz a voz do outro lado da linha, e eu me afundo de alívio. Não tenho força emocional para me defender de fraudes financeiras. "Os humanos me responderam sobre o seu DNA."

Eu me endireito. "Alguma novidade?"

“Sim e não.”

"Bata em mim."

“Como você sabe, quanto mais distante for o parentesco, menos segmentos de DNA serão compartilhados, o que diminui a probabilidade de detectar— ”

“Juno”, interrompo, divertido.

"Sim?"

“Tudo bem se você me contar as descobertas.”

Uma pausa. "Eu não gostaria que você pensasse que não confio em você para entender a ciência por trás de..."

“Sinta-se à vontade para ser condescendente comigo a qualquer momento.”

"Nesse caso." Ela respira fundo. "A família da sua mãe parece ser do oeste da Serra Dente de Serra."

Serra Sawtooth. Onde é que eu já ouvi falar? "Não faz parte das Montanhas Rochosas?" "Correto."

Visualizo um mapa. Fronteiras estaduais sem sentido que os humanos traçaram, unindo territórios que não visitavam há séculos. "Área dos lagos, certo?"

“Correto”, ela repete.

“Faz fronteira com o... bando do Meio- Oeste?”

Meio segundo. "Na verdade, fica mais perto da fronteira leste do território do Noroeste." Isso reforçaria a suspeita de Juno de que meu pai também era daqui. "Tem algum m embro

da família humana com quem possamos conversar?"

“Os parentes mais próximos que encontramos eram primos distantes. Sem mencionar...” “Somos Lobisomens, e eles podem nos receber com uma metralhadora?”

“Não parece muito rebuscado.”

“Concordo. Hum.”

Da sua mãe , dizia o bilhete. Koen achou que pudesse ser uma brincadeira, mas minha mãe era da região, então... e se ela ainda estiver aqui? Ela é humana e é improvável que chegue ao território do Noroeste sem ser detectada. Mas talvez ela tenha um amigo lobisomem que entregou para ela. Poderia ser meu pai? Ele ainda poderia estar na matilha? Improvável, considerando que poucos membros teriam idade suficiente. Mas ainda assim.

Sopro o cabelo para longe dos olhos. Através do vidro, vejo Koen voltando lentamente, com a brisa soprando em seu pelo escuro. "Desculpe, Juno, preciso ir. Obrigada por isso."

"Serena, posso contar para a Misery? Já sei que ela vai perguntar. Ela é muito..." "Intrometido?"

"Sim. Quando se trata de você."

“Você pode contar qualquer coisa a ela, mas se essa informação chegou até você por meio de um computador, é provável que ela já saiba.”

“Ideal, pois me pouparia de uma conversa que violaria a ética.”

Eu rio, refresco o café e mando uma mensagem:

Não posso deixar de notar que ou você não perguntou a Lowe como um garoto de quinze anos conseguiu unificar um bando inteiro, ou você está guardando a resposta para si mesmo.

Miséria: Lowe está no sul a negócios. Eu sou apenas uma noiva solitária e neglige nciada.

Serena *:* Não entre no lago sem antes alimentar o Sparkles. A propósito, como está meu filho?

Miséria *:* Da última vez que verifiquei, seus intestinos estavam saudáveis e produtivos. Ele pode parecer um hamster gigante, mas com certeza defeca como um leão.

Serena: Fantástico. Já que sua curiosidade intelectual está claramente no auge, você pode me dizer mais alguma coisa?

Miséria: Provavelmente.

Serena: Preciso saber o que aconteceu especificamente há vinte e um anos aqui no Noroeste. Lobisomens morreram, especialmente Lobisomens mais velhos. Humanos estavam envolvidos.

Miséria: Pronto.

Misery: Embora, e essa talvez seja uma ideia muito fora do comum para ter ocorrido a você, apesar da sua carreira como jornalista: você poderia fazer perguntas? Por exemplo, para o cara com quem você mora? Quem por acaso participou ativamente dos eventos que você acabou de mencionar?

Serena: Todo mundo está muito cauteloso. Este é obviamente o grande evento traumático e formativo do Noroeste, e eles ainda não superaram. É como aquela coisa que vocês, vampiros, sempre falam, com o sangue e o casamento.

Miséria: O Áster?

Serena: Sim. Só que isso aconteceu anos atrás, não séculos atrás, e tenho quase certeza de que a árvore genealógica de todos morreu junto. Parece mais sensato buscar fontes alternativas.

Miséria: Sua vadia de coração mole. Eu nunca conseguiria.

Serena: Uh- huh. A propósito, onde está a Ana? Aconchegada em cima de você? Bocejando na sua cara? Babando no seu travesseiro?

Miséria: Absolutamente NENHUMA das opções acima.

Miséria: Mas se fosse, ela me diria para cumprimentar a tia Serena e perguntar quando ela voltaria para mais tirolesa.

Serena: Ela está pedindo seu telefone para jogar Tetris?

Miséria: Sem comentários. Adeus.

Sirvo um pouco de café em uma caneca e a deixo de lado para Koen. Estou recolhendo os pratos usados, mas surpreendentemente limpos, dos segundos, quando, com o canto do olho, vejo algo no corredor.

É uma flanela amarela. A flanela que roubei do Koen e com a qual dormi ontem à noite. Aquela que eu transpirava. Aquela que pensei em colocar na máquina de lavar junto com os lençóis.

"Merda", murmuro, correndo para pegá-lo. Infelizmente, no mesmo instante, a porta se abre. Koen entra na cabine em forma humana, terminando de vestir uma calça jeans, o jeans surrado e macio em volta dos quadris. Ele não se dá ao trabalho de abotoá-la completamente e... Não sei. Acho que poderia desviar o olhar rapidamente e talvez até corar. Mas em um lugar onde ninguém parece se importar com nudez, sou eu quem a torna estranha.

Além disso, estou ocupada escondendo a flanela atrás das costas. O que parece não adiantar muito, considerando a forma como as narinas de Koen se dilatam. De repente, sou tomada pelo terror: será que ele consegue sentir o cheiro dos restos do meu suor?

Claro que sim. Porque ele fica rígido como uma estátua e pergunta: "O que foi?". As palavras soam um pouco como um rosnado, como se viessem do fundo do seu corpo.

"Nada." Engulo em seco. Sorrio para suavizar a mentira. "Só meu pijama. Preciso lavá- lo." Seus olhos escurecem. O pânico me percorre a espinha.

"Já volto. Me dá um segundo", imploro, virando-me e correndo pelo corredor o mais rápido que posso.

"Serena." Sua voz é tão áspera que meu corpo inteiro se cont rai. Congelo no lugar. Depois de um longo momento, viro-me. "O-o quê?" "Não corra."

Engulo em seco. "Eu... Por quê?"

"Vá *devagar* até a máquina de lavar e se livre das roupas." Sua voz me prende ao chão. Algo se acumula em meu estômago. "Não me faça correr atrás de você."

Não faço ideia do porquê ele está me pedindo isso, mas faço o que ele manda: sigo calmamente pelo corredor até chegar ao vestiário, observando a flanela afundar em uma poça de água com sabão. Respiro fundo antes de voltar, mas, ao retornar, Koen está exatamente onde o deixei, claramente sem vontade ou incapaz de se mover.

Nenhum de nós menciona a conversa que acabou de acontecer — um acordo silencioso e compartilhado para fingir que nada aconteceu. Em vez disso, pego o café do balcão e o entrego a ele até que ele o aceite com um grunhido abafado. Seus olhos não desgrudam dos meus até que ele inclina a cabeça para trás para beber.

Não consigo parar de olhar para o seu pomo-de-adão através do pescoço sem barbear. A largura do seu corpo, os músculos trabalhando sob a pele imperfeita e cheia de cicatrizes. O seu contorno grosso. Seus ombros e costas se contraem quando ele me vê observando; eles não relaxam mesmo quando eu sorrio.

A aparência dele rouba a atenção. Mas a maioria dos Lobisomens tem esse físico, e a razão pela qual não consigo tirar os olhos deste tem mais a ver com o fato de que...

Ele é *Koen* .

Ele conduz conversas inteiras em rosnados baixos. Ele percebe que estou prestes a zombar dele antes mesmo que eu tenha formulado a piada na minha cabeça. Ele perturba o espaço que o cerca, e o meu com ele. E seus olhos estão sempre buscando os meus, me moldando, tentando ter certeza de que estou bem, e *nunca* me pedem nada.

Lembro-me das imagens desconexas e vagas que continuo vendo nos meus sonhos. Sinto o mesmo calor líquido e baixo. Imagino quantas leis civis, criminais, morais e *marítimas* eu violaria se fosse abraçá-lo. Talvez dissesse: *Seus peitos também são espetaculares* .

"O quê?" ele pergunta quando eu solto uma risada, e balanço a cabeça. “Quantos companheiros de matilha você massacrou nesta bela manhã?” Ele murmura algo sobre "merdinhas chorões" e eu tento não rir .

"Fiz rabanada. Quer um pouco?"

"Estou bem."

Ele também não comeu nada da comida que fiz ontem à noite. Está ardendo, e não sei por quê.

“Para onde Amanda foi?” ele pergunta.

"Acabei de sair. Sinto muito que você não tenha visto ela."

"Não estou. Estou em grupo e fora por hoje."

“São oito e meia da manhã, Koen.”

O que você quer dizer?, pergunta claramente seu olhar. "Vá se vestir", ordena. "Estamos indo a algum lugar."

Respiro fundo. Penso em todas as coisinhas cruéis que ele me disse para me afastar. Na grande coisa que ele se esqueceu de me dizer, a que melhor explica a distância que ele vem mantendo. "Na verdade, não vamos. Vamos ficar em casa

por um tempo. E..." Olho para os

ombros dele. Para os bíceps. Para o V da barriga dele. "Pelo que eu tenho em mente, é melhor *você* não se vestir."

CAPÍTULO 17

O pacto nunca foi uma parte importante de sua vida. Ele o esquecia por meses, até anos. Nunca pareceu um sacrifício, apenas uma simples troca, uma característica essencial de quem ele era: o Alfa do Noroeste.

Então ela chegou, assumiu o controle total sobre ele e não deixou espaço para nada além dela.

DNÃO FIQUE NERVOSO.”

"Eu não sou."

"Koen, eu sei que já faz um tempo."

"Acabe logo com isso, porra."

"O quê? Não, não é assim que se faz. Isto é uma *experiência* ."

“Então faça com que seja uma experiência *rápida* .”

"Por que você está agindo assim? Vou ser gentil. Não sou gentil?"

“Você pronunciou errado 'irritante'.”

"Ah, qual é. Estou me divertindo."

“Gostaria de poder dizer que o sentimento é mútuo.”

"Deveríamos colocar um lençol ou algo assim? Você está fazendo muito mais bagunça do que eu imaginava. Mas acho que é normal, já que faz tanto tempo."

“Se alguém está fazendo bagunça, é você.”

"Silêncio. Estou fazendo isso por você. A matilha inteira acha que você não tem jeito, mas eu vou te ajudar a mostrar a eles que— "

A porta se abre de repente, e Koen e eu ficamos em silêncio enquanto cortamos o cabelo.

É *um* péssimo momento. Estou quase terminando o que certamente será conhecido, post - mortem, como *o empreendimento artístico mais desafiador e poderoso de Serena Paris* , mas duas mulheres e um homem estão... entrando rudemente e interrompendo meu processo criativo. "Alguém já bateu?", sussurro.

"Não, claro. E não sei bem o que há em mim que diz 'sinta-se em casa'." Koen olha para a curva inflexível dos próprios braços, cruzados sobre o peito nu. Então pergunta, mais alto: "Alguém instalou um tapete vermelho na porra dos degraus da minha varanda?"

"Devo ter perdido", diz o homem. Ele é careca, tem uma longa barba loira, óculos de aro grosso e uma expressão *de quem acabou de amassar minha pintura* .

"Não tenho certeza se me sinto confortável sabendo que meu Alfa deixou uma garota com uma tesoura brincar em seu pescoço", diz a mais alta das duas mulheres, parecendo igualmente irritada.

Koen dá de ombros. "Sinta-se à vontade para pensar no assunto e nunca me contar, Anneke."

"Acho que ele está bonito", diz a outra mulher, o que considero um elogio muito necessário. "Ora, obrigada." Aperto uma das mãos contra o peito. "Acredito que minha musa esteja falando comigo."

O riso da mulher é baixo e musical. Ela é bem menor que Anneke e parece alguns anos mais velha que Koen. Ao contrário dos outros dois recém-chegados, sua postura é tranquila. *Ela* não

veio aqui para brigar. "Era hora de mudar. Não que o cosplay viking deprimido não fosse atraente", diz ela a Koen, que estremece e massageia a testa.

"Existe uma única pessoa nessa maldita matilha que *não* tenha opinião sobre meus hábitos de higiene?"

“Não”, os três respondem em uníssono, o que me dá o impulso necessário para co ntinuar raspando a barba de Koen.

“A razão pela qual estamos aqui, Alfa”, começa o homem, “é que— ”

“O boletim informativo da matilha informa que tenho uma mulher - minha companheira, nada menos - hospedada em minha cabine enquanto esperamos por esta nova maré de psicopatas assassinos a diminuir, e você tem medo que eu esteja transando com ela. Parece certo?

Anneke e o homem trocam olhares surpresos, mas a mulher mais velha apenas sorri. Passo a mão pelos cabelos de Koen e inclino sua cabeça para trás até que seu pescoço fique exposto. Ele segue minhas instruções, flexível em minhas mãos. "Ele não está", digo distraidamente.

“Ele não é...?” Anneke pergunta.

"Quebrando o pacto. Continuo tragicamente sem transar."

Há uma tensão repentina em suas costas nuas, a batida de um coração que só consigo detectar porque estou em seu espaço, tocando-o. Um tique em seu maxilar.

Ah. Então você esperava *que eu não descobrisse.* "Levanta o queixo, Koen — perfeito." Deslizo a lâmina pela coluna do seu pescoço e passo os dedos pela sua pele, satisfeita com o deslizamento suave. Koen não tinha creme de barbear, então estou usando uma mistura de sabonete e condicionador. Aproveito um breve momento para admirar meu trabalho e então sorrio para Anneke. "Ele também não está perdidamente apaixonado por mim. Sinceramente, ele mal fala comigo."

“E ainda assim ele deixa você brandir uma arma em volta do pescoço dele.”

"É mais como serviço comunitário, Anneke", murmura a mulher mais velha, e trocamos um olhar divertido. Imagino qual é o nome dela...

"Karolina", ela me diz, com os lábios franzidos. "E este é Xabier. Somos três quintos da Assembleia."

“Serena, eu apertaria sua mão, mas...”

"Entendido."

"Agora que trocamos as pulseiras da amizade", diz Koen, "podemos seguir com o nosso dia?" Ele faz menção de se levantar, mas eu o empurro de volta com uma mão firme em seu ombro.

"Só depois que eu terminar, amigo." Dou uma volta para trabalhar na outra metade do rosto dele, mas paro quando percebo o jeito como todos estão me olhando.

Bem, nem *todos* . Koen continua sendo o seu eu habitual e sofredor. Os outros, porém, nos observam boquiabertos. Sinto uma onda de pânico. Alerta repentino. Esfíncteres cerrados o suficiente para formar diamantes.

"Estamos... estamos sendo atacados pelos Vampiros?" Mudo a posição da navalha para usá - la como arma, pronta para uma invasão. *Tão* pronta. Eles não precisam saber que mais cedo eu distendi um músculo enquanto penteava o cabelo.

"Não é nenhuma evidência de que vocês dois não estejam em um relacionamento", res salta Xabier, "o jeito como ela toma liberdades. Dá ordens."

"É mesmo?" Koen parece entediado. "Vocês três apareceram na minha casa só para me dizer o que fazer, e, da última vez que verifiquei, eu não estava transando com nenhum de vocês."

"Pare de se mexer", murmuro, voltando a barbeá-lo. "Ou vou te cortar, e vão pensar que estou grávida dos seus trigêmeos."

Koen se imobiliza, mas os cantos dos lábios se contraem. "Ela não está *tomando* liberdades, elas lhe foram *dadas* . Se alguém aqui está questionando minha autoridade, é você."

"Não estamos", diz Anneke. "Mas estamos *preocupados* . Precisamos lembrá-lo

de que..." Não. Não preciso que me lembrem de nada. Mas se você quiser, vá em frente. Sei que é um hobby seu muito querido.

"Koen sabe por que as regras existem", diz Karolina, diplomática. "Melhor do que ninguém. Ele nunca nos deu motivos para duvidar dele."

"Ele não", concorda Xabier. "Mas ele não tinha uma companheira antes."

Koen resmunga. "Quando a matilha se reuniu, prometi que, se a encontrasse, avisaria vocês imediatamente, e assim fiz. No dia em que a conheci. *Sou* a razão pela qual vocês podem ficar em cima de mim como fedor em merda. Infelizmente, ela também é uma híbrida que precisa de proteção, o que Não vou me conter só para convencer a Assembleia de que nada está acontecendo."

"Além disso", pergunto, "você não conseguiria sentir o cheiro?"

Karolina torce a cabeça. "Como assim, Serena?"

"Bem, dois dos padrinhos estão juntos, e ontem à noite eu pude perceber facilmente que eles trocam fluidos corporais regularmente." Termino de passar um pano quente nas bochechas de Koen e dou um passo para trás, procurando por pontos que faltam. Ficarei triste se ele me abraçar novamente, sem o arranhão da barba dele na minha pele. Eu estava... sim. A fim disso. Mas essa foi uma atividade divertida. Minha favorita nos últimos tempos. Há algo de bom

em estar perto do meu Alfa. Cuidar dele, assim como ele cuida de mim. Respirar seu aroma suave, me preparar para o que está por vir, me confortar para...

Uau.

Uau, uau, *uau* .

Para onde foi meu cérebro agora mesmo? Quanto tempo fiquei em silêncio?

“Acho que o que quero dizer é” — pigarreio — “que seu nariz lhe diria se algo estivesse acontecendo entre nós.”

"Talvez eles estejam resfriados", Koen diz lentamente. "Talvez esse resfriado tenha feito o cérebro deles vazar pelos ouvidos."

“Koen, dada a sua história— ”

"Minha *história* ?" Ele se levanta, de repente se elevando sobre todos nós. Os fios de cabelo cortado ainda presos aos ombros escorregam silenciosamente para o chão. Xabier, que falou por último, dá um passo para trás. "Conte-me mais sobre *minha* história. O que eu fiz para justificar essas dúvidas?"

"Seu- "

“Pense *muito bem* antes de terminar essa frase.”

"Ei." Minha mão encontra o calor intenso da barriga de Koen, e eu silenciosamente me encaixo na frente dele, ignorando a porção adicional de olhares perplexos que isso me rende. "Escute, você pode não me conhecer, mas Koen é seu Alfa há anos. Não precisa tratá-lo como um babaca.

Três pares de olhos piscam para mim. Atrás de mim, Koen pergunta: "Um o quê?"

"Um filho da puta. Só, sabe? Um garoto. Que fode." Meu Deus, Misery está certa. Algumas coisas simplesmente não se traduzem para os Lobis. "O que estou tentando dizer é que ele me

disse que nada aconteceria entre nós no dia em que nos conhecemos. E eu não vou tentar desintegrar o livre-arbítrio dele com a minha boceta mágica. Certo?" Eu encaro Xabier até ele concordar com a cabeça, e embora ele não pareça feliz ao sair furioso, pelo menos ele se foi. Anneke faz menção de ir embora depois, um pouco mais tranquila.

"Eu confio em você, Koen", diz ela. "Não quis dizer que não confio. Mas quero lembrá-lo de que nenhum outro Lobi é forte o suficiente para manter o Noroeste unido, e se suas preocupações com Constantine se confirmarem... Estamos em suas mãos, Alfa. Lembre-se disso." Ela sai com passos consideravelmente mais lentos, deixando-nos em um longo silêncio, e *eu me* perguntando: quem diabos é...

“Quem te contou sobre o pacto?” Koen me pergunta.

Com as mãos na cintura, viro-me. "Acho interessante que *você* não tenha me contado, já que você é tão apegado à verdade."

"Não foi isso que aconteceu." Vejo uma indiferença forçada na tensão de cada músculo do seu corpo. "Quem te contou?"

"Eu tenho minhas fontes." Dou a ele meu melhor sorriso enigmático de superespião, recusando-me a jogar Amanda debaixo do ônibus.

"Ela não é uma delícia de se ter por perto?", ele diz para Karolina, passando a mão em volta do meu ombro. Seu toque me atinge como uma pequena supernova, acendendo um milhão de terminações nervosas. Um calor percorre meu braço, minha espinha, acumula-se na minha barriga. "Ela é exigente. Fala demais. Não se importa com a própria vida. O oposto de como eu gosto dos membros da minha matilha —vistos, mas não ouvidos."

Eu bufo. "Ele também não gosta de vê- los."

"Sim. É verdade."

"Fascinante." O olhar de Karolina alterna entre nós. "Você disse que não é recíproco? Você não é o companheiro dela, mesmo ela sendo sua?"

O aceno de Koen é indiferente, como se ele estivesse confirmando algo sem importância. *Sim, alho-poró é realmente meu vegetal sazonal favorito* .

“E ainda assim ela não sente a necessidade de obedecer a você.”

"Devo?" pergunto alegremente.

Não exatamente. O boato de que um Alfa pode fazer lavagem cerebral em outros Lobis para que obedeçam às suas ordens é enormemente exagerado — não existe compulsão mágica. Mas nosso instinto é evitar desafiá-los. Definitivamente não me lembro da última vez que vi um Lobis dar ordens a Koen, mesmo uma tão simples como 'senta'.

"Ela não é totalmente Lobi", Koen a lembra.

"E eu não sou a única. Vocês três vieram só para gritar com ele."

"Nós somos a Assembleia. É nosso trabalho responsabilizar o Alfa —somos treinados para ir contra a nossa natureza." Ela revira os olhos. "Embora esta tenha sido uma execução desnecessária dos nossos deveres."

"Deixe-me adivinhar", Koen fala lentamente, "Xabier e o poste gigante que vive em seu reto tiveram um pesadelo e convenceram Anneke de que eu estava a um passo de fugir com Serena e me tornar um Alfa caloteiro, então você os seguiu até aqui para ter certeza de que eu não os dissolveria em ácido de bat eria."

Karolina tenta não sorrir, mas seu relacionamento com Koen parece profundo. "Não posso confirmar nem negar."

"O resto da Assembleia vai ficar me enchendo o saco?"

"Não, Conan — você sabe o quanto ele não gosta do pacto. Jerzy, talvez. Mas ele está ocupado lidando com o bando do Canadá."

“Ele sabe que minha oferta de ajuda continua de pé, certo?”

"Claro." Karolina se vira para mim. "Serena, deixe-me apresentar-me corretamente. Sou a líder do grupo das Crateras Lunares. Saul, que acredito que você conheça, é meu irmão mais novo."

"Prazer em conhecê-lo", eu digo.

“Depois que tudo isso acabar”, ela pergunta, “para onde você planeja ir?”

Apodrecer num buraco escuro, de preferência dentro de um traje de cogumelo, não é uma resposta aceitável, não é? "Minha irmã mora no sudoeste."

“Ah, sim. O Vampiro? Bem, se mudar de ideia, você é bem-vindo ao nosso grupo. Você era repórter financeiro, certo?”

“Antes. Sim.”

"Temos feito cada vez mais negócios com os Humanos. Alguém com a sua experiência seria útil."

"Ah. Isso é muito legal. Eu... vou pensar", digo, um pouco triste por ser mentira. Tento disfarçar com um sorriso. "Tenho certeza de que me daria bem lá. Quer dizer, eu me dou bem com você *e* o Saul. Deve ser um sinal."

"Não é um sinal", declara Koen, categoricamente. "É caça ilegal."

Karolina ri, se aproxima para trocar um longo abraço com Koen e então sai enquanto eu grito para ela: "Por favor, compartilhe com a matilha o boletim informativo sobre meu excelente trabalho como tosadora pessoal de Koen". Eu me viro para receber o que *deveria* ser a gratidão eterna de Koen, mas provavelmente será um monte de mau humor, e...

De repente, não consigo respirar.

Porque eu não esperava que ele estivesse tão perto de mim. Mas também, barbeado e sem o cabelo escondendo suas feições, ele parece mais jovem. Menos mal-humorado. Seu rosto parece tão... aberto. Direto. *Disponível.* Tipo, talvez, se eu me esforçasse, conseguiria perceber o que ele está pensando metade do tempo. Poderia haver espaço para mim, na vida de um homem com aquele rosto.

"Ei", eu digo.

Suas narinas se movem. "Ei, assassino."

Pigarreio. "Você parece muito mais digno, agora que te despi. Mais fofo também. Igualzinho àquele cara gato. Daquele filme."

“Que filme?”

"Todos eles." Umedeço os lábios. Olho para os dedos dos meus pés.

"Serena." Há algo em seu tom, algo que me recuso a contemplar, algo que preciso esconder rapidamente.

"A propósito." Sai estridente. Não me importo. "Eu sei que você tem um emprego e tudo. Não precisa ficar comigo o dia todo, se tiver outra coisa para fazer."

"A liga de boliche vai esperar. Vamos sair."

"Onde?"

"Tive uma ideia." Ele tira os pelos do peitoral. Eu realmente não me importaria se ele vestisse alguma roupa. "Bem, a Brenna teve uma ideia, mas se der certo, vou passar como se fosse m inha."

“Uma ideia para . . . ?”

"Descobrindo você."

"Adoro quando você fala de mim como se eu fosse a sala de escape definitiva. Me conta mais."

"Você vai ver quando chegarmos lá. Me dá cinco minutos para tomar banho." Ele vai para o quarto. Para. "E aí, matador?"

"O que?"

"Enfie essa camiseta dentro da calça. Vai parecer menos minha."

CAPÍTULO 18

Ele quer mostrar a ela cada canto do seu território. Os lagos de um azul profundo e os picos nevados. As árvores cobertas de musgo e os pináculos rochosos. Ele quer estar com ela a cada respiração maravilhosa.

TA VIAGEM DURA CERCA DE MEIA HORA, MAIS UMA VEZ PELA COSTA REcortada. Koen passa a

maior parte do tempo ao telefone com uma dúzia de pessoas diferentes, discutindo assuntos relacionados à mochila que parecem variar de rotação de culturas a energia solar e aulas de natação para crianças.

Eu o ouço persuadir um grupo de professores a não cagar na mesa do diretor e me pergunto se todos os Alfas estão tão intimamente envolvidos com os acontecimentos de suas matilhas. Por que estou surpreso que Koen seja tão bom nesse trabalho?

Estacionamos em frente a uma casa de fazenda com telhado vermelho que parece algo que vi em um cartão-postal. "De jeito nenhum." Coloco meu rosto na janela mais uma vez. "Este lugar é *surreal* ."

"Claro que sim. É o meu território."

"Ainda acho que você não merece o crédito por isso." Eu rio. "Olha, eles têm vacas!" “Se eu soubesse que você é fã de esterco de gado, eu teria— ”

Eu o ignoro e saio do carro no momento em que um jovem vem em nossa direção. Seus cachos escuros são levados pelo vento, e seu corpo é esguio, especialmente para um lobisomem. "Dr. Sem Caine", explica Koen após um abraço.

Meu estômago embrulha. O Koen descobriu? Ele sabe que eu estou prestes a...

"Não se preocupe", diz Sem. "Você não está aqui como paciente. Aliás, nem está aqui para *me ver* ."

O motivo da nossa vinda, descubro depois de entrar, é o avô de Sem — "Dr. Silas Caine", explica Koen. "O Dr. Silas é um dos mais velhos da matilha e era especialista em pediatria. Qualquer menino ou menina que nasceu no Noroeste nos últimos sessenta anos foi examinado por ele em algum momento."

Entendo imediatamente onde isso vai dar. "Mas será que ele se lembraria de mim?"

"Não o seu rosto", explica Sem. "O que é ótimo, já que a visão dele está piorando. Ele já está na casa dos noventa. Mas talvez se lembre do seu cheiro. Venha, ele está por aqui."

Na sala de estar, o Dr. Silas está sentado entre duas mulheres: a primeira se parece tanto com Sem que só pode ser irmã dele. A segunda tem cabelo curto, loiro-avermelhado, e um sorriso tímido. Seus dedos deslizam nos de Sem enquanto ele a apresenta como sua parceira. "Layla é uma das parteiras da matilha", explica ele. Antes de acrescentar, um pouco envergonhado: "Somos todos médicos nesta sala."

"Você está me fazendo passar mal", diz o Dr. Silas da sua cadeira. Ele é um

homem robusto, com cabelos brancos e fartos e uma voz rouca. "Minha família inteira se tornou médica, e as pessoas acham que é porque eu me meto na vida deles e os pressiono. E agora temos a filha do Sem, que ainda não sabe ler e já está dizendo que vai ser cirurgiã."

"Não se preocupe, vovô. Contaremos a todos que você nos incentivou a ser trapezistas e mineradores de carvão, e que nós o decepcionamos profundamente."

"É pedir muito para um poeta? Ou um músico? Eu amo tanto música..." Ele suspira e se vira em nossa direção. Quando sorri, seu rosto se estilhaça em um milhão de linhas finas e coriáceas. "Koen, criança. É sempre um prazer vê-lo. E que gentileza sua me trazer o halfling.

Olho para Koen, intrigada. "O quê?"

“Temos histórias no norte. Lendas, baladas. Coisas antigas sobre crianças nascidas de Lobisomens e Humanos. Lobisomens e Vampiros também. Nós os chamamos de halflings.” "Halflings." Provo a palavra e sorrio. "Gostei. Mais do que 'híbrido'. Me faz soar menos como um carro."

"Chegue mais perto", Silas acena. "Você vai me perdoar se eu não me levantar, não é? Serena, certo?"

Concordo com a cabeça e dou um passo em sua direção. Então me lembro do que Sem me contou sobre a visão do Dr. Silas e acrescento: "Foi-me dada no orfanato humano. Se nos tivéssemos conhecido antes, você poderia ter me conhecido por outro nome."

"Entendo, entendo. Você pode se sentar, por favor?"

Eu me ajoelho aos seus pés, de pernas cruzadas. "Essas lendas halflings... Você acha que elas podem conter alguma verdade?"

"A maioria das histórias sim. Embora as verdades que buscamos muitas vezes não sejam as que encontramos. Mas se você está se perguntando se é o primeiro da sua espécie... Eu não acredito, não ."

Juno disse o mesmo: centenas de milhares de anos atrás, Lobisomens, Humanos

e Vampiros eram um só. Existem muitas teorias sobre como ocorreu a especiação, e tenho certeza de que neste exato momento pelo menos dois antropólogos estão brigando por elas em um painel acadêmico com pouca participação. A questão principal, porém, é que alguns grupos se separaram e seguiram seu caminho alegremente. Quando tentaram se reunir, já não eram os mesmos.

Mas a compatibilidade reprodutiva é fluida , disse Juno. *Nosso DNA é semelhante o suficiente para que bastam algumas mutações individuais para permitir a procriação. Haverá pessoas se referindo a você como o prenúncio do declínio da civilização, mas o que você é não é novidade, por si só. É só...*

Um retorno?

Se você qu iser.

O que você está dizendo é que eu sou vintage.

Não é bem isso que eu —

E Renaissance Girl deveria ser meu novo apelido?

Eu não...

Negócio.

"Quantos anos você tem?", pergunta o Dr. Silas, inclinando-se para frente em seu assento. "Vinte e cinco, pelo que sabemos." Fico em silêncio e *não consigo* parar de olhar para Koen. Devo ter perdido minha habilidade de permanência em objetos, porque preciso de garantias constantes de que ele *existe* , de que está *aqui comigo* . Ele me dá um leve aceno de cabeça, e me sinto um pouco menos como areia de gato usada.

Eu não deveria estar nervosa. Vivi a vida inteira sem saber quem eram meus pais, e sempre fui *ótima* . Nunca permiti que minhas origens me definissem, porque, se tivesse permitido, estaria destinada a permanecer indefinida. Posso ser Serena Ninguém, mas ainda sou Serena. O passado não precisa moldar o futuro.

Poxa, eu nem *tenho* futuro.

E, no entanto, enquanto o Dr. Silas inspira profundamente, estou em sobressalto. Se ele não me reconhecer, o que isso significa? E se ele *reconhecer* ? E se meus pais estiverem vivos e bem? E se eu for forçada a conhecê-los, ouvir suas desculpas e talvez até perdoá-los? Porque é isso que eu deveria fazer, certo? Ser gentil e compassiva e, de alguma forma, *superar isso* e...

O Dr. Silas balança a cabeça lentamente, e o alívio me envolve como um origami. E Koen, cujos olhos nunca, jamais, *jamais* me abandonam, obviamente percebe.

Um breve silêncio. O Dr. Silas diz que isso pode não significar nada — talvez ele tenha esquecido, talvez meu cheiro tenha mudado, eles sabem tão pouco sobre biologia do desenvolvimento halfling. Sem concorda, listando possibilidades. O rosto de Koen demonstra preocupação, como se ele estivesse prestes a me perguntar se estou bem.

A única coisa que me dá forças agora é saber que, por mais babaca que ele seja, se eu vomitar ácido gástrico nos sapatos dele, ele nunca vai me deixar esquecer. "Ei, tudo bem se eu... eu adoraria um pouco de ar fresco."

"Claro", Layla sorri. "A porta dos fundos fica na cozinha, à esquerda. Você também pode correr. Se gostar da praia, somos só nós dois por uns dezesseis quilômetros."

"Ótimo", digo, em vez de *"Que gentileza sua", para me confundir com um lobisomem de alto funcionamento* . Encontro o olhar de Koen enquanto me afasto, observo como seus músculos começam a se contrair para me seguir e balanço a cabeça brevemente, esperando que ele entenda o que estou tentando comunicar: *estou uma bagunça emocional e adoraria ficar sozinha por um segundo, só para o caso de eu começar a chorar ou vomitar a torrada francesa que nem comi* . Ele não gosta, mas fica parado.

O quintal dos Caines é um penhasco coberto de grama acima da costa, algo saído de uma pintura impressionista. O oceano está a menos de duzentos metros de distância, e quando fecho os olhos e levanto o queixo, a brisa do mar me envolve como água. Como deve ter sido incrível crescer aqui, cercado pelo Pacífico, vendo o azul se estender até onde a vista alcança, sem limites, sem...

Eu fico tenso.

Minha pele se arrepia em mil pequenos arrepios, porque não estou mais sozinho. Tem alguém aqui. Alguém que não estava dentro de casa.

Minha mão se fecha em volta da faca de pinguim no meu bolso, e eu desvendo as notas do cheiro do intruso.

Era. Homem. Jovem. Forma humana. Descalço. Aproximando-se por trás. Ou ele é desleixado ou me subestimou, porque não sabe que senti sua presença.

Ele pretende me atacar, e tudo o que tenho a meu favor é o elemento surpresa. Forço meu coração a desacelerar e espero. meu tempo. Espero que o Lobisomem se aproxime da minha lâmina. Mas a poucos metros de mim, ele para.

Ouço algo caindo no chão.

Sinta o cheiro da grama, esmagada.

Uma inspiração profunda. Então, uma voz, abafada, quase inaudível através do vento. "Ev a."

Eu me viro, sacando a faca, segurando a lâmina na altura do abdômen. Mas a ponta não chega nem perto da pele do homem, porque ele está...

Ajoelhado?

Ajusto minha mira, pronto para atacar, mas o homem nu não faz um único movimento. Ele permanece de joelhos, o rosto curvado para cima, a garganta nua e vulnerável. Febrilmente, ele sussurra: "Como o profeta disse. Como o profeta quiser."

"Quem é você?"

Ele me dá um sorriso trêmulo e, como um suplicante, pressiona a testa no chão.

CAPÍTULO 19

Só dessa vez ele poderia ter agido sem estar certo.

D"VOCÊ MORA AQUI?", PERGUNTO. Sob o sol da tarde, preciso apertar os olhos para identificá- lo.

Imagino que ele *possa* ser irmão do Sem —vários anos mais novo, cor de cabelo parecida. Corpo esguio e queixo suave e juvenil. Ele não parece hostil. Mas também não se sente como se pertencesse a este lugar que cheira a musgo e salmoura.

Não abaixo a faca. "Quem é você?"

Ele olha lentamente para mim, com uma mancha de terra na testa, outra na maçã do rosto. "Ah, seus olhos. Eles me são tão familiares."

Dou um passo para trás. Olho rapidamente ao redor, pensando se devo chamar Koen. Mas será que Koen mataria esse garoto? Sim, provavelmente. "Preciso que me diga quem você é", exijo.

"Que alegria. Falar com você. Estar *com* você."

Que. Porra. É. "Quer dizer, claro. Você *deveria* se sentir sortuda, mas... eu te conheço?"

Ele se endireita ainda mais, sussurrando algo que acaba sendo engolido pela brisa e pelas ondas. Lentamente, ele se levanta, estendendo a mão. Quando mudo minha pegada defensiva para algo que poderia causar algum dano real, ele permanece impávido. "Venha comigo", diz ele. A voz dele é calorosa, acompanhada de um sorriso... descontrolado, eu diria. Mas esse garoto não parece um maluco. Ele é coerente. Gentil. Olha para mim como se a gente brincasse de amarelinha. juntos *e* como se alguém tivesse lhe dito que minhas melecas são feitas de esmeraldas. Tão descaradamente adorador, agarro minha arma com mais força.

"Não tenha medo. Sabíamos que ele te traria aqui."

"Quem somos nós?"

“Você deve ter se sentido tão sozinho.”

"Se você chegar mais perto, eu te *esfaqueio* ." Baixo os olhos intencionalmente para o seu pau, que balança entre suas pernas como o enfeite de Natal mais enrugado do mundo. "Onde for mais conveniente."

O sorriso dele se suaviza. "Entendo suas reservas, mas não tenho medo, e você também não deveria ter. O momento chegou. Você foi feito, e assim começou. Seu domínio florescerá, e..." "Pare com esse papo de acampamento bíblico." Cerro os dentes. "Você me chamou de Eva? Mais cedo?"

“É o nome pelo qual sempre te conheci”, ele diz simplesmente.

"'Sempre'? Você me conheceu quando criança?"

"Sempre. Aprendi o sangue e a palavra, e portanto v ocê."

Meu coração para. Ele parece mais novo que eu. Jovem demais. "Nós crescemos juntos?" “Não, não.”

“Então por que você me conhece?”

Com um movimento de pulso, ele estende a mão novamente. "Venha comigo, e eu te conto. *Ela* te contará. Você deveria saber a maravilha que você é."

"Boa tentativa, mas não vou para um segundo lugar com você. Nem estou convencido de que quero ficar neste." Estou ficando cansado dos discursos enigmáticos, daquele sorriso etéreo

estampado em seu rosto. O medo está lentamente se transformando em frustração. "Você é membro da matilha do Noroeste?"

"Não existe Noroeste. Não existem matilhas, espécies ou fronteiras."

“Certo. Certo... se você não me disser quem você é, eu vou gritar, e alguém muito menos gentil e paciente do que eu vai sair da casa— ”

"Eu posso ser muito legal", diz Koen, ficando atrás de mim.

A maior parte da minha tensão se dissolve.

"Mas não é paciente", acrescenta. "Ela acertou *em* cheio."

O calor dele pressiona minhas costas. "Ele é o Northwest?", pergunto baixinho .

"Não." A mão de Koen envolve meu quadril, envolvendo-o completamente. É um gesto enganosamente relaxado, protetor e amoroso. Ele me puxa para si, e minha nuca roça em seu peito. Preocupação e medo cheiram a ácido, mas não percebo nenhum dos dois. "O que significa que posso matá-lo por estar no meu território. Quer que eu faça isso?" Ele está brincando. Acho. "Ele veio sozinho", murmuro. "Não acho que ele seja um perigo."

"Você tem razão." Ele continua mais alto, desta vez para o outro Lobi ouvir: "Mas por que ele violaria nossas fronteiras? Devo presumir que ele pretende te machucar."

O garoto balança a cabeça vigorosamente, despenteando o cabelo já desgrenhado. "Prefiro morrer a machucar um de nós, Eva."

Sinto o cheiro da verdade. Koen também, mas seu abraço se intensifica. "Como você a chamou?" Consigo ouvir a carranca em sua pergunta —e como ela se aprofunda quando não há resposta.

O garoto encara por um longo momento os dedos de Koen na minha barriga, e seu sorriso vacila pela primeira vez. "Você não devia tocar nela", ele avisa.

É, comprovadamente, a coisa errada a se dizer ao Alfa de um território que ele acabou de invadir. Tão errado que incomoda até a mim. "Como?", pergunta Koen suavemente.

E aquele pobre rapaz... ele finalmente demonstra um pouco de bom senso, porque está prestes a se cagar. Mas, para seu crédito, mesmo tremendo como uma folha, ele não recua. "Você a quer, mas não é digno dela."

"Cara, você não me conhece. Acho que tenho muita coisa para oferecer."

"Como vários waffles de unicórnio mofados", murmuro. Em resposta, Koen tamborila a ponta dos dedos na minha barriga, brincando.

"Ele não pode te manter aqui, Eva", o garoto me diz. "Eu disse a eles que não havia necessidade de te levar. Não havia necessidade de sangue. Eu prometi a eles que, se você soubesse que estávamos esperando por você, você viria."

“Cara, ela não vai a lugar nenhum.”

"Ela é superior a você em todos os sentidos. Você não pode falar por ela, Koen Alexander." "Mas ele tem razão", eu digo. "Eu não vou com você."

"Mas nem tudo está perdido", diz Koen, me empurrando de repente para trás do seu corpo. Sua postura muda —de protetora para predatória. "Serena está fora dos limites, mas você ainda pode ter um encontro para brincar comigo."

"Eva", implora o garoto, sem tirar os olhos dos meus. "Você não se lembra de nós? Não te contaram as histórias? Se sim, você ficou muito magoada." Seu sorriso se transforma em algo mais. Algo triste. "Você não vai se juntar a mim?"

"Não faço ideia de quem você é. E já que está me chamando pelo nome errado, acho que é mútuo."

Seus ombros caem. É como se eu tivesse cortado a corda que o segurava. "Se você não vier comigo, então eu estava errado. E se eu estava errado, antes de partir, terei que pagar o preço." "Que bom que você não vai a lugar nenhum, então", diz Koen.

"Foi maravilhoso estar tão perto de você, Eva. Sentir a mesma brisa e a mesma grama. A carne renascerá." O garoto abaixa a cabeça. Sua atenção se volta totalmente para Koen. "Koen Alexandre. Em outro universo, um não tão perfeito quanto este, eu teria te chamado de Alfa. "Que ameaça assustadora", diz Koen, avançando. Quando o garoto começa a recuar, ele suspira.

“Somos muitos. E aprendemos com os erros do passado.”

"Claro."

"E você, Koen Alexander? É filho dos seus pais?"

Koen congela. Seus ombros ficam rígidos. "Rapaz, eu sou mais rápido que você e muito mais forte. Se você correr, eu te alcanço a uns 30 metros de distância e

provavelmente vou acabar te machucando."

"Você vai pagar pelo que fez. E Constantino vai te ver em breve."

Para mim, tudo isso parece bobagem. Mas consigo sentir o cheiro da raiva de Koen. É tão profunda que preciso tomar a decisão consciente de não me afastar dele. "Constantine está morto", ele cospe.

"É mesmo", concorda o garoto com seu sorriso mais largo até então, um sorriso de pura alegria, e percebo que minha avaliação inicial de sua sanidade pode ter sido incorreta. Então, tudo acontece tão rápido que meu cérebro instável e chocado mal consegue registrar a o rdem. Koen estava certo: ele *é* muito mais rápido e *poderia* alcançar o garoto em trinta metros. Só que ele não tem trinta metros. Porque o Lobisomem não foge em direção à floresta. Em vez disso, ele escolhe a direção oposta, e eu não entendo...

O “Fuck” de Koen é abafado pelas ondas quebrando na costa

—para onde o Lobisomem pensa que vai —

enquanto Koen corre para pegá- lo

—não foi daí que ele veio —

ou talvez matá- lo

—não é o caminho certo —

e por que ele não está diminuindo a velocidade, ele está quase na beira do precipício, ele não consegue

—abaixo do penhasco, não havia um —

O Lobisomem salta.

Ele mergulha do penhasco sem um único momento de hesitação, uma forma perfeitamente simétrica, uma silhueta graciosa contra o sol. Até o vento diminui, como se prendesse a respiração, tentando se manter parado.

Tudo o que Koen consegue fazer é parar derrapando. Puxar o cabelo com uma das mãos. Observar o corpo do garoto se mover pelo ar. Ouvir um longo, *longo* silêncio, quebrado apenas pelo som de ossos se chocando contra pedras.

CAPÍTULO 20

Ele quer fugir com ela. Que se dane o resto do mundo — é incapaz de lhe dar a segurança que ela claramente merece. Ele vai consertar isso. Ele vai compensar tudo o que ela passou.

EU

A CULPA NÃO É SUA, SERENA.

Ele estava claramente indisposto. Muito indisposto. Em alguma missão maluca. Não é *sua culpa.*

As pessoas —pessoas que *não são* Koen —vêm repetindo variações disso há algum temp o, e eu, por um tempo, concordei e disse: *Sim, eu sei. Obrigado, estou bem. Não precisa ficar por aqui, se precisar ir a algum lugar.*

O sol está prestes a se pôr. Há uma dúzia de carros estacionados perto da cabana de Koen, e mais assistentes dele do que eu conheci ontem à noite circulando por ali. Luto para lembrar os nomes deles, mas não importa. Eles não estão aqui por mim, exceto os que estão de plantão como babás. Porque é óbvio que Koen os encarregou de garantir que eu não fique sozinha. Mesmo assim, finjo que não noto o jeito como eles se sentam ao meu lado, no segundo degrau mais alto da varanda. Em turnos de dez minutos.

Tento fingir que Koen não é a única pessoa com quem estou interessada em ter qualquer tipo de conversa, mas minha barriga é de chumbo. *Ele* estava lá comigo. *Ele* saberia se a culpa fosse minha.

"Você gostaria de algo quente para beber?", pergunto a Saul quando ele chega.

“Obrigada, querida, mas vamos embora em breve.”

"Posso ajudar em mais alguma coisa?"

"Você está fazendo isso."

Olho para mim mesma e para o moletom roubado que pode ser meu único fio condutor de sanidade. Se estou fazendo algo, Saul e eu devemos ter uma definição diferente de *fazer* . Mas ele balança a cabeça.

“Só o fato de você manter a calma ajuda K—*todos* nós.”

"Ah, ótimo. Só pensei em gritar com todo o meu coração mais tarde, no meu travesseiro." Saul ri. "Essa é uma compartimentação de primeira."

"Obrigada." Jogo o cabelo para trás. "É o trauma da infância."

Saul engasga com a própria saliva, e Koen chega bem a tempo de lhe dar um soco firme entre as omoplatas. "Me dá um segundo com a Serena", ordena. "Sozinhos."

Ao contrário de todos os outros, ele não se senta. Em vez disso, agacha-se na minha frente, olho no olho.

"Então", eu digo. O que aconteceria se eu exigisse o abraço que tanto desejo? Já que realmente não posso, talvez eu pergunte se ele acha que eu...

“Não”, ele diz simplesmente.

Eu pisco. "O quê?"

Não. Não havia nada que você pudesse ter feito para impedi-lo de se matar. Não, não é sua culpa. Não, você não deveria ter concordado em ir com ele.

Meu Deus. Eu precisava ouvir isso. Dele *mesmo* . "Ele é a segunda pessoa a morrer na minha frente em três dias, Koen."

"Eu sei. Estou começando a achar que você pode ser uma má notícia, matador."

Eu rio. E rio. E então me forço a parar, porque há uma sensação de plenitude atrás dos meus olhos, dentro da minha garganta, e ela ameaça transbordar. "Bob já era ruim o suficiente", sussurro. "Mas esse cara... ele não estava tentando me machucar. Ele era tão jovem, e..." P arece um desperdício, e... — Respiro fundo.

— É que foi muita coisa. Em pouquíssimo tempo. Acho que estou pronta para o episódio musical, sabe?

"Não tenho a mínima ideia do que diabos você está falando."

Eu rio de novo. Desta vez ele sorri também.

Até eu acrescentar: "Ele parecia tão lúcido. E então, de repente, ele estava dizendo um monte de coisas estranhas, e não era... Ele não parecia normal."

Koen estende a mão, seus dedos longos penteando meu cabelo. Pressionando meu couro cabeludo. O calor do seu toque faz minhas pálpebras tremerem e se fecharem. "Não foi normal. Mas não vou insultar sua inteligência e dizer que ele estava falando bobagens. Isso é ruim, Serena."

Claro que sim. "Por causa de Constantino?"

"Entre os outros." Um suspiro. As pontas dos dedos dele massageiam a pele da minha nuca. "É."

“Você pode me dizer quem ele é?”

"Ele era um Lobisomem. Cerca de duas décadas atrás, ele foi diretamente responsável pela morte de milhares de Lobisomens e Humanos no Noroeste."

Cerro os punhos com tanta força que minhas unhas deixam marcas nas palmas das mãos. "E agora ele voltou."

"Ele está *morto* ."

“Será que os relatos sobre sua morte foram muito exagerados?”

“Eu arranquei o coração dele do peito, mastiguei-o por meio minuto e depois cuspi-o no ocean o.”

Concordo lentamente. "Um simples 'não' teria bastado."

A boca de Koen se contrai. "Constantine está morto, sem dúvida. Mas ele era o líder de um grupo muito destrutivo."

"Outro Alfa?"

"Nada disso. Mas alguns o consideravam um profeta."

Mordo o lábio inferior, refletindo. "Eu não sabia que Lobisomens tinham cultos."

"Todo mundo tem cultos. Eles são a erva daninha da civilização senciente. E o de Constantino era o pior deles, porque..." Ele balança a cabeça e se vira para onde seus assistentes estão, parados, esperando por ele. Ele está tomando um tempo precioso emprestado, só para me explicar as coisas. "Constantino está morto. Mas seus braços direitos... Nossa compreensão da estrutura de poder deles pode ter sido incompleta."

“O menino que se matou...?”

"Ele estava no final da adolescência. Jovem demais para ter feito parte do culto original. Duvido que tenha conhecido Constantino."

“Ele poderia ser um parente meu?”

Koen suspira como se estivesse se perguntando a mesma coisa. "Temos o corpo do menino", diz ele calmamente. "Muito DNA para comparar com o seu, e já estamos trabalhando nele."

“E Constantino?”

"Eu..." Ele balança a cabeça, sem palavras, e neste momento — quando ele parece tão confuso quanto eu, quando ele escolhe compartilhar sua falta de compreensão comigo —, acho que o amo. Só um pouquinho.

"Certo." Engulo em seco. Olho para o horizonte, para as ondas do oceano quebrando na praia. O brilho dos últimos raios de sol.

“Claramente, eles acham que você tem alguma ligação com eles. Muito provavelmente, você tem algum parentesco com um dos ex-membros deles. Você é muito conhecido e, se eles estiverem se reconstruindo, vão querer você de volta.”

Certo. "Eu posso ser a Eva de quem ele estava falando." A perspectiva é desorientadora. Me dá enjoo.

A mão de Koen se move para minha bochecha. "Olha para mim."

Sim. Seus olhos são escuros e firmes. Faça-me esquecer o que nos trouxe até aqui e o que está por vir.

"Seu nome não importa porra nenhuma. Você é meu assassino. Certo?"

Uma risada soluçante escapa de mim, um pouco molhada. "Ok."

"Ótimo. Preciso me encontrar com a Assembleia." Ele passa o polegar na minha bochecha. "Quer vir comigo?"

Sim, com cada célula do meu corpo. "Por que eu iria com você?"

“Porque a ideia de ter você longe da minha vista me faz querer virar esses carros um por um.”

Contenho o riso. "A Assembleia está muito preocupada que você esteja quebrando seu pacto. Duvido que eu ir com você ajude no seu caso."

"Boa observação." Ele parece refletir. "Por outro lado, foda-se o meu caso." Eu bufo. Vejo-o se levantar. Sinto meu coração pesar enquanto ele se afast a. Então, a poucos metros de mim, ele se vira. "Assassino?"

"Sim?"

Há um começo falso. Como se as palavras fossem estranhas demais para saírem com facilidade. Mas então ele diz: "Antes de ir, acho que preciso te abraçar por um minuto."

Estou em seus braços antes mesmo de perceber como cheguei lá. Ele se abaixa para me pegar no colo, e minha testa se encaixa tão perfeitamente no vale de sua garganta já irritada que isso só pode ser *predestinado* . Ele me levanta mais alto, meus pés não tocam mais o chão, e esconde o rosto no meu pescoço.

Uma inspiração longa e profunda. Meu pulso começa a dançar.

Ele... eu *não* planejei isso. Não tenho o direito de me importar tanto com ele, mas não me lembro da última vez que me senti tão perto de alguém. Koen é caloroso, tão sólido quanto qualquer penhasco rochoso. E daí se as pessoas pensam que estamos transando?

E daí se o coração dele acabar partido quando eu morrer em algumas semanas?

E daí se a autoridade do Alfa se torna questionável justamente no momento em que a matilha sofre ameaças violentas e turbulência política?

Não. *Não.*

"Vou ficar bem", me forço a dizer, me desvencilhando lentamente do corpo dele, forçando- o a me soltar e me soltar. Disfarço o cheiro da mentira com algumas verdades. "Estou cansada. Acho que deveria dormir. Só... diga oi para a Karolina por mim."

Ele parece o tipo de infelicidade que surge quando se sabe que estou escondendo alguma coisa. Sinto, pela sua mão persistente no meu ombro, que ele quer me apertar de volta. Mas seus músculos relaxam, e ponto final. "Volto amanhã de manhã. Se alguma coisa acontecer comigo, o que você faz?"

“Compre um véu preto, finja que sou viúva e ganhe dinheiro com seu seguro de vida.” "Ligue para o Lowe. Peça para ele vir te buscar."

"E os seus segundos?"

O maxilar de Koen se move. Ele parece chegar a uma conclusão amarga. "Eu confio a eles a minha vida, mas aparentemente não a sua. Lowe pode te proteger melhor do que ninguém." Sua mão se levanta para minha bochecha. Cai de lado sem me tocar. "Bem. Qualquer um menos eu. Você estará segura esta noite. Tenho pessoas patrulhando a c abana..."

“Os dois pontos cardeais, sim.”

“Tenho doze guardas.”

"Isso é..." Fecho a boca. Presumo que ele possa dispensar a mão de obra.

Claramente, a manchete aqui é: *O Grande Homem Precisa de Paz de Espírito* . "Provavelmente excessivo. Alguém está de olho nas águias americanas?"

"Haverá alguém no telhado." Ele acena como se estivesse prestes a sair novamente. Não posso deixá-lo ir sem dizer: "Sinto muito".

Ele franze a testa. "Nada disso é culpa sua."

"Eu sei. Mas isso também é difícil para você. E ele arrastou seus pais para isso, o que eu nem consigo imaginar..." Engulo em seco. "Sinto muito que você tenha que lidar com isso."

Ele cerra os dentes. Há um lampejo de algo indecifrável em seu rosto. "Se eu voltar e algo tiver acontecido com você, Serena, vou ficar puto pra caramba."

Mordo o interior dos lábios. "Isso parece um problema *seu* ."

"Sim. É isso mesmo."

Viro-me e entro na cabine. Não vejo Koen partir, nem ouço o motor desacelerar ao longe. Em vez disso, vou para o meu quarto, vasculho a montanha de cobertores e travesseiros que a cama de alguma forma acumulou, sento-me de pernas cruzadas com o celular nas mãos e faço a única coisa que faz sentido.

Serena: Você me amaria menos se meu nome fosse Eva?

Miséria: Sim.

Miséria: Mas não muito.

Enterro meu rosto no travesseiro para rir e chorar ao mesmo tempo.

ACORDO ALGUMAS HORAS DEPOIS, PEGANDO FOGO.

Derramando suor.

Tremendo.

Com uma dor tão visceral, estou disposto a fazer qualquer coisa, absolutamente

qualquer coisa, para *não* senti-la. Até algo tão drástico quanto morrer.

Saio da cama e me arrasto até o chuveiro. Solto gemidos altos e levo a mão à boca, até me lembrar de que Koen só chegará de manhã. Se eu usar a banheira dele, ele não vai saber. Ou se importar.

Atravesso o corredor cambaleando, fazendo três paradas no caminho —duas para vomitar e uma para simplesmente desmaiar por um instante. *Como se faz* , digo a mim mesma. *Totalmente normal. Nada para ver aqui.*

Minha cabeça gira enquanto me levanto. Ajuda o fato de minhas garras estarem de alguma forma para fora, algo para enfiar nas paredes de madeira e me arrastar até uma posição semiereta. *Você está indo muito bem, Serena. Eva. Arrasadora. Seja você quem for.*

Meu coração nunca bateu tão rápido, nem mesmo depois de uma corrida, nem mesmo depois de matar alguém. Lembro-me de quando o Dr. Henshaw listou as muitas maneiras pelas quais as febres poderiam levar à minha morte. Choque séptico e inflamação generalizada. Danos cerebrais e morte neuronal. Desidratação.

Estresse cardíaco.

Eu tinha uma certa inclinação para o desequilíbrio metabólico, mas talvez seja assim que eu vivo?

De qualquer forma , informo ao meu corpo, *as coisas terminam em água fria. Isso não é nego ciável.*

Entro cambaleando no banheiro de Koen. A calcinha e a camisa de flanela que estou usando estão tão encharcadas de suor que dói tirá-las da pele. Abro a torneira, certifico-me de que a água esteja gelada e, quando sinto meu estômago revirar para expelir algo, volto correndo para a pia. É onde vejo meus olhos.

Congelo, porque isso é novidade. Ou talvez, em todos os ataques de febre até agora, eu nunca tenha me olhado no espelho. Minhas pupilas encolheram a ponto de pontinhos. É como se minhas íris fossem ovos, e alguém as tivesse perfurado com uma agulha. O marrom escuro se espalha, preenchendo o branco como uma poça de algo viscoso que quase poderia ser *sangue* — “Serena.”

Eu me viro. Meu coração aperta.

Koen está usando as roupas de ontem e deve ter *acabado* de voltar. Ele respira fundo, olhando para o meu corpo quase nu, concentrando-se nas grossas gotas de suor que escorrem entre meus seios. O rubor que cobre minha pele. Meus olhos, ainda lacrimejando.

"Desculpe." Estou rouca. Fraca. Obrigo-me a respirar fundo, porque preciso... de água fria. Não consigo lidar com ele agora. Abraço-me com força, esquecendo-me das minhas próprias garras afiadas. ignorando a forma como perfuram a pele das minhas costelas. "É m-melhor se você for embora."

Seus olhos estão sombreados. Ele dá um passo à frente, trazendo consigo uma onda de seu perfume que é *seguro* , *limpo* , *saudável* e...

Meu Deus. *Sexo.* É tão delicioso, tão indecente, tão fundamentalmente erótico, que eu o quero ainda mais do que a água fria. Da qual preciso para *sobreviver* .

"Por favor, Koen. Preciso que você vá embora."

"Onde dói?" Ele se aproxima, claramente alheio ao meu medo e imprevisibilidade. Seu calor *deveria* me incomodar, mas, por algum milagre da biologia, não aumenta a febre. "E qual a intensidad e?"

"Está tudo bem. Eu só preciso..." Não suporto o olhar dele em mim. Viro-me e encontro meus olhos no espelho mais uma vez. Estão ainda piores do que antes, engolidos por uma onda crescente de verde-escuro, e... "Meu Deus", sussurro, estendendo a mão para tocá-los, mas Koen prende meus dois pulsos contra a parte inferior das minhas costas. Ele desliza o outro braço em volta do meu peito, me colando a ele.

"Suas garras estão de fora e você *já está* sangrando. Precisa ficar parado."

“Meus olhos— ” "Tudo bem. " “Mas eles— ”

"Serena." Aquela voz de Alfa. "Calma."

Sim. Por cerca de um segundo. Então o pânico aumenta, mais forte, mais forte.

"Isso não é normal."

"Pare de olhar para eles. Respire fundo." "Não consigo. O que está acontecendo?" “Não olhe para eles.”

Lágrimas escorrem pelo meu rosto. Estou prestes a explodir. "Mas por que eles estão— "

O punho de Koen dispara para socar o espelho, estilhaçando meu reflexo em mil cacos. "Aqui. Agora eles não fazem mais isso." Sua palma repousa na minha testa. "Você está queimando. Não é a primeira vez, né?"

Sim. Não. Não sei. "Responda- me." “N- não.”

"Boa menina. É febre?"

Concordo com a cabeça, e o simples gesto me deixa tonta. Afundo-me ainda mais no corpo de Koen. Não há outra maneira de descrever o tecido de suas roupas além de *ofensivo* . Preciso tirá- *las* .

“Banhos frios funcionam para baixar a temperatura?”

"Sim."

Ele olha para a banheira quase cheia. Um segundo depois, estou submersa na água. Distantemente, registro uma certa surpresa. Porque Koen entra comigo, de roupa e tudo, e me puxa entre suas pernas abertas.

O frio repentino e gelado parece unicórnios e gatinhos construindo um forte de travesseiros em uma nuvem rosa e, em seguida, devorando um pote de glacê. "Melhor?", pergunta Koen. Concordo com a cabeça. O peso suave dos seus lábios pressiona minha têmpora.

“Mais alguma coisa que você faz?”

Balanço a cabeça. Abro a boca para dizer a Koen que em um segundo o choque vai me derrubar e que vou acordar tremendo em algumas horas. Que ele deveria me soltar. Que pessoas na minha condição podem machucar quem está ao seu redor. Mas uma de suas mãos se abre sobre meu abdômen e a outra se curva em

volta da parte interna da minha coxa, e mesmo que este possa ser o momento mais vergonhoso de toda a minha vida, estou cansada e confortável demais para fazer qualquer coisa além de dormir.

CAPÍTULO 21

Não.

EUACORDE COM A MÚSICA DE PIANO MAIS LINDA QUE JÁ OUVI.

Não que isso signifique muita coisa, dada a minha incapacidade patológica de ouvir qualquer coisa sem uma batida techno, mas isso... é *espetacular* . Vagamente

familiar. Provavelmente clássico. Elegante, mas intimista. Ser acordado por qualquer tipo de barulho alto está lá embaixo, junto com comer lascas de tinta, na minha lista de coisas favoritas, mas isso é tão suave e discreto que quero torná-lo meu despertador eterno.

Meus olhos se abrem por vontade própria, e percebo que estou no quarto de Koen, de novo. Roubando sua cama, de novo. Incapaz de me lembrar de como vim parar aqui, *de novo* . Minhas últimas memórias estão borradas. Trabalhando em uma carta. Bocejando até meus olhos se tornarem um fluxo constante de lágrimas. Deslizando para debaixo das cobertas. Devo ter dormido até tarde, a julgar pela luz do início da tarde que entrava.

O que explica o chamado para despertar.

Koen está sentado no banquinho do piano, com as costas nuas, interrompidas apenas pelo cós da calça jeans. Ele está, ao mesmo tempo, relaxado e em movimento, com os músculos se mexendo ocasionalmente, sempre no ritmo da música. Como seria senti-los vibrar contra a minha bochecha ou a palma da minha mão?

É difícil sentar, porque meus membros parecem carne de porco desfiada. "Isso é...?" "Ainda não é Bach, matador." Seus dedos longos não perdem uma única tecla.

Preciso mesmo ampliar meus horizontes operísticos. "Como foi sua reunião com

os líderes do grupo?"

Koen parece distante, o que me surpreende depois do nosso abraço de ontem, na varanda. Ele não é do tipo que muda de humor —seu humor tende a ser consistentemente péssimo. Estou deixando passar alguma coisa? "Todos reconhecem a ameaça, e estamos todos na mesma página. O que é mais do que posso dizer sobre a primeira vez que isso aconteceu." Uma última nota estranhamente estridente, e ele se vira para me encarar diretamente. Ele se inclina para a frente, com os cotovelos apoiados nas coxas abertas. Seus olhos *me perfuram* , me desossam, até que eu não consigo evitar de me mexer.

"Tem alguma coisa..." Passo a mão pelos cabelos. "Você está..."

Por que meu cabelo está molhado?

O que é essa camiseta que estou vestindo?

E as marcas de garras nos meus antebraços —

Os acontecimentos de ontem à noite me atingiram como uma marreta. Porra.

Porra.

Puxo as cobertas, com a intenção de correr para o espelho do banheiro, mas meus quadríceps não conseguem me sustentar e eu caio de volta no colchão. "Meus olhos..."

“Como sempre”, ele responde calmamente.

Esfrego o rosto. Merda. Isso foi ruim. Isso foi *muito* ruim...

"Há quanto tempo você está se sentindo mal?", pergunta Koen, interrompendo rudemente meu pânico.

Percebo com um olhar de milissegundos que ele está disposto a arrancar a verdade de mim lentamente. Mas que tipo de mentirosa veterana eu seria se não tentasse um fraco "Não sou. Foi só..."

"Serena." Ele olha para mim como se eu não estivesse apenas insultando sua

inteligência, mas também diminuindo o QI de todo o bando.

Certo. Ótimo. Sem brincadeiras. "Não sei."

"Você não *sabe* ."

Quatro meses. Doze anos.

Seus olhos endurecem. "Que intervalo estreito e útil. "

"Eu realmente não sei. Nada disso é normal, Koen. Nada disso *não é* terrível, e..." Eu paro. Respiro fundo, deixando os aromas suaves de Koen e chá se espalharem pelos meus pulmões. Há uma caneca fumegante na mesa de cabeceira, e depois de alguns goles, não sinto mais vontade de contar toda a minha história miserável para ele. Progresso. "As febres começaram há quatro ou cinco meses. Mas o Dr. Henshaw diz que esta é uma condição degenerativa que começa antes dos sintomas se manifestarem." Koen me encara como se eu estivesse desperdiçando seu tempo por não lhe contar tudo o que aconteceu na última década da minha vida, então continuo. "É um distúrbio dos Lobisomens sem equivalente entre os Humanos. Relativamente comum entre os Lobisomens na nona ou décima década, mas não inédito em pacientes mais jovens. Chama-se DAC, que significa..."

“Distúrbio de pico de cortisol.”

"Você é familiar. Ótimo." Seu olhar me diz que nada nisso se compara a algo *bom* . Desvio o olhar. "As febres são causadas por... Basicamente, o estresse crônico estragou meus sinais inflamatórios e anti-inflamatórios. De novo, nada incomum."

“A DAC pode ser tratada.”

"É. Em Lobisomens, pode. Às vezes. Mas minha biologia híbrida não tem respondido aos remédios. Meus níveis hormonais estão piorando, e o Dr. Henshaw disse..." Eu chupo os dentes. "Não é compatível com a vida. Foi assim que ele disse."

As pálpebras de Koen são as únicas partes móveis do seu corpo. Elas se fecham e se abrem novamente enquanto ele pergunta calmamente: "Quanto tempo?"

"Seis meses, no máximo. Mas isso foi... dois meses atrás."

"Entendo." Ele parece estranhamente imperturbável. Uma característica de Alfa, talvez: deixar de lado as emoções, absorver informações. Tenho certeza de que é útil em uma crise, mas seu interrogatório frio é um tanto perturbador. "Que tratamentos ele tentou?"

“Todos eles. Ele envolveu seus colegas e... acredite, não sobrou pedra sobre pedra. Mas os efeitos colaterais foram graves e minha deterioração foi constante. Linear, originalmente, depois exponen cial.”

"Ainda está? Está piorando?"

Depois de um instante, concordo. "As febres são quase noturnas. E a coisa do olho, as garras... essas são novas. Não sei o que era."

“Braços e olhos são onde a mudança para a forma de lobo começa”, explica ele. “Suas proteínas motoras são ativadas primeiro.”

"Sério? É por isso que..."

Talvez a sua febre desencadeie a mudança, mas o seu corpo não consiga ver. Ou vice- versa. Não sei. Eu quase nunca tive aulas de ciências.

"Sério?" Inclino a cabeça. "Por quê?"

"Porque eu estava ocupado demais protegendo minha matilha de um golpe para terminar o ensino médio. O Vampiro sabe?"

"Sofrimento? Não. Quando comecei a consultar a Dra. Henshaw, contei a ela umas besteiras sobre dores de cabeça e..."

Koen bufa.

"O que?"

"Estou chocado que o Vampiro ainda confie nas suas mentiras, só isso."

Franzo a testa. "Cada mentira que contei à Misery foi para protegê-la de..."

"Tenho certeza de que sua linda cabecinha inventou um milhão de bons motivos e os cobriu com essas cerejas nojentas de formaldeído. Ainda não consigo acreditar que ela te deixa fora de vista."

"Ninguém 'me deixa' *fazer* coisas ou *ir* a lugares", ressalto, cansado. "Não é assim que funciona, Koen."

"Se você fosse meu, seria. E claramente, você deveria ser." Não sei dizer se é uma ameaça ou uma promessa. De repente, os olhos de Koen estão tão cheios de raiva que eu tremo e viro o rosto.

"Foi por isso que você ficou sozinha na porra da floresta por dois meses? Por que está aqui agora? Alguma ideia maluca de poupar sua irmã de descobrir que a pessoa com quem ela mais se importa no mundo está doente?"

A culpa me aperta a garganta. Essa é a parte que mais me envergonho de dizer em voz alta, mas me obrigo a fazê-lo mesmo assim. "Uma noite, acordei no quarto da Ana. Sem saber como tinha chegado lá."

Koen respira fundo. Como se já soubesse onde isso vai dar. "Você não a machucou, Serena." "Não, mas eu poderia ter. Eu estava fervendo de calor e desorientada, e pacientes com DAC podem frequentemente ter episódios agressivos, e..." Balanço a cabeça. "É para o meu bem. Se eu contasse para a Misery, ela ia querer ficar comigo. Mas a Ana precisa dela mais do que eu, então..."

Algo cai no edredom com um baque suave.

Eu suspiro. "Estes são meus..."

“Cartas. Para Ana e o Vampiro.”

"Onde você os encontrou? Você não tinha o direito de— "

"Na sua cama. Desdobrado."

“Isso não desculpa— ”

"Serena." É pouco mais que um sussurro, mas tudo em Koen, desde sua voz até a tensão nos seus bíceps, me diz o quão profundamente ele se recusa a me deixar expressar minha justa indignação pela violação da minha privacidade. Ele continua, sereno, de fala mansa, igualmente calmo: "Ontem à noite, eu não sabia se você acordaria de novo."

É de partir o coração, em termos de percepção. Eu fui me acostumando com ataques realmente terríveis, mas ele não tinha contexto para o que havia vivenciado algumas horas antes. Não me ocorreu o quão assustador seria para ele testemunhar aquilo.

Porque é isso que ele está. Assustado. Aterrorizado de uma forma que talvez nunca tenha experimentado antes. Isso faz meu estômago revirar e meus olhos arderem.

"Desculpe." Limpo a bochecha com as costas da mão. "Eu tinha escrito essas coisas lá na cabana, mas... bem, tive que refazê-las. São para a Misery, em sua maior parte. E para a Ana... de alguém que é como ela. E eu escrevi uma para o Lowe também, mas é principalmente sobre

como cuidar da Misery quando eu não estiver mais... Quer dizer, ele já está fazendo um ótimo trabalho. Mas existem algumas peculiaridades que você só descobre morando com alguém por uma década, como a propensão da Misery para leituras de ódio, seu péssimo gosto para roupas, se deixadas para... por conta própria, o fato de que às vezes ela usa palavras rebuscadas sem realmente saber o significado delas. Ela pode voltar à fase das meias desencontradas, e..."

"Por que você está chorando?" Koen pergunta gentilmente.

Eu fungo. "Não tenho certeza. Você poderia, por favor, esquecer que sabe? Prefiro não falar sobre..."

"Isso não é mais uma opção." Seu tom é gentil, mas firme. "Eu sou seu Alfa. E preciso que você seja honesto comigo."

Respiro fundo, estremecendo. Recomponho-me. "O Dr. Henshaw tem meus exames. Todos os meus dados. Ele tem muitas informações à disposição e conseguiu reconstruir a progressão da minha condição. Não sei quanto disso se

deve ao fato de eu ser híbrido, mas se for, e se algo semelhante acontecer com Ana... O Dr. Henshaw está sob instruções para informar Lowe, depois... *depois* ... Espero que ajude, e..."

“Depois do quê, Serena?”

— Não sou preciosista com essas coisas. É mais porque não quero que eles surtem ou sintam que precisam...

"Depois. O quê?", ele repete. Ele não está mais no banquinho. Em vez disso, suas palmas seguram os dois lados das minhas coxas nuas, e ele se inclina para mim. Perto o suficiente para que seu cheiro se torne meu universo inteiro. Perto o suficiente para que eu veja pequenas sardas em sua pele, para contar as cicatrizes que cruzam seu torso. Ele olha para baixo, inexorável, os olhos mais negros que o preto. "Diga. Depois do quê?"

Preciso fazer isso. Em voz alta. Pela primeira vez. Não tenho escolha a não ser tornar isso realidade. "Depois que eu morrer."

No segundo em que as palavras saem, pairando pesadamente no ar entre nós, Koen... sorri. Ele se curva ainda mais, e não há um único traço de dúvida em seu rosto. Ele é um objeto imóvel *e* uma força imparável. E diz, lentamente: "Se você acha que vou deixar você morrer, Serena, você não sabe de nada."

O CONSULTÓRIO DO DR. SEM CAINE FICA NOS ARREDORES DO DEN. ELE verifica meus sinais vitais e ouve uma recapitulação detalhada do episódio da noite passada, mas passa a maior parte do tempo com os registros que o Dr. Henshaw enviou.

Koen espera junto à porta, de braços cruzados e com a expressão sombria. Ele informa Sem, desapaixonadamente, sobre meu prognóstico, ordena que ele o refute, o mate com fogo, o salgue e, em seguida, simplesmente olha estoicamente para o horizonte enquanto eu me visto novamente.

Foi uma decisão compartilhada, mas tácita, ele ficar para a minha prova. Talvez ele tenha medo de que eu vá embora, mesmo que eu não esteja aqui por relutância nem sob coação. Talvez ele não consiga ficar fisicamente longe. Tudo o que sei é que meu coração está apertado como o mais forte dos punhos. É óbvio o que ele quer ouvir.

Sem desvia o olhar do tablet e me lança um sorriso caloroso de profissional de saúde. "Alf a, acho que seria melhor se você e eu pudéssemos conversar em particular."

"Sobre mim?" Recosto-me na cadeira e inclino a cabeça. "Isso só pode ser uma violação da HIPAA."

Sem franze a testa. "Um o quê?"

"Só..." Balanço a cabeça. "O que você tiver a dizer, pode fazer na minha frente. Não vou fazer cena."

Sem pigarreia. "Posso falar livremente?"

"Sim", eu digo — assim como Koen. A pergunta, claro, era para ele. E não para o legítimo dono do corpo prestes a apodrecer.

"Certo. Bem." Sem respira fundo. "Francamente, olhando os exames, estou surpreso que você esteja viva, Serena. O diagnóstico e o prognóstico do Dr. Henshaw parecem precisos."

Eu sabia, claro, mas ouvir isso ainda me faz sentir como se uma lâmina me cortasse ao meio. Não consigo ver o rosto de Koen de onde estou sentado, mas sinto *seu* desgosto me consumindo. É tão intenso que quase... Pense em ir até ele e... e o quê? Dar um tapinha nas costas dele? Dar um abraço nele? Estou sendo ridículo.

"E se for assim que os híbridos funcionam?", pergunta Koen. "Não temos base para comparação."

Teoricamente, isso pode ser verdade. Mas o corpo dela está em evidente sofrimento. Perda de peso, deficiências nutricionais. Estresse metabólico e cardíaco. Gostaria de saber como ela funciona.

"Não compatível com a vida", digo baixinho. Sem franze a testa, mas é uma expressão fascinante —eu a achei assim desde o começo. E eu a conquistei. Tenho o direito de usá-la, não tenho?

"E as drogas?", pergunta Koen, impaciente.

“O Dr. Henshaw foi muito cuidadoso em suas tentativas de aliviar o desconforto de Serena”, diz Sem suavemente.

Em inglês. Embora não fosse possível perceber pela expressão incompreensiva de Koen. Ele se aproxima e envolve meus ombros com a mão. "Ela está com dor. Não está comendo o suficiente. Não está dormindo o suficiente. Essas febres estão acontecendo todas as noites." “Posso dar-lhe soro intravenoso e recomendar alimentos de fácil digestão, mas os banhos frios são a maneira mais segura de— ”

"Ela está com *dor* ", Koen rosna, inclinando-se sobre a mesa de Sem.

Espero que o médico recue ou mostre a garganta para apaziguar a raiva do seu Alfa. Em vez disso, seus olhos se tornam sombrios de tristeza. "Eu sei, Koen. Me desculpe."

"Não se desculpe, esse não é o seu trabalho. Seu trabalho é curar pessoas doentes. Por que você não tem ideia de como fazer isso?"

"Koen", repreendo, sentindo meu peito apertar. Seguro seu antebraço com a mão. As longas veias que o atravessam estão cheias de sangue. "Isso não é gentil."

"Como já estabelecemos, eu não sou nada gentil." Ele se endireita. "Dê um jeito de consertar *isso* " —ele gesticula na minha direção —". Certo?"

Sem concorda, cheio de tristeza.

Ao sairmos do prédio, Koen para brevemente. Sua garganta se contrai enquanto ele olha para o horizonte, de lábios cerrados, passando a língua pelos dentes. Recompondo- se.

Mordo a parte interna da bochecha, sentindo-me impotente. *"Desculpe"* , quero dizer. *Sei que você se importa. Sei que é difícil.* Mas ele está inalcançável — uma presença grande e

silenciosa ao meu lado enquanto caminhamos até o carro, com as pernas tão mais longas que as minhas que preciso correr levemente para acompanhá-lo.

"Você pode diminuir o ritmo?"

"Não." Ele acena para um grupo de membros da matilha que o acenam. Acelera ainda mais. “Me escute por um segundo.”

"Eu sou."

“Você não é— ”

"Eu consigo andar e ouvir ao mesmo tempo." Ele olha fixamente para a frente. "Deve ser uma daquelas características elusivas do Alfa."

"Por favor, você pode simplesmente..." Eu o contorno e bloqueio seu caminho. Quando ele tenta passar por mim, fecho a mão em volta da bainha da sua camisa de flanela. "Eu sei como você está se sentindo."

Por fim, seus olhos encontram os meus. *Não* parecem satisfeitos. "Quer dizer, furioso pra caramba?"

"Não." Interrompo outra tentativa de esquivar-me. "Bem, sim. Mas esse não é o verdadeiro problema, e... eu sei que leva um tempo para se adaptar, descobrir que alguém que você ama vai morrer." Engulo em seco. Meu sorriso é trêmulo. "Eu já passei por isso."

O maxilar de Koen se move. Ele aperta e solta. Tenho medo de que ele tente ir embora de novo e, talvez, só por precaução, me atropele ao sair do estacionamento. Em vez disso, ele diz: "É por isso que você não quis ficar na minha cabana."

Hesito. "Eu... É mais seguro, eu acho. Não consigo me controlar. E se eu machucar alguém da matilha? E se eu machucar *você* ?" Seu olhar é cheio de pena, como se eu fosse uma formiga tentando enfiar uma bigorna de tamanho normal. na sua mochila rosa fofa. "Ah, vai se foder. É muito machista da sua parte achar que eu não conseguiria te bater."

"Há uma longa lista de mulheres capazes de me dar uma surra. No seu estado atual, você não está em lugar nenhum."

“E se eu acidentalmente atacasse um membro mais fraco da matilha?”

"Acho que eu teria que te dar uma surra." Ele parece despreocupado com a perspectiva. "Estou mais preocupado com você caindo de um penhasco sonâmbula. Mas não se preocupe, vou garantir que isso não aconteça." Seu sorriso soa como uma ameaça. Estou orgulhosa de mim mesma por não ter me mexido.

Ele tenta passar por mim novamente, e desta vez eu seguro sua mão. "Eu sei que você quer ficar bravo com o destino..."

“Estou bravo com *você* , assassino.”

—Mas estou em paz com isso. Gostaria de ter mais tempo. Com... com as pessoas que amo. Com o universo. Com — gesticulo ao meu redor — com o oceano e as árvores e... Amo tanto este território. Mas é um *privilégio* saber que, mesmo que eu não viva muito mais, a Miséria está cuidada, e Ana também. É a primeira vez que verbalizo isso em voz alta. E faz meu peito parecer leve como uma pena e profundo como uma cratera. —Quando eu morrer...

"Não no meu turno, Serena."

“Ok. Mas quando eu morrer— ”

Os dedos de Koen deslizam abruptamente pelos cabelos da minha cabeça. Ele inclina meu pescoço para trás, sem muita delicadeza. "Serena." Ele me encara, os olhos a poucos cen tímetros dos meus. Sua fúria é física, formidável. Não me assusta. "Se você disser algo assim de novo, eu mesmo te mato. Entendido?"

Provavelmente, isso demonstra o quanto minha sanidade se deteriorou, e eu solto uma risada. "Entendi."

Ele resmunga, um pouco mais calmo. Será que ele realmente acha que pode fazer com que minha doença não exista? Talvez alguém que é Alfa há duas décadas esteja acostumado demais ao poder para cogitar a ideia de que algo não saia do seu jeito? Mas... Lentamente, por fim, ele me solta, e eu dou um passo para trás, quase batendo no carro estacionado. Deixei as mangas do moletom dele engolirem minhas mãos, e, meu Deus, aquela ida às compras foi *tão* desnecessária. “A questão é”, tento explicar, “que pode ser o melhor”.

O jeito como ele me olha é tão indignado que me faz rir de novo. O que não é apropriado para a conversa.

"Quer dizer, não é como se você e eu pudéssemos... Você tem o acordo. E eu não estou exatamente disponível para um relacionamento de longo prazo." Meu sorriso parece um pouco forçado. Espero que funcione com ele de qualquer maneira. "Os motivos pelos quais não deu certo entre nós não são só seus, nem só meus. Nada dessa merda de mão única não correspondida. Não é melhor assim?"

Quase espero um sorriso desdenhoso. Uma ordem curta para entrar no carro. Em vez disso, Koen me observa longamente, com os olhos opacos. "Se eu não fosse o Alfa", pergunta ele, por fim. "E você não estivesse doente. E então, Serena?"

E se a Terra fosse modelada a partir de uma folha gigante de salsa? E se os humanos urinassem poeira lunar? E se...

Seus dedos seguram meu queixo. Inclino minha cabeça para trás, prendendo a respiração. Mais uma vez, não tenho escolha a não ser encará-lo. "E então, Serena?"

Não consigo dizer " *Acho que nós dois sabemos"* , mas ele ouve mesmo assim, porque seu aceno está lá, quase imperceptível. Desta vez, quando a pressão aumenta atrás dos meus olhos, deixo as lágrimas rolarem. Sinto-as escorrer pelas minhas clavículas. Umedecer as pontas do meu cabelo.

"Qualquer coisa que aconteça com você", ele promete, com a voz honesta e baixa ao som da brisa, "será sobre meu cadáver".

Eu rio baixinho, porque... o que mais posso fazer? Sigo-o com os olhos enquanto ele abre a porta do passageiro para mim. Como esta é uma oportunidade, uma das poucas que me restam, em vez de deslizar para dentro, eu... Envolvo meu corpo com os braços, agarrando a flanela em seu quadril. Meu rosto se pressiona contra o seu corpo. Inspiro seu cheiro, me perguntando se algo tão bom já existiu, e pergunto: "Posso dizer algo realmente egoísta?"

Sinto sua concordância. Acho que ele pode querer saber tudo o que se passa na minha cabeça. Acho que ele poderia arrancar todos os pensamentos que já tive da minha cabeça, vasculhá-los por anos e ainda assim não se cansar.

Acho que em um mundo em forma de salsa, ele e eu teríamos nos divertido.

“Se hoje fosse meu último dia, ficaria feliz em passá-lo com você.”

Koen segura minha nuca. Eu me inclino para a pressão suave de seus lábios contra minha testa. Ele não diz nada, mal respira, mas suas mãos não me soltam por um longo, longo tempo.

CAPÍTULO 22

Ele facilmente se resignou a uma vida sem ela, mas...

Simplificando, ele não está disposto a contemplar um universo no qual ela não existe mais.

TNESTA NOITE KOEN TEM UMA REUNIÃO DE MATRIZ NA CABANA.

Saio do chuveiro, visto rapidamente uma legging e uma das camisas dele (que cheiro por mais de um minuto, com um entusiasmo inapropriado). Estou prestes a ir para a sala e

não cuidar da minha vida quando meu celular toca com uma ligação. De alguém que geralmente prefere uma sequência de doze mensagens de vários parágrafos a um bate-papo de um minuto. "E aí, Bleetch?", pergunto, com medo de que Koen tenha contado a Misery sobre minha situação pelas costas.

Vou esfaqueá-lo , juro. *Vou cortá-lo em pedaços e vendê-lo num mercado. Por centavos.* "Não muito." Uma pausa. "Primeira pergunta: você está sozinho?"

“Você quer dizer, existencialmente, ou...”

“Há alguém perto de você?”

"Não. Por quê?"

“Segunda pergunta: você está no estado de espírito certo para receber informações que podem lhe prejudicar?”

Meu coração dispara. "Infelicidade, se..."

"Não, estou falando sério. Conversei com Lowe sobre o Noroeste, e a situação é *ruim* ." "Quão ruim?"

“ *Ruim* , ruim. Tipo... *Nossas vidas* , ruins.”

"Uau."

"É. Me sinto muito menos especial, sabendo que há todo esse trauma rondando por aí." Sento-me na beirada do colchão. "Isso é sobre o culto ao qual eu possa estar relacionada?" "O Koen te contou?" Ela parece surpresa. "Lowe disse que provavelmente não conta ria." "Um pouco. Ontem aconteceu uma coisa estranha." Eufemismo da semana. Prepare a placa

na parede. "Um cara veio até mim e começou a gritar profecias de dicionário de sinônimos." “Espere aí, pensei que eles tivessem matado o culto há vinte anos?”

"Eles também achavam isso. Surpresa."

Uma *longa* pausa. "Legal."

"É." Afundo-me nos travesseiros. "Muito."

“Serena, somos pessoas más?”

“Hum... Moralmente? Espiritualmente? Fiscalmente? Porque eu fiz sua declaração de imposto de renda todo ano e explorei cada brecha no castelo medieval que é o nosso sistema financeiro, mas— ”

“Só estou dizendo que, até certo ponto, devemos ter feito algo para merecer a merda que está acontecendo conosco.”

"Bem." Esfrego a palma da mão na barriga, imaginando se as cólicas que estou sentindo são uma nova e divertida adição à minha lista de sintomas. "Nós fingimos que você estava tomado pela sede de sangue naquela vez que o Sr. Barca se cortou com um pedaço de papel."

"E o fez mijar nas calças. Sabe de uma coisa? Talvez tenha valido a pena."

“Ainda assim, não sei se nossas vidas necessariamente precisavam de um enredo cult.” "Combinado. Quer desligar e passar o resto do dia assistindo àquele programa da Human sobre MILFs?"

"Sim, na verdade."

"Que merda. Vou te dar os detalhes do culto, quer você queira ou não. O que você já sabe?" Respiro fundo. "Aquele Constantino era tipo, o equivalente lobisomem do Rasputin."

“Não tenho ideia do que seja isso.”

História nunca foi seu ponto forte. "Você sabe quais eram as ideias dele?", pergunto. "O que ele prometeu aos seus seguidores?"

“Como você sabe que ele prometeu alguma coisa?”

"Não é esse o propósito de um culto? Eu sou seu líder. Faça o que eu mandar, e eu lhe darei vida eterna, riqueza ilimitada, renascimento em um mundo onde tudo tem gosto de abacaxi..." "Que tal, 'E eu vou te transformar em um Lobisomem'?"

Sento-me num movimento rápido e fluido que eu *não* imaginava que meu abdômen fosse capaz de fazer. "Você está falando sério?"

“É. Era uma coisa meio doida. O culto existia há várias gerações. O fundador original era um daqueles malucos. Eram supremacistas que achavam que as outras espécies deveriam dedicar a vida a massagear os pés dele. Os lobisomens deveriam controlar os meios de produção, esse tipo de coisa.”

“Parece familiar.”

“Totalmente. Roscoe, o antigo Alfa do Sudoeste, era um pouco assim. A esposa dele, Emery, é tia do Koen. E tenho certeza de que em algumas alcateias da Costa Leste não deixam você se formar na primeira série se não souber soletrar pelo menos dez xingamentos de vampiro. O mundo está cheio de babacas, e os besouros de esterco adoram. Infelizmente, o fundador original do culto era um pouco maluco demais para o gosto de todos. Ele era originalmente do Sudoeste,

mas pediram educadamente que ele fosse embora. Lowe usou a palavra 'exilado'. Não sei se ele estava sendo melodramático ou se isso é comum entre os lobisomens.”

“Por que o expulsaram?”

“Estragando a vibe? Não está claro. Mas o cara levou a família e os amigos e se acomodou na fronteira entre o Sudoeste, o Noroeste e as partes mais rurais do território humano. Mantinham-se ocupados escrevendo suas escrituras dentro de caixas de cereal. Começou como um pequeno assentamento, menos Mais de vinte Lobisomens. Matilhas os monitoravam, até interagiam, mas nada de significativo acontecia por décadas. Até que sua filha, ou a filha de seu filho — Lowe tentou me desenhar um diagrama, mas não conseguiu — foi a uma reunião comercial com o Noroeste e conheceu seu companheiro.

“Constantino?”

Não, um cara chamado Jochem. Originalmente, o casal iria morar junto no amontoado de Jochem. Mas, para a surpresa de todos, Jochem decidiu que o culto tinha alguns argumentos válidos e que as outras espécies deveriam, de fato, mostrar seu lado fraco e deixar os Lobis se banquetearem com elas. Eles se mudaram para o culto. Até trouxeram alguns amigos. E tiveram alguns filhos.

“Entre eles, Constantino.”

"Sabe de uma coisa? Você é esperto para um híbrido."

Eu seguro o riso até minhas bochechas sangrarem. Às vezes sinto tanta falta da Misery que chega a doer cada átomo do meu ser.

O problema com Constantine é que ele também era maluco, só que mais esperto. No começo, ele percebeu que, se quisesse levar o culto familiar a um nível profissional, precisava de mais seguidores. Mas os Lobisomens, mesmo os babacas, não estavam interessados em deixar suas mochilas confortáveis para sentar ao redor de uma fogueira e discutir sua infinita superioridade. Então, ele se voltou para seus vizinhos humanos. Mas ele precisava oferecer algo de valor, e o que é mais valioso do que se tornar mais rápido e mais forte, viver mais e ter uma forma secundária fofinha?

"Como diabos ele estava propondo transformar humanos em lobisomens?"

“Aparentemente houve mordidas, consumo mútuo de sangue e uma quantidade consideráve l de rituais sexuais.”

Eu gemo. Isso é estúpido demais, até para mim. "E o fato de serem espécies diferentes? E a *ciência* ?"

"Você é tão cínico. Um pouco de ciência jamais poderia separar um universitário do seu desejo por uma festa mensal de uivos."

"Não faz sentido. Nós dois vivemos entre humanos — você já conheceu alguém que disse que gostaria de ser um lobisomem?"

"Não. Mas também nunca conheci ninguém com fetiche por umbigo, e eles existem." "Eles fazem isso?"

"Alvinofilia. Pesquise. Enfim, uns dez anos depois, Constantine tem centenas de seguidores. Muitos deles são humanos das áreas rurais vizinhas ao assentamento original, mas alguns também são da Cidade. Eles basicamente agem como servos e mão de obra gratuita, o que, por sua vez, gera novos seguidores lobisomens. A liderança é totalmente lobisomens. A carreira de Constantine como líder carismático está em ascensão. Se os caras fizerem o que ele diz, vão conseguir levantar mulheres na praia com os dedos mindinhos. Se as mulheres fizerem o mesmo..." Ela hesita. Minha garganta aperta, porque sei o que ela vai dizer. "Os filhos deles podem nascer lobisomens."

Fecho os olhos. Espero o quarto parar de girar. Este cenário se encaixa melhor na minha situação do que um vestido sob medida. "Como eu."

"Bem, sua mãe beber sangue de Lobi não teve nada a ver com você ser um híbrido. Mas... é."

"É por isso que me querem. Não se trata de quem me relaciona. Acham que eu era Humano e que Constantine me transformou em um Lobisomem."

“Sim. E caso você esteja se perguntando: *por que Lowe e Koen não consideraram a possibilidade de eu ser filho do culto no segundo em que souberam da minha existência?* A resposta é: eles consideraram. Eles

investigaram, mas tinham certeza de que todas as crianças estavam contabilizadas. Enfim, é aqui que a merda da vida de Koen começa a se assemelhar à nossa, porque todo o confronto que o levou a se tornar Alfa— ”

"Na verdade, pare. Não me diga."

"Você não quer saber?"

"Não. Sim." Engulo em seco. "Acho que eu deveria ouvir isso do Koen."

"Ah. Vocês já estão dormindo juntos?"

"O quê? Não!"

“Bem, já que isso provavelmente vai acontecer, você gostaria de uma dica sobre a biologia?”

"O quê?"

“O pau dele. Ele— ”

"Isso *não* vai acontecer, Misery. Seria contra a lei. Ele fez um juramento de celibato."

"Quer dizer, claro." Ela não *parece* ter certeza. "Mas você deveria saber disso, porque você é a companheira dele, na base de..."

"Pare." No *quê* de *quê* ? "Eu gostava mais de você quando era virgem."

"É, bom, Lowe não fez isso. Então."

Desligo e massageio os olhos até a imagem desaparecer da minha mente, tentando ignorar o peso da minha barriga. Então, algo me ocorre: esta pode ser minha última conversa com Misery. A última vez que ouço a voz dela. A última vez que ela ouve a minha.

Começo a enviar mensagens.

Serena: Agora que penso nisso... Nossas vidas de merda? Eu não as trocaria por

nada.

Misery: Sério? Não tem outro jeito? Você não pularia, sei lá, a parte em que a coalizão anti- vampiros bagunçou nossos quartos e te encheu de monóxido de carbono?

Serena: O que estou tentando dizer é que sou grata que nossos infortúnios nos uniram.

Miséria: Meu Deus. Você está morrendo?

Merda.

Serena: Essa é a única razão para eu te dizer coisas boas?

Miséria: É a única razão para eu ouvi- los.

Reviro os olhos e jogo o celular na cama. Quando entro na sala, os segundos ainda estão lá. Aceno para eles, ouvindo enquanto ligo a chaleira elétrica.

"... todos os seus esconderijos conhecidos. Nenhum sinal de atividade recente", diz Saul. "Pelo que sabemos", ressalta Elle. "Mas nossos rastreadores ampliaram a busca e ainda não conseguiram encontrar nenhum vestígio. E o culto não criou problemas apenas para o Noroeste — eles são desprezados por todos na região. Perguntamos às cidades vizinhas humanas se tinham ouvido falar de seu retorno, e elas ficaram horrorizadas."

“Você seguiu o rastro do garoto da casa do Dr. Silas?”

"O máximo que pudemos", diz Brenna. "Ele sabia o que estava fazendo. Disfarçou seu cheiro no oceano."

“Há alguma correspondência entre o DNA dele e o de Serena?”

"Não relacionado. Ele era um lobisomem completo. Segundo o perito forense, ele passou a maior parte da vida na forma de lobo."

Eu expiro. Continuo mexendo na cozinha. “Algum marcador do Noroeste no DNA dele?” "Nenhum."

Koen assente lentamente. "O bom é que não deve haver muitos deles, senão já os teríamos encontrado."

"Talvez pudéssemos atraí-los", penso, colocando canecas, água quente e sachês de chá para todos na mesa de centro.

O quarto fica tão silencioso que o barulho da porcelana parece mais alto que o de uma serra elétrica.

Não deixo isso me incomodar. "Eles acham que eu sou o bebê Frankenstein milagroso deles e estão dispostos a fazer de tudo para me conquistar. Se eu fosse um deles, acharia que precisava *recrutar* mais seguidores."

Eu me jogo entre Koen e o braço da cadeira, ignorando o roçar da minha coxa na dele. A tensão aumenta no quarto, carregada de desconforto, mas eu a ignoro e pressiono delicadamente o joelho contra o quadril grosso de Koen para fazê-lo parar de se abrir.

Ele não se move, então eu empurro com mais força.

Ele me ignora.

Até que Saul me disse: "Não temos certeza se você era mesmo uma criança de culto, querida. E só para deixar claro, *nunca teríamos* uma opinião pior de você por causa das circunstâncias da sua. .."

"Eu sei." Sorrio. Tranquilizador, esperançoso. "Mas quanto mais cedo eliminarmos a ameaça, melhor para a matilha. E como não conseguimos encontrar o culto, me usar como isca pode ser a melhor..."

Todos os assistentes se levantam ao mesmo tempo, como se tivessem recebido uma mensagem simultânea de uma nave-mãe alienígena. Observo-os fazer aqueles acenos estranhos e prolongados na direção de Koen e, em seguida, saírem rapidamente da cabine. Quando olho para Koen, percebo que ele está com um olhar furioso e percebo *o que* os dispensou.

"Bem", olho para as canecas. "Foi muito trabalho para nada."

"Você sobreviverá."

“Não, de acordo com vários médicos.”

Sua expressão fica ainda mais sombria.

"Desculpe. Eu estava falando ao telefone com a Misery. Ainda no modo humor mórbido." Faria sentido, agora que há mais assentos, que um de nós se afastasse. Não nos afastamos, e o olhar de Koen permanece em mim, o ideal platônico do conceito de carranca.

“Sinta-se à vontade para parar de agir com total descaso pela sua vida. ”

"Ah. Obrigada. Tem mais alguma coisa que eu possa fazer, *Alfa* ?"

A mão dele sobe para agarrar meu queixo. "Você poderia ser boa pra caralho, pelo menos uma vez."

"Posso tentar?", sorrio. Meu lábio inferior pressiona seu polegar. "Por que você não me disse imediatamente que suspeita que eu possa ser uma filha do culto?"

Lentamente, mantendo os olhos na minha boca, ele me solta.

"Deixa eu adivinhar: porque você não queria me chatear desnecessariamente caso não fosse verdade." Eu me esparramo no encosto. "Ocultar informações para não magoar as pessoas. Me lembra de algo que *alguém* foi criticado recentemente por fazer..."

Sua palma desliza até meu pescoço. Ela se contrai numa curva ameaçadora na minha nuca. Eu rio, impassível. "Está tudo bem, Koen. Eu te perdoo."

"Ah. Obrigado", ele diz, imitando meu comando. Mas sua expressão é sombria. "Lembra da sua entrevista? Daquelas pessoas do lado de fora do estúdio?"

— Na verdade, não. O quê... — ofego. — O homem com a *placa* ... gritando algo sobre... carne renascida?

Ele concorda. "Os pontos de discussão dele foram um pouco próximos demais. Pedi para Amanda rastreá-lo, mas era território humano, no meio de uma

multidão. Ela não conseguia se transformar e o perdeu."

"Entendo. Quantas crianças havia no culto?"

Koen aperta os lábios, visivelmente preocupado, e meu corpo inteiro dói com o quanto me importo com ele. Eu daria um ano da minha vida, um ano que nem tenho, para dar um beijo no canto dos seus lábios. Mais abaixo, onde a barba por fazer está crescendo rapidamente. Eu faria coisas ilegais, talvez até antiéticas, em troca do direito de enterrar meu nariz na curva da garganta dele, onde o cheiro dele é mais intenso. "Vários. Alguns eram Lobisomens, e foram acolhidos por famílias do Noroeste. Mas os Humanos se reproduzem com mais facilidade, e mais de duas dúzias de menores sobreviveram ao culto. Fizemos uma parceria com os serviços humanos, monitoramos o máximo que podíamos, mas não tínhamos acesso aos registros deles ." Foi assim que aconteceu, então. Dezenas de órfãos, assim como eu. Será que *eles* guardaram suas memórias? Se éramos amigos? Onde eles estão agora?

Isso é demais. Não consigo processar, não esta noite. "Preciso dormir", digo.

“Certo. Qual quarto?”

"Hum, m eu?"

"Certo. Dormiremos lá."

"Nós?"

"Nós."

Levanto uma sobrancelha. "Uh-oh. Alerta de ameaça de celibato."

Seu olhar me faz murchar, e a todos os jardins do continente. "Vou permanecer em forma humana e monitorar sua temperatura. Pegaremos sua febre logo, e ela não vai piorar tanto quanto ontem à noite."

Abro a boca para dizer: *Não quero te incomodar. Sei me cuidar. Está tudo bem.*

Mas talvez não seja. Talvez eu consiga cuidar de mim mesma, mas não me importo de receber ajuda. Talvez ele queira ser expulso.

Talvez isso seja igualmente válido para ele *e* para mim.

Então, o que eu decido é "Obrigada". Deixo minha cabeça rolar para trás na almofada. Encontro seu ombro. Não se dê ao trabalho de esconder o jeito como estou enterrando o nariz na flanela macia e gasta. Ele não se importa: *praticamente consigo sentir o gosto da sua satisfação e alívio por não ter que brigar comigo. É um sabor doce e alegre no céu da minha boca. "Sabe, seu quarto pode ser melhor."*

"Por que?"

"Cama mais confortável. Banheira." Pisco algumas vezes. Deixo os olhos fechados. "Tem o seu cheiro."

Ele resmunga algo baixo que não consigo entender. Antes que eu possa pedir para ele repetir, já estou dormindo profundamente.

CAPÍTULO 23

Pois é, foda- se.

MO meu primeiro pensamento quando alguém me sacode para acordar no meio da noite é que Koen estava certo.

O que não é algo que eu necessariamente goste de reconhecer.

"Vamos, matador." Uma mão grande e calejada empurra para trás os fios úmidos do meu cabelo. O toque é quente e firme, provavelmente deveria parecer demais, mas não me importo nem um pouco. Aliás, quando ela se afasta, solto um pequeno gemido. "O banho está pronto." Obrigo-me a murmurar algo ininteligível, meio cansaço, meio gratidão. Abrir os olhos exige mais esforço do que uma pós-graduação. Espero meu corpo me informar que sim, um cortador de grama acabou de passar por cima de nós e que nos sentimos péssimos, como manda nossa programação habitual.

Só que nós não.

É. Koen estava mesmo certo. Vejam só como eu me afogo na banheira para não

admitir. Sento-me lentamente, esfregando os olhos para afastar o sono. "Vem cá", diz Koen.

Seus braços se fecham em volta de mim e me carregam para o banheiro. Ele está sem camisa, vestindo apenas um moletom cinza — pronto para nadar pelado. Ele me coloca no balcão do banheiro e puxa minha legging pelas coxas, de alguma forma conseguindo não me tocar em nenhum ponto inapropriado. Ele deixa minha camiseta. Então, ele me pega novamente e me abaixa lentamente na banheira. Meu dedo do pé roça na superfície e...

"Não", eu digo.

É um comando suave, mas Koen para sem hesitar.

"Está muito frio", explico calmamente. Porque me sinto *tão* calma agora. Por que geralmente estou tão cheia de dúvidas? Eu sei o que preciso. Eu sei como conseguir. Sempre soube. "Não quero sentir frio."

Koen não entende. Gentilmente me coloca de volta no balcão. "Deixe-me adicionar um pouco de água morna a— "

"Não", repito, levantando-me num pulo. Sinto-me estranha. Como se estivesse falando e me observando falar. Acordada, mas dormindo. A melhor parte é que não estou apenas *sem* dor. Na verdade, estou...

Eu sinto...

Eu me sinto muito bem. E *acho que* eu...

Dou um passo em direção a Koen, atraída pelo seu calor, pela textura da pele, pelo seu perfume fenomenal. Não preciso de água fria, porque eu *o tenho* . Não sabia que alguém podia ser tão perfeito, mas aqui estamos. Quero tocá-lo, tanto que não tenho certeza se é permitido. Tem que haver um limite para o quanto desejamos. Não podemos nos aproximar do infinito, ou ele nos esticará demais.

Chego cada vez mais perto. O algodão da minha camisa raspa meus mamilos duros *de um jeito que não dá certo* , então a arranco e a jogo o mais longe que posso. Ela cai na banheira, e eu engulo um sorriso.

Ops.

"Melhor", eu digo.

Koen congela. Seus olhos, já desconfiados, se estreitam em mim. Mas ele não ... *Olha, Koen* ... nem olha para baixo ... *Vamos, Koen* ... para o meu corpo nu... *Quero que você olhe* ... Ele não faz perguntas idiotas... *O que você está fazendo? Você está bem? O que está acontecendo?* ... e eu sou grata por isso. Ele apenas me deixa envolvê-lo com meus braços e depositar um beijo de boca aberta em suas costelas.

Sua respiração falha. Ele é tão *forte* . E eu simplesmente... Eu *gosto* dele. Do seu humor. Do jeito que ele rouba minhas piadas. Como me sinto plena e feliz com ele. Por que ainda não fizemos isso? Claro, *motivos* , mas Eles parecem tão irrelevantes, quando há esse calor carente pulsando dentro de mim. Ele também está duro como pedra. Ele me quer. Metade do tempo, ele nem se dá ao trabalho de esconder.

“Serena.”

Nunca houve ninguém como ele. Eu poderia viver mais mil anos, e nunca haverá. “Preciso que você me diga o que está acontecendo com você.”

Canto contra o ponto entre seus peitorais. Abro os lábios e lambo, ignorando o palavrão suave e rouco que ele solta. O jeito como sua mão penteia os cabelos da minha nuca, primeiro pressionando minha cabeça contra ele, depois puxando-a para trás.

Seus olhos não passam de pupilas. "Você está com calor?"

Penso nisso. Concordo com a cabeça. "De um jeito agradável." Inspiro fundo. "Você cheira tão *bem* ."

"O que mais?" Ele pega um dos meus pulsos e o leva até o rosto. Inspira fundo, como se estivesse procurando um rastro perdido. O roçar do seu nariz na minha pele é melhor do que o melhor sexo que já tive na vida. "Dores de cabeça? Náuseas? Tonturas?"

Eu rio. "Não estou, no momento, sentindo todos os efeitos colaterais dos

medicamentos prescritos." No entanto, meus seios doem. Eu me contorço contra o peito de Koen, e não tenho certeza se parece digno, mas é *sensacional* . A fricção. O rosnado baixo em sua garganta. "Talvez você e eu pudéssemos..."

Certo. Tudo bem. Isso é sobre sexo. Eu, o Koen e sexo. Esfrego as coxas, porque minha barriga parece uma corda de arco, cada vez mais esticada, cada vez mais quente, uma poça d e calor líquido...

Koen murmura algo que parece *merda* e me faz girar.

Minhas palmas tocam o balcão, em ambos os lados da pia.

Olho para cima. Vejo, refletido no que resta do espelho, meu rosto corado e meus olhos vidrados. Tento encostar a curva da minha bunda nas coxas dele. Se eu fosse mais alta, sentiria sua...

"Você pode..." *Foda-me.* Mesmo tão excitada e encharcada como estou, não consigo dizer. Tento de novo. "Podemos fazer o que você quiser, eu..." *Farei tudo o que você me pedir . Por você. Não acredita? Experimente. Me ensine a lidar com tudo* isso .

Mas Koen ordena "Fique parado" e faz algo muito estranho.

Afasta o cabelo da minha nuca.

Inclina minha cabeça para baixo alguns centímetros.

Ele se inclina para passar a língua nas primeiras vértebras da minha coluna.

E eu morro , *porra* .

"Meu *Deus* !" O som que solto é indecente. Tão escandalosamente descarado que tenho que fechar os olhos e fingir que não foi meu. É que... nada nunca foi tão bom quanto ser lambida pelo

Koen, *ali* . Mesmo que o ato claramente não tivesse a intenção de ser sedutor. Na verdade, era mais parecido com alguém provando um prato para verificar se adicionou a quantidade certa de sal.

E deve haver algo errado com o perfil de sabor. Porque ele murmura um " *Foda-se* " baixo, profundo e comovente.

O tom dele é como uma bola de demolição atingindo minha barriga. Isso me acorda de repente, clareia um pouco a minha mente e... Que diabos eu estou *fazendo* , abordando o Koen desse jeito? Será que estou *louca* ?

Devo estar. "Está acontecendo? Estou morrendo?"

Ele solta uma risada silenciosa que é um claro não.

Viro-me em seus braços. Encontro suas bochechas escuras de sangue. "E então?"

"Você vai ficar bem", ele promete, respirando quase tão rápido quanto eu. "Vai passar. Você está com dor?"

Já *passei* da fase de mentir. Olho-o nos olhos e admito: "Não, mas tenho medo de que, se você não... me tocar agora mesmo, eu vou começar a chorar. E se isso não funcionar, vou implorar. E se... *se isso* não funcionar, eu vou—me quebrar em um milhão de pedaços e implorar por mais, e farei qualquer coisa se— ”

Ele geme e me abraça. Me aperta forte contra si por um breve e prazeroso momento. Mas o calor aumenta rapidamente dentro de mim, e quando começo a me contorcer contra a parte dura dele cutucando minha barriga, ele se afasta e diz cuidadosamente: "Preciso ir, Serena."

"O que?"

“Você não entende o que está acontecendo.”

O pânico sobe pela minha garganta. "E você?"

"Sim, matador. Eu quero." Ele tenta me contornar, mas o calor na minha barriga aumenta, e... eu não posso deixar. "Eu não vou te machucar." A mão dele está enrolada na minha cintura. Tão perto de onde eu quero. Alguns centímetros para

cima. Alguns centímetros para baixo.

E mesmo assim ele não se move. Posso estar prestes a chorar. "Se você não me quer, seja honesto."

Seus olhos se fecham. "Serena." Ele parece estar com dor física.

“Porque *eu* quero— ”

"Isso não tem nada a ver com querer. Você não está em posição de decidir..."

"Isso *não cabe* a você dizer, e..." Qualquer clareza que tenha surgido antes está se dissipando rapidamente. Algo quente e viscoso se acumula dentro do meu abdômen, me fazendo querer rastejar para fora da minha pele. Tudo está muito apertado. Muito vazio. "Seja lá o que for, está piorando. E eu sonho com você *o tempo todo* , e..." Eu seguro seus olhos e pego sua mão para arrastá-la entre minhas pernas, certa de que se ele me sentir ali, a bagunça que fiz de mim mesma, a excitação constante e gotejante, então ele vai entender. Mas meus movimentos são desleixados e descoordenados.

Que diabos estou fazendo? Estou louco? Não consigo *fazer* o Koen me tocar. Não quero que *ninguém* me toque.

Só que, e eu sei disso com uma certeza profunda, preciso que *alguém* me toque.

“Entendi. Você não precisa... Tem mais alguém que possa me ajudar com...”

É uma pergunta idiota, e no segundo em que a articulo, percebo que a simples ideia de outra pessoa me tocando me dá vontade de arrancar a carne dos meus ossos. Mas, a julgar pelo grunhido profundo, gutural e descontente de Koen, ele não sabe disso.

"Você *não* vai... *foda-se* ." Ele me carrega para a cama, senta-se na beirada do colchão e me puxa para baixo entre suas pernas abertas, de costas para ele. *Quase* no seu colo. Quando tento me mover para trás, perseguindo sua ereção, ele me impede com um abraço que imobiliza meus braços ao lado do corpo. É um pouco como uma camisa de força, feita de músculos grossos e perfume. *Exatamente* o que eu preciso. *Eu tenho você* , me diz. Não preciso mais me controlar, porque ele está fazendo isso por mim. Tenho permissão para implorar

e me debater em seus braços.

"Isso", ele rosna no meu ouvido, " *não é* o tipo de coisa que se faz com um Alfa. Não quando se está à beira de um Heat."

"Desculpa." Estou à beira das lágrimas. A culpa é como mil agulhas no meu peito. "Eu *não faria isso* . É que..."

"Eu sei." Ele beija a ponta do meu ombro, apenas um roçar de lábios. "Eu vou te ajudar. Mas você precisa fazer o que eu digo. Certo?"

Concordo freneticamente. "Contanto que você me toque. Contanto que você..."

Ele morde o local que acabou de beijar. Um leve toque de dentes. Aviso. "Não é assim que funciona, matador. Faça o que eu digo, sem condições."

Claro. Certo. Estou desesperada demais para resistir. Não há nada dentro de mim — nada além da necessidade de gozar. Não me sinto envergonhada quando ele pergunta: "Quando você se toca, o que você faz?"

"Eu não... há meses." Eu tinha problemas mais urgentes, mesmo sem me lembrar quais eram. Como poderia haver algo mais merecedor da minha atenção do que *isso* ? "Desculpe, eu..." "Shhh. Está tudo bem." Ele lambe um ponto na minha garganta, enviando uma corrente elétrica pela minha espinha. "Eu disse que ia te ajudar, não disse?"

A ajuda que preciso envolve ele me curvando e me fodendo no colchão, então solto um gemido choroso quando ele pega minha mão, entrelaça nossos dedos e os move para a parte inferior do meu estômago, onde o elástico da minha calcinha gruda na pele.

Parece errado que elas sejam a única coisa que ainda estou usando, especialmente quando Koen parece determinado a não me tocar em nenhum outro lugar.

E então meu estômago embrulha. Porque percebo que ele também não vai me tocar *ali* . "Você vai usar os dedos", ele instrui lentamente, soltando minha mão. Seus lábios estão quentes contra o arco da minha orelha. "E você vai se forçar a gozar."

"O quê? Mas eu— ”

Seus dentes se fecham em volta da parte carnuda do meu pescoço, um pouco duros demais. Eu grito. Me contorço contra o peito dele. Gemo de frustração. Imploro sem palavras.

"Me diz, matador." Ele me acaricia. "O que te faz pensar que isso é uma negociação?" "Por favor, use *os* dedos. Por que você não quer— "

"Você precisa calar a boca sobre o que acha que *eu quero* . Isso é uma bagunça, e você não está em condições de fazer nenhum pedido. Você prometeu fazer o que eu disser." Um beijo na minha bochecha. "É isso que você é? Alguém que quebra suas promessas?"

Balanço a cabeça, febril e ofeg ante.

"Boa menina. Dedos", ele ordena. *"Agora."*

Enfio a mão na calcinha sem muita graça. "Meu Deus." É simplesmente... tanta coisa. Demais. "Por que estou tão molhada?"

"É normal", ele diz. "Você vai precisar."

"P- para quê?"

Ele exala contra meu ombro. "Não se preocupe com isso. Apenas se toque."

Eu me esfrego desajeitadamente, deslizando pelas minhas dobras. Já fiz isso muitas vezes na vida, deveria ser fácil. Mas é como se houvesse um balão inchando dentro de mim e ele não estourasse. Meus quadris se movem impacientemente, e eu giro, balanço, me movo e... quase caio em prantos.

"Devagar", Koen ordena asperamente. "Você pode ir mais devagar?"

Eu posso. Deus, eu posso. E já está muito melhor. De repente, o cheiro dele me agrada, e eu me deleito com isso. Deixo minha cabeça cair para trás, em seu ombro.

"Você precisa de algo dentro de você? Que goze?"

Balanço a cabeça. Normalmente não. Mas agora, eu *quero* .

"Certo." Ele inala fundo, como se eu cheirasse tão bem para ele quanto ele para mim. "Você está indo tão bem, matador."

"É?" Eu choramingo.

"É, gata." Sua risada é suave. Agitada. "Estou tentando fazer uma lista de coisas que eu *não* faria só para poder chupar sua boceta agora, e não consigo pensar em nada."

"Por que não, então?", eu reclamo.

"Porque você nunca me pediu antes. E não, *agora* não conta. Abra mais as pernas. Um pouquinho mais. É." A última palavra é exalada. Um pouco engasgada. Como se ele estivesse *saboreando* ... Adicionando um arquivo à sua biblioteca visual. "Não tenho direito a isso, mas, porra, eu só quero ver o suficiente para imaginar o que está acontecendo." Sua língua percorre um ponto largo na lateral da minha garganta, e uma fração de segundo depois estou prestes a gozar.

"P-por que isso é tão bom?"

"O que?"

“Quando você me toca, ali.”

"Onde?" Ele me solta brevemente. Move meu cabelo sobre o ombro novamente, expondo minhas costas. "Aqui?" Desta vez, ele raspa seus dentes contra a pele entre minhas omoplatas, e minha cabeça se estilhaça em mil pedaços.

Eu me arqueio como uma vela, sem fôlego, sem palavras. Concordo freneticamente enquanto meus dedos aceleram sob o algodão da minha calcinha encharcada, e...

"Eu não disse que você poderia ir mais rápido", ele repreende com um breve toque de seus dedos sobre o tecido.

Cerro os dentes e paro. Retomo com círculos lentos que, de alguma forma, são demais e de menos. Meu corpo inteiro está *brilhando* .

"Estas são as suas glândulas, Serena. Ninguém lhe mostrou?"

"Não."

"Talvez seja melhor assim. Eu teria que parar o que estou fazendo e ir matá-los." Mais um roçar de dentes. Todos os meus músculos se contraem e tenho medo de desmaiar. "Existem cinco lugares na sua pele onde seu cheiro é mais forte e seus hormônios são mais intensos."

"Cinco?"

"A parte interna dos seus pulsos." Ele leva minha mão esquerda à boca e belisca a base da palma, me fazendo estremecer. "Cada lado da sua garganta." Ele chupa a direita por muito mais tempo do que seria necessário para uma simples demonstração. No final, estou tremendo tanto que meus dedos mal conseguem ficar no meu clitóris. "E depois tem a sua nuca." Outra lambida lenta e saborosa. Meus olhos reviram.

"É bom", eu digo arrastando as palavras. "Este aqui é... bom."

O som da risada dele me faz tremer ainda mais. "Este é especial. É onde eu te morderia, Serena. Lá no alto, onde as roupas não conseguiriam esconder. E aí eu lamberia minha mordida todos os dias para te lembrar." Ele chupa, e o prazer é tão intenso que eu tenho que me virar, extasiada. "Se você soubesse as coisas em que eu penso toda vez que seu pescoço está nu, você andaria por aí com uma capa."

"Eu quero... eu quero saber. Me conta."

"Isso seria imprudente, assassino. Aliás, você não deveria me deixar chegar perto disso. Perto de *você* ." Um último beijo. Ele cobre minhas costas com a cortina do meu cabelo e bate novamente na minha mão —uma ordem silenciosa para continuar me tocando.

Estou prestes a gozar. Acho que vou escorregar, mas algo me puxa para trás.

“E quanto a—*ah* —e quanto a *mim* ?”

"Hum?"

“Onde *eu te* morderia , para mostrar que você é meu?”

Koen fica imóvel com a pergunta. E então, depois de processá-la por tempo demais, solta um palavrão suave e explosivo contra minha clavícula. "Eu odeio isso", ele suspira.

"O que?"

"Como você é *perfeita* . Passei os últimos vinte anos torcendo para que, se houvesse um par para mim por aí, eu nunca o encontrasse. E então eu te encontrei, e, Serena... não há nada que eu mudaria em você. Ou uma única coisa que eu me arrependa de ter te conhecido."

De repente, lágrimas escorrem, vermelhas e quentes, pelo meu rosto. "Você não me respondeu", digo, acelerando o ritmo dos meus dedos.

A resposta de Koen é um suspiro agridoce contra minha bochecha. "Acho que você me morderia bem abaixo do queixo. As pessoas olhariam para isso e achariam obsceno. Mas saberiam imediatamente a quem eu pertenço."

Suas palavras me elevam ainda mais, e está acontecendo. Eu vou gozar. As mãos de Koen estão na minha cintura, palmas tão grandes, dedos tão longos, que me cobrem facilmente de calor de um quadril ao outro — e o movimento firme de seus músculos contra minhas costas — sua barba por fazer roçando minhas glândulas do pescoço com aquela dor deliciosa — e essa tensão insuportável que me puxa em todas as direções...

Fico ali, cambaleando. À beira de um penhasco, em constante equilíbrio.

Eu soluço. Quanto mais me esforço, mais dói. "Eu não posso... Por que não posso gozar, Koen? Por que me sinto tão..."

"Vazio?"

Concordo com a cabeça. Como ele *sabe* ? "Ok, está tudo bem. Coloque os dedos dentro." "Não, não é grande o suficiente. *Seus* dedos."

Ele geme. "Silêncio. Faça o que eu digo, ou eu vou... sim. Ótimo. Assim mesmo. Eu sei o que você precisa. Vem cá." Ele estica meu pescoço para trás. Uma de suas mãos grandes segura minha nuca, pressionando meus lábios contra sua pele. "Continue se tocando e lamba a base da minha garganta."

Eu faço. Com cuidado. E —

Ele solta um gemido. Eu congelo. Porque... Ah.

Oh.

"Meu Deus", gemo contra sua carne, mas sai como um ruído murmurado e disforme. Estou começando a sentir a coisa toda da glândula, porque passar a língua sobre ela é como sentir o cheiro do Koen. O narcótico mais potente e perfeito explodindo direto na minha corrente sanguínea.

E acho que ele também gosta. Ele me encoraja com elogios baixos e obscenos, dizendo o quão linda eu sou, o quão perfeita, a honra que é para ele estar aqui, comigo, como ele não gostaria de nada diferente, como ele faria coisas indizíveis para tê-la de volta. Então eu chupo e tomo mais, mesmo sentindo seus músculos vibrarem e a corda do seu perfume se apertar em volta de mim.

" *Merda* , você cheira tão bem." Ele parece tão abalado quanto eu. "Foda-se o pacto. Quero estar tão fundo na sua boceta que você vai se contorcer para respirar..."

É isso que importa —a imagem que ele pinta dele, enterrado dentro de mim. De um mundo em que ele e eu — *nós* — somos uma possibilidade. Meu corpo se contrai, minha visão fica turva, e o orgasmo que se segue é tão agudo e repentino que não consigo distinguir o prazer da dor.

Pode não haver um depois, não seguindo *isso* . E, honestamente, não me importo. Esqueço tudo —meus dedos, meu orgulho, meu coração disparado —e tudo o que respiro é ele.

Koen.

Não tenho consciência de estar deitada na cama, em seus braços, pressionada contra ele. Minhas terminações nervosas ficam sem reação por um tempo, mas, assim que consigo, me viro, deleitando-me com a sensação do meu peito nu contra o dele, pele com pele, quase perto o suficiente para...

A névoa cerebral se dissipa imediatamente. O que acabou de acontecer me atinge como um soco. Estou enjoado. Girando.

Eu praticamente *forcei* Koen a —

Ele é o Alfa do Noroeste, e ele não deveria...

Ele não pode, mas eu...

"Está tudo bem." Ele beija minha testa. Tento me afastar, mas seu aperto é inquebrável. "Serena. Está tudo bem."

“Mas eu— ”

"Você não fez isso." “Sim. Eu— ” "Não."

“Você nem sabe o que eu— ”

“Eu posso ler sua mente, lembra?”

Ele não consegue. Ele não quer. Mas eu me sinto relaxar contra ele de qualquer maneira, cansada demais para lutar. E como já estamos tão perto, como ele não parece se importar muito, subo minha perna pelo seu quadril, sem me importar com o algodão pegajoso entre minhas coxas. Meu joelho encontra a extensão escaldante do seu pau. Pela primeira vez na vida, compreendo completamente o significado da palavra " *pulsante"* .

Quero oferecer-lhe ajuda com isso. Mas... não iria só piorar as coisas? "Sinto muito", digo, e sinto mesmo. Sinto muito por *tudo* ...

"Tudo bem." Ele suspira. De alguma forma, ele me puxa ainda mais para perto. "Nunca me arrependi tanto de nada." Koen me beija na testa. Seu abraço não afrouxa, e nós dois adormecemos.

CAPÍTULO 24

Ele não achou que ela pudesse ser mais perfeita.

Então ela lhe ofereceu sua mordida.

KO TELEFONE DE OEN TOCA, E QUANDO MEUS OLHOS SE ABRIM, ELE ESTÁ DEITADO AO MEU

LADO, COM A CABEÇA NO TRAVESSEIRO, A COLUNA DO SEU PESCOÇO DOURADA À LUZ DA MANHÃ.

Mais uma vez, sua barba por fazer está a caminho de uma barba. Suas feições, seu cabelo, a linha de seu perfil —tudo nele se tornou tão *querido* para mim que quero enterrar meu rosto em seu peito e gritar até minhas cordas vocais cederem.

É quando seus lábios se abrem e ele pergunta: "Você está bem?"

Ele parece perfeitamente acordado, mas seus olhos permanecem fechados. "É." Não tenho a chance de perguntar se ele também está. O braço que não está em volta de mim agarra o telefone, atende a chamada e coloca no viva- voz.

Seus olhos *ainda estão* fechados. "Sem", ele diz.

Como ele sabe —

"Desculpe pela ligação tão cedo. Talvez eu tenha novidades sobre o estado da Serena." "Sério", murmura Koen.

"Como é? Não consegui entender direito— "

"Te vejo no seu escritório. Vinte minutos." Ele desliga. Passa a mão cansada no rosto e, finalmente, olha para mim.

"Do que se trata?", pergunto.

"Você." Ele se desvencilha delicadamente. Senta-se, exibindo um controle igualmente previsível e irritante sobre os músculos do core.

“O que Sem pode ter descoberto em menos de vinte e quatro horas?”

"Que se dane. A parceira dele, no entanto, é parteira." Ele estica os ombros, e eu tento não olhar para a obra-prima arquitetônica que são suas costas. Lembro a mim mesma que ele consegue ouvir meu coração acelerar e sentir o cheiro... de tudo. "Imagino que ele tenha conversado sobre a sua situação com ela, e ela percebeu o que está acontecendo."

"O que você quer dizer?"

Ele me ignora e vai para o banheiro. "Vista-se. Sairemos em dez minutos."

“Para onde ir?”

Ele me olha por cima do ombro, com um sorrisinho nos lábios. "Aula de biologia."

KOEN INTERROMPE SEM CERCA DE TRINTA SEGUNDOS DE SEU DISCURSO CLARAMENTE ENSAIO sobre o motivo pelo qual decidiu consultar outro especialista a respeito da minha situação. "Ligue para a Layla. Podemos presumir com segurança que Serena deve ser transferida para os cuidados dela."

Dois minutos depois, e um Sem esverdeado e nervoso, Layla entra e se senta atrás da mesa. Sem nunca mais volta. "Koen", diz ela. "Acho que seria melhor se você e eu conversássemos sobre isso por um minuto. A sós."

Koen franze a testa. "Não é sobre a Serena?"

Ela hesita. Acena com a ca beça.

“Então diga a Serena.”

“Isto é... delicado.”

"Também tem a ver com o corpo *dela* . Não sou o representante de RH da matilha, mas acho que ela deveria saber antes de mim."

“Alfa, eu...”

Linhas aparecem entre as sobrancelhas de Koen. Layla se acalma instantaneamente. "Aqui está o que vai acontecer: eu vou sair dessa escritório, e você vai contar à Srta. Paris tudo o que ela precisa saber. Depois, se ela quiser, ela me informará sobre...

"Tudo bem", interrompo. "Prefiro que o Koen fique, por enquanto."

"Koen", diz Layla, e de repente, ela parece menos um membro da matilha e mais uma amiga. Alguém que conheceu Koen quando ele era jovem —que era jovem *com* ele. "Você não vai gostar que eu faça assim."

Um dar de ombros alegre e descuidado. "Então vou ter que ser um garotão, não é?"

"Sinto que fui deixada de fora de uma piada interna", interrompo. "Ou que sou *uma* piada interna. O que estou perdendo?"

O sorriso de Layla é reconfortante. "É mais o que os outros médicos não perceberam. Eles estavam tão preocupados com os picos de cortisol que, com razão, os culparam pelos seus sintomas mais extremos, mas não perceberam o contexto mais amplo."

“Contexto sobre . . . ?”

Ela faz uma pausa, claramente filtrando as palavras. Enquanto isso, Koen parece estar assistindo a um programa pela décima vez. Nada do que está prestes a acontecer o surpreenderá. Ele provavelmente poderia assumir o controle da situação.

Que diabos está acontecendo?

“Veja, seus níveis de estrogênio também estão visivelmente além dos limites normais, mas devido à existência do CSD, o Dr. Henshaw e Sem presumiram que a relação complexa entre o estradiol e— ”

"Layla." Suavizo minha interrupção com um sorriso. "É muito gentil que você não queira que eu os culpe, e prometo que não o farei, não por interpretar mal o

exame de sangue que vos escreve. Mas você está dizendo um monte de coisas que eu não entendo, e o suspense está me matando mais rápido que o cortisol, então..."

"Estro", ela diz abruptamente. "Você está entrando em estro."

"Ah." Concordo com a cabeça.

Sento-me na cadeira e coço a têmpora.

Reúna tudo o que sei sobre Estruses —Estri? —que é um lindo deserto de nada.

"Pessoas sem diploma chamariam isso de entrar no Heat", diz Koen, e a compreensão me atinge como uma caravana de caminhões blindados.

Meu comportamento ontem à noite.

Os sonhos.

Koen... tudo.

"Pessoas com diploma também", acrescenta Layla timidamente. "Mas pode ser uma palavra carregada. Eu não gostaria de te chatear."

"Não é", eu digo. *Muito* chateada. "Isso acontece com Lobisomens?"

"Sim, é. Geralmente na forma de lobo."

"Mas eu..." Aponto para mim mesma. " *Eu não estou na forma de lobo"* parece uma afirmação redundante.

"Choques de ruptura também não são inéditos na forma humana. Pratico há cerca de dez anos e já tive vários pacientes como você, desencadeados por todo tipo de coisa."

"Como?"

"Eventos estressantes. Medicamentos. A causa mais comum é a proximidade com um parceiro sexualmente compatível." É impressionante a impessoalidade

com que ela pronuncia as últimas palavras. Alguém poderia pensar que ela está lançando cenários hipotéticos, mas consigo ver suas mãos esfregando-se sob a mesa. O balanço inquieto de seu pé.

Também não estou imune ao crescente desconforto no quarto. Há uma corda amarrada no meu pescoço, e Koen a puxa. Quero me virar para ele mais do que respirar. Mas, se o fizesse, nós dois estaríamos nos lembrando da maneira como implorei a ele ontem à noite, e não tenho certeza se a pobre Layla merece testemunhar *essa* confusão.

"Se me permite perguntar, Serena, você tem tido problemas para se transformar?" Ela sorri triunfante ao meu aceno. "Desculpe. Não estou feliz que... Há uma premissa biológica para iss o que eu poderia explicar— ”

“Não precisa”, apresso-me a dizer.

“— mas nenhuma das minhas outras pacientes conseguiu mudar até que seu ciclo terminasse.”

“Por que as febres ficam tão fortes à noite?”, pergunta Koen.

“Simples flutuações circadianas. Elas também estão acontecendo com mais frequência, porque o estro está se aproximando. Dado o estado meio-lobisomem de Serena, é difícil prever com certeza quando ele começará, mas meu palpite é... em breve.”

Infelizmente, é aí que não consigo mais adiar. *A* pergunta. Fecho os olhos. Apago mentalmente com um laser a parte do meu cérebro que sente vergonha. Pergunto: "O que vai acontecer quando o cio começar?"

Talvez eu devesse mandar o Koen embora. A questão é que, depois da noite passada, ele tem o direito de saber os detalhes do incêndio no lixo especial em que estamos nos divertindo, e a Layla nos informar de uma vez parece menos doloroso do que ter que contar tudo a ele depois. Usando minhas próprias palavras.

"Bem." Layla pigarreia. Olha com desejo para um calendário de parede, provavelmente desejando poder voltar no tempo e se tornar designer gráfica. "Há muito a se considerar quando se trata de..."

"Diga a ela", ordena Koen. Ontem, neste mesmo escritório, ele parecia tão irritado que me perguntei se teria que enviar um vaso de hortênsias para a família Caine como pedido de desculpas. Hoje, não consigo a menor ideia dele.

Layla tosse, só para ganhar tempo. "Alguns sintomas já começaram. Diminuição do apetite. Dores generalizadas. Nos próximos dias, você provavelmente verá um aumento no comportamento de nidificação."

“Por favor, diga-me que não vou ficar catando galhos e tecendo cestos com eles.”

"Tem mais a ver com encontrar aromas, texturas e objetos que lhe agradem. O objetivo é criar um espaço que ofereça conforto em momentos de necessidade."

"O que você quer dizer com... Que tipo de objetos?" Estou meio apavorada que ela recomende uma lista de vibradores.

A resposta é de alguma forma *pior* .

Não existe uma regra rígida. Pode ser um tecido particularmente macio. Uma peça de roupa que pertence a alguém que te faz sentir seguro. Algumas pessoas acumulam objetos específicos e os organizam de forma relaxante. Combine materiais diferentes.

“Por que isso parece um trabalho que exige um mestrado?”

"De jeito nenhum. Não existe jeito certo ou errado de fazer ninho, e é um processo muito instintivo." Ela coça o nariz. "Você pode até já ter começado, do seu jeito." Os olhos de Layla deslizam intencionalmente para a flanela vermelha enorme que roubei do armário de Koen, e sinto meu coração batendo forte nas bochechas.

"Ah." Penso no meu quarto em casa — como o tenho enchido com cobertores da consistência perfeita, travesseiros com a quantidade certa de penas. Se os cientistas humanos se concentrassem em seu trabalho tanto quanto eu me dediquei à minha cama, o herpes simplex seria coisa do passado.

Meu Deus. É como se me dissessem que cenouras baby são cenouras normais

descascadas para ficarem menores: eu deveria ter percebido o que estava acontecendo há muito tempo, mas não percebi, e agora me sinto idiota. Ao meu lado, Koen não demonstra nenhuma emoção com a ideia de contribuir para o meu...

Ninho.

“Também haverá mudanças fisiológicas temporárias. Por exemplo, seu cheiro se tornará mais atraente para potenciais parceiros.”

"Como se meu cheiro trouxesse todos os lobisomens para o quintal?"

“Bem, não cheguei perto o suficiente de você para verificar se o aprimoramento começou, mas— ”

"Sim", disse Koen, acalmando a hesitação de Layla.

E é isso. Todos nós marinamos nessas duas palavrinhas por alguns segundos, o que é tempo suficiente para eu imaginar, com saudade, ser engolida por um rio de magma. "Isso vai... Devo me preocupar?" Olho para Koen, que não entende o que quero dizer. "Quão atraente meu cheiro vai ser para os outros? Devo entrar na internet e comprar uma Taser?"

Ele pisca. "Você já tem uma faca. Mas deixe-me garantir que qualquer Lobisomem nesta matilha que tocar em você sem um pedido expresso seu vai sofrer uma chuva de dor. E depois morrer."

"Vou interpretar isso como um não." Sorrio, decepcionada ao descobrir que seus lábios não se curvam em resposta.

Ele está bravo? Deveria estar. Eu o fiz quebrar um juramento. E ele nem... Mas isso importa? Onde traçamos o limite? Ele se sentirá compelido a fazer isso de novo em um futuro próximo?

"Koen", digo baixinho. "Acho que você deveria ir embora agora."

Ele não protesta. "Estarei lá fora. Ligue se quiser que eu volte."

No segundo em que a porta se fecha atrás de mim, Layla pergunta: "Você sabe

qual é o pacto que o Alfa do Noroeste deve cumprir?"

Eu concordo.

Ela parece aliviada. Quando volta a falar, a maior parte do constrangimento já se dissipou, e percebo que a atmosfera tensa se devia à sua consciência de que Koen, por lei, não te m permissão para me tocar.

Sua franqueza recém-descoberta é revigorante. “O principal sintoma do estro é que você vai querer fazer sexo. Muito. Tanto que pode ser difícil se envolver em qualquer outra atividade.

Algumas pessoas associam a experiência a estar embriagada, mas isso tem uma conotação negativa que muitos profissionais de saúde rejeitam. O estro é um estado único. Você *será* capaz de tomar decisões. A névoa mental e o ruído da excitação só vão dificultar.” pensar nas consequências e adiar a gratificação. Isso durará de dois a cinco dias. Você passará esse tempo sozinho com um parceiro escolhido, ou parceiros, dependendo das suas preferências.

A ideia de permitir que qualquer pessoa além de Koen me toque é ridícula, mas mesmo assim concordo.

O estro frequentemente acentua os comportamentos sexuais. Por exemplo, você pode se pegar querendo agradar seu parceiro mais do que o normal. Por sua vez, um parceiro tende a se tornar muito protetor com um Lobisomem no cio. Eles não aceitarão bem ameaças contra si, mas também não serão necessariamente capazes de distinguir uma ameaça real de, digamos, alguém aparecendo com uma caçarola. É por isso que o isolamento geralmente é considerado o cenário ideal.

"E se um Lobisomem não tiver um parceiro? Alguém faz isso... sozinho?"

Não me surpreende a rapidez com que Layla balança a cabeça. "Eu desaconselho fortemente. É claro que você não conseguirá ter um orgasmo sem interação com um parceiro, o que tornará a experiência miserável."

Continue se tocando e lamba a base da minha garganta.

Sim. Consigo imaginar isso com muita clareza.

"Mas", ela continua, "você encontrará facilmente um parceiro. Lembro-me de ter lido que a atividade sexual pode ser percebida como algo vergonhoso e tabu entre os humanos . Os lobisomens têm uma atitude altamente pragmática em relação ao sexo, e tenho certeza de que muitos se voluntariariam para ajudar. E eu seria negligente se não apontasse que, embora eu entenda perfeitamente o quão desorientadora a situação deve ser, a maioria dos lobisomens que passam por um cio acha isso uma experiência de vínculo altamente prazerosa. Sem mencionar que nem sempre é fácil para nós conceber, então o aumento da fertilidade costuma ser apreciado."

Cubro a boca. "Sou um idiota."

"Por que?"

“A gravidez é a razão biológica por trás disso, não é?”

"Bem, sim. É algo que lhe interessa?"

Eu costumava ser. Curiosamente, quando eu pensava que era órfão humano, a ideia de ter um filho era mágica: alguém que pudesse compartilhar meu DNA. Alguém para cuidar. Eu costumava imaginar isso como uma espécie de recomeço: meu filho não ficaria traumatizado a ponto de esquecer os primeiros seis anos de sua vida. Meu filho não sofreria nenhuma tentativa de assassinato antes de completar dezoito anos — ou depois. Meu filho nunca conheceria o verdadeiro medo ou a fome, e sua felicidade absorveria toda a tristeza que eu havia gerado e poluído o mundo.

Na faculdade, sempre que a Misery me pegava brincando com as crianças da vizinha, beliscando as bochechas delas, chamando-as de fofas, ela revirava os olhos com tanta força que suas lentes de contato quase saltavam. *Ouvi dizer que elas cagam em todo lugar . E comem toda a sua manteiga de amendoim.*

Isso também é verdade para você .

Exatamente. Você realmente precisa de dois de mim?

Então, sim. Eu costumava me interessar. Mas agora... "Não está claro se é mesmo possível. Por causa da minha constituição genética."

“Entendo. Bem, caso você possa, deixe-me esclarecer: você nunca será solicitado a submeter seu corpo a algo que não queira. E meu trabalho é ajudá-lo a fazer o que é melhor para você.”

Sorrio para ela, genuinamente grata. "Nesse caso, preciso de uma coisa sua."

"Claro. O que é?"

“Preciso que você tenha certeza de que eu *não* entre em Heat.”

CAPÍTULO 25

Ele nunca pensou que o mundo fosse um lugar particularmente justo. Ainda assim, é uma crueldade assustadoramente vil da parte do destino mostrar a ela o que ele poderia ter tido se tivesse feito escolhas diferentes.

EU“EM TEORIA,” LAYLA DIZ CUIDADOSAMENTE, “COM UMA ALTA DOSE DE PROGESTERONA , *seríamos* capazes de prevenir o estro.”

"Perfeito. Então— ”

"Mas não sabemos como uma injeção interagiria com a sua biologia." Seus olhos pousam nos resultados laboratoriais espalhados sobre a mesa, e ela começa a contar os dedos. "Seu cio começou a se manifestar muito mais cedo do que em qualquer outra paciente que eu conheça, seus níveis hormonais ainda estão desregulados e seu corpo nem sempre responde à medicação. Quando o Dr. Henshaw lhe receitou bloqueadores de esteroides, eles foram ineficazes, assim como os antitérmicos. Você pode até ter uma reação paradoxal..."

"Mas podemos *tentar* . Certo?"

Ela faz uma pausa. "Serena, ficarei feliz em ajudar você a encontrar um parceiro adequado..."

"Não é isso."

“O que é então?”

"E se..." Fecho os olhos. "E se meu corpo estiver a fim de Koen?" *E se minha alma também estiver? E se a ideia de fazer isso com alguém que não seja ele fizer meu estômago revirar e meu coração apertar?*

De tudo o que eu disse, isso é o que mais a surpreende. Seus olhos se arregalam e ela se inclina para a frente sobre a mesa, como se quisesse entender melhor. tranquilize-me: "Eu entendo que você e o Koen se aproximaram. O calor é um momento turbulento, e é natural querer passá-lo com alguém em quem se confia. Afinal, não somos humanos e nos comunicamos por sinais não verbais, como toque ou cheiro, e é normal querer estar com alguém que te lê bem. Mas você ainda pode encontrar outra pessoa que se qualifique..."

"Talvez não seja uma questão de *poder* ." Engulo em seco. "Talvez seja uma questão de *querer* ." Sinceramente, não sei mais se há diferença entre os dois.

Seus lábios se contraem. "Serena, é proibido. Para te ajudar a superar a pressão, Koen seria obrigado a renunciar, o que inevitavelmente levaria a uma guerra de sucessão. Pior ainda, a Assembleia poderia decidir..."

"Separe-se novamente. Sim." É a minha vez de me inclinar para a frente. Certificar-me de que ela entende. "Não tenho intenção de colocar Koen, ou o Noroeste, nessa situação. E é por isso que preciso que você me ajude *a não* entrar em Heat."

Um brilho passa pelos olhos dela, e eu sei que ela fará o que estou pedindo.

SAIO DO ESCRITÓRIO DO SEM E DESCOBRI QUE KOEN HAVIA SIDO DESAPARECIDO E BRENNA revirando os olhos. "Sabe qual é o meu passatempo favorito?"

“Hum... não?”

"Acordar às 10 da manhã porque minha Alfa quer que eu cuide de uma halfling que não sabe cuidar de si mesma, e perceber sua decepção mal disfarçada e devastadora quando ela me vê. Tão *deliciosamente* lisonjeiro."

Eu coro. "Desculpe. É um prazer te ver, eu só não esperava..."

"Sim, claro. Yap, yap, yap. Vamos." Ela se levanta de uma das cadeiras

confortáveis na sala de espera. "Vamos. O Koen quer que eu te leve para casa."

Demorei cerca de quatro segundos antes de perguntar: "Onde ele— "

“Houve uma situação na fronteira.” Seu tom é entediado.

“Foi o culto?”

"Não. Mas ainda sou parente de você."

“Quem era então?”

"Não se preocupe com isso."

"Brenna, quem?" Detesto implorar por pequenos detalhes. Quase tanto quanto ela adora me deixar no limbo durante os dois minutos que caminhamos até o carro dela.

"Vampiros", ela admite ao volante. "Muitos deles, divididos em dois grupos, tentando chegar até vocês pelo norte. O plano deles era fazer com que a primeira equipe distraísse nossas patrulhas enquanto a segunda entrasse no território para sequestrar vocês. Não deu certo." “Quem os enviou?”

"Veja, tem alguma coisa maliciosa acontecendo aqui. Os vampiros do primeiro grupo, aqueles que obviamente deveríamos capturar, usavam joias que os ligariam a um membro do conselho que historicamente é a favor de alianças com Lobisomens, o que..."

“Seria incrivelmente estúpido.”

"E digam o que quiserem sobre sanguessugas, mas elas não são. A menos que sejam, porque acham que cairíamos em falsas bandeiras. Sugestão para reflexão. O segundo grupo foi mais difícil de identificar, então..."

“Eles contataram Owen?”

"Sim. Ele conseguiu reconhecer alguns deles e acredita que isso é prova de que a Vereadora Selamio pediu a recompensa por você. Mas ele precisa de provas incontestáveis e possivelmente uma confissão, o que, por sua vez, requer a

presença de alguém que possa ser muito... persuasivo. Daí, Koen."

Que é muito persuasivo. "Você está planejando trazê-los de volta vivos?"

Ela me lança um olhar de pena. "Para a maioria deles, esse navio já partiu há muito tempo." "Ah. Certo." Pigarreio. "Você sabe o que a vereadora queria comigo?"

"Estudar você. Fazer um exame completo nos seus gânglios linfáticos. Cortar você em cubos e colocar em lâminas de microscópio. Esse tipo de coisa." Ela sorri para mim. Isso transforma as linhas normalmente sombrias do seu rosto em algo tão impressionante que não tenho problema em imaginar a paixão do Koen por ela quando eram mais jovens.

Ontem à noite... O que ele e eu fizemos. O que *ele* fez comigo... ele não parecia desajeitado. Ou novato naquilo. Ou mesmo sem prática. E como Brenna e Koen costumavam...

"Você está bem?" Brenna me pergunta.

"Sim. Só pensando."

"Não, quero dizer... Você estava vendo o Sem logo de manhã. Você não está morrendo nem nada, está?"

Pisco para ela e, de repente, não tenho muita certeza de como respirar, falar ou interagir com o mundo ao meu redor. É como se eu estivesse trancado em um armário há meses. Mas a porta foi aberta, e agora há luz. Há ar. Há um *futuro , porra* .

Não tenho DSC. O que significa que me restam mais do que apenas *alguns meses* . Posso fazer escolhas. Posso voltar para o Sudoeste, ver Ana crescer, ver Misery ser a pior mãe do planeta. Posso voltar a ser jornalista, ou consultora financeira, ou dedicar os próximos dez anos a aprender a resolver cubos mágicos. Posso pedir um empréstimo, comprar uma cabana perto da Costa do Pacífico e passar as manhãs a explorar a costa. Posso irritar Koen até ao infinito.

A alegria disso canta tão alto no meu sangue que o carro é pequeno demais para contê- la. Tenho que prendê-la dentro do meu corpo e soltá-la aos poucos, em

lentas lufadas de ar.

"Não", digo finalmente. Porque, pela primeira vez em meses, consigo. "Acontece que não estou morrendo."

"Ok. Ótimo."

“Eu... Brenna, podemos passar na loja?”

"Claro. Por quê?"

"Eu..." Uma lágrima escorre pela minha bochecha. Cubro o sorriso com a palma da mão. "Acabei de perceber que vou precisar de protetor solar."

Passo o dia sozinha na cabana, com visitas frequentes dos lobisomens que patrulham os arredores. Conheço alguns deles. Vários se apresentam. Todos estão nus. Devo estar me adaptando bem ao estilo de vida do Noroeste, porque mal percebo.

Eles fazem o check-in, veem se preciso de alguma coisa. Fazem as mesmas perguntas, na mesma ordem, com as mesmas palavras, o que pode tirar um pouco da espontaneidade, mas faz com que se *sintam* ainda mais como representantes do homem que os enviou.

Falo ao telefone com Ana, depois com Ana e Misery, depois só com Misery. É difícil não dizer que ainda não estou a caminho do traje de cogumelo. *Não posso contar a eles sobre a continuação se você não os deixou assistir ao original.*

Eu mexo pela casa. Limpo os lençóis. Não estou com fome, mas mesmo assim abro a geladeira, só para dar uma olhada carinhosa nos waffles de unicórnio ainda em destaque. Toco piano, certo de que ele está silenciosamente se encolhendo de medo de quão fantasmagórica eu sou empalidece em comparação com seu dono. Tento não pensar nas mãos de Koen. Tiro um cochilo, torcendo para não acordar em chamas. Ou com tesão incontro lável.

Manchas de calor , como Layla as chamava. *São picos que ocorrem antes do próprio calor. Não duram muito, mas podem ser intensos. Suspeito que suas febres altas podem ter sido picos não controlados.*

Koen retorna um pouco antes do pôr do sol, enquanto eu estou resolvendo um quebra - cabeça de palavras cruzadas incompleto de sete anos que encontrei debaixo da cama dele. Tenho um discurso inteiro pronto — sobre o que aconteceu ontem à noite, sobre o súbito aumento da minha expectativa de vida, sobre como eu nunca quis forçá-lo a quebrar seu pacto. Sobre como lamento que ele tenha passado o dia lidando com comandos vampiros que estão atrás de mim, e o fato de que, sim, eu estou absolutamente julgando... ele por deixar passar quase uma década sem preencher sete: *utilidade marginal decrescente* . Mas ele entra, com olheiras e cabelo despenteado, pego em um raro momento de descuido, e tudo o que consigo gritar é "Eu fiz o jantar".

Ele se vira. Encara. Suga a bochecha. "Você fez isso?" Ele parece desconfiado.

"Sim ."

“Saul disse que você dormiu nas últimas quatro horas.”

"Eu menti. Sou bom nisso, como você sabe. Além disso, quando a quarta pessoa bateu para perguntar se eu precisava de alguma coisa, eu meio que já sabia... O que aconteceu com o seu lado?" Uma grande mancha se infiltra no cinza-escuro de sua camisa Henley de algodão. Ele a olha como se tivesse esquecido.

“Vou me trocar.”

Quanto mais me aproximo, mais fácil é sentir o cheiro —o tom acobreado do sangue fresco de um Lobisomem, tão diferente do ferro do meu. "Claro, claro. É *só um arranhão* . Você provou sua imperturbabilidade de Alfa. Sua tolerância à dor é tão alta que me pergunto se a cor azul que você vê é diferente da cor azul que eu vejo. Estou devidamente impressionado — agora tire a camisa."

"E se eu for mortalmente ferido?" Sua sobrancelha se contrai, cética. "O que o senhor vai fazer, *doutor* ?"

Eu suspiro. "Não é óbvio? Vou fingir que entendo de anatomia de Lobisomens, debater em voz alta se você precisa de pontos, decidir que não, porque não tenho a mínima ideia do que são pontos, e limpar a área geral do ferimento com um cotonete, ignorando as partes mais nojentas. Mais importante ainda, *não vou* passar em Primeiro Grau antes de recuperar meu diploma de assistente médico. Alguma objeção?"

Ele esconde um sorriso, mas eu o vejo mesmo assim, mesmo quando ele estica o braço por cima do ombro, agarra a parte superior das costas da camisa e a tira.

O ferimento não é um arranhão, mas também não é tão grave quanto o sangue acumulado sugeria.

"Alfa", ele murmura acima da minha cabeça. "Nós nos curamos rápido."

E, no entanto, ontem à noite, ele estava inteiro. Aquele mesmo ponto abaixo das costelas estava intacto e liso. Só que, quem sabe? Eu não consegui tocá-lo. Eu me toquei enquanto ninguém cuidava dele . Tão injusto que eu poderia gritar. "O que aconteceu?"

"Vampiro."

“Eu pensei que todos eles eram...”

"Morto?"

Eu concordo.

"Mantivemos um casal para interrogatório. Um deles estava um pouco frouxo."

"E então?"

"Então ele não estava mais vivo. Sem problemas." Ele desaparece no quarto, e eu tremo, imaginando sangue da mesma cor do da Misery. Ocupo-me esquentando o jantar, arrumando a mesa com os poucos pratos que ele tem, enxaguando o...

Koen se aproxima por trás de mim, com as mãos segurando meu corpo. Eu me sobressalto. O copo escorrega da minha mão, direto para a pia, mas não se quebra. Seu corpo mal toca o meu; é um gesto tão inapropriadamente íntimo e chocantemente banal, que meu coração se parte.

E então tudo se quebra em um milhão de pedaços quando seu nariz roça o topo da minha cabeça. Sua voz é áspera como borra de café. "Por que parece que você está brincando de casinha de novo, matador?"

Porque eu estou. "Brincando" é a palavra-chave. "Desculpe." Minha boca está seca. "Eu não queria..."

"Vamos lá. Eu não disse para parar."

Fecho a torneira e me viro em seus braços. Ele secou o sangue e vestiu uma calça jeans e uma camisa de flanela, que pende aberta sobre o peito nu. O olhar que trocamos vale um milhão de palavras não ditas, mas poderia ser resumido em menos de dez.

Está errado. Mas vamos fazer assim mesmo.

Eu ergo a mão. Aboto os botões da camisa dele. Cada um parece uma escolha, como se esculpir o resto do mundo para criar esta noite só para nós. Um momento emocionante. Somos só eu e ele. E a cara que ele faz alguns minutos depois, quando coloca o primeiro pedaço do jantar na boca. " *Me fode* ."

Eu *sorrio* . "Vocês são uma plateia muito melhor que a Miséria." Não me importo se os Vampiros não comem. Levarei a recusa dela em me servir comida para o lado pessoal até o dia da minha morte.

"Puta merda." Ele continua colocando macarrão com molho de carne na boca, e eu penso em tirar uma foto e colar num álbum de recortes. Escrevi uma reportagem premiada sobre os maiores escândalos de apropriação indébita na City e cobri um dos julgamentos de monopólio mais abstrusos já registrados, mas...

Certo, ainda tenho mais orgulho deles. Mas é gratificante vê-lo inalar algo que eu fiz. Por que eu me importo com a opinião de um cara?

Porque ele não é um *cara qualquer.*

“Na mansão Collateral, não tínhamos permissão para preparar nossa comida, então cozinhar parece uma ação insurrecional que não exige que eu vista roupas e saia.”

Ele diz "Por favor, insurge" com mais uma garfada, e eu decido me deixar levar pela experiência. Pergunto se ele sabe cozinhar. Ele responde que não sabe

cozinhar bem, mas eu digo que não acredito nele, não depois da façanha no piano, e ele balança a cabeça, o que, pelo que descobri, é o seu jeito de rir quando não quer me dar a satisfação de tê-lo entretido.

"Não acredito que você me deixou te ensinar o acorde de Dó maior. A propósito, por que você é tão bom?"

“Meu pai ensinava música.”

“E você mentiu para mim, porque...”

"Você não perguntou se eu *sabia* tocar. Você perguntou se eu sabia tocar. E antes desta semana, eu não tocava. Há a nos."

“Deus, eu te odeio.”

"Claro."

Ele me olha de soslaio quando o faço me levantar para o balcão para vê-lo lavar a louça. "Eu tenho *alguns* móveis." Ele aponta para as duas cadeiras que trouxe da varanda.

“Eu gosto mais daqui”, digo, batendo no balcão de pedra.

“Vocês, humanos, não conseguem simplesmente ficar sentados normalmente?”

"Vocês, Lobis, podem simplesmente não se importar com a própria vida?"

Ele me joga espuma de sabão e eu sorrio enquanto cubro meu rosto.

Depois, preparo o chá. Ele me faz adicionar várias colheres de açúcar, e bebemos na varanda dos fundos, sentados nos degraus, bem depois do pôr do sol. Da mesma caneca. Seus lábios tocam as mesmas moléculas de água que os meus.

"Não acredito que você toma café preto, mas adoça o chá", eu digo.

“Eu não bebo café preto.”

"O quê? Desde quando?"

“Desde que comecei a beber, na Alta Idade Média.”

“Mas... eu estava te dando café preto.”

"E eu tenho odiado isso."

Franzo a testa. "Tem certeza de que não quer preto? Como um *homem de verdade* ?"

Ele ergue a sobrancelha. "Eu não sabia da correlação comprovada entre virilidade e consumo de café."

"Ah, não existe. Mas você deveria estar distorcido pela masculinidade tóxica e não saber disso. E eu deveria ser aquele que te esclarece."

O olhar dele parece um beijo. Mais do que qualquer beijo que já experimentei. "Você é mesmo um incômodo, não é?"

Sorrio tanto que minhas bochechas doem. "O que você faz quando eu não estou aqui?"

"É uma boa pergunta. Quando você não está por perto, o bando inteiro fica se ntado, mexendo os polegares..."

"Ah, qual é." Dou uma cotovelada em seu bíceps. "Você sabe o que eu quero dizer. Qual é a sua missão corporativa? Qual é a rotina de um Alfa? Você acorda e a primeira coisa que faz é..." “Persiga aquele esquilo que discutimo s.”

"Koen, não me obrigue a invadir seu diário."

Ele dá de ombros. Toma outro gole, como se estivesse pensando no assunto. "Muda. Na maioria das vezes, uma matilha que funciona bem é uma máquina bem lubrificada. Cada um tem seu conjunto de habilidades e cada um tem seu trabalho. Delegam-se muito, mas, como Alfa, a responsabilidade é sua. O que significa que, quando algo não vai bem, quando há uma decisão a ser tomada, é lá que eu preciso estar."

Olho para ele. Seu nariz forte. O conjunto dos seus olhos. Como é possível que

eu o ache ainda mais bonito do que quando o conheci? "Você já pensou... sabe?"

“Eu *não* sei, não.”

Chego mais perto. Conspiratório. "Você já pensou em virar um ditador de verdade? Estou falando de uma estátua de bronze de nove metros de Koen. Selos de Koen. Koen como nome do meio de toda criança. Tema do baile de formatura: Koen. Desfiles obrigatórios de Koen com carros alegóricos de Koen *toda semana* ."

"Você terminou?"

Suspiro. "Quem tem os meios nunca tem a visão. Quer um pouco?"

Encontrei biscoitos gigantes no armário dele — mais uma lembrança da Ana. Estão um pouco velhos, mas ainda bons. Como a maior parte de um e, em seguida, o convenço a dar uma mordida, segurando o que sobrou em seu rosto e fazendo beicinho. Sua boca roça a ponta dos meus dedos, e a lembrança disso fica gravada na ponta do meu polegar. O raspar dos seus dentes. Uma impressão de calor.

Eu me afasto. Ouço enquanto ele lista todos os lugares que quer me mostrar, aqui em seu território, e cerro o punho para absorver o calor do seu toque. Está ficando tarde, e a brisa do oceano me faz tremer, mas não quero entrar. Tenho medo de que... Acabamos, duas portas e um corredor nos separam, então levanto meus punhos fechados. "Escolha uma."

"Não."

"Por favoooor." Ele escolhe a opção certa. "Estou feliz em informar que vamos resolver um jogo de palavras cruzadas juntos."

Ele geme. "Qual era a outra?"

“Você me mostra sua loja.”

"Por que eu sempre escolho o menos divertido?" Ele suspira, mas nos sentamos no sofá e começamos um novo quebra-cabeça. Sua capacidade de resolvê-lo não melhorou, o que me deixa muito feliz.

"Isso deve ser muito embaraçoso para você." Dou um tapinha nas costas dele.

“O que farei sem essa valiosa habilidade de vida?”

Pressiono os dedos dos pés no músculo rígido da sua coxa. Deito a cabeça em seu ombro. Rabisco, doze para baixo, *Rosacrucianismo* . Penso em ter isso, mas vezes vinte. Vezes cem. Vezes dezenas de milhares. Quando duas pessoas se apaixonam, quantas noites passam juntas, sem fazer absolutamente nada, antes de se saciarem? Quantos silêncios, palavras cruzadas e xícaras de chá compartilham? O que Koen e eu podemos fazer para conseguir o máximo de...

"Não", ele murmura no meu cabelo, sem nem se dar ao trabalho de fingir que leu as pistas. Me puxando de volta ao nosso acordo.

Um momento fora do tempo.

Não antes. Não depois. Apenas durante.

“Não... aparecer com meu vocabulário incrível e meu conhecimento de idiomas?” "Exatamente." Ele inala profundamente pela curva do meu pescoço, envolvendo-me com os braços. Ele repete o gesto enquanto eu tiro novas palavras da página. *Litígio ... Boulevard ... Deck... Yorkshire.* Ele me toca, mas não me toca. O mais perto possível, sem quebrar a única regra que seguimos.

É legal.

Eu daria tudo por mais um milhão de noites assim. Ou uma.

Mas estou ficando com sono.

E ele também é.

E então a febre começa.

CAPÍTULO 26

Toda vez que ele coloca a mão no pau, ele tem esse momento em mente.

EUVÁ PARA O MEU QUARTO E NÓS DOIS SABEMOS PARA QUÊ.

Assim como nós dois sabemos o que significa quando eu volto corada e suada, vestindo uma de suas camisetas e nada mai s.

“Não funcionou, né?”

Não consegui vê-lo direito ontem. Hoje à noite, a prova física de que ele quer isso tanto quanto eu está *ali* , *agressivamente* , uma crista esticando sua calça jeans de um jeito que deve ser doloroso. Desviar o olhar nem me ocorre.

"Eu tentei..." É constrangedor. Eu achava que uma informação como essa não poderia ser arrancada de mim por afogamento simulado, mas aqui estou eu. Distribuindo de graça. "Tentei lamber uma das suas camisas surradas. No pescoço."

Eu me forço a sustentar o olhar dele. Espero que ele caia na gargalhada, zombe de mim, mas seus olhos estão mais escuros do que nunca.

Esta é a mistura mais imprevisível de constrangedor, devastador e perturbador. Precisar de algo que mal sei como pedir. Estar diante de alguém que instintivamente entende, mas não tem permissão para me oferecer. Como falamos sobre isso?

Caro Koen:

As rosas são vermelhas

Violetas são azuis

Estou prestes a passar por um período de maior receptividade sexual, no qual precisarei da assistência de um parceiro compatível

Poderia ser você?

Que romântico.

"Amanhã de manhã, a Layla vai me dar uma injeção de progesterona. Deve fazer com que isso..." Faço um gesto para mim mesma como se fosse assistente de

mágico. Ele interpreta isso como um convite e me observa da cabeça aos pés, acompanhando cada movimento m eu, acompanhando o balanço dos meus calcanhares. "Ela espera que isso faça passar. Mas ela não tinha no consultório, então..."

Ele não se preocupa em esconder a profundidade de sua carranca, mesmo que eventualmente acene com a cabeça.

"Você concorda com isso?" Coço a nuca, que está inchada. Sensível. "Se tiver alguma objeção..."

"Nenhuma que seja racional." Seu sorriso é fino e modesto. Suas palavras soam forçadas. "Eu te apoiarei, não importa o que aconteça. Não importa se você toma a injeção ou decide passar seu Calor com alguém."

Inclino a cabeça. "Achei que você tinha dito que não mentia."

"Será que eu? Devo ter entendido errado. Ou talvez as coisas tenham mudado. Tenho que admitir, matador, que sua presença na minha vida tem sido uma experiência humilhante. Uma experiência reveladora pra caramba. Achei que eu me conhecia, mas..." Ele ri. Esfrega a palma da mão na boca. "A verdade é que, se você decidir passar seu Calor com outra pessoa, ela vai ter que me acorrentar no fundo de um poço e selar a boca dele com concreto."

A glândula na parte superior das minhas costas dói, pulsando docemente a cada palavra que ele diz. Implorando por atenção. "A ideia de outra pessoa me tocar me deixa fisicamente doente. Então..." Tento sorrir. Ele também. Podemos concordar sobre o quão doloroso tudo isso é. "Eu consigo ouvir seu coração."

"Sim?"

"É... rápido." Como um tambor. Um toque rítmico na minha pele.

“Deve ser o chá.”

"Era herbal. Sem cafeína."

"Então talvez seja de hoje mais cedo. Ocupado, sabe."

“Eu vi você correr e lutar, e nunca foi tão barulhento.”

"Serena, se você não vai me deixar dar uma resposta falsa, pare de fazer perguntas."

Eu rio. Ele não ri, mas a coisinha faminta dentro de mim está começando a borrar o mundo, então vou até ele mesmo assim. E devemos ser algum tipo de máquina perfeita, em movimento perpétuo —é tão fácil, a maneira como meu corpo desliza contra o dele enquanto monto em seu colo. Suas mãos se levantam para rondar minha cintura, depois caem de volta para o lado dele, cerradas em punhos.

Sinto uma leve tensão na parte interna das minhas coxas enquanto elas se abrem em torno dos quadris dele. O tronco dele é mais longo que o meu, e estamos quase olho no olho. Respiração com respiração. Infinitamente próximos, mesmo que o único lugar onde minha pele toca a dele seja em nossas testas, encostadas uma na outra.

"Você quer que eu pare?" murmuro.

Ele não diz nada, então faço menção de me afastar, mas sua mão segura a parte interna macia do meu joelho.

Você sabe que não. Fique.

"Certo." Eu me aconchego mais nele, tentando pressionar meu clitóris. Agarro-me ao encosto do sofá, logo acima dos ombros dele, e esfrego delicadamente sua ereção, sentindo a pressão áspera do tecido da calça jeans.

Um prazer instantâneo percorre minha espinha. A fricção é tão deliciosa *que* me faz gemer baixinho. Eu me afundo lentamente nele, escondendo meu rosto corado na curva do seu pescoço, traçando o contorno de sua glande com o nariz.

Sua resposta é um estremecimento silencioso.

Já estou impaciente. Frustrada. Imaginando como seria tê-lo dentro de mim. Ele é quente e pesado. Enorme. Me abriria ao meio. *Talvez você odiasse* , digo a mim mesma. *Você nem gosta de caras como ele.*

Mas não. Não importa que os homens com quem eu costumava transar tivessem cortado os próprios dedos do meio antes de agirem como se soubessem o que era melhor para mim e respeitassem minha relutância em dormir ao lado de alguém que não fosse a Miséria. Não havia ordens —apenas pedidos educados. Mas Koen... É tão fácil imaginar como ele agiria. Metódico, seguro de si e implacável. Formidável. Imparável. E eu aproveitaria cada segundo do meu tempo com ele, como sempre.

"Seja lá o que for que você esteja pensando", ele sussurra em meu ouvido, "continue". "Sim?"

Ele assente. "Você está com um cheiro *incrível* agora."

“Tipo... como?”

"Como se você fosse me deixar ficar com você aqui e te foder pelos próximos seis meses. Como se você *precisasse* de mim."

Eu gemo e giro os quadris —um impulso imprudente. Nós dois expiramos. Nossos cérebros falham e temos que parar por alguns segundos, até que o problema seja resolvido. "Você pode ficar comigo para sempre", murmuro em sua garganta, e seu pau *se contrai* sob mim. "Está tudo bem? Estou te dando uma bronca, e..."

“Faça *mais* disso.”

Eu obedeço, rolando lentamente, saboreando cada pequena protuberância. O sangue dele pulsa contra minha orelha. Eu poderia lamber sua glândula agora, mas tenho medo de gozar e *isso* acabar, e eu não quero que isso acabe. Ainda não.

"Ontem à noite", ele diz contra minha bochecha, "você adormeceu, e eu não conseguia parar de pensar nos seus dedos. Como eles estavam entre as suas pernas. Como eu poderia tê- los lambido."

Fecho os olhos com força. Imagino como isso deve ser difícil para ele. "O que significa... celibato? O que significa?"

Ele olha para cima, com as bochechas coradas. "Vou te dar um dicionário de

aniversário." “Koen. Onde fica o limite?”

"A linha está em todo lugar, Serena." Uma risada vazia. Sua mão percorre minha espinha. Segura minha nuca. Nossos lábios estão mais próximos do que nunca, mas nunca se encontram. "Minha vida inteira é feita de linhas de merda. E você está passando por todas elas."

Não parece. Parece que sou eu quem está parada numa tempestade. "Que tal isso?" Mais roçar, e meu clitóris se prende em algo que faz minhas coxas tremerem. "E se eu estiver fazendo todo o trabalho? E se você for só minha... minha."

“Pare”, ele diz.

Sim. Inspiro fundo. "Quer que eu me afaste— "

"Não", ele ordena antes que eu termine de falar. "Você é tão... Eu só preciso de um segundo." Ele fecha os olhos com força. Sua cabeça cai para trás. "Eu não posso gozar, Serena." "Por que?"

Ele respira lenta e profundamente. Se recompõe.

"É porque, se você não vier, podemos fingir que isso não é sexual? Que é um favor que você está fazendo para uma... amiga?"

Ele bufa. Abre os olhos. Estão completamente negros. "Tem sido sexual desde o segundo em que te vi, e... Eu tenho *amigos* , Serena, e você não é um deles. Mas sim. É mais fácil me perdoar se fizermos isso sobre você."

Mordo o lábio, pronta para protestar contra a injustiça, mas paro, mortificada. Não quero que ele tenha que se *perdoar* . Ele não me deve nada. "Desculpe. Eu..."

Ele balança a cabeça. Gira a mão para que ela se curve em volta da minha bochecha. "Shhh", ele sussurra no meu ouvido. "Você está toda excitada. E molhada. Faltam poucos dias para o seu primeiro cio." Seus dentes arranhando meu maxilar. "Está tudo bem. Eu sei como isso é difícil. Vou cuidar de você, ok?"

Concordo com um aceno de cabeça displicente. A necessidade está aumentando em meu sangue. Vou morrer sem isso.

"Vou fazer você gozar quantas vezes você precisar. E depois vou para outro lugar para me fazer gozar."

"Eu posso- "

"Não, Serena. Você não pode. Mas *eu* posso. Quero que você me diga o que precisa, e quero o privilégio de te dar isso. Quero que você me use." Um beijo na minha clavícula. "Se você acha que há algo que eu gostaria mais do que ver minha companheira no cio dela, você está completamente enganada. Se isso é tudo que eu tenho, vou aproveitar ao máximo. Certo?" Concordo novamente, o que lhe dá um caminho até a minha garganta. Sua boca se fecha em volta da minha glande e é tão repentino, tão chocante, que eu grito. "Koen", ofego, movendo meus quadris novamente. O prazer é escaldante. "É tão bom."

A curva de um sorriso. "É melhor para mim do que para você." "Impossível." Minha respiração falha. "Eu... eu tentei." "Hum?"

"Tocando minhas glândulas. Mas não aconteceu nada... não como quando você me toca." "Querida." Ele dá uma mordidinha.

Estremeço, com o corpo todo. "Tem que ser você, Koen. A gente é tipo... tranca e chave? Tem que ser *a gente* ." Eu balanço no colo dele, exigindo liberação. Cada vez mais perto, cada vez mais desajeitada.

"Você é minha companheira, mas eu não sou sua. Haverá outras chaves para você." Uma lambida larga e sem força. Quando ele me morde novamente, a sensação é um pouco mais violenta. Como se ele pudesse facilmente romper minha pele, e ele quer que eu saiba. "E farei o meu melhor para não matá-los. Sem promessas."

“Eu não os quero.” Eu soluço em pura frustração, pressionando com mais força, toda encharcada, cueca pegajosa e sulcos duros, marcas sugado pela pele macia, inspirações profundas. "Eu não quero ninguém além de— "

O primeiro orgasmo me atinge com tanta força que cravo as unhas em seus ombros. Koen o prolonga ainda mais, extraindo o máximo que pode sem nem

me tocar, apenas pequenos deslizes de seus quadris onde eu mais preciso. Tremo em seus braços e o deixo me desfazer enquanto me diz como sou linda, como sou boa, como ele está perdido.

Acaba cedo demais. Não é o suficiente. "Ok?" ele pergunta, e eu balanço a cabeça. “Eu nunca mais ficarei bem.”

"É." Ele está rouco. Desesperado, mas divertido. "Estamos ambos ferrados."

O prazer percorre minha espinha. Fecho os dedos em volta da palma da mão de Koen, que é áspera e grande, e tento puxá-la para a parte interna da minha coxa. Ele me interrompe no meio do caminho. "Por quê?"

"Não posso, Serena. Se eu te tocar aí, acabou." Seu beijo na minha bochecha é leve. "Tem uma voz na minha cabeça, gritando para eu te segurar, te dar um nó e rasgar sua glândula até que ela fique com o formato dos meus dentes, e estou me esforçando muito para abafá- la."

"Então, eu posso te tocar. Mas você não pode me tocar."

"Correto. Serena...", ele avisa quando pego sua outra mão, mas fica em silêncio quando abro seus dedos. "O que você está fazendo?"

Agarro seu pulso e trago sua palma aberta até meu seio esquerdo.

"Porra", ele diz entre de ntes.

"Tecnicamente", aponto com a respiração entrecortada, esfregando-me contra sua mão áspera. "Você não vai me tocar. Eu estou fazendo todo o trabalho, mas se for demais..."

"Não." Ele balança a cabeça e ajusta a postura, como se precisasse ver isso, como estou me movendo. É indigno. Selvagem. Frenético de um jeito que vou me envergonhar mais tarde. Mas ele ordena: "Não pare, porra", e eu consigo *sentir* o quanto ele me quer. sinto-o ricochetear contra meus ossos. Seu desejo é tão denso, tão abrangente, que não sei como ele consegue se conter. Mas quando me inclino para frente e mordo sua glândula, ele simplesmente solta um grunhido profundo e estrondoso e fala comigo como se eu fosse a única pessoa no universo. "A primeira vez que te vi, pensei que, claro, o universo me

entregaria alguém com o par de seios mais perfeito que eu já tinha visto e depois a arrancaria de mim." Aperto a palma da mão dele com mais força. Ele geme. "É difícil manter minhas mãos longe de você, matador. E você nunca usa nada por baixo das minhas camisas..."

“Eu odeio sutiãs.”

"Eu também os odeio. Minha vida após a morte será só eu, vendo você se movimentar pela minha casa só com as minhas roupas. Sabendo que você está quentinho, alimentado, seguro e tão *macio* ."

"Por favor." Preciso gozar de novo. Encontrar um ponto na lateral do seu pescoço, lamber, saborear os tremores que o sacodem toda vez que inclino meus quadris em direção ao seu pau. Em algumas investidas, ele se arqueia. Em uma delas, acho que ele vai gozar. Ele goza também, e sua inspiração é tão profunda que quase acho que ele vai me jogar de cima dele.

Mas ele tem mais controle do que isso. Ele me incentiva suavemente, pacientemente. Diz para eu pegar o que eu quero. Sua voz é quente contra minha bochecha. A pele de suas glâ ndulas me alimenta com algo explosivo. É por isso que meu primeiro orgasmo não foi suficiente. O que eu preciso é *dele* na minha corrente sanguínea. A sete chaves.

"Koen?", eu balbucio, quase chegando lá. "Você acha que essa é a última vez? Você acha que a gente nunca mais vai fazer isso?"

Ele não responde. Mas, quando estou prestes a gozar, ouço-o dizer: "Se fosse, eu não me arrependeria de nada". É quando minha mente apaga e meu corpo explode em chamas.

Depois, espero a vergonha me dominar, mas isso nunca acontece. Deleito-me com o tecido pegajoso, as marcas de dentes, o carinho nas têmporas. A barba por fazer e as veias levemente esverdeadas do antebraço enquanto ele se recompõe.

“Eu posso lavar suas roupas e— ”

Sua mão aperta meu couro cabeludo. Algo entre uma leve ameaça e um convite para recuar. "Vou enterrar meu rosto neles assim que você for dormir, seu matador."

É inebriante o quanto ele me deseja. Mistura-se com o que resta da minha febre de calor. Cobre o interior das minhas narinas e os botões da minha língua com pedidos deliciosos e silenciosos. A ideia de negá-lo é repulsiva, pura e simplesmente.

“Quero te dar o que você tanto precisa”, eu digo.

Sua mão grande acaricia meus cabelos, acalmando a mim e a si mesmo. Eu me aconchego nele e o sinto estremecer em resposta.

"Eu sei que você fez um juramento. E sei que isso está fadado ao fracasso. Mas... Koen. Há muito pouco que eu não faria por você, se me pedisse."

"Serena." Ouço o contorno turvo do seu sorriso. Um suspiro silencioso. "Eu jogaria fora minha mochila, minha vida e meu mundo inteiro por você. E é exatamente por isso que não posso tê- la."

CAPÍTULO 27

O incômodo dele. É isso que ela é.

CQUANDO ACORDO NA MANHÃ SEGUINTE, AMANDA E Saul estão sentados à mesa da cozinha.

Todos os ingredientes que alguém poderia precisar para fazer panquecas foram retirados dos armários e cuidadosamente dispostos sobre o balcão. Alguns que talvez não sejam necessários também.

“Por curiosidade, em que ponto do processo você acha que o ketchup entra em ação?” Saul dá de ombros. "Para o recheio, talvez?"

"Ah, sim. O famoso recheio de panqueca. É lá que as alcaparras também vão?"

Ele acena com tanta força que tenho medo que seu maxilar se desprenda do resto do rosto. “E lembre-me, o vinagre— ”

"Escute", diz Amanda sem rodeios. "Por mais que amemos programar o despertador uma hora mais cedo para ir visitar a mamãe e o papai, se

soubéssemos fazer panquecas, não estaríamos aqui."

Inclino a cabeça. "Será que eu sou a mamãe nessa situação?"

"Ou papai", sugere Saul. "Você escolhe primeiro, já que é você quem traz as panquecas." "Legal. Vou levar."

Vinte minutos depois, quando a mamãe sai do quarto, recém-tomada de banho e barbeada, eles estão no meio de uma discussão acalorada.

"Minha posição editorial", diz Amanda, sem se dar ao trabalho de terminar de mastigar, "é que seria como injetar lua pura e sem diluir nas veias. Um supersoldado. Leviatã, mas no espaço. E com esteroides."

"Querida... não. Não tem atmosfera lá em cima. Você seria só um depósito de radiação." "Lobisomens na lua?", pergunta Koen, aproximando-se de mim na cozinha. Ele não parece

ter dormido muito.

Entrego-lhe uma caneca de café. "Sim." “Eles já passaram por planetas sem lua?” "Sim."

"Não pode uivar porque o som não se propaga?"

"Sim."

“As cinco luas de Plutão?”

“Também sim.” “A asfixia?” "Agora mesmo."

"Ótimo. Eles devem estar quase terminando." Ele pega o açúcar. Eu o interrompo com a mão em seu pulso.

"Já está aí." Meus dedos demoram um instante para se soltarem, e outro para ele desviar o olhar da diferença entre nossos tamanhos. Minha pele mais pálida e macia.

Ele se recosta no balcão ao meu lado, mesmo com metros de superfície para ele

usar. Ele poderia até ir se sentar com seus assistentes, que estavam lá quando ele ainda achava piadas de

banheiro o cúmulo do humor e já salvaram sua vida inúmeras vezes. Mas ele escolhe estar aqui. Olha para mim enquanto toma um gole, enquanto a discussão entre Amanda e Saul continua. "Uma casa dividida", eu digo. "Quer panquecas?"

Ele balança a cabeça. "Eles vêm trabalhando em um livro sobre o espaço Lobisomens há anos. Os desentendimentos começaram logo no início do planejamento."

“Eu não sabia que eles escreviam.”

“Isso é porque eles não o fazem.”

Eu sorrio. Ele também sorri, mesmo que seja só com os olhos. A conversa se encerra, e Saul e Amanda nos encaram, vendo sabe-se lá o quê. "Bom dia", Koen os cumprimenta com sua caneca. "Estou muito feliz que vocês tenham decidido lidar com esse problema urgente na minha casa."

Amanda acena com um garfo para ele. "Você pode desaprovar o quanto quiser, Alfa, mas o assunto ainda não está resolvido."

"Mesmo assim, prosseguiremos com o nosso dia. A menos que alguém tenha outros assuntos importantes e puramente teóricos para acrescentar à pauta?"

"Na verdade." Eu junto as mãos. "Eu estava pensando em uma coisa já faz um tempo. Nós somos Lobis, certo?"

Acenos encorajadores.

"Mas por que somos parte lobos? Por que não existem homens-borboletas ou homens - caranguejos? O que há de tão especial nos *lobos* ?"

Três pares de olhos piscam para mim. Então Saul estremece. "Isso é... estranho, Serena." "Como isso é mais estranho que a coisa da lua?"

Amanda se levanta, fazendo uma careta como se seu estômago e sua alma estivessem igualmente perturbados. "Não. Simplesmente, não."

"Espere. Vocês, me digam como um Lobisomem na Lua é mais plausível do que..." Mas eles se foram.

Viro-me para Koen, que está pousando a caneca. Ele balança a cabeça, com uma expressão que pode ser de deboche *ou* de decepção genuína, e segue seus assistentes para fora.

KOEN PRECISA VOLTAR PARA A FRONTEIRA PARA SUPERVISIONAR A EXTRADIÇÃO de um dos Vampiros para a equipe de Owen, mas decide me deixar na casa de Layla no caminho. Saul nos segue em seu carro, ouvindo dubstep tão alto que Koen murmura algo sobre tumores cerebrais crescendo em seu córtex auditivo.

Eu deveria apresentar Saul a Misery. Talvez conhecer alguém com o mesmo péssimo gosto musical seja o espelho que ela precisa para repensar algumas escolhas de vida.

"Preciso de um minuto com você antes de você entrar", Koen me diz, estacionando em frente ao escritório de Sem.

Não gosto de como ele soa sério e sério, sem a habitual fachada ríspida e irascível. Mas, por outro lado, temos muito o que discutir. De preferência, enquanto eu não estiver me remexendo no colo dele. A noite passada foi um momento fora do tempo, mas estamos de volta.

“Eu também. Eu queria— ”

"Não aqui."

"Ah?" Mordo a unha do polegar.

"É um espaço muito pequeno, Serena, e você está... Seu cheiro destrói minha concentração. É melhor não ficarmos muito sozinhos."

Ele me leva até a área verde atrás do prédio, passando pela casinha de brinquedo que deve ter sido instalada para os pacientes mais jovens de Sem. A brisa é deliciosa em meus cabelos. Eu me forço a aproveitar o ar fresco, os leves aromas de sal e musgo, e a não me deter no fato de que a conversa prestes a acontecer é

um jogo perdido. Ao meu lado, Koen está em silêncio. Escolho um banco branco ainda coberto de gotas de orvalho e aponto para o local ao meu lado, mas Koen ignora. Em vez disso, ele fica de costas para o leste, com o sol nascente formando um halo ao redor de sua cabeça.

Ele é tão bonito que tenho que fechar os olhos para não vê- lo.

E eu gosto tanto dele que vou ter que fechar meu coração também.

Mas ainda não.

"Posso... Tudo bem se eu começar?", pergunto. "Eu não quero... É importante para mim poder dizer isso."

Em vez de responder, ele se abaixa. Agachou-se até ficarmos cara a cara. E...

Estou realmente completamente apaixonada por esse homem. Completa e irremediavelmente perdida.

"Duas noites atrás, e talvez até ontem à noite... Sinto que te pressionei. Coloquei você na posição de ter que cuidar de mim. Forcei você a quebrar uma promessa que fez à sua matilha. E..."

"Serena", ele suspira. "Você acha que eu não queria?"

“A questão é que eu cresci com *muito* pouco controle sobre a minha vida, sobre as minhas escolhas, sobre o meu corpo, e talvez por isso eu tenha pensado muito sobre coisas como consentimento e autonomia. E...”

"Cresci com a certeza de que um dia me tornaria Alfa, cercada por pessoas que também sabiam disso. Também pensei em consentimento e autonomia. Você entende o que isso significava para mim, certo? Saber que as crianças com quem eu brincava sentiam uma atração por fazer o que eu ordenava? Que qualquer garota que eu quisesse convidar para sair poderia sentir uma forte vontade de dizer sim, só para me fazer feliz?" Concordo com a cabeça, e ele continua. "Eu entendo o que você quer dizer, Serena. Mas nós somos Lobisomens. Uma espécie diferente, com costumes diferentes. Consentimento é um valor que sempre defendemos, mas você é minha companheira, e estava se aproximando do Calor, que é um estado biológico Lobisomem sem paralelo na sociedade

Humana. É mais complicado e cheio de nuances do que qualquer cenário teórico que você tenha imaginado como Humano. Então, tenha um pouco de paciência." O canto da boca dele se contrai. "Talvez isso me dê permissão para pegar um pouco para mim também."

"Mas você nunca fez nada de errado. Eu queria que você... Eu *precisava* de você."

"E eu poderia ter ido embora a qualquer momento, mas fiquei. E... qual é, matador? Não precisava fazer metade do que fiz. Eu tinha uma escolha, e a fiz."

Quero abaixar a cabeça. Fechar os olhos. Quero esquecer o que ele disse ontem à noite, fingir que não me lembro, mas é tão cruel. Deixá-lo sozinho para lidar com tudo isso... *Isso* ...

O fardo deve recair sobre nós dois.

"Não é justo. Que eles não permitam que você—" Se apaixone. Tenha uma família. Uma chance de ser feliz. Uma chance comigo . "É desumano."

"Talvez seja." Ele sorri, um pouco torto, como se tivesse feito as pazes com isso. "Mas nós não somos humanos." Ele se levanta, e eu não consigo mais ver sua expressão direito. O que, eu suspeito, é exatamente como ele quer. Porque depois de uma pausa em que ele não tira os olhos de mim, ele diz: "Minha mãe era a Alfa anterior do Noroeste. E meu pai era o companheiro dela."

Meu coração está na garganta. Foi por isso que ele pediu para conversar. O que ele queria me dizer. Então, cerrei as mãos na beirada do banco e escutei.

"Eles se conheceram jovens. Adolescentes. Disseram que souberam imediatamente, o que sempre me deixou cético. Era difícil imaginar que você pudesse encontrar uma pessoa e ela se tornasse tudo instantaneamente. Que ela ocuparia todo o espaço dentro de você e não deixaria espaço para dúvidas. Claro, agora..." Ele dá de ombros. Estende a mão para soltar uma mecha de cabelo presa nos meus lábios. "Mudei de ideia. Mas..." Bem, o vínculo deles era mútuo. Eles se uniram, estavam prontos para uma vida juntos — até que o antigo Alfa do Noroeste, que havia sido um grande líder por várias décadas, perdeu um desafio para um merda de vinte anos. Lobisomens altamente dominantes tendem a ter outras características também. Não apenas força, mas também calma sob

pressão, integridade e empatia. O novo Alfa não tinha, e de repente, o líder da matilha era um idiota em quem não se podia confiar para fatiar um bolo de carne, muito menos para decidir como maximizar a alocação de recursos. Todos estavam morrendo de medo. Então, cerca de duas semanas depois de sua liderança, minha mãe aceitou o desafio e salvou o dia. Só que ela estava grávida. De mim.

Cerro os dentes. "Ela tinha permissão para..."

Ele balança a cabeça. "Chamam de 'pacto do celibato', mas é um nome impróprio. Coloca todo o foco no sexo, quando o que é O que é realmente proibido aos Alfas é formar laços que possam interferir em sua capacidade de servir à matilha. As decisões de um Alfa devem sempre beneficiar o Noroeste. A família de um Alfa pode servir como instrumento de manipulação. Portanto, um Alfa não deve ter uma.

Mas e os irmãos de um Alfa? Esses laços podem ser igualmente fortes. E os pais, ou os amigos? E os relacionamentos platônicos, ou...

Acredite, eu sei. É um raciocínio antiquado e falho, e é por isso que a maioria das matilhas o eliminou há algum tempo. Mas o Noroeste não teve motivos para se preocupar com isso por décadas, depois que a maioria das matilhas começou a ter essas discussões. Minha mãe foi o momento da decisão. Os grupos não toleraram isso. Tornaram-se independentes. Mas não fechamos as fronteiras. Socialmente, ainda éramos uma matilha, mesmo que cada líder de grupo tomasse suas próprias decisões. Mas nem sempre compartilhávamos informações. E tínhamos percepções diferentes do que constituía uma ameaça. E foi aí que as coisas começaram a dar errado.

"Eu nasci. Cerca de cinco anos depois, nasceu minha irmã, Anki — ela mora com o companheiro no sul." Sua boca se contrai. "Meus pais imaginaram que, se um de nós fosse herdar todas essas características de Alfa, seria ela. Mas ela puxou ao meu pai, que era músico sem interesse em liderança de matilha. E quando ficou óbvio que eu provavelmente seria o próximo Alfa, eles ficaram aliviados. Minha mãe era amada e eu assumiria quando ela estivesse pronta para renunciar. Não há necessidade de desafios. A merda que Lowe passou com Roscoe? Eu não precisava me preocupar com isso. Até o culto, pelo menos. Porque Constantine estava por aí, se aproveitando de tolos, prometendo que eles fugiriam com os lobos e..." Ele bufa. "Só humanos acreditariam nessa merda.

Sem ofensa."

"Nenhuma. Bem, *algumas* foram tiradas."

Ele não sorri. “Constantino era inteligente. E ganancioso. E à medida que o culto crescia e ele continuava a fazer promessas de que não conseguia manter, ele decidiu que o que ele e seus seguidores precisavam era de um inimigo, e talvez de um reino que lhes era devido, mas que lhes havia sido injustamente tirado. Ele disse a seus seguidores que, assim que recuperassem seu direito de nascença, se tornariam Lobisomens todo-poderosos e imortais.

Estou começando a sentir náuseas. "Aquele reino era o Noroeste?"

"E a vilã, minha mãe." Ele passa a mão pelos cabelos, e o movimento inclina seu rosto, o suficiente para que eu veja sua expressão. Eu tinha certeza de que ele pareceria bravo, e ele parece. Eu não esperava tanta tristeza. Os detalhes não importam. Mas Constantine e seus seguidores exploraram a falta de comunicação entre o núcleo e os grupos periféricos. Mataram minha mãe e garantiram que a matilha soubesse que estava sob ameaça. Quando os adultos da matilha se reuniram para discutir como reagir, Constantine realizou uma série de ataques coordenados que eliminaram toda a nossa liderança e a maioria dos nossos membros adultos. *Milhares* de pessoas morreram. E... nós simplesmente tivemos que intervir. Amanda, Saul, Jorma, Brenna, eu —centenas de nós. Nem tivemos a chance de lamentar nossas famílias. Havia um vácuo de poder, e o culto estava tentando usá-lo para assumir o controle, e tivemos que reagir rapidamente. Essas são memórias bem ruins para um bando de adolescentes carregar. Mas quando estou prestes a dormir à noite, não é nisso que penso. Ele engole em seco. "Sabe o que é, Serena?"

Quem me dera não ter feito isso. Tudo o que eu queria era ter chegado à conclusão errada. "O que sua mãe fez."

Ele assente, e isso parte meu coração. "Usaram meu pai para atraí-la. E mesmo que todos lhe dissessem que era uma armadilha, mesmo que seus padrinhos estivessem bolando um plano, a ideia do meu pai sofrer era tão insustentável que ela se recusou a esperar. E honestamente?" Ele se agacha novamente. Fixa os olhos em mim, para que não haja não o entendendo. "Agora que estou na mesma situação, não tenho certeza se não faria o mesmo."

E é assim que tudo se encaixa. Este é o cerne da questão e a razão pela qual finalmente consigo dar sentido a tudo.

Para Koen, o pacto não é algo imposto pelos líderes do grupo — uma restrição arbitrária e injusta. Para ele, é uma garantia de que a história não se repetirá. E essa garantia nunca foi tão importante quanto agora, com o culto ameaçando o Noroeste mais uma vez.

E a última coisa que quero é pedir que ele faça uma escolha impossível.

Então, estendo a mão. Passo a mão pelos cabelos dele, tentando não suspirar com a forma como ele se inclina em direção a eles, como se minha pele fosse sua estrela-guia. "Você sabe que sou mentirosa, mas..." Riso borbulhando, grudento. "Posso tentar ser honesta? Pelo menos uma vez?"

Ele acena com a cabeça, paciente, aberto, no ar da manhã, como raramente faz. Tornando tudo tão *fácil* ...

Gosto de você mais do que de qualquer pessoa que conheci desde Misery. E quando estou com você, me sinto... um pouco menos como a metade de duas coisas e um pouco mais inteira. E quando você me toca, parece certo. Tão certo que esqueço que é errado. Esqueço que você é o coração desta matilha. Esqueço que milhares de pessoas dependem de você e que cada momento que passo com você, estou tirando algo delas. Engulo em seco. Minha garganta está apertada e seca. "Então é isso que vai acontecer. Vou entrar lá e tomar os remédios que a Layla me der.

Esse Calor não vai acontecer. E assim que os problemas com o Conselho dos Vampiros terminarem oficialmente e a Ana estiver segura, o que vai acontecer a qualquer momento... voltarei para o Sudoeste, onde não vou te afastar das pessoas que precisam de você. E você e eu... vamos nos certificar de evitar um ao outro nas próximas décadas. Não é?"

Koen não concorda, mas sinto seu assentimento. Sua cabeça se inclina por um longo e silencioso momento. Quando ele olha para cima, seus olhos estão mais vazios do que o espaço entre o oceano e os penhas cos.

E tudo o que ele diz é: "Layla está esperando por você. Você deveria ir."

CAPÍTULO 28

É estranho o que a ausência dela faz com ele. Ela está desaparecida, mas preenche e inunda cada parte da vida dele.

EUDAR A MIM MESMO ALGUNS MINUTOS PARA CHORAR E DEPOIS IR PARA A MINHA CONSULTA.

Saul está encostado no carro, rindo com uma jovem loira que ainda não conheço. Quando ela me vê, seus olhos dobram de tamanho, com a expressão de " *É o halfling?"* com a qual me acostumei. "Me dá um segundo, Jess", diz ele, e corre até mim.

"Koen foi embora", digo a ele. "Vou entrar e falar com a Layla."

"Ok." Os cantos dos seus olhos se enrugam de preocupação. Não preciso de espelho para saber que os meus estão com a borda vermelha, mas Saul me viu desaparecer atrás do prédio com Koen e tem peças suficientes para montar um quadro completo. "Você sabe quanto tempo vai levar?"

"Não tenho certeza."

"Certo. Bom, estarei aqui, esperando. E, ei, talvez mais tarde..." Ele se inclina para a frente. Pisca para mim de um jeito conspiratório que me deixa preparada para o que está por vir. Não sei se consigo lidar com Saul agora —sua compaixão, sua gentileza, sua música horrível. Onde está Brenna quando eu quero ser esbofeteada de volta aos meus sentidos por um especialista?

“Está tudo bem, Saul, eu— ”

"Talvez mais tarde possamos discutir essa coisa do homem- caranguejo?"

Franzo a testa. "Você parecia bem contra trinta minutos atrás." "Bom, eu tive que fazer isso. Você sabe como Amanda e Koen são." “E como é isso?”

"Paus na lama. Sem imaginação. Mas a coisa do homem-caranguejo tem potencial. E eu estava pensando em escrever um livro, então— "

Eu aceno para ele, dou à mulher meu sorriso menos humano e entro no prédio.

A sala de espera está deserta. Bato na mesma sala de ontem. Depois de alguns segundos, ouço o fraco "Entre" de Layla.

Estranho , penso, envolvendo minha mão na maçaneta.

Então eu deixo isso de lado. Dou um passo para trás. *Por que isso* é *estranho?* Meus instintos me dizem que algo está errado. E, a essa altura, já aconteceram coisas perturbadoras o suficiente para que dar ouvidos aos meus instintos pareça menos uma indulgência e mais uma necessidade.

Enfio a mão no bolso e seguro a faca de pinguim com os dedos. Com a outra mão, desbloqueio o celular e pego o contato do Koen para...

Uma dor aguda e penetrante atinge minha mão. Meu celular voa no ar.

“Acredito que não”, diz uma voz atrás de mim.

Giro nos calcanhares. É a loira... Jess. E ela chutou minha mão com tanta força que ela pode ter quebrado.

Olho em volta. Meu celular caiu além da recepção, tão fora de alcance que parecia estar na lua com os homens-caranguejo. Seguro minha faca e grito a plenos pulmões: " *Saul!* "

"Saul está tirando uma soneca. Deixe o menino descansar."

Estou disposto a isso —mesmo porque Jess não espera nada de mim, o que me coloca em uma boa posição para bater o lado direito do meu corpo contra ela e cortá-la com minha faca. "Seu merdinha..." Ela tenta torcer meu pulso, mas eu me desvencilho com um chute, dou outra estocada e corro para fora. É quando a porta do escritório se abre e outro lobisomem sai correndo. Percebo que Jess não está agindo sozinha e que estou ferrado.

Jogo minha pia de autodefesa na cozinha deles, mas o máximo que consigo é escapar um metro antes de ser recapturado. Eu chuto, mordo, grito por socorro, mas sou rapidamente abafado com a palma da mão suada e arrastado para dentro do escritório.

Além de mim e da Jess, há outros três Lobisomens na sala. Aquele que ajudou a Jess a me capturar tem mais ou menos a minha idade. Um segundo homem, bem mais velho, segura algo afiado —um bisturi? —no pescoço do terceiro.

Layla.

A princípio, me pergunto por que ela não se transforma. Ainda estaríamos em menor número, mas um lobo nos daria uma chance de lutar. Então, noto suas pálpebras caídas e sua mão mole. Sua cabeça ocasionalmente pende em torno do pescoço.

"O que você fez com ela?", grito contra a palma da mão do rapaz. Não sai nem de longe tão inteligível, mas ele deve ter entendido.

"Fique calma", ele ordena. "Ela está fortemente sedada, por precaução. Agora, Eva, você tem duas opções. Eu posso terminar o serviço." A maneira como o homem mais velho balança o bisturi rapidamente esclarece o que isso implicaria. "Ou você pode ficar quieta. Qual será? A primeira?"

Eu balanço a cabeça furiosamente.

"Eu pensei que sim. Jess, você está bem?"

"Eu sobreviverei", ela murmura. Seu sangue se sobrepõe a todos os outros aromas do ambiente.

"Certo. Eva, vou tirar a mão da sua boca devagar. Antes de fazer qualquer besteira, lembre - se de que toda ação tem consequências."

Concordo com a cabeça, enjoada ao ver Layla. "O que você deu a ela? Ela está..."

"Ela vai ficar bem, desde que você fique quieto", diz o homem atrás de mim, com a respiração úmida contra meu ouvido. "Sabemos que isso é angustiante, mas você não nos deu outra escolha."

Engulo uma risada histérica. "Quem diabos é você?"

"As mesmas coisas que você, Eva", diz Jess. "Somos pessoas que tiveram suas

famílias negadas. E agora estamos voltando para casa."

“Não tenho ideia do que você . . .”

Nunca chego ao fim da frase. Porque o homem pressiona um pano com um aroma doce e químico contra a minha boca, e essa é a última coisa de que me lembro.

ESTE NÃO É MEU PRIMEIRO RODEIO — E POR RODEIO, É CLARO, QUERO DIZER sequestro. Mesmo assim, o que aprendi em minhas experiências anteriores pode não ser muito útil.

Percebo isso quando acordo em algum momento não identificado mais tarde, sentindo- me de ressaca e esmagado por uma carroça de bois. Meu estômago tenta me lembrar que nossa rotina pós-drogas e surras costuma envolver vários acessos de vômito, mas eu ignoro. Minha

cabeça lateja, mas todos os meus membros ainda estão presos. Estou machucado, mas não sangro.

Lá fora, uma chuva incessante lava todos os outros ruídos.

Meus músculos tremem enquanto me sento na cama para observar o ambiente. Estou em mais uma cabana — de dois andares, aconchegante, espremida entre um lago e uma floresta de pinheiros. A luz do fim da manhã entra pela janela, notável pela ausência de grades. Só isso já me faria hesitar, mas o que realmente me indica que este é um caso claro de Abdução Diferente de Outras é a porta do meu quarto, que está escancarada.

Sem guarda.

Penso em abaixar a janela. Eu poderia correr para o sul pelas próximas quatro ou cinco semanas e parar apenas quando entrasse em território do Sudoeste e Miséria me recebesse com seu abraço infame, frio e rígido. O problema é que são os prisioneiros que fogem. E eu posso não ser um deles.

Então desço as escadas que rangem, mas são firmes.

"Eva." Uma mulher esguia, de aparência meiga, ergue os olhos de um livro

grosso e me recebe com um sorriso caloroso. Ela tem cabelos longos e lisos, Cinza prateado por toda parte, mas uma olhada na pele esticada do seu rosto me diz que ela não deve ter nem quarenta anos ainda. Quando ela se levanta, seu vestido simples e esvoaçante cai sobre seu corpo em ondas verdes. *Aposto o que quiser que ela tem uma horta de ervas nos fundos* , diz uma voz na minha cabeça. "Bom dia, querida. O que você gostaria de beber?" Ela desliza em minha direção, toda a vibração de bruxa cottage-core. Meu metabolismo ainda deve estar funcionando com os remédios, porque quando ela brevemente envolve seus braços em volta de mim, eu não *a* empurro violentamente. "Algo para comer?"

"Hum. Não, obrigado."

"Você tem cer teza?"

Isso é sério? "Você já me drogou uma vez. Vou presumir que tudo o que você me oferecer é drogado, se não se importar."

A mulher suspira, parecendo arrependida. "Você terá que nos perdoar. Geralmente temos maneiras melhores do que isso. E, por favor, deixe-me garantir que você não é nossa prisioneira. Há veículos à sua disposição, caso queira ir embora. Tudo o que queríamos era uma oportunidade de falar francamente com você. Tentamos trazê-la aqui sem muito alarde, mas o Alfa do Noroeste... ele é muito protetor com você. Espero que os métodos infelizes aos quais recorremos não influenciem o teor do nosso futuro relacionamento."

Não sei bem qual é o nível de sarcasmo dessa senhora, então resisto à vontade de dizer que *não é grande coisa. São águas passadas* . Em vez disso, noto o uso frequente de *"nós"* e olho ao redor. Estamos sozinhas na cozinha, mas através de uma porta aberta consigo ver a sala de estar e três mulheres humanas sentadas no sofá de veludo. Elas parecem ter entre o final da adolescência e o início dos cinquenta anos. O formato de botão de seus narizes e seus cabelos ruivos sugerem que provavelmente são parentes.

Eles sussurram febrilmente um para o outro e me observam com sorrisos largos e espantados. Claramente, eles estão bebendo o Kool-Aid. É Tudo o que posso fazer é morder a isca. *Sou um híbrido e seu profeta assassino tem algo a ver com mudanças genéticas aleatórias que levam à compatibilidade reprodutiva entre espécies,* da minha boca para fora. "Nesse caso, vou para casa agora."

“Você é bem-vindo para fazer isso— ”

Eu me viro.

—Mas pensei que você talvez quisesse me visitar. Afinal, sou a única família que lhe resta. É tão manipulador que estou decepcionado comigo mesmo por ter caído nessa. Mesmo assim, eu paro. Mesmo com a parte não podre do meu cérebro sussurrando: *Continue, Serena. Continue. Porra. Continuando.*

Quando me viro para a mulher, ela não esconde a presunção. "Minha mãe era humana", sibilo, só para me adiantar *àquela* porcaria de besteira específica.

"É claro que Fiona era humana." Ela pega um pedaço de papel da mesa e o estende para mim.

A bile sobe amargamente pela minha garganta. "Não vou chorar por causa de uma foto de banco de imagens de baixa qualidade, ou de alguma coisa gerada por IA..." Mas é uma mentira que se desfaz no instante em que meus olhos pousam na imagem.

É antigo. Não é exatamente Kodachrome, mas foi impresso em papel brilhante que não se vê mais com frequência, porque hoje em dia tudo está nos celulares. Os cantos direitos estão um pouco tortos, enrolados de tanto andar entre as mãos. Tirando isso, é uma foto muito nítida. Acima de tudo, é...

Sou eu. Ou não sou. Mas é. A inclinação da cabeça. Os olhos escuros e o cabelo ainda mais escuro — liso, longo, apenas um leve ondulado na ponta. O sorriso, os lábios carnudos, a linha reta do nariz. Há diferenças também. Ela é mais alta, o maxilar mais quadrado, a pele morena. Mas reconheço minha suavidade nela, as curvas que compartilhamos até os últimos meses causarem estragos no meu corpo. O colar em seu pescoço é assustadoramente familiar: uma lua prateada, arranhada por um conjunto completo de garras.

Olho para a bruxa do núcleo da casa. Que tem a minha atenção e sabe disso.

"Tenho uma caixa cheia de fotos. Sempre gostei muito da Fiona. De todas as garotas... Gosto de pensar que uma parte de mim sabia o quão especial ela seria. No entanto, se quiser ver o resto, gostaria que nos sentássemos." Um sorriso. "Não se preocupe. Você não está se comprometendo ao me ouvir. Sei que seus

amigos nos fazem passar por uma organ ização terrorista perigosa. Na verdade, somos muito razoáveis, e é por isso que eles têm mantido você longe de nós. *Não estamos* tentando convertê-la e pedir dízimos. Isto não é o Hades. Não vou lhe servir romãs."

Não acredito em uma única palavra, mas meus dedos ardem de vontade de tocar a foto. Deve ser por isso que me encontro sentado à cabeceira da mesa de jantar.

"Irene", diz a mulher, sentando-se na cadeira ao meu lado. "É o meu nome. Esqueci de mencionar, pois sei o seu."

“Na verdade, você está com a pessoa errada.”

"Me perdoe. É por hábito. Você prefere Serena?" Seu tom é tão perfeitamente sensato que me sinto brevemente culpada por ter agido de forma rude. Então, lembro que fui *sequestrada* e juro que, se eu sair dessa viva, voltarei para a terapia e me livrarei das minhas tendências de agradar as pessoas. "Não quero que pense que não nos importamos com você. Teríamos procurado incessantemente se soubéssemos que você sobreviveu."

“Qual é exatamente o parentesco entre nós do is?”

"Ah, certo. Constantino, o líder dos Favorecidos, era meu irmão mais velho. O que me torna sua tia." Seu sorriso parece genuíno. Este deveria ser um momento reconfortante, mas eu tremo mesmo assim. "Eu sei que suas memórias estão perdidas, e mesmo que não estivessem, você não

conseguiria se lembrar disso. Mas eu te abracei no dia em que você nasceu e te adorei desde o início. Continuarei a fazer isso, não importa o que você decida. Bem-vinda à família, Eva." Tanto faz usar meu nome verdadeiro. "Isso significa que Constantino era meu pai?"

"Sim, claro. Você foi o milagre dele. Seu 'pequeno brilho de sol', era assim que ele te chamava."

Um arrepio repentino percorre minha espinha. Espero que o choque da revelação de Irene me faça sentir completamente, mas isso nunca acontece. Dado o interesse do culto em mim, eu tinha quase certeza da minha conexão com eles. Constantine sendo meu pai... bem, era simplesmente o pior cenário possível.

"Claro que se materializou", murmuro.

"Perdão?"

"Nada. Só fiquei feliz em saber que o maluco esquisito e chauvinista que todo mundo odeia era meu pai."

"Foi isso que te disseram sobre ele?" Ela inclina a cabeça. "O que mais? Que ele era louco? Violento? Sedento por poder? Porque eu posso explicar."

Tenho certeza de que sim, mas não vou morder a isca. "Prefiro discutir... Fiona." Chamá- la de *mãe* parece errado. Mesmo que minhas mãos coçam de vontade de tocar na foto. "Por que ela estava com o cul... desculpe, esse clube social *totalmente legítimo?"*

Irene dá uma risadinha. "Seu pai teria gostado. Esse seu humor, você herdou do nosso lado da família."

"Na verdade, eu entendo isso pela necessidade de lidar proativamente com uma quantidade impressionante de traumas não processados. Voltando para a Fiona, por favor."

“Claro. Sua mãe nasceu entre nós. A família dela era muito devotada aos Favorecidos. Eles aspiravam a se tornar Lobisomens. Teriam ficado muito orgulhosos do que a neta havia conquistado.”

"Você quer dizer, meu diploma universitário? Aquela vez que corri uma meia maratona?" Estou começando a ficar impaciente. Minhas têmporas latejam e tenho quase certeza de que estou com febre. Quero a caixa, quero sair daqui, quero respostas. "Porque se o que você quer dizer é que eu sou um híbrido, houve muito pouca realização da minha parte, e muita de mim girando meus polegares ainda inexistentes enquanto a morulação e a blastulação aconteciam.” Irene deve estar cansada do humor familiar, porque seus lábios se contraem, mas ela continua: “É uma história interessante. Quando Fiona engravidou, ela afirmou que o bebê era de Constantine. Na época... havia muitas mulheres em sua vida. Ele era um homem trabalhador, frequentemente necessitado de descanso e conforto. Fiona era uma das muitas que cuidavam disso, e Constantine era um líder razoável que não exigia exclusividade. Mas Fiona era leal. Ninguém conseguia imaginá-la com outra pessoa, e ninguém mais admitiria

tê-la tocado.”

Ela puxa a caixa para mais perto, ainda fora do meu alcance, examinando as fotos até encontrar uma quadrada. Quando ela me mostra, não me inclino para a frente, mas espero que ela a coloque na minha frente. O sorriso em seu rosto me diz que ela sabe em que concurso de mijo eu nos inscrevi, mas não se importa em me agradar.

A mulher na foto é a mesma de antes. Desta vez, porém, ela não está posando. Ela olha para um homem mais velho e bonito que olha para o horizonte, absorto em outros assuntos.

“Aquele é Constantino. Seu pai.”

Meu interesse por ele é subterrâneo. Ele poderia estar usando uma fantasia de lagosta fresca, e meus olhos ainda seriam atraídos para a curva da barriga de Fiona, claramente visível sob a

blusa justa. Ela a segura com as duas mãos, um gesto que parece mais intencional do que um simples " *não sei o que fazer com os braços"* .

E então temos o perfil dela. Algumas semanas atrás, Ana pediu a Lowe para desenhar um retrato só de meninas: Misery, Ana e eu. E, de alguma forma, Sparkles. Ele escolheu uma vista de três quartos para mim, e poderia ter sido um traçado desta fotografia. Talvez seja por isso que, de uma forma estranha e inexplicável, eu sinto que sou ela, e ela sou eu.

Não devo nada a ela. Ter me dado à luz não lhe traz meu amor, minha gratidão ou minha compaixão, mas o problema é...

“Quantos anos ela tinha?”

"Quando ela teve você? Não sei dizer ao certo. Por volta dos vinte anos."

Esse é o problema. Ela era mais jovem do que eu sou agora. Grávida do filho de um líder de culto lobisomem cujo controle era digno das orgias de Calígula. De garota perdida para garota perdida, não consigo deixar de me perguntar se ela se sentia sozinha. Sobrecarregada. Assustada. *Orgulhosa* , tenho certeza que Irene diria, mas...

Estou só projetando? Porque temos as mesmas maçãs do rosto?

Se recomponha, seu otário. Ela não te amava *porque estava segurando a barriga. Muita gente gosta de bebês na teoria, mas não na prática.*

"Não precisa fazer essa cara." O tom de Irene é suavemente reprovador. "Ela ficou muito feliz em se tornar sua mãe, Eva." Mais fotos surgem no meu campo de visão. Lábios sorridente s pressionados contra uma bochecha gordinha de bebê. Um pezinho de bebê, muito menor que a palma da mão. Uma amamentação espontânea. Sentada em um campo. Sorrindo para a câmera enquanto uma criança pequena agarra o caule de uma aquilégia.

Vejo a mancha de lágrimas no mogno antes mesmo de perceber que estou chorando.

"Ela era muito boa com números. Você também, me disseram. E ela amava o oceano. Mesmo tendo pouco acesso a ele."

Olho para cima, sem saber como lidar com todos esses... esses *sentimentos* . Irene, porém, parece genuinamente solidária.

Ela também mantinha um diário onde registrava todos os seus marcos. Primeiro passo, primeira palavra, comidas favoritas. Acredito que foi destruído porque não consegui localizá- lo. Tínhamos que ter muito cuidado com nossos registros — a desvantagem de sermos constantemente condenados ao ostracismo e perseguidos. Foi uma escolha sábia, já que a incapacidade do Noroeste de conhecer toda a extensão de nossas fileiras é a única razão pela qual fomos capaz de reconstruir. Mas posso dizer que ela te adorava. E você a adorava de volta. Você era um anjinho. Muito bem comportado.

Tento engolir um soluço. Não consigo. Isso é *feio* . Tremores nos ombros, lágrimas escorrendo, choro intenso. Para uma mulher que eu nunca conheci. O que me importa a tragédia da vida dela? E por que, quando Irene cobre minha mão com a dela, eu permito?

Você pode não ter nenhuma lembrança dos Favorecidos. Mas deve se lembrar de como era estar sozinho. Longe do seu povo. Posso garantir que Fiona não te deixou. Você foi tirado de nós quando o Noroeste decidiu nos caçar, nos

extinguir...

"Por que fizeram isso?", puxo o braço para trás. Enrolo-o no colo. Dou uma última fungada antes de confrontá-la. "Qual foi o motivo?"

“Você é muito jovem para se lembrar— ”

"Mas me disseram. É mentira que Constantino atacou a liderança do Noroeste e matou milhares?"

Sua boca se curva em uma linha de desgosto. "Eles te contaram *o porquê* ? Explicaram que Constantine venceu o desafio contra o Alfa deles, mas o Noroeste se recusou a permitir que ele assumisse o papel que lhe era devido?"

Inclino-me para a frente. "E o pai do Koen, Irene? Você *não* o usou para atrair a mãe do Koen?"

"Koen Alexander é um líder ilegítimo." Seu olhar sombrio se aguça. "Seu pai... ele pode ter usado a companheira do Alfa para atraí-la para si. Mas depois, ele venceu de forma justa."

“ *Não é* assim que o desafio funciona.”

“E quem decide isso? Quem estabelece as regras? O Alfa. A matilha. O sistema foi manipulado a favor deles, mas Constantine os enganou. Ele deveria ter sido o líder do Noroeste, não caçado como uma fera, forçado a se esconder em locais cada vez mais remotos e depois morto a sangue frio.” Ela fecha os olhos. Se recompõe. “Eu me esforço para entender "Por que você não vê que Koen é seu inimigo? Mas talvez seja o seu Heat se aproximando falando."

Eu recuo. "Como você sabe disso?"

"Ah, céus. Jess tem sido boa para nós. Muito prestativa mesmo. Ela era uma das Favoritas, sabia? Eles massacraram os pais dela e a entregaram a uma família de lobisomens. Mas, ao contrário das suas, as memórias dela permaneceram. Ela teve acesso ao seu prontuário clínico e nos contou que você perdeu a capacidade de se transformar. Ela entregou o colar. E, claro, nos contou sobre o seu Calor." A linha da boca de Irene se suaviza. "Você está muito perto, pelo que ouvi."

Foda-se. "Eu quero voltar."

“Ah, sim. Aquela injeção. Sabe, não precisa. Temos um punhado de Lobisomens que ficarão felizes em atendê-lo. Você pode escolher quem preferir entre eles. E quem sabe, pode até nascer um bebê deste Calor. O herdeiro de Constantino. Ele já realizou milagres maiores do que esse. Afinal, estamos perto do aniversário dele.”

"Acho que eu..." Vomitei um pouco. "Para mim, é aprovado. Vou ficar bem."

"Não, não vai. Os cios na forma humana são terríveis. Devo dizer que fiquei surpresa ao saber que o Alfa atual estava disposto a permitir que você evitasse o seu. Mas, pensando bem..." Ela suspira. "Koen Alexander sempre foi imprevisível. Nunca conseguimos pegá-lo de surpresa. Antes de você chegar, claro. Somos muito gratos a você por torná-lo um pouco mais parecido com a mãe. E com a mãe dele, conseguimos lidar."

Cerro os dentes. "Se você está pensando em me usar para prendê-lo, ele não virá. Ele é mais esperto do que isso. Ele passou a vida inteira ciente de como você arruinou a família dele, e..." "Eva. Não existe *inteligência* quando se trata de se apaixonar. Você não aprendeu isso?" A prioridade do Koen é o bando. Ele não vai colocá-lo em risco.

"Veremos." A inclinação da cabeça de Irene me dá arrepios. "Você deveria perguntar a ele quando ele chegar. Ele não vai demorar, querida. Mas você terá todo o tempo que precisar." "Hora para *quê* ?" Eu sibilo.

“Para ler a última carta da sua mãe.”

CAPÍTULO 29

Ele tem medo —não apenas do que pode acontecer com ela, mas também do que ele pode fazer ao mundo em retaliação.

UMCiente das manobras de Irene para me manter no buraco do nada, ainda permito, e não

consigo deixar de me perguntar por quê. Seria um bom estudo de caso. Um mergulho interessante no comportamento híbrido. Infelizmente, minha

temperatura está

subindo e estou começando a me sentir péssimo demais para refletir sobre as maravilhas da mente halfling.

"Você devia beber", Nele me diz, estendendo um copo. Ela é a mais jovem das mulheres que vi lá embaixo. Quando voltei para o meu quarto, Irene a instruiu a me seguir. Presumi que ela seria minha carcereira designada , mas Nele não tem a aparência para isso. Pode ser por causa do short curto feito em casa, ou do jeito que sua trança quase passa da bunda. Ela parece doce e inocente demais para fazer parte dessa confusão. "Não é droga nem nada, eu prometo." Ela se senta à minha frente e engole um grande gole performático para me provar.

Mas não estou com sede nem com fome. Layla mencionou que quanto mais perto eu chegasse do meu Calor, mais difícil seria manter a comida no estômago. Ela não disse nada sobre dores de cabeça lancinantes e o desejo ardente de arrancar a carne do meu esqueleto com os dentes, mas isso pode ser apenas um efeito colateral de Irene me manter aqui, mantendo a carta de Fiona como refém.

“Você leu?” pergunto a Nele.

“Hum... o quê?”

“A carta.”

"Ah." Ela balança a cabeça. "Eu nem sabia que a Fiona existia até você dar a entrevista. Centenas de pessoas morreram no Tormento, e eu nem tinha nascido, então..."

"O quê?"

Ela morde os lábios, confusa. Acho que ela não teve muitas interações fora do culto. "A Tortura? Quando os Lobisomens do Noroeste vieram atrás dos Favorecidos e assassinaram Constantino."

"Você sabe por que eles fizeram isso?", pergunto, sem emoção.

“Estávamos crescendo em tamanho e poder”, ela recita. “Eles se sentiam ameaçados. E Constantino havia vencido um desafio contra o Alfa deles.”

Essa garota é tão vítima de Irene quanto eu. Há algo perturbadoramente familiar em seus maneirismos, algo que me lembra o garoto no penhasco. Tento ser gentil ao perguntar: "Por que uma matilha com dezenas de milhares de Lobisomens se sentiria ameaçada por um culto com centenas de membros, sem influência política e sem aliados?"

Ela coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha. "As pessoas nem sempre agem racionalmente." Isso também soa um pouco monótono. "O insensato não se deixa levar pela realidade. Seu comportamento é produto de desejos e delírios."

Ela parece tão convincente que quase me pergunto se sou eu quem está errado. "Você realmente acredita que pode se transformar em um Lobisomem?", pergunto a el a.

"Ah." Ela cora. "Eu não presumiria saber se é isso que ele quer para mim. Nem todos cruzarão esse rio. Alguns de nós estamos aqui apenas para ajudar os mais favorecidos. Como você."

“Certo. Deixa eu reformular. Você acha que um humano pode se transformar em um lobisomem? Alguém já te explicou que somos espécies diferentes? Você estuda ciências?” "Eu..." Ela olha ao redor. Sua voz se reduz a um sussurro. "Eu li um livro, uma vez." Vou interpretar isso como um não. "Quem te deu isso?"

“Foi em um dos nossos esconderijos. Eu... Não deveríamos, mas eu estava entediado, e...” “E agora você sabe que é impossível.”

Ela abaixa os olhos. Depois, levanta-os novamente, para entoar: “Há muitas coisas que a ciência ainda não compreende. E sempre houve histórias, entre nós, humanos. Histórias sobre ser mordido durante a lua cheia e se tornar um Lobisomem. E aí está você. Você é a prova.”

“Eu nasci meio humano e meio lobisomem. Sou um híbrido.”

Ela se aproxima, sentindo tanta *pena* de mim que é impossível ficar ressentida. "Se híbridos fossem uma possibilidade, não teríamos milhares deles agora?"

"Não é assim que mutações genéticas aleatórias funcionam." Preciso de Juno. Aqui e agora. Para me dar credibilidade com seu doutorado e seu olhar severo.

"Foi Constantino", diz Nele, com a mesma gentileza que eu havia demonstrado antes. A condescendência dói mais do que a dor de cabeça. "Ele se provou através de você."

"É por isso que você está aqui? Você está torcendo para que isso aconteça com você?" "Estou aqui porque meus avós se juntaram ao pai de Constantino, e eu cresci entre os Favorecidos. Mas... eu entendo que nossas crenças podem parecer pouco ortodoxas." Não aponto que a frase clínica seria *mais maluca que pão de banana* . "Cada sociedade tem suas próprias idiossincrasias. Meus pais me disseram que os humanos fazem coisas estranhas e incompreensíveis o tempo todo. Eles acumulam recursos que outros precisam para sobreviver. Às vezes, assassinam membros de seus próprios grupos. Eles destroem o próprio lugar em que vivem." Sua cabeça se inclina. "Você estava entre eles. Isso ainda é verdade?"

"Ah, sim. Grande momento."

"Viu? E ouvi dizer que outras espécies não são melhores. Lobisomens matam seus filhotes por diversão, aprisionam suas mulheres e são violentos e cruéis com os mais fracos." Ela não deve ter notado minha expressão confusa, pois continua. "Não sei o suficiente sobre vampiros, mas tenho certeza de que eles têm seus problemas. O que quero dizer é que quanto mais tempo você permanecer conosco, mais profunda será sua compreensão de nossas crenças."

Permanecer . "Quantos de vocês ainda restam?" Sinto uma pontada de culpa ao ver seu sorriso encantado, mas é uma chance boa demais para descobrir mais.

“Cerca de cinquenta ou mais.”

“Vocês todos moram aqui?”

Não. Este esconderijo fica bem perto da fronteira norte do Noroeste e também da alcateia do Canadá. Quase nunca o usamos. Mas temos esconderijos melhores. Geralmente, vivemos espalhados, de esconderijo em esconderijo. Nos encontramos com frequência, mas não podemos viver aglomerados em um complexo como antes.

"Por que?"

"Por causa do Tormento. Se o Noroeste soubesse, eles viriam atrás de nós. Nos separariam de nossas famílias. Você sabia que meu avô está em uma prisão humana há décadas? Eu nunca o

abracei." Seus olhos brilham com lágrimas. "Mas estamos ficando mais fortes. Vamos aumentar nossos números novamente. Irene diz que você nos dará visibilidade."

Minha garganta parece uma lixa. "É esse o plano dela? Me manter aqui como um símbolo dos Favorecidos?"

"Não há nenhum plano", Nele me tranquiliza, com seu rosto bonito e sincero.

"Vamos lá, Nele. Você não ouviu ela lá embaixo? No mínimo, ela está me usando para atrair o Koen até aqui e machucá- lo."

"Ah, não. Você não a conhece." Rapidamente, ela se ajoelha ao lado da minha cadeira e segura minha mão entre as suas. Meu estômago se revira.

“O que ela planeja fazer com ele?”

"Nada! Nós não somos assim. Só queremos viver em paz, Eva. Abominamos a violência." "Você *abomina* ... Nele, fui levada contra a minha vontade. Fui atacada, drogada e..."

"Isso é diferente!" Ela aperta o braço com mais força. "Tivemos que te trazer aqui para que você pudesse decidir se queria ficar conosco."

“Eu *não* ”, digo bruscamente.

“Mas você não tem todas as informações.”

“Não há nada que— ”

"Você não pode ter certeza. Você só ouviu o lado de Koen da história. Há outros. E quando Irene os revelar, você pode mudar de ideia. Certifique-se de que ele e seus assistentes sejam desumanos."

Não somos humanos. Engraçado que, se Koen estivesse aqui, provavelmente concordaria com ela. Estremeço e afasto minha mão da de Nele para abraçar meus joelhos. É exatamente disso que eu preciso —Koen, aqui. Comigo.

"Eu não queria te chatear. Só queria que você soubesse que é uma de nós. Sempre será." Seu sorriso é de desculpas. Jovem. "A Irene me mandou te ajudar a se preparar para o seu Heat."

"Preparar?"

“Ela disse que isso vai acontecer em breve.”

Meu estômago embrulha. Minha mente dispara com possibilidades assustadoras. "Preparar como?"

"As marcas cerimoniais." Ela pega um pequeno frasco cheio de um líquido preto e espesso. Quando o aproxima, percebo que pode ser mais próximo de um azul-escuro. Ou verde. "Não se preocupe, a tinta vai clarear."

“Mancha... o quê?”

"Sua pele. Você não conhece a tradição?"

"Sou um Lobisomem há cerca de vinte minutos."

"Ah. Bem." Ela olha para a porta, claramente pensando em chamar Irene.

"Eu... eu não ligo para tradições, quero dizer." Mordo a língua. Para me punir. "Não precisa das marcações."

"Mas os costumes dos Lobisomens são importantes. E se você não fizer isso... Irene pode ficar brava." No leve tremor de seus lábios, ouço o que Nele não diz. *De mim ... E eu não quero isso.* Irene é uma garota honesta —bom saber.

“Eva— ”

"Não é minha porr—" Eu paro. Respiro fundo. A combinação abdução/Heat não está me ajudando em nada. Ou talvez eu só tenha puxado a Irene. "Nele, você pode me chamar de Serena, por favor?"

"O nome que os humanos lhe deram?" Linhas de perplexidade surgem em sua testa. "Você quer honrá- lo?"

"Não é que..." *Profundo* , eu quero dizer. Só que, não é?

Serena é o nome pelo qual minha irmã me chama. O nome no meu diploma. O nome que Koen sussurrou em meu ouvido ontem à noite. Eva pode ser o que Fiona escolheu quando eu era criança, mas pertence a alguém que estava à mercê dos outros, alguém que não existe nem mesmo em suas próprias memórias. Serena foi uma decisão impulsiva de uma enfermeira, mas é meu nome porque eu o fiz assim. Tudo o que construí está ligado a ele.

"Sim, eu tenho." Olho para o pote em sua mão. "Como sei que não é veneno?"

"Não é nada disso! Olha." Ela espalha uma grande quantidade do líquido na parte interna do pulso. Quando limpa o excesso, a mancha é de um verde escuro e brilhante. Me lembra uma floresta à noite.

Isso me lembra sangue de lobisomem.

"Posso, então? Irene me ensinou, só para você. Eu vou me sair bem."

Concordo com a cabeça e deixo que ela me guie até o banheiro.

QUATRO HORAS DEPOIS, A CHUVA AINDA NÃO PAROU, E IRENE ME ENTREGA a carta de Fiona.

Ela me chama do andar de baixo e me convida para tomar chá com ela, chamando-me de *querida* mais uma vez. Visto o moletom que Nele deixou para mim e saio cambaleando do quarto, parando na janela do corredor para pressionar minha testa em chamas contra o vidro. Essa febre é feia. Meu abdômen está doendo. Preciso desesperadamente de uma calcinha nova. Meus pensamentos parecem escorregadios, difíceis de perseguir e impossíveis de capturar. De vez em quando, agarro o rabo de um e fico consternada ao descobrir que eles têm pouco a ver com minha tia louca querendo me usar como prova de que orgias e beber sangue de Lobisomens são bons, na verdade. Geralmente é uma mão grande e áspera se fechando em volta do meu quadril. O raspar da barba por fazer na minha garganta. Um beijo suave na curva do meu ombro.

Meu ninho, de volta à cabana.

Várias pessoas novas apareceram, incluindo três lobisomens, elevando o número de pessoas na casa para um *número absurdo* . Todo mundo está com um cheiro horrível. Preciso de um banho. Preciso enterrar meu rosto na camiseta que estou vestindo e sentir o cheiro do Koen. Preciso daquela injeção hormonal, agora mesmo.

"Quer que eu a apresente?", pergunta Irene quando me sento à mesa. "Você terá que fazer uma escolha em breve."

Os olhares ávidos dos homens são difíceis de ignorar. Eles estão parados na entrada, inquietos, com as pupilas dilatadas. Talvez eu não tenha exagerado tanto quando quebrei o dispensador de sabonete de cerâmica no banheiro do andar de cima e enfiei o pedaço mais afiado no bolso. "Não. Eu gostaria de ler a carta e depois ir embora."

Ela me surpreende entregando-o instantaneamente.

“As fotos também”, eu digo.

“Você já os viu.”

“E eu quero vê-los novamente.”

"Muito bem."

“Como saberei que a carta é verdadeira?”

"Você não vai. Você vai ter que tomar uma decisão, mas você é uma garota inteligente, graças aos seus pais. Tenho certeza de que vai descobrir."

A carta não é endereçada a mim. É a primeira coisa que noto — a *Querida Irene* numa caligrafia inesperadamente redonda e elegante. A minha é inclinada e desorganizada, difícil de entender. *Parece uma linha de eletrocardiograma* , Misery sempre diz. *Você faz as pessoas se esforçarem para conseguir cada maldita letra. Ninguém deveria ter que se esforçar tanto para saber que você quer que comprem abobrinha.* Como se ela já tivesse ido ao supermercado.

Mas isso, isso é borbulhante. Feminino.

Da minha *mãe* .

Querida Irene,

Não sei se ou quando você receberá esta carta. Não sei se você está vivo. Já faz aproximadamente três semanas que seguimos nossos caminhos separados. Como combinamos, serei vago sobre nomes e locais, caso a Northwest intercepte nossas comunicações. Sem entrar em detalhes, espero sinceramente que nosso tempo separados tenha sido menos agitado para você do que para nós.

Originalmente, éramos apenas C., P., E. e eu. Alguns dias depois, encontramos outros três Favorecidos em fuga e unimos forças. Um grupo maior de adultos permite mais turnos noturnos para garantir que não sejamos cercados ou emboscados. Hoje em dia, sempre precisamos de pelo menos duas pessoas acordadas para soar o alarme. Felizmente, apenas E., H. e eu ainda somos humanos. Com nossos se ntidos como estão, não há muito que possamos fazer. H. às vezes me ajuda a cuidar de E., mesmo que ela continue desconfiada de homens. Nos instalamos em um de nossos antigos esconderijos, o mais remoto que podíamos alcançar. Você Talvez você se lembre deste lugar como o lugar onde nossa querida amiga G. deu à luz alguns anos atrás. É bom ter essa lembrança adorável enquanto enfrentamos este inverno frio. Você deve estar se perguntando se C. teve alguma revelação sobre a situação atual. Infelizmente, não tenho boas notícias sobre isso. Ele acredita que o Noroeste está se aproximando, e suspeito que ele possa estar certo. Sinto muita culpa pelo ceticismo que expressei quando ele nos informou pela primeira vez sobre seu plano de dominar o Noroeste, e agora percebo que não deveria ter questionado a palavra do profeta. Após longa meditação, C. nos informou que opositores como eu são a verdadeira razão pela qual a tomada não saiu como planejado. O mínimo que posso fazer para expiar é ficar ao lado dele e cuidar del e.

Você provavelmente quer saber sobre sua favorita, E. Francamente, me arrependo de tê-la trazido conosco. Ela está profundamente infeliz e talvez até regredindo. Ela come pouco, raramente nos presta atenção e, às vezes, não fala nada, nem mesmo quando fazemos perguntas diretas. Nos primeiros dias de fuga, ela perguntava pelos amigos, mas parou desde então. Ela é tão retraída que os outros às vezes zombam dela. A chamam de lenta. Dizem que não se pode

confiar nela para obedecer ordens e estão preocupados que ela revele nossa localização e sobre seu comportamento em uma crise. Você se lembra daquela batalha em Glacier, logo antes de fugirmos? Houve tanto sangue e tanta morte. Tentei proteger E. disso, mas ela não

foi a mesma desde então. Tudo o que eu sempre quis foi que ela crescesse na presença do pai. A grandeza de C. tem sido uma constante em toda a minha vida, e ela merece ser inspirada por ele também. Mas ele raramente tem tempo para ela ultimamente. Tento reservar momentos só para nós dois, partes do dia para brincar, desenhar ou nos aconchegar juntos, Mas será que é suficiente? Ela estaria melhor em outro lugar? Meu amor por ela é ilimitado — e muito mais forte que meu orgulho. A felicidade dela importa para mim, mais do que poder dizer que sou a causa dela.

Como você provavelmente já percebeu, é por isso que estou escrevendo. Você e E. têm um vínculo especial, e se vocês estão em um lugar seguro, longe de conflitos, não posso deixar de me perguntar se é lá que ela também deveria estar.

Há outra possibilidade. Chegaram-nos notícias de que o novo Alfa do Noroeste se ofereceu para ouvir qualquer Favorecido que se entregasse e pouparia a vida daqueles que não estavam diretamente envolvidos nos ataques. C. diz que é um Alfa ilegítimo e não é confiável. No entanto, ouvi rumores de humanos se aproveitando dessa condição com sucesso. Ele ofereceria misericórdia a E.? Seria tolice esperar que ele cumprisse sua palavra?

Diga-me o que você pensa. E, seja qual for a sua decisão, não deixe que o tom desta carta o desanime. Estes são tempos difíceis, mas se seguirmos as instruções de C., venceremos.

Muito amor,

Fiona

Termino de ler, e meu timing deve estar perfeito. Porque coloco a carta na mesa no momento em que Irene diz: "Ah, ele está aqui. Bem- vindo."

Levanto os olhos e Koen está lá, bloqueando a luz que entra pela porta.

Há mais de meia dúzia de pessoas na sala, mas seu olhar recai sobre mim instantaneamente, como se eu fosse o centro de massa do seu universo. A violência do seu alívio é tão forte que não acho... Qualquer pessoa na sala está imune a isso. A própria Irene recua, antes de se recompor e acrescentar: "Enviamos nossa localização esta manhã cedo. Você demorou muito mais do que o esperado para chegar aqui."

Koen entra. Está encharcado de água da chuva, com as mãos amarradas à frente do corpo. Seus antebraços e pescoço estão manchados de sangue, verde com reflexos vermelhos. Um pouco escorre lentamente pela têmpora, onde se emaranha em seus cabelos grossos. Logo abaixo, um corte profundo corta sua maçã do rosto direita. Ele veste uma camisa e calça pretas, o que torna impossível dizer se ele foi ferido em algum ponto vital.

Não acredito que ele veio *sozinho* . Depois do que disse sobre a mãe, ele cometeu o mesmo erro. Ele está em tão menor número que nem *ele* consegue sair dessa.

E, no entanto, seu sorriso irônico e seu "obrigado por me receber" me enchem de um otimismo temporário, mesmo depois que mais três Lobisomens entram atrás dele. São Jess e suas duas amigas, claramente orgulhosas de entregar o Alfa do Noroeste. Elas inclinam a cabeça para Irene. Quando ela convida Koen a se sentar, o jovem o empurra e o joga cambaleando para a frente.

O garoto se vangloria por cerca de três segundos. Então Koen se vira, usa as mãos amarradas para desferir um gancho e o derruba com o pé.

Todos os Lobis na sala assumem uma postura de ataque, prontos para intervir, mas Koen mal percebe. "Diga aos seus namorados para tirarem as mãos de mim", ordena a Irene, sem nem mesmo perder o fôlego.

"Alfa." Ela estala a língua. "Você está em posição de fazer exigências?"

A resposta de Koen é um olhar para o garoto que está em posição fetal no chão, segurando o maxilar sangrando.

"Entendido." Irene ri baixinho e puxa uma cadeira para Koen. Ela é uma aranha, disposta a esperar o momento certo por uma recompensa suculenta, e eu quero avisá-lo, mas minha boca não abre.

"Vejo que seus vadios estão ansiosos para assumir a responsabilidade", ele diz, olhando para a excitação óbvia dos Lobisomens machos.

"Eles estão prontos para servir, sim. Gostaria de um chá, Alfa?"

"Seria ótimo. Chai, duas colheres de açúcar."

“Nele? Temos... Não? Sem chai, infelizmente. Podemos oferecer mais alguma coisa?” Koen se recosta. "Moça, foda-se você e seu chá."

"Ah, não há necessidade de tanta hostilidade", Irene repreende. "Gostei muito do tempo que passei com sua amiga."

"Que pena. Minha *companheira* , porém, não parece gostar da sua companhia. Ela está chorando e cheira como se estivesse em perigo."

Levo a mão ao rosto. Está escorregadia de lágrimas.

"Você e eu nunca nos conhecemos, não é?", pergunta Irene a Koen, avaliando-o enquanto retorna para sua cadeira.

“Nós dois sabemos que um de nós não estaria aqui se tivéssemos feito isso.”

"Provavelmente está correto. Nossas famílias não aprovariam uma amizade entre nós, não é? Ah, que grosseria da minha parte... Eu nem me apresentei. Meu nome é Irene. Acredito que você conhecia meu irmão, Constantine." Seu sorriso é educado, até gracioso. Gracioso demais. Da minha cadeira, consigo ver sua mão direita cerrada no colo, um ódio visceral e intenso em seu punho. "Ah, vejo pela sua expressão que você não fazia ideia."

"Tínhamos uma lista dos irmãos dele, e você não estava nela. Se eu soubesse que algum parente do Constantino ainda estava por perto, teríamos nos conhecido muito antes."

“Sim. Bem, hoje em dia não consigo evitar um papel de liderança, mas eu costumava passar despercebida. Eu era muito jovem, e os holofotes não eram para mim. Então... você sabe o que aconteceu.” Ela se vira para mim. Antes que eu possa me afastar, sua palma cobre a minha. “Mas como posso reclamar, agora

que estou reunida com minha sobrinha? Família "Temos que ficar juntos, não é? É o que o pai dela teria desejado."

Koen entrou nesta sala amarrado e espancado, mas esta é a primeira vez que percebo qualquer tensão real nele. E, de repente, não consigo mais ignorar as verdades que vêm martelando as paredes do meu crânio nas últimas horas.

Meu pai matou a mãe de Koen.

Meu pai matou o pai de Koen.

Meu pai matou milhares de lobisomens, incluindo as famílias de Brenna, Amanda, Saul e Jorma.

Meu pai é a razão pela qual Koen foi forçado a se tornar Alfa aos quinze anos.

Meu *pai* .

"Koen, eu..." *Não sei bem o que fazer. Não sei o que dizer. Sinto muito. Vou me redimir.* Não tem um jeito bom de terminar esta frase. Olho para ele, torcendo para que ele me olhe nos olhos.

Quando ele faz isso, o preto do seu olhar não contém absolutamente nada.

Diga alguma coisa. Diga alguma coisa. Por favor, Koen, diga alguma coisa.

Sua expressão permanece fechada, o maxilar travado, o peito arfando em respirações lentas. Uma onda de náusea me agarra pela garganta. *Me desculpe. Me desculpe mesmo...*

"Não precisa chorar, querida." Irene dá um tapinha no meu ombro. "Estamos só conversando. Deixa eu adivinhar: você se sente culpada por causa da história entre seu pai e a alcateia do Koen. Talvez você ache que há uma dívida. Mas você só conhece pequenos pedaços da história. Aquela carta que você acabou de ler... Quer que eu conte o que aconteceu depois que ela foi enviada?"

Concordo com a cabeça, envergonhada. Ela está tentando me envolver no jogo dela, e eu estou permitindo. Porque eu *preciso saber* ...

“Veja bem, a carta estava com uma amiga, para guardar. Só a li meses depois de ter sido escrita. Mas Fiona... ela morreu menos de 24 horas após o envio. Irene inclina a cabeça. Ela e Koen se olham de uma forma que não compreendo completamente. Duas pessoas que fizeram escolhas impossíveis. Duas pessoas definidas pelo que aconteceu antes delas.

E então Irene sorri docemente e pergunta: "Por curiosidade, Alfa. Há quanto tempo você sabe que matou a mãe dela?"

CAPÍTULO 30

Ela foi feita para ele, mas eles não poderiam ser mais impossívei s.

EUPRENDO A RESPIRAÇÃO. FIQUE PERFEITAMENTE IMÓVEL. MEUS MÚSCULOS SE ENCOLHEM,

COMO SE PARA EVITAR QUE MEU CORPO SE ROMPA, PARANDO QUE MEUS ÓRGÃOS E SANGUE jorrem no chão.

Então Koen diz: "Estou desconfiando disso há alguns dias", e eu desmorono.

"O quê?", pareço esganiçada. Talvez seja por isso que Koen ignora minha pergunta. Não olha para mim. Continua a conversa com Irene, sereno, distante, como se o assunto fosse apenas um pouco divertido. Caldeiras quebradas. O tempo. Ele, matando minha mãe.

"E mesmo assim você não contou a ela. Que interesseira da sua parte."

“Eu queria ter certeza, antes de informá-la, de que um ou mais de seus pais eram figuras importantes em um culto com uma contagem de corpos altíssima.”

Irene zomba. "Agora você tem certeza." Ela aponta para mim com um floreio. "Conte a ela o que aconteceu naquela noite. Os Favorecidos também gostariam de saber, não é mesmo, amigos? Tudo o que tínhamos para nos basear eram os cadáveres em decomposição."

"Muito bem." Koen respira fundo. Vira-se para mim. Levanta as mãos amarradas sobre a mesa, apoiando-se nos cotovelos, e me olha nos olhos desapaixonadamente.

Então ele começa.

“Todo ataque lançado contra o culto, toda busca por aqueles que participaram dos ataques contra o Noroeste, *eu* liderei. E sim, fui eu quem matou Constantine. Mas você Sabíamos disso.” Ele se aproxima. “Nós o encontramos em uma casa em ruínas no norte. Ele sabia que o tínhamos cercado e enviamos seus companheiros à frente para ganhar tempo. Abrimos caminho através deles. Quando o alcancei, ele estava em forma de lobo. Eu o forcei a voltar à forma humana e depois trouxe seu cadáver de volta para o território do Noroeste. Extraí seu coração. O resto foi deixado em um penhasco para os abutres e outros necrófagos se alimentarem. Esta é a história — nada mais, nada menos.”

Minha visão está turva, não sei se por causa das lágrimas ou da febre. "Eu não me importo com ele. Ele mereceu. Mas e quanto a..." Não consigo pensar por causa do sangue pulsando nos meus ouvidos. Detesto sentir gratidão por Irene perguntar o que eu não consigo fazer.

"E a Fiona, a mãe dela? Você também a matou?"

Por fim, um lampejo de hesitação. O maxilar de Koen se contrai. Depois de um momento, ele diz: "Não vou mentir para você. É possível."

Irene zomba. "Você matou tantas mulheres humanas que nem consegue mais se lembrar delas?"

"Não sei. Você protegeu Constantine com tantas mulheres humanas que eu perdi a conta?" "O que... o que você quer dizer?" pergunto.

Ele me olha nos olhos novamente. Qualquer vestígio da raiva que demonstrava ao falar sobre Constantine desapareceu. "Quando eu disse que ele mandou os companheiros na frente para ganhar tempo, Serena, estou falando sério. Se você tem certeza de que sua mãe estava com Constantine naquela noite..."

“Nós somos”, diz Irene.

"Então sim. Eu a matei." Koen lamenta, mas não se arrepende. É claro em seus olhos que ele voltaria e faria tudo de novo. E ficaria triste por tudo de novo.

Irene assente, com um sorriso amargo e satisfeito curvando seus lábios.

"Foi você?", pergunto, tremendo. "Ou Jorma? Ou Amanda? Ou..."

"Fui eu, Serena." Sua voz é precisa. Cortante. "Eu sou o Alfa do Noroeste. Cada movimento, cada ação, cada assassinato é sancionado por mim. Meus padrinhos são uma extensão da minha mão. Quer eu tenha rasgado a garganta da sua mãe ou não, ainda sou o assassino dela. Você realmente precisa que eu explique isso? Você entende tão pouco o seu povo? O que eu te disse?" *Nós não somos humanos.*

Minhas entranhas se contorcem. "E eu? Por que você não *me matou* ?"

"Você não estava entre mim e Constantine, Serena." Por um instante, a expressão dele muda. Como se ele estivesse examinando minhas feições. Catalogando-as. Comparando-as com uma imagem em sua cabeça. Seu tom perde um pouco do gelo. Ele está se lembrando de algo, algo que estava perdido até então. "Você estava se escondendo."

"O que?"

"Em um armário. Havia uma garota humana de cabelos escuros. Ela era esquelética e se recusava a falar." Ele examina meu rosto. Lixa os anos do meu rosto.

“O-o que aconteceu com ela?”

Ele engole em seco. "Eu a levei para a assistente social humana."

"Ela era... eu?" Eu sussurro.

Hesitação. "Quando Lowe me contou sobre os híbridos pela primeira vez, imediatamente entramos em contato com o Serviço de Assistência à Criança para rastrear as crianças do culto. Disseram-nos que todas já tinham sido encontradas."

“Então como— ”

“Mentira. Muito provavelmente, alguém a examinou, percebeu que você era

híbrida e alertou o Governador Davenport. E depois disso... você apareceu em Paris quando tinha uns seis anos. Mas a menina que entreguei ao Serviço de Assistência à Criança era pelo menos alguns anos mais nova que isso.”

“Então, se eu sou ela... onde eu estava durante esses anos?”

Seu maxilar se move de um lado para o outro. "Não sei", ele diz.

Meus lábios tremem. É difícil formular as palavras. "Como... como você não se lembra se matou minha mãe? Se me conheceu quando eu era criança?"

"Serena." Ele solta uma risada, mas parece tão abalado quanto eu. "Eu matei tanta gente. Deixei tantos órfãos."

Parece que ele está me matando agora. Como se estivesse arrancando meu coração do peito. "Você já parou para pensar se talvez eles estivessem melhor entre nós do que com humanos

que nunca cuidariam deles como nós poderíamos?", pergunta Irene bruscamente.

Silêncio. Ele fez isso? Talvez ele também não se lembrasse disso.

"Então você matou meus pais. E aí você me encontrou. E aí você me deixou sozinho." Ele não recua nem desvia o olhar. Apenas acena com a cabeça. Admite: "Sim, Serena."

Balanço a cabeça. Tento enxugar as bochechas, mas não adianta. Há muitas lágrimas saindo. "Como você se sente, Eva?", pergunta Irene, odiosamente gentil.

"Eu não sei. Eu... eu..." Não consigo olhar para Koen. Não quero. "Estou triste. E eu... estou com *tanta* raiva, e você nem... Ela era minha *mãe* , a única pessoa que se importou comigo, e você nem se lembra se *a matou* ..."

Paro ao ouvir o barulho de algo deslizando pelo mogno. Pisco através das lágrimas. Observo, incongruentemente rosa e bonitinho contra o papel da carta da minha mãe.

É a faca. A minha faca. A que o Koen me deu para me proteger. A que usei

contra a Jess. Como ela veio parar aqui?

"Quão brava você está, Serena?", pergunta Irene. "Com esse homem que assassinou sua família a sangue frio? Ele tirou sua infância e seu lar e nem ficou por perto tempo suficiente para garantir que você fosse cuidada. Se ele não tivesse matado Fiona, nós três poderíamos ter ficado juntas. Não haveria orfanato. Nem Vampiros. Nem Northwest." Você poderia ter sido feliz. Mas Koen tirou isso de você. Então, deixe-me perguntar mais uma vez... Quão bravo você está?

"Eu não estou..." começo, balançando a cabeça, e então paro.

Lentamente, deixo meus olhos pousarem em Koen. Sua expressão serena não revela nada da turbulência que estou sentindo. Quão brava eu estou?

Muito. *Muito* .

"Aqui." A faca abre caminho até minha mão, já desdobrada. "Este homem estava com raiva e machucou você e sua família. Agora que você está com raiva, o que vai *fazer* , Eva?"

Isto é um sonho. Um pesadelo. Não consigo estar acordada enquanto agarro a maçaneta de plástico e caminho em volta da cadeira de Irene, atordoada, mas determinada. Mas sei o que devo fazer.

Eu sei que está certo.

Alguém arrasta a cadeira de Koen para o lado para que eu tenha mais acesso a ele. Quatro mãos o mantêm imóvel, preso à cadeira, mas não há necessidade. Koen não está se debatendo nem se contorcendo. Não há súplicas, nem tentativa de me convencer de que estou exagerando. Ele fica sentado em silêncio, olhando para mim como se eu fosse uma rainha. Sua vida e morte são apenas uma decisão minha. Ele nem sonharia em se opor. Se eu quiser arrancar seu coração do peito, ele abrirá as costelas e se deitará de bruços para mim.

Minhas mãos tremem, mas não muito. Eu consigo. Eu consigo.

"Você *consegue* ", Irene me lembra. "Você tem esse direito."

Concordo com a cabeça. É meu direito. "Desculpe", sussurro para Koen, deixando a ponta da lâmina roçar o ponto sensível na lateral do seu pescoço. Eu beijei aquele ponto. Lambi. Enterrei meu rosto nele.

Ajusto minha pegada. *"Desculpe"* , penso.

Com um golpe firme, corto as cordas que prendem seus pulsos.

CAPÍTULO 31

A menina era pequena. Ele a estimava em torno de três anos, mas os humanos diziam que ela era mais velha. Na época, ele sabia pouco sobre crianças e nada sobre humanos, então acreditou neles.

Ela se agarrou a ele, seus bracinhos esqueléticos em volta do pescoço dele. Seu cheiro tinha uma nota estridente e química, como se ela tivesse recebido algo que a manteria dócil. "É o que eles faziam com as outras crianças também", disse a assistente social, sombriamente.

A criança dormia em seus braços e, ao entregá-la, ele se perguntou: Será que tudo isso é um erro? *Mas quando o Humano a pegou, notou que suas mãos haviam manchado a blusa da menina de um verde brilhante.*

UMDEPOIS DE UMA VIDA DISSECANDO AS DECISÕES DE SEUS PAIS , Koen estava fadado a

não repetir os erros deles. Eu culpo a febre e os remédios por não ter percebido isso antes, mas tudo começa a fazer sentido quando vários lobos enormes entram no

quarto.

Pelas janelas.

As janelas *fechadas* .

Conto quatro, e então tudo vira um pandemônio. Chuvas de vidro quebrado. Móveis caídos. Gritos, rosnados e os sons de ossos quebrando da mudança. Acontece tão rápido que, quando um braço forte me envolve pela cintura, minha

primeira reação é revidar.

Então percebo em quem acabei de bater e solto um grito abafado. "Descu lpa!"

"Cotoveladas afiadas pra caralho", murmura Koen. Jess e outro dos guardas que o trouxeram estão caídos a seus pés. O terceiro está do lado de fora, sendo perseguido por um lobo cor de ferrugem. Jorma.

"Para onde foi Irene?", ele pergunta ao único Lobis do culto que não se transformou. "Não me faça repetir. Onde diabos foi— "

"Eu não sei! Eu não sei!"

Koen resmunga algo sobre desperdício de espaço e me coloca atrás de si. "Saul! Aqui!" Um lobo marrom derrota rapidamente seu oponente cinza e se vira para nós. Ele salta sobre o corpo inconsciente de Jess e se posiciona ao meu lado, rosnando para ninguém em particular. "Não saia do lado dela."

"O quê... Koen?" Agarro seu pulso. "Aonde você vai?"

“Para encontrar Irene.”

Não , quase protesto. Mas por quê? "Se você encontrar membros humanos, por favor, não..." "Serena." Sua testa me toca brevemente. "Nós não machucamos humanos se pudermos evitar." Nossos olhares se encontram por uma fração de segundo. Eu assinto. Koen também. Sinto que ele pega minha mão e enfia algo nela —a faca rosa.

Um segundo depois, seu pelo preto e brilhante está no meio da briga. Ele estala o maxilar em volta do idiota que tenta detê-lo e, em seguida, persegue o cheiro de Irene. Não tiro os olhos dele até ouvir um soluço atrás de mim.

Corro para a sala de estar e encontro Nele e sua família amontoados em um canto com dois meninos humanos. Quando corro para me ajoelhar diante dela, todos gritam de puro terror.

"Sou só eu. Nele, nós estávamos juntos mais cedo. Sozinhos. Eu não te machucaria, machucaria?" Faço um gesto de abaixar a faca. Levanto as mãos. "Está tudo bem. Eles não estão aqui por você. Saul, você pode, por favor, parecer menos como se estivesse com vontade de comer bife? Obrigada." Parte meu coração o jeito como Nele me olha, com os olhos marejados de lágrimas e pânico. *Foi assim comigo também? Naquele armário? Fiona me empurrou para lá e me disse que ia ficar tudo bem?* "Nele, Você e sua família ficarão bem, eu juro. — Um pouco da tensão desaparece do seu corpo. —Só fique longe dos Lobisomens.

"Eles vão nos matar", diz sua mãe. "Eles estão aqui para..."

“Eles só vieram aqui para me levar de volta.”

"Como você pode acreditar nisso? Você ouviu o que ele disse... eles mataram sua mãe." Cerro os dentes. "Eu também não sou filha do seu profeta?" Os olhos deles se arregalam, e

eu continuo: "Confiem em mim". Parece que isso resolve. Eles parecem um pouco menos dispostos a ter o fígado mastigado.

"E a Irene?", pergunta Nele, fracamente. "Ela se foi." *Salvando a própria pele.*
“Eles vão... machucá- la?”

"Não sei." Saul faz um barulho de latido. "Talvez."

“Mas ela é sua única família.”

Eu bufo. "Você viu aquele cara alto ali?"

Ela concorda.

“Ele é mais minha família do que— ”

“Serena!” Amanda corre para dentro do quarto, nua, coberta de sangue e outros

fluidos não identificáveis que nunca deveriam ser encontrados *fora de* um corpo.

"Você está bem?" Inspeciono freneticamente seus membros.

"Sim." Ela sorri. Saul bate o focinho no quadril dela, parecendo igualmente preocupado. "Vamos lá, pessoal. Essa merda não é minha. Serena, *você está* bem?"

"A luta está acontecendo lá fora..." A cabana ficou em silêncio. "Eles estão..."

"É. E os outros foram atrás da Irene e de outro lobisomem que escapou. Serena, estávamos tão preocupados com você. Merda, você está sangrando. Mas é só um arranhão. Deixa eu ver se você não quebrou nada." Ela pressiona delicadamente meu maxilar — e se afasta instantaneamente.

“Serena.”

"O que?"

A mão dela toca minha testa. Sou tomado pela tentação repentina de quebrar seu pulso. "Eles te deram alguma coisa? Você está queimando."

"Estou bem."

"Você *não está* bem."

"Estou. Só, você poderia... não me tocar?"

"O quê?" Ela examina meu rosto. *Sinto* como se estivesse fervendo.

“Minha pele. Você poderia, por favor, não— ”

"Que porra é essa?"

Toque- me.

"Serena? Serena!"

E é isso, como dizem.

QUANDO ABRO OS OLHOS NOVAMENTE, ESTÁ ESCURO. A DOR DE CABEÇA MÉDIA que tem sido minha fiel companheira golden retriever finalmente passou. Em seu lugar, uma enxaqueca digna de um dragão me martela as têmporas, prova clara de que estou morto e que meu cadáver foi vendido a estudantes de medicina para prática de trepanação craniana.

E ainda assim.

Se eu estivesse acordando em qualquer outro ângulo do universo observável, estaria rolando para fora da cama e cambaleando em direção ao vaso sanitário, pronto para vomitar o revestimento do meu estômago. Mas quem me trouxe aqui teve a boa previsão de me depositar no único lugar onde não estou constantemente cercado por estímulos hostis e reviradores.

Quarto de Koen.

O cheiro dele tem um efeito semelhante ao da morfina em mim. Afundo o rosto no travesseiro, respiro fundo várias vezes, enchendo os pulmões, e vou ao banheiro. A caminho da sala, faço uma parada rápida na cama, inalo mais algumas vezes e caminho pelo corredor me sentindo como nova.

Eu espero... não, eu *quero* encontrar Koen *sozinho* . Em vez disso, conto mais seis pessoas, ocupando todas as superfícies possíveis de sentar: seus três segundos mais próximos, Sem e Layla, e Karolina.

Estou parado na porta, e um pensamento cristalino penetra nos átomos que compõem meu ser: *Como eles ousam estar aqui?*

Rapidamente vem a resposta: *Vou matá- los.*

O quê? Não. Não estou. Dou um passo para trás, preventivamente. Apoio-me na parede e lembro a mim mesma que não *quero* que nenhuma dessas pessoas morra. Na verdade, estou empenhada em mantê-las vivas. Mas meu instinto me diz que elas devem *ir embora, parar de invadir meu espaço, espalhar seus cheiros, suas vozes altas demais e seus corpos em nosso...* Deve ser alguma nova besteira do Heat. Eu a empurro de volta para onde veio com firmeza e interrompo as conversas para perguntar: "Você encontrou a Irene?"

Sete pares de olhos se voltam para mim. Seis pares de pernas se levantam e vêm se agitar ao meu redor, perguntando como estou, dizendo que fiquei fora por horas, tentando sentir minha temperatura. Meu pai foi diretamente responsável pela morte de seus amigos e familiares, e ainda assim eles estão aqui. Claramente não me desejando mal. O pensamento me dá um nó na garganta.

Ignoro e me concentro em Koen, que não está nada impressionado comigo. Ele se senta em uma cadeira que alguém trouxe da varanda, com as pernas bem abertas, o cotovelo dobra do sobre o encosto, e ordena aos outros em seu tom mais imparcial: "Afastem-se dela, porra!"

Um monte de *"Ah, certo. Foi mal"* . Amanda me aponta para o lugar que ela deixou no sofá. "Eu esqueci de toda essa coisa de, hum, hipersensibilidade." Sento-me, e todos me olham boquiabertos como se eu tivesse esquecido como executar a complexa tarefa de dobrar os joelhos. É ofensivo como eles ficam maravilhados quando minha bunda toca a almofada. Exceto Koen, que exala uma aura levemente irritada.

“Gente, estou bem. ”

"Mesmo assim, gostaria de dar uma olhada em você", diz Layla. "Trouxe meu equipamento."

Graças a Deus é hora da injeção. Mal posso esperar para me livrar desses sintomas de calor. "Sim. Mas primeiro..."

“Não, não encontramos Irene”, Koen me interrompe. “Conseguimos rastrear o cheiro dela por alguns quilômetros, mas a chuva apagou seu rastro. Havia outros oito Lobis na cabana. Quatro estão mortos. Jess está ferido e ainda não recuperou a consciência. Outro Lobis escapou, e capturamos os restantes, que foram interrogados, mas não parecem ser compartilhadores. Entrevistamos todos que tiveram contato prolongado com Jess, bem como a família que a criou, e todos estão chocados com seus laços com o culto. Os seis Humanos estão agora em território Noroeste e sob vigilância, *porque* ” — ele continua, notando minha carranca — “Irene foi embora. Não temos certeza se eles são autossuficientes ou, pior ainda, se Irene decidirá que eles sabem demais e os matará. Contatamos as autoridades humanas. Enquanto isso, eles não s ão nossos cativos, mas nossos hóspedes. Eles estão apavorados, mas ilesos. Este é o ponto principal, mas se você quiser saber mais, aqui está o relatório” —ele olha para Jorma, que parece

satisfeito consigo mesmo —“por terem me pedido para entregar”.

"Não são todos. O culto, quero dizer. Não estavam todos naquela cabana. Disseram-me que há— "

"Mais de cinquenta deles, sim. Estamos dedicando uma quantidade considerável de mão de obra para rastrear os outros. Mais alguma coisa que você gostaria de saber antes de deixar a Layla se certificar de que você não vai morrer?" As últimas palavras são tensas. Eu *realmente* não quero que ele surte, mas...

"Você poderia... alguém vai dar uma olhada neles? Os humanos, quero dizer."

“Eu”, diz Amanda.

“Quando você for embora, você poderia dar a Nele uma maneira de entrar em contato comigo?”

"Quem?"

"A mais nova humana. Cabelos longos e ruivos, sardas? Se ela precisar de alguma coisa..." Amanda olha para Koen, que concorda. "Eu vou", ela diz.

“Obrigada, Amanda, eu realmente agradeço. A propósito, você está bem? Alguma coisa aconteceu— ”

"Serena", resmunga Koen. "Eu juro porra— "

“Eu vou, eu *vou* .”

“Sinto muito pelo que aconteceu no escritório”, Layla me diz assim que chegamos ao quarto de Koen.

"Não se preocupe com isso. Não vamos nos culpar por coisas que fizemos com bisturi."

Ela sorri, mas seus olhos brilham. "Eu estava tão distraída que não consegui dar o alarme, e..."

"Acredite, você fez tudo o que podia. Eu te abraçaria para reforçar meu ponto de

vista, mas a ideia de tocar em alguém que não seja... Bem, prefiro não fazer isso. Vamos fazer isso depois da injeção."

Layla morde o lábio inferior. "Não tenho boas notícias para você, Serena."

Não ser chamada de Eva é tão bom que as palavras não me vêm à mente imediatamente. Depois, elas vêm, e gelo se acumula no meu estômago. "Como assim?"

"Você está muito perto." “Muito perto de...?” “Seu calor.”

Ela está brincando, né? "Não faz nem 24 horas que planejamos aplicar a injeção."

"Eu sei. Com toda a sinceridade, estou começando a me perguntar se uma injeção hoje de manhã teria sido eficaz, considerando a rapidez com que você está progredindo."

"Você nem me examinou ainda. Como sabe?"

“Seu cheiro, por exemplo. Suas pupilas estão permanentemente dilatadas. Seu batimento cardíaco em repouso está muito mais rápido do que ontem, seu a respiração é superficial e... Quando foi a última vez que você comeu ou bebeu?”

"Não sei. Provavelmente..." Esta manhã? Não. Na verdade, não. Ontem? Devo ter, mas... "Está com sede? Com fome? Quer que eu pegue alguma coisa?"

Balanço a cabeça rapidamente. "Não, obrigada." Droga. *Droga* . "É normal?"

"Para um Lobisomem à beira do Calor? Com certeza. Quando começar de verdade, você terá que se lembrar de beber bastante, ou vai desidratar logo, e isso tornará os dias pós-calor um pesadelo. Trouxemos suprimentos..."

"Nós?" Uma onda de horror me revira as entranhas. "Todo mundo sabe?"

Ela inclina a cabeça. "Neste ponto, nenhum Lobisomem em idade reprodutiva sentiria falta disso."

Deixei-me cair de volta no colchão. Talvez eu pudesse pegar um garfo na

cozinha, cair sobre ele e encontrar uma morte rápida e misericordiosa.

"Isso não é ruim, Serena. Seu cheiro está atraente para os Lobisomens agora."

Provavelmente é melhor ficar com uma piranha e esperar que ela me coma.

"É uma prova da confiança do Alfa em seus assistentes e nos membros de sua matilha que ele os permita entrar na cabine para estarem em sua ma— na *sua* presença, tão perto do seu Calor. E uma prova do quanto eles o respeitam, e a você— "

"E se eu tentar mesmo assim?", eu me sento. "Por que não tentar, pelo menos?"

"Isso pode fazer com que o seu cio dure mais ou seja mais doloroso. Pior ainda, pode causar danos a longo prazo ao seu sistema reprodutor."

“E se eu estiver disposto a correr o risco?”

"Serena." Ela fixa meus olhos nos dela. " *Escute com atenção"* , eles dizem. *"Porque eu estou no comando* ." À sua maneira, ela é tão assustadora quanto Koen. Mais assustadora. "Nenhum profissional de saúde que se preze vai te dar essa injeção agora. O que eu *posso* te dar, no entanto" —ela se vira para a bolsa e tira um pequeno pacote —"é isto."

É tão insubstancial que, enquanto o seguro contra a luz, me pergunto se ela está brincando. "O que é isso?"

“Pílulas an ticoncepcionais.”

Eu pisco. "O quê? Eu não consigo nem..."

Não temos certeza. Eles previnem a gravidez. Se preferir, tome-os *depois que* o cio acabar. “Como saberei quando o Heat *acabará* ?”

“Você saberá, acredite em mim.”

Não quero acreditar nela. *Ou* saber. "Por que eu precisaria de anticoncepcionais? Existe algum tipo de reprodução assexuada... Não consigo engravidar só por ter um cio, certo?"

Ela se levanta. Coloca um pequeno cartão no criado-mudo de Koen. "Você tem meu número. Para qualquer dúvida, me ligue. A qualquer hora."

“Layla, eu não entendo.”

"Se eu não responder, o Sem responderá. Mas, na maior parte do tempo, será um processo muito intuitivo..."

“Layla.”

Por fim, ela para. Olha na direção da porta. Então murmura: "Não vou contar a ninguém. E nem nenhum dos meus padrinhos."

“Eu... Por que parece que as pessoas estão falando sobre isso?”

Ela engole em seco. "Eu sei que isso te envergonha, mas não é... Nós não somos humanos, Serena."

Nós não somos humanos.

"Não sentimos o mesmo que vocês quando se trata dos nossos corpos. Conheço cada pessoa naquela sala. Conheço o Koen. E eu realmente... eu não teria desejado isso para ele."

Quem mais me disse essas mesmas palavras? Ah, sim. Brenna. Claro. "É um sentimento comum", digo, secamente.

“Não estou falando *de você* . É claro que ele está muito feliz com você— ”

"Feliz?", eu rio. "O cara que sempre parece estar a um fio de cabelo de furar todos os pneus do universo?"

Layla balança a cabeça. "Quando soube que ele havia encontrado sua companheira, e que não havia reciprocidade, meu primeiro pensamento foi que era uma bênção disfarçada. Eu sabia desde o início que Koen colocaria a matilha em primeiro lugar. Afinal, sempre foi sua prioridade. Seria uma escolha terrível para qualquer Alfa — ou renunciar à matilha pela companheira, ou renunciar à companheira pela matilha. Mas na sua situação, se ele escolhesse a matilha, você

não sofreria com isso. Você não o queria, de qualquer forma. Isso tornou as coisas muito mais fáceis para ele." Ela engole em seco. "Mas isso — seu Calor, o que você está prestes a experimentar... Muda tudo. Koen agora está sendo solicitado a escolher entre respeitar o pacto ou garantir o bem-estar de sua companheira. E se você precisar dele, ele nunca vai dizer não."

“Eu nunca perguntei a ele. Eu não— ”

“Você realmente acha que precisa perguntar a ele, Serena?”

Fecho o edredom com força. Cerro o maxilar.

"A questão é que... *nós* também precisamos dele. O Noroeste precisa do Koen justamente por tudo o que acabei de te contar. E é por isso que não vou contar a ninguém." Percebo que seus lábios estão tremendo. "Ninguém jamais saberá onde ele passará os próximos dias. Ele será seu por um tempo, Serena. Mas depois, você precisa devolvê-lo. Então pense nisso como um empréstimo." Um último sorriso triste. "O que eu sempre digo à minha filha é que todas as mentiras vêm à tona. Espero que eu esteja errada."

Poucos minutos depois, a cabana fica em silêncio. Todos vão embora —exceto Koen.

CAPÍTULO 32

Indecente. Imundo. Ultrajante. Lascivo, no melhor sentido possível. Essas são as palavras em que ele está pensando.

SO GUERRO PARECE COM MIL CANETAS-TINTEIRO RASPANDO meu corpo da cabeça aos pés, mas

o cheiro de sangue, sujeira e do chá caseiro da minha tia perturbada é pior que a dor, então cerro os dentes e faço isso mesmo assim.

Calor, estou começando a perceber, talvez não seja um nome impróprio. Visto uma blusa sem mangas e um short, suando apesar do ar frio de novembro. Quando entro na sala, Koen está de costas para mim, falando ao telefone sobre fazer amigos e influenciar pessoas. Coisas típicas de um Alfa.

Encosto-me na porta, ansiosa para observá-lo, sem ser observada, por um instante. A tensão em seus ombros largos aperta meu peito. Mas ele precisa sentir meu cheiro, porque se vira para me encarar, e sinto como se seus sentidos estivessem se inclinando pelo cômodo, não lhe dando outra escolha a não ser rolar em minha direção e...

O telefone escorrega de sua mão e bate no chão de madeira. Vários pedaços se quebram e voam em todas as direções, mas ele nem olha para eles.

"Acho que você deixou seu telefone cair?", digo, apontando para os pés dele.

Ele continua me encarando. De repente, sinto uma imensa consciência do meu corpo. A forma como ele pressiona o tecido das roupas. Minha pele exposta. Os olhos escuros e instáveis de Koen percorrendo- a.

Num piscar de olhos, ele atravessa a sala e segura a lateral da minha cabeça para inspecionar a base do meu pescoço. É então que me lembro. "As manchas?", contorço a linha verde, como uma fita, sob a palma da minha mão. "Não é sangue nem nada. É só tinta."

"Quem fez isso?"

“Nele.”

“A garota humana *marcou* você?”

"Irene a instruiu. E você sabe como é, quando você está no meio de uma detenção ilegal e as pessoas começam a te fazer perguntas malucas, e você realmente não quer dizer sim, mas decide escolher suas brigas e dar uma chance a elas para que talvez mais tarde, quando você se recusar a assaltar um banco, elas não levem para o lado pessoal, e... Koen?"

Depois de vários segundos e um esforço considerável, ele consegue desviar o olhar do meu pescoço. Seu pomo-de-adão se move.

“Não consigo entender se você se ofende com isso ou...”

Um passo para trás. Ele pigarreia. Enfia os punhos nos bolsos da calça. "Não me ofendi", diz ele, com a voz rouca.

"Que bom saber que não sou um insulto ambulante. O que são?"

"Marcas. Ao redor das suas glândulas." Ele lambe os lábios. "São usadas em cerimônias de acasalamento."

"Certo. Irene tinha grandes sonhos para o meu Heat. Tomei banho, mas eles não se concretizaram." Arrasto os pés. Seus olhos em mim são ferozes. Carnívoros. Ele é um predador,

rastreando cada movimento de uma possível presa. "Koen? Você está agindo um pouco estranho sobre i sso."

"Certo." Mais um passo para trás — de alguma forma, ele se aproximou novamente. "Fizeram aquela nas suas costas também?"

"É, mas talvez tenha saído com a lavagem." Levanto o cabelo. "Pode conferir..."

"Não."

Eu congelo.

Ele xinga baixinho. "As marcas são..." Ele passa a mão pelos cabelos. Abre a boca umas quatro vezes antes de dizer "Linda".

"Linda." Meu rosto formiga de calor. "Não era essa a palavra que você estava pensando." "Não." Seu maxilar fica tenso.

"Posso esfregar com mais força. Ou cobri- los."

"De jeito *nenhum* ." Por fim, sua boca se suaviza em um daqueles sorrisos modestos e desarmantes que eu já sei que levarei para o meu túmulo.

Confuso, tudo isso. Eu me ocupo e me agacho para pegar o telefone. A tela está rachada, mas as outras peças se encaixam facilmente. "Aqui. Quer retornar a ligação?"

"Foi o Lowe. Mando mensagem mais tarde. Diz que você me derrubou."

"Credível. Você contou a ele que eu estava desaparecido?"

"E se arrependeu imediatamente. O Vampiro ligava para saber mais a cada dez minutos." "Você deu seu número a ela ou ela simplesmente pegou?"

"Esta última."

Sem surpresa. Olho para os meus dedos dos pés. Observo-os por um minuto. "Posso pedir para você não contar a ela sobre *isso* ?" Faço um gesto vagamente em forma de desequilíbrio neuroquímico. "Ela nunca me deixaria esquecer isso."

Koen cruza os braços, sério. "Duvido que alguém que faz sexo interespécies regularmente tenha um único dedo do pé para se apoiar. Além disso, ela raramente precisa *perguntar* para descobrir alguma coisa."

Ele tem razão. Eu me sinto tão... exposta. Exausta.

"Por que você tem tanta vergonha disso, Serena?" Ele parece genuinamente confuso.

"Não sei." Solto uma risada. "Talvez seja mais fácil se preocupar com o que as pessoas estão pensando do que com... a merda de verdade."

"Como?"

"Que meu pai matou seus pais. E você matou os meus."

Não acredito que tudo isso cabe em exatamente dez palavras. Nossos p assados, entrelaçados. Um... não, mais *quatro* motivos pelos quais nunca poderíamos dar certo. Como se precisássemos deles. Eles vêm com uma confusão confusa de perguntas que eu nem comecei a desvendar. Eu o ressinto? Ele me odeia? Estou com raiva? Quanto disso é culpa dele? Devo carregar os pecados dos meus pais? Posso perdoar? Ele pode? Há algo a perdoar aqui?

Ele está igualmente perplexo. Brincando com esses pensamentos impossíveis. Me lança um olhar paralisado e resignado e diz: "Alguns objetivos, certo? "

Eu rio. O som baixo e ondulante que ele emite também poderia ser riso. Nós nos olhamos assim, sem julgamento, sem medo de sermos julgados. Eu poderia viver

neste limbo estranho pelo próximo século.

"Eu faria tudo de novo", ele murmura por fim, sem tirar os olhos dos meus. "Mesmo sabendo o que isso fez com você. E por isso, estou mais arrependido do que jamais estarei."

Nós não somos humanos.

A dor dele aperta meu peito. "Eu não quero que você... Se quando você olha para mim você vê Constantine, eu não quero que você..."

"Serena." Ele balança a cabeça. "Quando digo que faria tudo de novo, também quero dizer que passaria pelo que ele passou de novo. Se isso me trouxesse até você."

É uma ideia adorável: que os erros dos nossos pais possam ter tão pouco impacto em nosso relacionamento quanto o bater de asas de uma borboleta. Que *nós* somos uma escolha que podemos fazer. Que talvez não estejamos constantemente correndo contra o tempo. Lindo *demais* , talvez.

Levanto os punhos. "Direita ou esquerda?"

Ele bufa. "Que se dane esse jogo perdido."

“Você realmente quer renunciar a um dos dois prêmios, ambos de valor monetário inestimável— ”

Ele pega meu punho esquerdo, gentilmente afasta meus dedos e segura meus olhos enquanto leva minha palma à boca e...

"A i."

"É o que acontece." Seus lábios roçam a mordida suave que ele deixou ali. Tento não tremer enquanto ele desliza mais para baixo, até a marca na parte interna do meu pulso. Seus olhos fazem coisas estranhas enquanto ele inala profundamente.

"Assassino", ele murmura. "Você cheira..."

"Bom? Ruim? Mofado? Tipo um beignet?"

Ele solta meu braço. Passa a língua pelos dentes. "Cheira perto. Você cheira *perto* ."

Eu também *me sinto* próxima. "Você escolheu a esquerda. Portanto, você ganha um prêmio— "

"Chega de papo furado."

"Tudo bem. Vou te mostrar uma coisa. Vem."

Ele me segue até meu quarto, mas quando minha mão segura a maçaneta, ele agarra meu pulso para me impedir.

"Me dá um segundo", ele ordena. Como em transe. Nebuloso.

“Eu—Por quê?”

"Seu cheiro é *muito* intenso aqui." Ele demora um pouco mais de um segundo, mas consegue se controlar. Levá-lo para dentro parece um momento marcante, o que pode ser burrice da minha parte. Não somos fiadores de uma hipoteca. Nem estou pedindo para ele ser meu contato de emergência para a aula de spinning. O jeito como prendo a respiração não faz sentido. E, no entanto, aqui estou eu. Torcendo as mãos enquanto um cara observa a estrutura estranha, semelhante a um forte, de travesseiros, cobertores e edredons. Tudo é macio, macio, de pelúcia. Ontem à noite, coloquei a cama no nicho perto da janela e, acima dela, pendurei as luzes de fada que Ana deve ter deixado meses atrás. Elas tingem o lugar de um amarelo quente e indistinto, muito melhor do que a implacável luminária de teto. Além disso: elas tornam as inúmeras peças de roupa de Koen que roubei mais difíceis de localizar.

"Lembra quando a Layla falou em ninhos?" Minha voz treme. "Estou trabalhando nisso há um tempo. Sinceramente, estou aliviada que essa minha nova mania de adquirir coisas ruins É só uma fase. E... —Percebo que a almofada de veludo lilás está mal posicionada. —Desculpe, isso é um pouco... — Chego mais perto. Reorganizo-a várias vezes até ficar perfeita. Lido com uma cascata de imperfeições que precisam ser corrigidas imediatamente . Um minuto —ou dezessete

—depois, um momento de clareza me atinge. Olho para Koen. —Estou ficando completamente louca?

"Eu... acredito que isso pode ser comum", diz ele. De forma diplomática e incomum. "Deus. Você... você gosta?"

Ele olha fixamente para a cama com uma expressão vazia que minha única célula cerebral interpreta como desaprovação.

"Eu posso refazer. Agora mesmo, se você— "

"Não... Tenho certeza de que é bonito. Meus instintos não me levam muito a sério a estética e a integridade arquitetônica do aninhamento."

Franzo a testa. "Que instintos você *tem* ?"

"Eles são muito menos saudáveis." Sua risada é um meio gemido. "Menos sobre fazer ninhos, e mais sobre... destruí- los."

Porque esse é o propósito de um ninho. Eu o criei em um estado de fuga, um autômato em uma experiência de fluxo. Mas, embora eu estivesse obcecada por cada centímetro quadrado dele, nunca parei para pensar no que faria quando estivesse pronto.

Agora é óbvio que *eu* fiz isso para *Koen* ...

Sim.

Eu *não deveria* ficar tão surpreso.

"O que estava certo?", pergunta Koen, com a voz áspera. Ele está atrás de mim. Mais perto do que um momento atrás.

"O que?"

“Se eu tivesse escolhido a mão certa, o que eu teria ganhado?” “Nada é tão emocionante quanto uma pilha de cobertores.” “Isso cabe a mim julgar.”

Eu me viro. "Eu teria te contado alguma coisa."

"O que?"

“Não posso dizer, ou você ganhará os dois prêmios.”

“Seria tão ruim assim?”

"Não seria realista. Eu te disse, a vida real exige escolhas."

Ele resmunga, irritado, e se recosta na mesa. Mil pequenas pontadas quentes corroem meu corpo. Conforto, fome, dor, amor e inevitabilidade, tudo girando em meu estômago.

Talvez esta noite seja diferente. Talvez não fosse tão ruim quebrar as regras da realidade. "Eu teria te dito que... que você não precisa fazer o que está prestes a fazer." Meu coração bate devagar, alto. Febril. "Se você me ajudar a superar meu Calor, será um grande custo para você. Se a Assembleia descobrir, seria um desastre. Então eu teria te dito: obrigada, agradeço a oferta, mas não posso te pedir isso."

"Você não— ”

"Preciso perguntar. É, é o que você teria dito. E eu teria rebatido um pouco, dito que estou disposta a lidar com isso sozinha, porque não quero que você se arrependa depois."

“Você não pode— ”

"Mas você teria percebido. Então eu teria perguntado se você havia providenciado alguém para cobrir sua ausência nos próximos dias. E você teria dito... Amanda?"

Ele acena, descontente daquele seu jeito carinho so.

"E foi então que eu teria te dito como..." Respiro fundo, trêmula. "Eu teria te dito o quão vulnerável tenho me sentido no último ano. Despojada da minha vida. Da minha identidade. Da

minha agência. Da minha saúde. E agora, da coisa mais pessoal de todas. Daqui

a algumas horas, estarei louca. Serei uma criatura feita de *necessidade* , além do pensamento. E você cuidará de mim exemplarmente, como sempre. Você vai... Você vai me beijar, me tocar e me foder, porque é o que eu preciso, e essas serão as memórias que carregarei para o resto da minha vida: você, satisfazendo minha necessidades. E eu teria tentado fazer você entender que eu... eu quero *mais* . Eu gostaria de algumas memórias *reais* de nós. Não porque fomos encurralados pela biologia e pelas circunstâncias, mas porque estar juntos é o que nós dois queremos . Então, enquanto eu ainda estiver no controle, eu teria pedido para você... me beijar, e...

Koen não vem até mim. Ele se inclina para a frente e me puxa para si, puxando meu pulso. Não ofereço resistência e tropeço em seus braços. "É?"

Concordo com a cabeça. Ele se curva para a frente. Segura minha cabeça e usa o polegar para inclinar meu queixo para cima, os lábios roçando os meus. Então ele me faz esperar.

E espere.

Ficamos ali, à beira de tudo. Sinto-o em todos os lugares. Seu cheiro. O calor constante da sua pele. Seus dedos, percorrendo minhas costelas. "Deixa eu deixar uma coisa bem clara, Serena. Nunca vou me arrepender de nada disso, ok?"

Nossas bocas se tocam. Sinto como se fôssemos feitos da mesma matéria. Eu e ele, separados da matéria restante do universo. "Acho... que isso vai doer, Koen."

"Depois, sim. Mas ainda não."

"Ainda não."

Nosso primeiro beijo é tão romântico quanto nosso primeiro encontro, a primeira noite que passamos juntos ou minha primeira visita ao oceano com ele. É um padrão para nós: estreias memoráveis (na melhor das hipóteses) ou questionáveis (na pior). Desta vez, porém, a culpa pode ser minha. A impaciência. A falta de harmonia. Eu deveria ter pensado melhor nisso, ma s acaba sendo um roçar de dentes no canto da boca dele, o delicioso arrastar da barba por fazer, muito ar compartilhado e respirando entre nós. Meu lábio superior desliza contra o inferior dele, porque é o mais alto que consigo alcançar. Ele não me beija de

volta, mas há um gemido fraco em seu peito, alto o suficiente para eu ouvir.

"Serena", ele suspira, e melhora a situação. Nos vira para que eu fique sentada na mesa, ele entre as minhas pernas, e então é o roçar áspero da sua língua nos meus lábios, resp irações ruidosas, o calor das nossas bocas abertas. Dedos puxando meu couro cabeludo, novos ângulos, línguas se acariciando. Ele tem o gosto de uma versão destilada do seu perfume. Eu rio contra a junção da sua boca, tonta, e ele grunhe: "O quê?"

"Só..." Ele não me deixa terminar. Aprofunda o beijo. Desliza a mão por baixo da minha blusa e o prazer me assusta. Agarro seus antebraços. Quando ele chupa a glande no meu pescoço, expiro com dificuldade e digo: "Só que, para alguém que não fica com ninguém há mais de vinte anos, você não é tão ruim quanto você ... "

Ele me joga no ninho. O ar escapa dos meus pulmões. Estou de barriga para baixo, de pernas abertas. Rindo sem oxigênio. "Foi uma compli- "

Meus shorts e calcinhas são puxados *com força* para baixo. O colchão afunda entre minhas pernas.

“Eu estava brincando!”

"Eu também", ele diz, muito sério, dando um beijo de boca aberta na base da minha espinha. Eu tremo. Inspiro profundamente, mas minha garganta não obedece.

"Eu vi isso no primeiro dia em que nos conhecemos. Estava pensando nisso." Ele levanta a barra da minha blusa e apenas me encara. Eu me contorço quando ele pressiona os polegares em cada lado da minha coluna. "Covinhas. *Muito* fofas. Saudáveis, na verdade. Prontas para serem profanadas." Ele se inclina e sua língua traça a fenda da covinha direita. "Vamos, Serena."

"O-o quê?"

"Achei que você estivesse brincando. Brinque mais um pouco."

Eu escreveria um especial de comédia inteiro para ele, se suas mãos não e stivessem apertando minha bunda, fazendo meu cérebro zumbir como uma

espécie de...

"Telefone." Eu me arrasto para cima, apoiando-me nos cotovelos.

Ele cantarola como se tivesse me ouvido, mas continua olhando para baixo. Seus dedos me apertam, ávidos, como se ele não conseguisse *se conter* . Eu Viro-me e encontro-o com as pálpebras pesadas, a respiração superficial. Seus bíceps estão tensos, preparados, ansiosos. Seus dedos acariciam entre os globos da minha bunda.

“Koen,” eu suspiro, “é seu— ”

"Foda-se meu telefone", ele diz, distraído, curvando-se para lamber a outra covinha, e — “Poderia ser Nele, ou eles poderiam ter encontrado Irene, ou— ”

Ele geme contra minha nádega direita. Depois a morde como se fosse uma fruta.

“Koen!”

"Desculpe", diz ele. Antes de fazer de novo.

“Koen!”

"Eu pedi desculpas." Ele me dá um beijo na parte inferior das costas. Eu me viro no momento em que ele sai do quarto, percebendo seu sorrisinho.

Quem liga é Lowe, imaginando se a torradeira de Koen explodiu e o matou. "Tudo bem. Serena me derrubou", ouço-o dizer. E, após uma pausa, "Eu te disse, ela me espancou. Arrancou o telefone da minha mão com um tapa. O que há para entender?" Enterro meu riso em um travesseiro. E ali, em um ninho com cheiro de Koen, ouvindo conversas sobre jurisdições da matilha e autoridades humanas, caio em um sono profundo e tranquilo.

CAPÍTULO 33

Então é isso. Para isso que ele nasceu.

EUACORDE QUANDO AINDA ESTÁ ESCURO, SENTINDO-SE UMA ABOMINAÇÃO.

Minha pele coça, apertada demais para o meu corpo. Arqueio-me contra o colchão e pressiono a palma da mão contra o abdômen: algo quente e raivoso pulsa

dentro de mim, e se eu deixar que me destrua, talvez pare de arranhar minhas entranhas. Estou pegajosa. Coberta de suor, com fios de cabelo grudados no pescoço. Minhas coxas estão tão molhadas que me recuso a pensar nisso.

Isso não pode ser normal, nem para um Heat. Deve ser a minha biologia toda bagunçada. Layla... preciso ligar para ela. Talvez ela tenha algo para a dor.

Você vai mesmo fazer isso no meio da noite? Acordar uma mulher com uma criança pequena que pode estar com os dentes nascendo, só porque você tem um machucado? Você é tão egocêntrico assim?

Uma cãibra no corpo todo me parte em dois, e... *Sim, eu estou ...*

O número da Layla está na mesa do outro lado do corredor. Eu consigo chegar lá. Posso escalar as Montanhas Rochosas. Posso nadar até o espaço sideral. Talvez eu até consiga fazer tudo isso *e* ficar quieta o suficiente para deixar o Koen dormir. Ele está enrolado em mim, com o peito nas minhas costas, e eu deslizo delicadamente por baixo do braço que ele passou em volta dos meus quadris. Paro quando ele me aperta com mais força, mas é um reflexo, e um momento depois estou livre.

Ficar sentado me tira o ar. Minha cabeça gira, então faço uma merecida pausa e imploro ao meu coração acelerado para desacelerar. Estou me dando um pequeno incentivo. *Você consegue respirar, Serena . Já faz anos. Se sua vida tivesse uma avaliação de desempenho, ela* não *s eria marcada como uma área de melhoria.*

Então eu ouço: “Serena”.

Merda. Acordei o Koen.

"Só vou ao banheiro", minto. A voz sai arrastada, uma reação em cadeia de vogais e consoantes suaves, então acrescento: "Volte a dormir", me esforçando para pronunciar melhor. "Você está bem?"

A voz dele rola pela minha pele. Faz a coisa pulsando dentro de mim ronronar docemente. Por um segundo, quase me *sinto* bem. "É. Não se preocupe." É uma péssima ideia tentar responder *e* ficar de pé ao mesmo tempo. Não estou em condições de fazer atividades simultâneas: tudo o que me dá são joelhos bambos e mais dor de cabeça. Lembro-me de, antigamente, poder andar e mascar chiclete. Ah, glórias passadas.

"Serena." Um farfalhar atrás de mim. O colchão afunda enquanto o peso é redistri buído. Koen, sempre disposto a me mostrar, senta-se com facilidade. Sua mão se fecha em volta do meu braço para me puxar de volta para ele, e seu toque, o puro *êxtase* que ele proporciona, dói. Meu corpo inteiro se contrai. "O quê..."

Ele fica estranhamente imóvel. Tão quieto que me pergunto se ele também está se sentindo mal. Viro-me para examinar seu rosto na penumbra e, após uma longa pausa, ouço-o dizer: " *Porra* ".

"Desculpe", eu digo abruptamente. "Eu não queria..."

Faça uma bagunça na cama. Fazer uma bagunça com você. Fique muito doente.

Perder a cabeça.

“Eu vou—vou tomar banho e ligar para Layla e resolver isso e— ”

"Serena, venha aqui." Ele me puxa de volta para perto dele, me fazendo calar com os lábios contra minha têmpora.

Estou à beira das lágrimas, e não sei bem porquê. "Talvez você possa me ajudar a ir ao banheiro..."

"Silêncio, assassino. Peguei você."

Ele me abraça. Sou brega e nojenta e não quero me apoiar nele, mas cada centímetro de contato é puro paraíso. "Koen?"

"Relaxar."

“Não estou me sentindo bem.”

"Eu sei." Seu focinho roça atrás da minha orelha. Meu coração quase explodia de alegria. "Você vai ficar bem. Eu vou te ajudar a ficar bem."

“Preciso ligar para Layla— ”

"Querido."

“É que eu preciso— ”

"Você precisa fazer o que *eu* mandar." Seu tom é gentil e firme ao mesmo tempo, autoritário exatamente do jeito que eu preciso. Isso acalma minha ansiedade. Alivia minha inquietação. O cheiro de Koen é tão prazeroso que meu corpo floresce em seus braços. "Viu, matador? A gente consegue resolver isso." Ele lambe a glande no meu pescoço, e eu me afundo nele. É uma delícia. "Você não precisa ligar para a Layla. E definitivamente não precisa ficar longe. Sabe do que precisa?"

Balanço a cabeça. Seus lábios frios pressionam minha bochecha quente e manchada. "Você precisa ser fodida, Serena."

Ah . Faz tanto sentido que finalmente consigo calcular os últimos minutos. Claro. Estou prestes a entrar no Calor. Tudo o que preciso está aqui, nesta cama. Como não percebi isso antes? "Eu... eu esqueci?"

"Não acho que as eliminatórias sejam quando as pessoas estão mais lúcidas." Sua risada ressoa suavemente contra minha garganta.

“Então eu só preciso de...?”

"Vai se foder, sim. Eu cuido disso. Tá?"

"Por favor." Concordo com a cabeça, desesperada, toda tronco cerebral. É tudo o que eu quero. Estou vazia, e ele vai me preencher até a borda. A perspectiva me queima em branco. Minha visão embaça.

Eu também estou... A ideia de água espirrando no meu corpo me dá vontade de arrancar meus olhos, mas: "Posso... tomar banho?"

Koen inala profundamente. Nos vira até ficar pairando sobre mim, murmurando algo sobre o quão "inacreditável" eu cheiro. Morde meu maxilar, os dentes um pouco apertados demais, quase perigosos. Ele *poderia* me machucar, mas nunca faria isso.

“Espere. Antes de nós... eu vou tomar banho.”

Koen se apoia nas palmas das mãos e me encara, perplexo. "O quê?"

Você está irritando seu parceiro , uma voz meiga sussurra no meu ouvido. *No seu ninho, nada mais, nada menos. O que há de errado com você?* Dou de ombros e digo novamente: "Você preferiria que eu me lavasse."

Um bufo silencioso. "Eu não faria isso de jeito nenhum."

Não tenho ideia de como explicar o que está acontecendo comigo e manter a dignidade. "É que estou suada e meio nojenta, e também... Pode-se dizer que estou ansiosa, mas isso não transmite a profundidade da minha..." Fecho os olhos com força, mortificada. Sinto uma única lágrima vergonhosa escorrer de um canto.

"Serena, você *quer* tomar um banho?" Ele parece confuso. "Ou está perguntando porque acha que eu acho seu corpo nojento?"

"Esta última."

Koen solta o ar. Indignado, talvez. "Abra os olhos", ordena.

Não posso. Não quero. Mas percebo que isso não é uma opção quando ele levanta minha blusa, lambe um dos meus mamilos e o morde com força suficiente para que minhas costas fiquem eriçadas.

“Serena, abra seus malditos olhos.”

Sim. Por um longo momento, nos olhamos. Então ele explica, em tom neutro: "Você está tão molhada porque seu corpo estava se preparando para o que está prestes a acontecer. Ac redite, você vai precisar de toda a umidade que puder."

Liso. “Sinto que cheiro...”

“Fodível. Você cheira *pronta* . Você cheira transcendente, imundo e delicioso. Você cheira como se estivesse *prestes* a perder a razão, como se pudesse me machucar se eu não cuidar de você, e você sabe o que isso faz comigo, saber que meu parceiro precisa de mim? Você entende para que serve isso, certo? Para que servem os Heats?”

Concordo com a cabeça, mas me contorço embaixo dele. Posso estar mentindo.

"Você sempre cheira como se tivesse sido feita especialmente para mim. Para transar. Para estar por perto. Para adorar. Mas agora, você cheira como se fosse capaz de me dar qualquer coisa que eu pedisse. Se é esse o cheiro que você está planejando tirar... não faça isso por minh a causa." Ele se inclina para chupar minha glande, depois solta com um estalo lúgubre.

Estremeço. Vejo-o tirar a camisa. Sem tirar o olhar do meu, ele abre minhas pernas com os joelhos. Quando ele me encara daquele *jeito* , sinto como se pudesse...

Ele inspira fundo e fecha os olhos. Como se precisasse de um minuto. "Porra."

Observo-o se masturbar através do tecido da calça de moletom. Tenho estado perto de Koen bastante na última semana e não sou tão desatenta a ponto de não ter notado suas ereções, mas a protuberância do seu pau sempre me faz hesitar. Ele é... grande. Perfeito. Já vazando pelas roupas.

Quero tocá-lo. Quero fazer *tudo* com ele. Tudo o que ele pedir, ele pode ter. "É isso que te preocupa?", ele pergunta. "Que você esteja muito molhada?" Concordo com a cabeça. Não consigo dizer nada.

“Você realmente não tem ideia, não é?”

Um momento depois, seu rosto está na minha boceta. Seus olhos se fecham enquanto ele a lambe, chupa e a beija. Não sei dizer se ele está fazendo isso por mim ou por si mesmo, mas me arqueio em uma onda de prazer e tremo, ofego, imploro por mais. Ele puxa meu clitóris, acaricia cada dobra com a língua e morde a parte interna da minha coxa. Os ruídos que ele faz são assustadores. Animalescos. Deveriam me fazer estremecer, mas...

"Por favor", eu imploro. Agarro seus cabelos com as mãos. Esfrego seu rosto contra minha boca. Mas minha bunda está em suas mãos e ele controla todos os meus movimentos. *"Por fa vor."*

"Queria lavar isso, né?", ele rosna contra mim.

“Eu— Sim.”

"Ótimo. Só te ajudando, matador."

Concordo com a cabeça, sem fôlego, e aperto os lençóis com força enquanto ele me devora — como um lobo, com dentes, selvagem, a parte áspera e plana de sua língua raspando contra mim repetidamente, provocando a borda vibrante do meu ânus até que eu fique inchada, rosada e tensa, uma corda de violino implorando para ser arrebentada. Persigo a ponta, pressiono meus calcanhares na carne de seus ombros, sinto a pressão aumentar dentro de mim, aumentando cada vez mais e... "Por que eu não posso..." Eu me contorço, desesperada, frustrada. Ele está me destruindo. Sinto o deslizar de seu polegar pela minha fenda, a larga primeira articulação pressionando lentamente minha entrada.

"Apertado", ele murmura. Mas ele empurra mais fundo, depois prende só um pouquinho, e o prazer atinge o ápice tão alto que sei que cheguei lá. Eu deveria estar lá.

Por que não posso? "Koen", eu choramingo.

"Eu sei. Eu sei." Ele bebe mais de mim. Estou tremendo, à beira de um precipício. "Você não pode gozar, matador. Não quando está tão perto do Heat."

“Então por que você está—Por favor, eu preciso que você— ”

Uma última mordida, forte o suficiente para me acalmar. Um aviso. *Seja obediente* . "V ocê só quer ser fodida, não é?"

Sim. Por favor.

"Vamos ver." Seu tom é ameaçador, mas eu expiro aliviada quando ele abaixa as calças. Ele se abaixa em cima de mim, e seu cheiro é *de tirar o fôlego* . Mas

quando olho para o espaço entre nós, o vejo cutucando minha abertura com a cabeça rombuda do seu pau, e...

Minha respiração fica presa.

“É por isso”, ele diz, acariciando- se.

Ele é levemente assustador. Ele se empurra contra mim, mas em vez de deslizar para dentro, não vai a lugar nenhum. Não consigo mover meus quadris para ajudar, mas nada acontece. Um gemido sai de mim. "É-" Normal? Estou estragando tudo?

"Não é você", ele me tranquiliza, inclinando-se de lado, ao longo do meu corpo. "Nunca foi fácil." Ele se apoia no antebraço. "Eu esperava que ajudasse, que você estivesse quase no cio, mas..." Sua mão se abre contra minha barriga e desliza para baixo. Ele afunda um único dedo dentro de mim, e é *muito maior* do que um dos meus. Quando seu progresso para, ele me abre delicadamente. Lambe minha glande, dá uma lambida larga no meu pescoço e talvez cede um centímetro. Um único passo na escada para Machu Picchu.

"Dói", suspiro.

"É mesmo?" Ele beija minha bochecha. "Você está muito cheia? Ou muito vazia?"

"Eu quero mais." Tento aceitá-lo também, empurrando minha pélvis para cima. Koen me impede tão facilmente que é constrangedor.

"Ei", ele diz, tranquilizando-a. "Eu quero muito, muito mesmo te foder. Você sabe disso, né?"

Eu concordo.

"Ótimo. Não posso apressar isso, matador, porque se você ficar dolorido, machucado ou, Deus me livre, dilacerado, não vai ter nem dois dias para se recuperar. Quando o seu Calor começar de verdade, você vai me querer dentro de você, seja doloroso ou não. Então, vou me mover devagar. E preciso que você faça o que eu digo. Certo?"

Outro aceno de cabeça, mais contido. Um "Minha boa menina" roçado contra meu queixo ajuda seu dedo a afundar fundo o suficiente para que ele possa, lenta e implacavelmente, enfiar outro dedo lá dentro, enfiado ao lado do primeiro. Eu o aperto com força suficiente para fazê- lo grunhir. O alongamento queima tão bem que não consigo evitar me contorcer. Minhas unhas cravam em seu braço, em seu pulso, em busca de apoio, um contraponto. Meus quadris não param quietos, meu corpo inteiro se contrai, ainda preciso *de mais* , mas estou sendo boazinha. Estou fazendo o que ele diz.

"É, você é." Sua risada é áspera e trêmula. Outro beijo carinhoso e suave, desta vez no canto da minha boca. "Você nasceu *para* isso. Um pouco mais, né?" A realidade se esvai. O suor escorre do corpo dele para o meu. Eu balanço da cabeça aos pés, contraindo-me em torno de dedos grossos demais e de menos. Estou no limite, e a linha de chegada continua se afastando cada vez mais, e...

"Também não pode gozar assim, querida? Tudo bem, quase lá. Leve-os um pouco mais fundo e podemos tentar de novo." Alguns incentivos suaves — *sim* , *ótimo* , *olha só você* , *só mais um pouquinho* — e então ele está em cima de mim de novo, mordendo meu lábio inferior enquanto se aprofunda. Desta vez, os primeiros centímetros entram direitinho.

"Sim", eu digo, erguendo o joelho que ele não está prendendo ao colchão. "Sim, sim, *sim* ." Ele estremece e sorri ao mesmo tempo, e há algo de jovial nisso, algo que parece fresco no rosto de Koen. "Viu, estamos chegando lá." Dentes se fecham em volta do meu lóbulo da orelha. "Você só precisa ter paciência. Não é?"

Sim.

"Eu pensei que sim." Ele envolve minha garganta com a mão, polegar e indicador em cada lado do meu maxilar. Ele não pressiona, mas é um aviso, um lembrete de quem está no comando. Eu me pergunto o que há de errado comigo, para sentir tanta gratidão por isso, e lágrimas escorrem pelo meu rosto.

Nós não somos humanos.

Não estamos mesmo. *Eu* não estou. Nunca senti tanto quanto agora, com o Koen lambendo as lágrimas da minha têmpora. "Quieta", ele sussurra no meu ouvido. "Não me faça gozar cedo demais. Deixa eu te acostumar."

Eu continuo com a parte inferior do corpo, obediente. Ou não. Quando inclino a cabeça para o lado e raspo os dentes ao redor da glândula em sua garganta...

"Puta merda." Seu controle desaparece. Nossos olhares se encontram. Ele segura meu pescoço para cima, os dedos abertos, pressionando meu queixo. Indicador e meio mergulham na minha boca, deslizam sobre a minha língua, o aperto firme o suficiente para me impedir de mover a cabeça novamente. Então seu pau penetra mais fundo em mim, sustentado, implacável, longo, grosso e demais. Imploro por mais dele em volta dos seus dedos, mesmo que cada centímetro que desce me faça pressionar as palmas das mãos contra seus ombros para empurrá- lo para longe. Meus calcanhares se contorcem contra os lençóis. Tento abrir espaço que não existe. "Respire", ele me diz. "Apenas respire, Serena."

Estou tentando , não consigo dizer. Quero tudo. Nada. Não... tudo. Balbucio coisas sem sentido, agarrando os músculos dos seus braços, segurando a grande extensão das suas costas até

que o suor faça minhas palmas escorregarem. Durante todo o tempo, Koen faz exatamente o que eu preciso. Já passamos das palavras e dos gestos. Já passamos da capacidade de mentir. Somos Lobisomens e nos comunicamos por aromas.

Ele entende o que eu quero: ser arrombada. "Está tudo bem, Serena. Quase tudo dentro. Calma." Um pouco mais. Um pouco mais. Não tem espaço, mas ele vai conseguir. Uma beliscada no meu mamilo, um beijo na minha glande, uma cutucada no meu clitóris de cada vez. "Acho que gosto disso", diz ele, tenso. Com os olhos turvos.

"Você t-acha?" As palavras abafam-se contra seus dedos. Meus músculos internos estão esticados demais. "I-isso é lisonjeiro."

Sua risada é um bufo sufocado. "Eu quis dizer... ter você assim. Exposta. Presa." Sua mão desliza para segurar minha cabeça. Ele beija meus lábios, gentilmente. "Em questão de dias, você vai embora, e eu passarei o resto da minha vida como seu servo de merda. O que quer que você me peça, você terá. Mas aqui está você. Indefesa. Minha por um curto perío do."

Ele quase se retira. Empurra para dentro novamente. Meu gemido encontra o ar que sai dele. Ele repete o mesmo movimento, com os olhos arregalados, os

lábios curvados em um sorriso estupefato e incrédulo. Sinto-o reorganizando minha boceta, minha alma, toda a minha maldita vida, e perco a cabeça. controle do meu corpo. Minha cabeça cai para trás. Minhas coxas tremem. Suas estocadas são lentas. Superficiais. Redefinidoras.

"É bom", eu digo, querendo dizer que é a melhor coisa que já senti na minha vida, sem dúvida.

"Está bom", ele concorda, parecendo querer dizer exatamente a mesma coisa.

Outra carícia. Outra, lenta, como se quisesse que cada uma durasse o máximo possível. Ele se deleita. Se entrega a cada segundo de fricção. "Serena", ele suspira contra minha bochecha. "Acho que pode ser o fim para mim."

Seus braços deslizam sob minhas costas antes que eu possa perguntar o que ele quer dizer. Me envolve em um abraço apertado. O arrastar de nossas peles. Ruídos molhados. Um calor terrível e avassalador. Seus olhos, nunca deixando os meus. Tudo gira em conjunto e se resume ao lugar onde Koen está me fodendo.

"Eu vou gozar", ofego, e me contorço em volta dele antes mesmo de terminar de anunciar, apalpando desesperadamente seu ombro. Ele fica parado enquanto eu gozo, esperando, espremido lá dentro, pressionando contra todos aqueles pontos.

Quando termino, ele beija minha bochecha, diz o quão bonita eu sou e ordena, implacavelmente: "De novo".

Quero rir dele, mas ele me faz gozar em menos de um minuto com movimentos lentos dos quadris e assiste a cada segundo que passo desmoronando.

"Serena", ele diz, mas não há som algum além dos gemidos na minha garganta. "De novo." "Não consigo", digo a ele, mas estou tão errada, e seu ritmo é medido, um ritmo paciente e implacável, e desta vez minha liberação é tão intensa que esqueço de respirar.

"Absurdo", diz ele, e sei que vai me pedir mais. Ocorre-me o quão aterrorizante deve ser, para um Alfa cuja existência se baseia no controle, o desenrolar que vem com tanto prazer as sim. Será que ele sabe? Será que alguém o viu tão vulnerável nas últimas duas décadas?

Levanto a mão para segurar seu rosto. Beijo seus lábios quentes. Digo: "Koen. Da próxima vez, gostaria que você viesse também."

Ele não consegue me dizer não. Os movimentos constantes e controlados tornam- se frenéticos, pulsantes, a espessura do seu pau me preenchendo repetidamente, palavras de

adoração e lascívia murmuradas em meu ouvido. Outro orgasmo me invade. Seu pau fica ainda maior e mais cheio, e...

Minha respiração fica presa na garganta. "O quê... Koen?"

Ele me beija, profundamente. Adorável. Ele não está mais se movendo, apenas se esfregando dentro de mim, tentando encontrar o ponto perfeito, e a sensação de plenitude se torna insuportável. Sinto uma pontada de alarme. *Pare* , eu deveria dizer. *Pare. Não é normal. É demais.* Mas não é. E Koen sabe disso.

"Pega." Ele empurra mais fundo. "Seja bonzinho e pegue meu nó."

“Eu—eu não— ”

"Você *tem* . Você foi feito para isso. Como eu poderia pensar em transar com outra pessoa, se você aceita isso tão bem?"

O pau dele começa a se sacudir, e ele me aperta mais forte, gemendo contra minha glande, algo sobre sua "companheira perfeita" e sua "boceta perfeita e apertada" que quase soa como poesia, e seu orgasmo dura... minutos, eu acho. "É isso", ele diz entre dentes. "É para onde vai o meu gozo."

É perfeito. Passo a mão pelos cabelos dele e o abraço, sentindo sua respiração ofegante reverberar através de mim, os sons do seu prazer. Estar preenchida, vê-lo se entregar, é tudo tão bom, outro orgasmo me atinge, tão violento que tudo fica borrado nas bordas.

Eu fico ali, tendo espasmos, segurando firme, por um longo tempo.

Tanto tempo que me assusto quando ele diz: "Estou te esmagando". Ele me rola para cima dele, meus seios achatados contra suas costelas, e ele continua lá

dentro, tão duro quanto quando começamos. Na verdade...

Eu me contorço. Balanço os quadris. Puxo o que quer que esteja acontecendo lá embaixo, o que quer que esteja impedindo que nos separemos completamente ainda. É como se ele estivesse alojado dentro de mim. *Trancado.*

Testo a conexão e percebo que ela se mantém firme. A parte racional de mim diz que eu deveria estar em pânico, mas meu cérebro posterior está no comando no momento e está profundamente bem com o que está acontecendo.

Instintos , disse Layla. E um deles é contrair meus músculos internos para garantir que não haja nenhuma cessão.

"Porra", Koen xinga, e ele goza de novo, uma explosão curta que o faz empurrar os quadris para cima de mim, e ele murmura para mim que "não precisa", que ele "já está gozando" em mim, que eu sou "tão boa" que vai "destruí-lo". Então eu faço de novo, só para observar o prazer transformar seu rosto, os tendões de seu pescoço forte em relevo enquanto ele se arqueia para trás, seus músculos tensionando e relaxando.

E mais uma vez, porque ele está *perdendo a cabeça* , e eu adoro isso.

Eu poderia continuar. Em vez disso, pergunto: "Koen?"

Ele está sem fôlego demais para responder, mas me dá um beijo de reconhecimento no topo do cabelo.

“Por favor, não interprete isso como uma reclamação.”

A mão dele acariciava minha espinha, mas parou. "Eu te machuquei?"

"Nada disso. Mas acho que vou precisar de uma aula de anatomia de Lobisomens antes de... Na verdade, acho que vou precisar agora mesmo."

Ele abaixa o queixo. Ele me observa para ver se estou brincando.

"Bem", ele diz finalmente. "Porra."

CAPÍTULO 34

Um momento roubado. E outro. E outro.

EUNÃO *ACREDITO QUE* LAYLA NÃO MENCIONOU ISSO!”

"Ela provavelmente presumiu que você sabia." Koen sorri um pouco e continua tamborilando os dedos na curva do meu quadril. " *Eu* certamente sabia."

"Isso é de cair o queixo. A Lowe tem uma?"

Ele franze a testa. "Eu não testemunhei isso pessoalmente, mas..."

"Eu não quis dizer... que não estou interessada no pênis do marido da minha melhor amiga. Ou estou, se ela quiser, sabe, falar sobre isso por causa dos problemas que eles estão enfrentando. Digamos que ele esteja lutando contra a disfunção erétil e a Misery queira se abrir comigo, eu não diria, ' *Não me importo, cala a boca* ', mas também não pediria fotos nuas da Lowe..."

“Serena.”

Pigarreio. "Acho que Misery tentou me avisar."

“Sobre nós.”

“Achei que ela estava falando besteira, então a ignorei.”

"Compreensível."

Existe uma lenda urbana humana de que os lobisomens têm pênis infláveis, mas acredita- se que seja inventada. Como o boato de que vampiros se pulverizam ao sol? Mas, vejam só, encontramos uma única teoria da conspiração baseada na realidade. É claro que é a da genitália. Koen não responde, então me apoio no antebraço e olho para ele. O *nó* — aqui estou eu, usando um novo vocabulário em frases completas — se desfez, mas ainda estou meio em cima dele. lúcido novamente. Ele brinca com meu cabelo, marca cada centímetro da minha pele, aperta a gordura e os músculos do meu corpo, movendo-se de uma curva para outra como se não conseguisse parar, mesmo se quisesse. Eu me pergunto se ele está guardando cada pequeno toque para depois. Se ele tem consciência do que está fazendo, me encarando com um meio sorriso fraco que é simplesmente...

Apaixonado.

É como uma pedra no meu estômago, a transitoriedade disto. De nós. Somos momentâneos. Impermanentes. Condenados.

Ele merece coisa melhor. "Então", digo, despreocupadamente, um pouco forçado. "Você gosta de sexo, afinal."

"Eu disse que não?"

"Não. Só..." Mordo o lábio inferior. "A Amanda disse que você nunca pareceu sentir falta de nada."

"Porque eu não fiz."

Engulo em seco. "Você acha que... Depois que isso acabar, será mais difícil para você voltar a não ter mais?"

"Serena", ele diz, ponderado e sereno. "Nada disso tem a ver com sexo."

“Então o que— ”

“Você. Tudo isso é puramente sobre *você* .”

Sento-me, desesperada para encontrar a coisa certa a dizer. O lençol desliza até meus quadris, e Koen não finge olhar para outro lugar além dos meus seios. "Ainda *espetacular* ?", brinco, lutando contra o impulso de me cobrir. É um pouco desconfortável estar em exposição, mesmo depois do que acabamos de fazer.

“Espero que você nunca descubra as coisas que fiz pensando nelas.” Eu coro. "Eu tinha tanta vergonha do meu corpo. Por muito tempo." "Por que?"

Eu levanto os joelhos. Cubro-me. "Só o efeito colateral de ser a companheira baixinha e peituda de uma mulher alta, elegante e parecida com um cipreste." "Criatura princesa." Minhas bochechas estão quentes. "É legal, eu acho. Que você não esteja decepcionada com a minha aparênci a."

"Decepcionado?"

"É. Quer dizer, poderia ter acontecido de outra forma... Por que você está me encarando como se eu tivesse acabado de dizer que as asas dos anjos são feitas de mingau?"

Ele suspira, sem palavras. "Sabe de uma coisa? Você não entenderia. "

"Como assim?" "Deixe isso pra lá." “Mas eu quero saber.”

"Só..." Ele morde a parte interna da bochecha, procurando as palavras certas. "Você é minha companheira. Eu teria te desejado, não importa o que acontecesse. Eu *vou* te querer, não importa o que acontecesse. Mas você também é..." Ele lambe os lábios. "Se alguém tivesse me dado um pedaço de papel e me pedido para listar tudo o que eu gostava, tudo o que eu sonhava, tudo o que eu tinha certeza que me faria feliz, você teria sido o produto final disso."

Meu coração dispara no peito. " *Boa frase* ", quero dizer a ele, só para amenizar a dor que ela me causa nas costelas. " *Não precisa desperdiçar comigo, já tenho certeza."*

Mas é tão óbvio que *não é* uma cantada. Ele está tentando me explicar algo, algo que ele sabe lá no fundo, e eu...

Acho que estou ouvindo.

"Nunca poderia haver decepção, porque nunca houve comparações, expectativas, esperanças ou padrões a serem alcançados. Só existe..." Ele lança um olhar ao redor da sala, procurando. Então seus olhos pousam em mim. "Só existe você, Serena."

É inaceitável, sua expressão de adoração. Escondo meu rosto em chamas nos joelhos e me esforço para encontrar algo, qualquer coisa para dizer, mas minha mente está em branco e...

"Ei." Ele me puxa para mais perto, para seus braços novamente. "É um Calor. É normal se sentir instável. Eu te peguei, ok?" Concordo com a cabeça, e ele entrelaça os dedos nos meus. Levanta meu braço e inala a pele na dobra do meu cotovelo, onde meu cheiro se acumula. "Eu poderia morar aqui", ele murmura.

"Neste vinco." Um beijo, lábios macios.

“Achei que meus cotovelos eram 'afiados demais' para o seu gosto distinto.”

Ele sorri. Me belisca. "Vai aumentar de novo. Em breve. Você vai se sentir cada vez mais fora de controle."

“Mais fora de controle do que antes?”

"Sim."

"Como você sabe?"

"Eu sou o Alfa desta matilha. Eu sei de tudo."

Eu aperto os olhos. "Qual é a raiz quadrada de pi?"

“Zero ponto nove.”

"Ok, eu deveria ter te feito uma pergunta cuja resposta *eu já sabia. Só estou surpreso, já que você nunca teve a necessidade de passar um Heat com..."*

"Eu me eduquei quando você começou a cheirar como *se* tivesse essa exigência." Ele me levanta para a curva do seu corpo. Me abraça. "Acredite em mim só uma vez."

"Hum."

“Descanse enquanto pode”, ele ordena.

Por que não? Que bom. Perfeito, até. Adormeço aninhada sob o queixo dele. Ainda pensando que... pior do que antes? Provavelmente um exagero. Vou ficar bem.

NÃO É. (UM EXAGERO.) MAS EU ESTOU. (BEM.)

Melhor que.

Me atinge na metade do primeiro dia, na luz do fim da tarde, um breve momento

de clareza enquanto olho para os ombros largos de Koen brilhando acima. Ele balança dentro de mim lentamente, num ritmo lânguido e molhado. Acabei de gozar. Algumas vezes. Ele ainda não gozou. Ele tenta... Faça com que dure o máximo possível, sempre, e essa é a melhor sensação que me lembro de ter sentido em anos. Meu mundo, quando reduzido a apenas Koen e nosso ninho, é leve, gentil e cheio de alegrias.

Eu me inclino para trás. Observo sua boca entreaberta. Seus olhos, fechados, se apertam mais a cada investida. Como se ele precisasse se preparar. Construir uma represa a cada vez, para impedir que seu orgasmo transborde. O prazer está estampado em suas feições.

Eu aliso seu cabelo úmido para trás com a palma da mão e digo: "Koen".

Suas pálpebras se abrem. Ele se aconchega na minha mão como uma fera enorme e meio domesticada. Dá um beijo mordaz na carne bem embaixo do meu polegar, um convite para continuar. Isso me dá um espasmo por dentro.

"Obrigada", digo a ele. "Por isso."

“Eu disse para você não— ”

Eu me arqueio para calá-lo com um beijo e, com um palavrão suave, ele desliza um braço entre minhas costas e o colchão para me puxar para cima.

"De nada. Sorte sua que eu sou tão" —um golpe mais forte —" *altruísta* ".

Inspiro fundo, já tremendo ao longo do seu pau. Meu orgasmo cresce rápido, violentamente, uma onda quente que faz minhas coxas se apertarem em volta dos seus quadris. "Não, eu... Obrigada. Por tornar isso tão..."

Antes que eu possa dizer a ele o quão desorientadoramente *bom* isso é, seu nó está crescendo, grosso, inescapável, e ele está ocupado demais puxando uma das minhas pernas de volta para o meu peito para ouvir o que eu tenho a dizer.

É assim que as coisas devem ser , eu acho . *Sempre.*

DEPOIS DE SEMANAS DE ABANDONO, MEU APETITE VOLTA NO PIOR MOMENTO POSSÍVEL.

Decido ignorar o assunto e me concentrar no que está rapidamente se tornando minha coisa favorita no mundo: me debater e implorar para que Koen faça alguma coisa, qualquer coisa, *tudo* comigo. Infelizmente, ele realmente se educou. sobre Heats. Ele não só decorou um panfleto de consultório médico, como também é extremamente literal sobre isso.

Podemos começar de novo depois que você comer um morango , ele me diz.

Mais um gole de suco. Assim mesmo. Seja bonzinho. Me dá mais um.

Abra. Não, depois não — *agora.*

Você precisa beber. Um beijo na pele corada da minha garganta. *Garotas no cio só conseguem o que pedem se terminarem de beber água.*

"Você sabe que não vai receber uma visita surpresa do inspetor de calor, né?", pergunto entre goles rasos de eletrólitos. "Não há adesivos de aprovação para quem faz exatamente o que o livro didático..."

Ele segura meu queixo e bate a ponta do polegar nos meus lábios, pressionando-os até que eu não tenha escolha a não ser abrir. "Como é óbvio que sua boca não está ocupada o suficiente, você vai tomar outro copo antes de continuarmos."

A nutrição é uma bênção. Pela primeira vez em meses, não estou exausta, nem tonta, nem confusa. Não tenho dor de cabeça. Na verdade, sinto-me surpreendentemente saudável, mesmo enquanto me esfrego em Koen para que ele preste atenção em mim. A parte racional e cortical do meu cérebro sabe que ele nem sequer olhou para outro lugar desde o dia em que nos conhecemos. Mas, à medida que meu Calor progride, seu cheiro se torna compulsivo e meus desejos ganham um foco sem precedentes.

Koen é perfeito. Koen é forte. Koen é enlouquecedor, lindo e *meu* , e eu quero o que me é devido. Na melhor das hipóteses, estou apaixonada por cada centímetro do seu corpo, por cada palavra que ele sussurra em meu ouvido. Na pior das hipóteses, sou uma criatura selvagem, impaciente e rude que não tolera competição. Possessiva. Impossível de argumentar.

"Mimado", ele murmura contra meus lábios, mas há um leve sorriso nos cantos

dos seus olhos, nas teias de rugas que se irradiam deles. "Incômodo."

Então ele me senta em seu pau e me abre ao meio, e enquanto eu me esforço para reaprender a respirar com ele dentro, ele me alimenta com fatias de frutas, sussurrando: " *Querida. Isso é muito bom pra caralho."* Ele esfrega o polegar no meu clitóris, e eu o aperto com força. Minha mente se esvazia. Não penso no dia em que cheguei aqui, nos waffles de unicórnio e nas poucas cadeiras, e enterro meu rosto em sua garganta enquanto tento terminar de mastigar para que ele possa ir mais fundo, para que possamos nos *mover* ...

"Que incômodo *"* , ele repete quando minhas coxas apertam sua cintura, arrancando um grunhido de seu peito.

Eu ofego por ar, e ele grita de prazer quando eu chupo sua glândula o mais forte que posso.

AO FIM DO PRIMEIRO DIA, ESTAMOS OS DOIS UM POUCO FORA DE SI. A bomba hormonal explodiu dentro *do meu* corpo, mas Koen não foi poupado.

"Ok?", ele pergunta, antes de começar a balançar dentro de mim no instante em que seu nó anterior se desfaz. "Eu simplesmente não consigo..."

Concordo com a cabeça. Levanto os braços acima da cabeça, tentando não me contorcer enquanto ele beija, lambe, chupa, mordisca e *adora* meus seios.

"Espectacular pra caralho", ele repete. Não consigo conter o sorriso.

A essa altura, ele desliza para dentro como um sonho, e eu cognitivamente reformulo o conceito de sexo: não um ato com começo e fim, mas uma troca contínua de prazer e palavras sussurradas. Sei, racionalmente, que Koen e eu somos seres separados. Só não parece.

Eu gozo muito. O Koen também. Meus ex-namorados são memórias pálidas e cinzentas, sem esperança de romper a névoa rosa que me cerca. Sei, no entanto, que sexo nunca foi assim

para mim, e não consigo deixar de me perguntar: Qual é a dobradiça? O que faz a diferença, na verdade? A biologia do Heat? Ou o fato de ser com o Koen?

Nunca saberei. Essa é a condição: depois, cada um seguirá seu caminho.

Acaricio seus cabelos com os dedos. Puxo-o para um beijo. Nossos olhares se encontram, e seu rosto se ilumina com um sorriso.

“Ei”, ele diz.

"Ei." Eu me forço a sorrir de volta e esquecer o depois.

AS COISAS FICAM SÉRIAS NO SEGUNDO DIA. EU ACHAVA QUE FOSSE ANTES, mas... eu deveria simplesmente aceitar que não sei de nada e deixar a coisa fluir. É. É isso que eu vou fazer.

Não dormimos a noite toda, mas eu cochilo ao amanhecer, enquanto o nó do Koen e stá dentro de mim e ele ainda se contorce de prazer. A última coisa de que me lembro é dele gozando e sussurrando no meu ouvido: "Inacreditável, como você é irreal pra caralho, macia, molhada, quentinha e com todas as coisas boas do mundo, baby."

Abro os olhos e vejo a luz alaranjada do sol entrando pela janela. Pássaros cantam nas árvores altas que cercam a cabana, e Koen me abraça forte, minhas costas pressionadas contra o peito dele, ambas as mãos em volta dos meus seios.

Ele já está se movimentando dentro de mim, movimentos superficiais e staccatos que não parecem nada com o normal. Inclino a curva da minha bunda para trás para encontrá-lo, e sua inspiração profunda me diz que ele ainda não estava totalmente acordado.

"Merda." Ele enterra o rosto no meu cabelo. "Desculpa." Meu cheiro deve transmitir o quão pouco me importo, porque ele não para. Seus dedos longos se espalham pela minha barriga. Enroscam-se contra meu quadril. Ele me move contra si em pequenos círculos, como se eu fosse uma boneca, como se meu corpo fosse o objeto mais precioso que ele já teve. Ele desenvolve um ritmo tranquilo, entoa palavras que me fazem questionar se ele ainda está parcialmente dormindo. "É isso. Como eu quero acordar para o resto da minha vida."

Eu também devo estar dormindo. Digo a ele: "Sim, sim, por favor". Imagino: *E se ele simplesmente me levasse? E se eu vivesse aqui, neste ninho, Escondido,*

roubado, guardado? E se a minha vida inteira fosse só para estar aqui, para fazê-lo feliz? E daí?

Isso o deixa em frenesi. Ele me penetra, seu pau mais fundo do que nunca, chegando ao fundo. Eu o sinto no fundo da minha garganta. Com um movimento rápido, ele abre minhas coxas e me joga no colchão. A base da sua palma pressiona entre minhas omoplatas, me achatando, e é *sublime* ...

"Ótimo. Vamos lá, matador, você consegue. Encare como se... Ótimo."

Um calor percorre minha espinha. Uma pulsação na barriga. Tento me esfregar nele enquanto ele afasta os pelos da minha nuca para encontrar o redemoinho verde na parte superior das minhas costas. Obscenidades abafadas vibram pelo meu corpo. Louvores, arrastados. Sua língua contra a pele fina e frágil da minha glande.

Ele ainda não me tocou ali, desde que meu cio começou.

Um de seus braços envolve minha caixa torácica para me levantar, os dedos me machucando enquanto ele aperta com mais força. Um toque de garras roçando meu flanco, como se ele estivesse começando a perder o controle da transformação, as fronteiras entre homem e animal se tornando mais tênues.

É a melhor coisa que já conheci.

"Por favor", imploro, sem saber por quê. Mas ele sabe. Um gemido baixo. Ele me enche tanto que eu gemo de dor. Um hálito quente sopra contra meus cabelos, e ele mais uma vez pressiona beijos quentes e de boca aberta sobre minha glande. Eu gozo instantaneamente. Seus dentes raspam, depois tocam, depois se preparam. Ele está pronto para perfurar minha pele. Para afundá-los dentro de mim.

É como se o mundo parasse de girar. Cada célula do meu corpo se funde na parte superior das costas, onde fica minha glândula. Preparada para a cicatriz de Koen. Acolhendo- a.

Sinto seu nó começando a aumentar e, de repente, sei o que estou pedindo.

"Faça isso", eu digo. "Por favor."

Ele geme.

"Por favor."

" *Puta* merda."

Koen se afasta. Ele se afasta e me vira, me jogando de costas. Sua mão se prende sob meu joelho, me abre e ele me aperta daquele jeito. Eu gozo de novo. Tão forte que acho que vejo a borda do universo.

"Não me deixe fazer isso de novo", ele ordena, recuperando o fôlego. Olho para ele, tentando entender seu tom. Nunca o vi tão sério. "O quê?" "Você não me quer nem perto da sua nuca agora."

"Por que?"

"Você tem um cheiro inacreditável. E..." Ele cobre os olhos com a palma da mão. "Eu não conheço meus limites. Posso não conseguir me conter e acabar te mordendo."

É *exatamente* o que eu quero que ele faça.

Eu não digo isso, mas ele ouve mesmo assim.

"Não." Ele me puxa para mais perto. "Só vai piorar as coisas quando você for embora." Qualquer resposta que me venha à mente envolve gritar para ele que sei do que *preciso* . Eu também sei do que *ele* precisa, e isso envolve seus dentes de lobo tão profundamente dentro de mim quanto a física permite. Mas eu simplesmente gozei, e estou lúcida demais para forçar seus limites tão descaradamente.

Então, deixei que ele me beijasse. Deixei que ele me dissesse o quanto ama cada parte de mim, mesmo sem mencionar o todo. Deixei que ele tocasse o lugar onde nos unimos, onde o seu gozo e a minha umidade transbordam e escorrem, como se fôssemos a única coisa que importa na história do universo. Deixo que ele me faça gozar de novo, e massageio seu nó até que ele goze também.

Deixo que ele faça tudo o que quer e finjo que temos mais do que um curto

período d e tempo juntos.

Acordo no início da tarde e o observo dormir. Meu coração dispara e meu estômago borbulha com o quão bonito ele se tornou para *mim* , especificamente. Tudo o que seu rosto *significa*. Os lados dele que ninguém mais consegue ver . Maçãs do rosto que ficam cobertas de um tom oliva escuro quando passo meus braços em volta do seu pescoço. O nariz longo e reto que ele franze ao me chamar de estorvo. As cicatrizes que cortam seu rosto quando ele não consegue conter um sorriso, e as covinhas superficiais escondidas sob a barba por fazer que ele não se dá ao trabalho de barbear.

Eu poderia passar os próximos cem anos catalogando coisas novas sobre ele, e nunca terminaria. Ele poderia ser o projeto da minha vida.

Assim como eu sou dele.

O calor aumenta, mas deixo Koen descansar um pouco e vou até a cozinha pegar uma nova garrafa de água, tentando não pensar em como é errado estar fora do meu ninho.

Foi aí que ele me encontrou dois minutos depois e imediatamente me empurrou contra a geladeira. O aço inoxidável pressiona a parte de trás das minhas coxas, e eu tremi.

"Você está usando *roupas de merda* ?"

"É só o seu suéter. Eu posso— "

"Você não deveria ir embora."

Ele não está brincando. Ele está genuinamente chateado porque eu... andei seis metros e vesti um moletom? Hormônios, cara.

"Desculpe", digo, apaziguando-o. Ele não consegue evitar isso, assim como eu. "Não queria te preocupar. Vamos voltar para a cama."

Mas não fazemos isso. Ele me vira silenciosamente e me inclina sobre a mesa, sem se importar com os papéis espalhados por todo lado ou com a garrafa rolando para a sala. Ele me manobra até que um dos meus joelhos esteja na

borda e, uma vez que estou aberta, ele me penetra com tanta força que gozo na metade da primeira investida. Ele me aperta rapidamen te, em algumas estocadas gloriosas e sem cerimônia. Para ele, parece ser mais uma questão de me prender mais perto do que de gozar. mas minhas coxas tremem com meu orgasmo e o esforço para ficar em pé.

"Pobre assassina." Ele me abraça e beija minha bochecha. "Ela não fez o que lhe mandaram, e agora, veja."

Não parece um castigo, não quando o nó dele aperta dentro de mim. Essa pequena fricção, somada à mão dele dedilhando meu clitóris, me faz gozar tantas vezes que nem me lembro de ter voltado para a cama.

NA MANHÃ DO TERCEIRO DIA, A URGÊNCIA DIMINUI. Um pouco.

"Acabou?" pergunto a Koen.

Ele zomba. Vinte minutos depois, quando subo nele, desesperada por alívio, entendo o porquê.

Mas *está* melhorando. Menos intenso. Com períodos mais longos de normalidade. O *"foda - se ou morra"* está se esvaindo em favor de... "Foda-se ou chore, talvez?", digo a ele, e ele ri.

O fim disso está próximo, e não *quero* nem olhar para ele.

Sinto-me bem o suficiente para tomar um banho, mas Koen tenta me convencer do contrário, alegando que não vou mais cheirar como ele.

"Estamos na sua casa. Você está bem aqui. Não tem como eu cheirar como qualquer outra pessoa."

Ele resmunga por um tempo, mesmo enquanto se junta a mim e me ajuda a limpar, parecendo taciturno o tempo todo.

Fofo. Ele é tão *fofo* .

Pela primeira vez em semanas, a água não agride minha pele. "O que veio antes dos neandertais?", pergunto a ele depois. Ele dá de ombros. Faz beicinho.

“Seja lá o que for, você é aquele que *está diante* deles.”

Ele me joga uma maçã, e seu olhar *de "cala a boca e come"* é irônico o suficiente, acho que estou perdoada. Mas estou me iludindo, porque depois, quando a febre sobe de novo, ele me faz pagar com a boca na minha boceta.

“Eu não queria— ”

"Você não queria lavar meu gozo como se fosse algo ruim?" Ele chupa meu clitóris com tanta força que quase desmaio.

"Desculpe. Desculpe ... Koen, por favor, você disse..." Eu soluço. É demais. Bom demais. É isso que acontece quando as pessoas lentamente mergulham na loucura e no desespero? É *esse* o sentimento? "Você disse que eu não consigo sair dessa."

"Você não pode." Ele deixa uma mordida na faixa sensível onde minha coxa e meu abdômen se encontram. Eu grito, mesmo que a dor seja melhor do que a tensão constante e inquebrável.

“Então por que você está fazendo isso?”

“Porque, ao contrário de você, *eu* posso.”

Ele consegue. E consegue. Um minuto depois, eu o observo, de olhos arregalados, enquanto ele goza logo depois de me chupar. Ele rosna seu orgasmo na minha carne, estremecendo de prazer, me beijando por toda parte, e mesmo que eu fique tremendo e insatisfeita, mesmo ainda estando na casa dos vinte, sei que é a coisa mais erótica que já experimentei.

Quando ele se move para cima, ainda está duro, pegajoso novamente, e não consigo desviar o olhar. Minhas mãos tremem. Estou me aproximando rapidamente do ponto em que vou implorar, mas esta é minha primeira chance de realmente olhar para o nó dele. Já que geralmente está dentro de mim.

"Posso- "

Ele se recosta no ninho. Me puxa para perto dele, me apertando sob seu queixo.

"O quê?" “Posso tocar?”

"Meu pau?"

“Não, seu . . .”

Ele ri. "De todas as coisas para pedir permissão, tocar no meu nó não é uma com a qual você precisa se preocupar."

“É sensível?”

"Não tenho certeza. O nó e eu ainda estamos nos conhecendo."

Olho para ele. "O celibato inclui..."

Ele bufa. "Não. Embora a Assembleia adoraria monitorar a frequência com que eu me masturbo."

“Então... por quê?”

"Só acontece quando estamos com nossos amigos." Seus peitorais sobem e descem enquanto ele recupera o fôlego. "Ou depois que os encontramos, pelo menos."

“Ah.” Meu peito aperta.

"Vai passar logo. Nunca dura tanto quando não estou dentro de você. Ou talvez não. Fica muito feliz quando você está por perto."

Sento-me sobre os joelhos. Observo-o, fascinada com a liberdade que ele demonstra com o próprio corpo. Mesmo depois de três dias nua, ainda me sinto um pouco tímida quando o pego me encarando.

Mas ele disse que eu podia. Ou melhor, disse que eu nem precisava pedir permissão. Então, estendo a mão e passo o dedo delicadamente pelo seu pau. O calor suave dele é um pequeno choque, e percebo que ainda não fiz isso. Não o toquei. Não o apreciei.

Desço até a base, onde o nó ainda está distendido e escuro de sangue. Koen

estremece, os olhos piscando e fechados. Sua mão aperta o edredom com os nós dos dedos brancos.

"Dói?"

A pergunta o diverte. "Não."

É uma decisão impulsiva, aproximar-se. E talvez os vinte anos de celibato forçado tenham deixado um rastro. Talvez o Koen adolescente não tenha feito tudo *e* deixado algumas coisas de lado. Posso apontar o dedo para o momento exato em que sua expressão silenciosa e curiosa se transforma em compreensão arregalada: não até que minha boca esteja a apenas um fio de cabelo de seu pau.

Pego de surpresa, finalmente.

“Serena—” ele começa, então para com um gemido sufocado.

Rodo minha língua em volta dele. Chupo um pouco. Ele tem gosto de droga. Pulsa na minha boca. Me deixa em estado de estupor.

"Porra", ele xinga.

Não tento nada extravagante, mas Koen parece deslumbrado o suficiente. Sem palavras. Seu pescoço cai para trás, a testa franzida e coberta de suor. A cabeça do seu pau prende na minha garganta, e ele passa a mão pelos meus cabelos.

"Eu vou... Você precisa... Não." Suas bochechas estão escuras de sangue.

Eu cantarolo concordando, mas seu cheiro é como uma coleira, me puxando para mais perto, implorando por mais. Ele precisa de mim, *agora* . É inebriante tê-lo à minha mercê. Saber que seu prazer depende de mim. Eu sorrio, verdadeiramente feliz, e lambo seu nó *uma vez* .

É tão gratificante como ele começa a gozar imediatamente. Os sons guturais descontrolados que ele emite. Ele agarra meu couro cabeludo com tanta força que chega a doer, e então me puxa para o seu colo.

“Você é tão foda— ”

O pau dele não vacila. Ele me penetra com força, com os cotovelos enganchados sob minhas axilas, cruzados sobre minhas costas. O nó não permite que ele penetre tão fundo quanto queremos, mas ele certamente tenta.

Eu envolvo meus braços em volta do seu pescoço, seguro-o com força e me recuso a soltá - lo.

O CALOR ACABA NO QUARTO DIA.

A luz do sol da manhã entra sorrateiramente no quarto, salpicando todas as superfícies. Eu me espreguiço, abro os olhos e percebo que uma pedra do tamanho de uma pirâmide acabou de rolar dos meus ombros.

Não me sentia tão bem há meses, mesmo com aproximadamente trinta horas de atraso no descanso e precisando urgentemente de outro banho. Meu estômago é um poço cavernoso clamando por alimento. Estou dolorido entre as pernas, mas os sintomas de sempre desapareceram: sem dor de cabeça, sem distensões musculares, sem fadiga generalizada.

É uma mudança de paradigma. Os sintomas da minha febre aumentaram tão lentamente que se tornaram meu novo normal. Esqueci como é *não* me sentir como uma caixa de biscoitos

salgados velhos deixada aberta num armário em 1947. Não é nada extravagante —duvido que eu pudesse pular da cama e correr uma meia maratona, ou mesmo uma corrida de 5 km, sem precisar de reanimação imediata. Mas estou bem. Depois de estar à beira da morte, é meio que um grande problema.

Levanto o braço, direto para um raio de sol. Olho fixamente para a minha mão e, sem me estressar muito, penso no *meu outro* eu. Os sons crocantes que se erguem do leito da floresta. A corrente fria do primeiro mergulho num riacho. O puxão inescapável da lua.

Sim , meu corpo diz. Novas células se unem enquanto as antigas se desfazem. Minhas unhas triplicam de tamanho. Minha ulna e meu rádio se remodelam, e a carne ao redor deles segue alegremente o mesmo caminho. *Finalmente.*

Eu exalo uma risada alegre e alegre, girando meu membro em movimento para frente e para trás, saboreando a beleza de —

“Ainda não vi sua forma de lobo.”

A voz rouca e matinal de Koen me penetra. Ele ainda me segura, o braço pesado sobre minha barriga. Duvido que ele pretenda me soltar.

“Nem sei a cor da sua pele”, ele acrescenta, pensativo.

Forço meu braço a voltar à forma humana e me viro de lado, encarando-o. Ele é... perfeito. Meu, meu, *meu* ...

Não é meu de jeito nenhum.

Minha alegria por poder me transformar novamente se transforma em pavor. "Koen." Minha garganta se fecha. "Acabou."

Ele não me diz que sabe. Não concorda que seja uma merda. Ele apenas me encara com um sorrisinho satisfeito no canto dos olhos. Como se eu tivesse dado a ele tudo o que ele poderia querer, e ele não pretendesse pedir mais. Como se estivesse feliz demais com o que tivemos para ficar triste com o que perderemos em breve.

Como não aguento mais, faço o que sei fazer de melhor: minto. Para mim mesma. Para ele. Sem nem falar.

Ele facilita para mim. Acompanha enquanto eu giro. Me ajuda a manter o equilíbrio enquanto me ajoelho sobre seus quadris.

Ignoro a tensão na parte interna das minhas coxas e me acaricio contra seu pau totalmente duro. Minhas palmas percorrem seu peito. Ombros. O V do seu torso. Caixa torácica. Quero tocá-lo em todos os lugares, e toco. Até que seus quadris se elevem por vontade própria. “Serena”, ele murmura.

É um pedido de desculpas, eu acho. Suas mãos encontram minha bunda, minha cintura, meus quadris, mas não me agarram nem me prendem. Em vez disso, ele respira fundo, se acalmando, e me observa, esperando por orientação. Depende de mim. Estou pintando um quadro, e ele não quer atrapalhar minha visão.

Seja pela posição ou pelo fim do meu cio, levá-lo para dentro de mim é difícil

novamente. Koen não faz nada para ajudar e me encara, engolindo os ruídos de incentivo, fascinado pela maneira como tenho que parar e recomeçar aos poucos. Ele é grosso demais. Então, sinto uma súbita e úmida cessão dentro de mim, e ele não está. Suas narinas se dilatam e seus dedos se contraem nos lençóis. Só quando o tenho bem no punho, nossos quadris alinhados, é que sou recompensada com um toque de seu polegar no meu clitóris.

O alongamento me preenche até a borda e além, mas desta vez nenhum de nós se importa com conforto. A urgência continua lá, fervilhando entre nós, de uma forma diferente. O obj etivo

não é mais ter um orgasmo. Queremos... Não tenho certeza. Criar uma memória, talvez. Então, vamos devagar. Fazemos durar, quadris se curvando, subindo e descendo lentamente, vazio, depois cheio. Nossos olhos continuam vagando para baixo, para o lugar onde ele está enfiado dentro de mim.

Pele suada e pegajosa.

Agarramento desesperado.

Beijos suplicantes e entorpecentes.

De certa forma, é a nossa primeira vez. De *todas* as formas, é a última.

"Koen", expiro. Quero explicar a ele que ele está me reconstruindo de dentro para fora, me moldando em uma forma mais sólida e resiliente. Mas não consigo. Não quando ele olha para cima com uma expressão estupefata, como se a minha existência, do que estamos fazendo, fosse algo que ele não tivesse levado em consideração. Como se eu tornasse o mundo um lugar diferente.

"Koen", repito, gozando e agarrando-me molhadamente ao redor de seu comprimento. Ainda tremendo de prazer, inclino-me. Nos beijamos longamente, lentamente, de forma incriminadora. Desleixado e profundo.

“Koen”, digo novamente.

Ele permanece em silêncio. Nenhuma palavra — apenas o som áspero de sua respiração, seus lábios entreabertos e tudo o que não foi dito preso atrás deles. Mas é bom, o silêncio. Me dá a chance de dizer a única coisa que eu estava

escondendo. De me inclinar e sussurrar em seu ouvido: "Eu te amo. E eu nunca vou parar, não importa o que aconteça."

Gozo de novo, e ele goza também, o nó se expandindo, o prazer mais afiado que uma faca, nos cortando. Um dano irreparável que não dói o suficiente. O aperto de Koen aperta contra mim, deixando marcas do tamanho de seus dedos em minha carne. Ele é uma picada de ruídos sem palavras e olhos cegos, arregalados com algo que não consigo compreender.

Ele nunca diz que me ama, mas isso está escrito na minha pele.

CAPÍTULO 35

Seus deveres, o de sua matilha e o de sua companheira, deveriam estar partindo- o em dois. E, no entanto, ele nunca se sentiu tão intacto quanto agora.

TA PRIMEIRA COISA QUE AMANDA ME DIZ NO FINAL DA TARDE , quando saio da cabana vazia de Koen, é um firme "Não".

"Olá para você também." Eu me abaixo para acariciar Twinkles, rindo do seu rabo abanando entusiasmado. "Não..."

“Pense no pensamento intrusivo de que todo mundo sabe das coisas desagradáveis que você e Koen têm feito um com o outro nos últimos dias.”

Eu paro de repente. "Eu não ia fazer isso." Até agora.

"Ótimo. Continue assim. O círculo íntimo do Koen está muito feliz que a mamãe e o papai se deram bem."

Tenho tantas perguntas sobre isso que decido não fazer nenhuma. Sento-me resignada na varanda, apreciando o jeito como Twinkles se aconchega em mim, a brisa acariciando minha pele.

Quero *mais* disso. Quero explorar os penhascos e as praias como um lobo. Quero correr. Minhas células anseiam por isso.

"Você está..." Amanda me olha, cautelosa. "Tudo intacto? Eu sei que Heats podem ser situações, hum, tempestuosas. Ele não..."

"A mamãe não machucou o papai. Ou vice-versa", digo secamente. "E você? Como foi ser Alfa substituto?"

Ela geme. "Não aconteceu muita coisa. O pior foi uma discussão entre um garoto de doze anos que ficava chutando a bola de futebol no quintal do vizinho e o velho rabugento que ... "Decidimos incendiá-lo. Os pais intervieram, depois a aldeia inteira, e a coisa ficou *completamente* desproporcional."

"Emocionante. De que lado você ficou?"

"É isso que é ser Alfa: você não *toma partido* . Você media. Você conserta. Você tem autoridade para fazer as pessoas pararem de fazer besteiras, mas leva um tempo para consolidar isso. Koen? Ele estala os dedos, chama todo mundo de babaca, e tudo corre bem. Eu? Os membros da matilha reagem. Eles reclamam. Eles precisam ser persuadidos, e eu não sirvo para isso. Jorma pode assumir, se quiser."

"Fascinante." No mínimo, isso explica a perplexidade total de Koen quando as coisas ousam não sair como ele quer. "Mais alguma coisa? Nele e os humanos estão bem?"

"São sim. Nele disse que adoraria conversar com você em breve."

"Legal. Talvez eu pudesse..." Um baque forte me interrompe. Fico tensa. Rastreio Twinkles com os olhos enquanto ele corre para trás da cabana para investigar.

"Ah, é só o Koen. Ele saiu para correr e agora está cortando lenha."

Meu coração dispara. "Achei que ele tinha ido embora." Levanto-me, corando com a falta de cerimônia com que estou abandonando Amanda. "Tudo bem se eu... for cumprimentá-lo?" Seu sorriso é tão cúmplice que paro de me sentir mal por ela.

Koen está ali, perto da loja, e tudo se mistura para mim — a tensão em seus músculos grossos enquanto ele brande o machado; o cheiro de pinheiros; o brilho do suor em seu peito sem camisa, escorrendo para o cós da calça jeans. Ele respira com dificuldade, mas não para para descansar.

Observo-o por um tempo, me perguntando se é normal sentir... sentir *tanto* por uma única pessoa. Certamente, é injusto. Certamente, um amor tão profundo deveria ser reservado para o universo como um todo. Mas e se, para mim, ele for o eixo? E se ele for o ponto que mantém tudo unido?

É assim que se sente ao encontrar um parceiro? É possível que...

"Está tudo bem?", ele pergunta sem olhar na minha direção.

Meu coração dispara. "É." Respiro fundo. Ótimo. "Então, você *corta* lenha."

Ele se vira, com a boca se contraindo. "Às vezes. Isto é para os humanos." Ele muda a posição do machado, aloja-o no bloco de corte com um único movimento suave e fica ali, com os braços ao lado do corpo.

O que ele faria se eu fosse abraçá-lo? Imagino sua mão subindo para embalar minha cabeça. Seu coração batendo sob minha bochecha. A sensação envolvente de estar em sua presença. É tudo tão *vívido* ...

Mas não posso. Havia condições. Nós as aceitamos.

A brisa sopra entre as árvores. Um silêncio longo demais se instala. Desvio o olhar brevemente, e ele faz o mesmo. Há um tique em seu maxilar, e estou torcendo as mãos.

“Se—” eu começo, assim que ele diz, “Você— ”

Paramos. Seus lábios se curvam num sorriso. Os meus não. Este território é desconhecido. “Você primeiro”, ele diz.

"Certo. Obrigada." Não sei por que minha garganta parece estar travando. "A história com os Vampiros... acabou?"

"Owen limpou o conselho", diz ele calmamente. "Não há mais recompensa por você e Ana." "Ótimo. É, eu... Ótimo. Nesse caso..." Por que estou tendo que me lembrar de que era exatamente isso que eu queria? "Não tenho mais meu celular, por causa do... Posso pegar o seu emprestado? Preciso entrar em contato com a Nele e... e com a Misery. Precisamos resolver... bem." É a minha vez de sorrir. A

boca de Koen se contrai. "Tudo."

Ele acena com a cabeça, como se dissesse *que sim, claro* , que ia me entregar o celular. Mas diz: "Vem cá, matador."

Eu fico para trás, inseguro.

"Serena. Venha."

Desta vez eu vou. Paro a um passo dele. Finjo que o cheiro dele não me faz sentir em casa, como um cobertor, como se ele já estivesse me abraçando, e que meu coração não desaba quando ele diz: "Vou descer".

Pergunto: "De quê?". Mas eu já sei, então não dou tempo para ele responder. "Por quê?". Infelizmente, eu também já sei *disso* . Isso só me deixa com "Você não pode".

"Viu, essa é a graça de ser Alfa. Eu posso fazer o que eu quiser."

“Você está... Por favor, me diga que você está brincando.”

"Embora eu seja amplamente conhecido pela minha personalidade brincalhona e pelo meu timing cômico, não. Não estou brincando. Não sobre isso."

"Você... Nós conversamos sobre isso." Eu soava estridente. "A matilha é importante demais para você. E você é necessária para a matilha."

“As coisas mudaram.”

"As coisas... *nada* mudou. Você ama o Noroeste mais do que qualquer coisa."

“Nada mais que isso, Serena.”

Suas palavras são como uma pedra no meu estômago, afundando mais a cada segundo. Estou surpresa por ainda estar de pé. "Você não pode", sussurro. "Você não tem um sucessor escolhido."

"Vou esperar até que a situação com Irene se resolva", diz ele, como se tivesse um *plano* . "Então um dos meus ajudantes assumirá."

"Quem?"

“Amanda é a mais— ”

"Amanda não quer ser Alfa. E ela não é tão estabelecida quanto você — as pessoas a desafiariam."

“Ela pode vencer qualquer desafio.”

"Todos eles? Tem certeza? Porque bastaria uma derrota e ela estaria morta. E mesmo que ela ganhe, e o Saul? Eles estão fora agora, mas quem sabe quando voltarão?"

Seus lábios se contraem. "Seja quem for que assuma, não precisa ser permanente. E vamos ficar por aqui. Posso atuar como conselheiro por um tempo."

"Nós?", digo, frenética. "Nós não somos... Não diga 'nós'."

Não precisa ser Amanda. Há vários Lobis dominantes na matilha. A maioria é jovem, mas eles podem assumir o controle em alguns anos, e eu confiaria neles para— ”

"Koen, não. Você realmente *gosta* de ser Alfa. Você *vive* para dar ordens aos outros." Ele segura um sorriso. "Acho que de agora em diante, vocês vão ter que ser pessoas."

"Não. Você vai se demitir, e depois o quê? Fugir comigo? Ser meu namorado vagabundo? Vamos morar na floresta, discutir sobre o que jantar e..." Fecho os olhos e pressiono as costas da mão contra os lábios. Estou com dor física. Porque...

"Parece bom, né?", ele pergunta, com conhecimento de causa.

E sim. Sim, é verdade. Mas...

Precisamos dele , disse Layla. Amanda. Brenna. Dezenas, incontáveis pessoas. Até Irene. Meus olhos se encontram com os dele, desejando que ele entenda.

"Você é o coração desta matilha, Koen."

Ele assente. Mesmo enquanto diz: "E você é minha, Serena."

Isso é impensável. "Se você for embora por minha causa, e alguma coisa acontecer com o Noroeste... Vou me odiar pelo resto da minha vida. Da sua vida. *Da nossa* vida."

Aquele meio sorriso apaixonado, de novo. "Aquilo foi um 'nós'."

"Não foi." Eu me recomponho. "Há poucos dias você listou vários motivos pelos quais teve que escolher a matilha em vez de mim. O que mudou?"

Ele percorre o interior da boca com a língua. Espera o fim de uma rajada de vento particularmente forte. "Você me disse que me amava, Serena", diz ele simplesmente. Seus olhos são sinceros, líquidos. Tão profundamente *bons* . "E embora eu esteja disposto a renunciar a uma existência sem a pessoa que amo, recuso-me a condená-lo a isso."

Eu endireito os ombros. *Não chore. Não ouse chorar, porra.* "Foi um sexo muito bom, e eu... eu inventei, Koen. No calor do momento."

Seus olhos são compassivos. "Li sua carta."

"Meu . . . ?"

"Aquele na sua mesa. Com o meu nome escrito. Muda tudo, Serena."

A carta que escrevi para ele ler depois que eu morresse. Fechei os olhos com força, tentando bloquear as lembranças do que estava ali.

Sinto-me próximo de você. Tanto que às vezes me pergunto se o destino realmente existe.

Quando você está por perto, o universo parece mais suportável.

Essa coisa de companheiro... parece que eu tenho você na palma da minha mão? Como se estivéssemos presos um ao outro? Como se eu tivesse te mudado em nível nuclear? Pedindo para ser amigo.

Não. Nada disso importa. Eu conheço o Koen: se ele renunciasse, com o tempo ele passaria a se odiar. E *a mim* ... "Você tem lembranças claras", pergunto calmamente, "do meu Calor?"

Ele ergue a sobrancelha. "Serão a última coisa que verei antes de morrer."

"Ótimo. Então você vai se lembrar que eu pedi para você me morder. Várias vezes." A garganta dele funciona.

"E você não fez isso. Eu implorei, e você não fez." "Peça-me agora, e eu farei. Farei *aqui mesmo* — ” “Por que você não fez isso *então* ?”

Há um tique no maxilar dele. "Porque você não estava em posição de fazer a escolha." "Você tem razão. Eu não estava. Você diria que estou nessa posição agora?" Seus ombros ficam tensos. Ele sabe onde quero chegar com isso. "Estou lúcido. Esclarecido. Estou fazendo uma escolha, que é te deixar saber que, se você renunciar, será em vão. Eu não vou ficar com você." Meu queixo treme. Eu sigo em frente. "Então não se incomode— "

“Serena.”

“—fazendo isso, porque não vai— ”

“Serena.”

Ele se aproxima de mim, e eu engulo as lágrimas. Sua mão vai até minha bochecha, mas cai para o lado antes de fazer contato. Como se ele não tivesse mais certeza de que tem o direito de me tocar.

Eu fiz isso , acho, me deu náuseas. *Fiz isso com ele.*

"Não sei", diz ele, baixinho, quase inaudível. Ele para. Recomeça. Uma mecha de cabelo cai sobre sua testa, escura contra a pele bronzeada. "Acho que não consigo continuar sem você. Acima de tudo, acho que não consigo continuar sabendo que você precisa de mim e que não estou ao seu lado."

"Eu vou ficar bem", minto.

"Eu queria..." Sua boca se esforça para formar mais palavras. "Eu queria poder acreditar em você, mas..."

"Ei!", a voz de Amanda atravessa o estreito espaço entre nós. Volto minha atenção para ela, mesmo com os olhos de Koen fixos em mim.

“O que está acontecendo?” ele pergunta.

"A garota humana, Nele? Ela só pediu para se encontrar pessoalmente com Serena. Mas acho que seria melhor se você viesse também, Alfa."

Ele finalmente se afasta de mim. "Por quê?"

"Ela mencionou algo sobre Irene. E seus... planos."

No sofá macio e parecido com nuvens, envolvo meu braço em volta dos ombros de Nele e a deixo se inclinar em minha direção, apertando-a com mais força sempre que seu batimento cardíaco fica mais irregular. Koen senta-se do outro lado De nós, uma tentativa óbvia de lhe dar espaço. Quando isso não alivia sua ansiedade, ele diz: "Nada do que aconteceu, ou acontecerá, é culpa sua. Não importa o que diga, *não* vamos te machucar." É o tom reconfortante dele, aquele que faz maravilhas com Lobisomens, mas não tenho certeza se Nele acredita.

“E quanto a... E quanto ao meu avô?” ela pergunta fracamente.

"Você disse que ele estava na prisão", eu aponto, enrolando o cabelo dela atrás da orelha. “Sim. Mas Irene disse que você iria encontrá-lo e matá-lo, e que...”

“Nele, não tenho autoridade em território humano.” A voz de Koen é firme, mas gentil. "Ela disse que não importa. Que você iria..."

"Tenho certeza que sim. Eis por que não faz sentido: quem você acha que entregou seu avô às autoridades humanas há vinte anos?"

“Eu não... Você?”

Correto. Não matávamos humanos, a menos que fossem participantes ativos dos ataques ao Noroeste, ou estivessem entre nós e Constantine. Mais importante, descobrimos logo que não havia registros de nascimento de humanos nascidos

dentro do culto. Você entende o que isso significa? Nele fica em silêncio, então continua: "Poderíamos ter feito o que quiséssemos com eles. Se quiséssemos matá-los, já estariam mortos *há muito tempo* ."

Os olhos de Nele se arregalam e ela começa a tremer incontrolavelmente. Lanço meu melhor *olhar de agradecimento pela explicação diplomática* para Koen, cuja resposta é um aceno de cabeça sem ironia *: "De nada "* .

“O que Koen está tentando dizer é que ele acredita que sua família já foi punida o suficiente e não guarda ressentimento algum em relação a eles.” Koen parece ter pequenas reclamações sobre minha tradução mas sabiamente guarda tudo para si. "Está tudo bem?" Aperto a mão dela com mais força.

Era assim que Fiona se sentia entre os Favorecidos? Constantemente assustada? Se alguém tivesse sido gentil com ela desde cedo, será que ela ainda teria passado de vítima a cúmplice? Quando eu nasci, ela já era as duas coisas? Será que eu *a derrubei?*

"Nos últimos meses... Desde que descobrimos você na entrevista, na verdade, nós temos... Tem sido diferente." Ela lança um olhar rápido e assustado para Koen. O olhar brilha com lágrimas não derramadas. "As coisas ficaram mais... E aí mandaram Job te buscar."

"Trabalho?"

“O menino perto da casa de Silas”, explica Koen.

"Ah." Meu coração aperta. "Vocês dois estavam..."

"Ele era meu amigo. E disseram a ele que, se não pudesse te trazer de volta, não deveria se dar ao trabalho de voltar." Pela primeira vez, a mágoa em sua voz se mistura com raiva. "Então ele não voltou."

“Sinto muito, Nele.”

Ela assente. Lança um olhar perdido ao redor da sala, observando a decoração impessoal, mas acolhedora. "Não é como disseram que seria. Aqui, com os Lobisomens. Achei que você nos machucaria e nos trataria como se fôssemos indignos, mas conseguimos entrar e sair quando bem entendemos. Não é

perigoso para os humanos. Os Lobisomens são... Você tem sido gentil. "

"É tão deprimente" , Amanda nos contou no carro. " *Toda vez que levo roupas, comida e livros para eles e digo que não precisam pedir permissão para caminhar na natureza, eles me olham como se eu estivesse bebendo mercúrio. Dá para acreditar?"*

"Um culto mentindo para seus membros para controlá-los" , resmungou Koen, dirigindo com o cotovelo para fora da janela. *Inédito.*

Sério, que se danem a Irene, o Constantino e os Favorecidos. Que se danem todos eles. "O Noroeste é gentil", eu digo, "mas o que eles estão fazendo é o mínimo. Você merece respeito, e mais. Você deveria ter tido isso a vida toda."

Consigo ver as engrenagens em sua cabeça girando enquanto ela tenta compreender o conceito de decência básica. "Eu sei... eu sei que somos humanos. Mas seria possí vel... poderíamos ficar aqui por um tempo? Acho que, se ficássemos, os outros também veriam que talvez haja uma vida para nós, mesmo fora dos Favorecidos."

"Você pode ficar o tempo que quiser", responde Koen antes que eu possa me virar para ele. "Obrigada." Seu sorriso vacila. "Talvez você e eu possamos ser amigas, E—Serena. Gostei

da tarde que passamos juntas."

"Eu também", digo, em vez de *"Poderíamos ser amigos se eu ficasse, mas não vou". Não posso. Mas você vai ficar bem. E o Koen também. E eu também.*

Bom mentiroso e tudo mais.

"Talvez eu possa te ajudar", ela acrescenta, hesitante. "Eu poderia te mostrar onde ficam alguns dos nossos esconderijos. Poderíamos ir juntos..."

"Não", Koen e eu respondemos em uníssono, com firmeza. Trocamos um olhar, e ele continua: "Quantos anos você tem?"

"Dezesseis."

"Filho da puta." Ele abaixa a cabeça brevemente. Massageia a ponta do nariz. "Você é jovem demais para ser pego nisso. Não sabemos se eles estão guardando seus esconderijos ou se vão te tratar como uma ameaça. Você já passou por muita coisa. Seu envolvimento com essa merda acaba agora."

Nele cora, parecendo escandalizada.

Koen inclina a cabeça. "Você realmente se ofereceu para me escoltar até uma situação de vida ou morte, só para se recusar a dizer 'besteira'?"

O rubor aumenta. "A questão é que, depois do que aconteceu na semana passada, restam... pouco menos de cinquenta Favorecidos. Cerca de metade deles são Lobisomens. E... minha irmã mais velha está com eles no momento."

Meu estômago afunda.

Koen suspira. "Você poderia me escrever uma lista dos membros? "

"Já peguei. Está no meu quarto." Ela desvia o olhar. "O que você vai fazer com eles?"

"Se os Lobisomens não resistirem, nós os capturaremos vivos e os submeteremos a um tribunal. Humanos não são problema nosso."

"Você poderia . . ."

Seu rosto se suaviza. "Faremos o possível para não machucar ninguém. Humanos são fáceis de subjugar. No entanto, se minha matilha estiver em perigo, nos *defenderemos* ."

Nele exala lentamente. O silêncio se estende até que ela diz: "Eu só quero que isso acabe, sabe? Uma vida normal, para mim e minha família." Ela solta minha mão e se abraça. "Não sei onde Irene está agora. Mas o aniversário do profeta é daqui a dois dias, e é o nosso dia de culto

mais importante. Irene pode cancelar este ano, mas nunca cancelou. Na verdade, acho que ela pode..." Imediatamente, ela exala um cheiro intensamente culpado.

"Nada disso é culpa sua", Koen a lembra.

Ela assente. "Desde a entrevista da Serena, tem havido muita raiva em relação ao Noroeste. Mais do que o normal. Muitos Favorecidos viram isso como uma prova de que estavam certos o tempo todo, e as pessoas têm pensado no Tormento." Ela engole em seco. "Nos últimos meses, eles têm acumulado armas. Armas de fogo. Algumas maiores também. E..."

"E?"

“E... eles nos ensinaram como usá- los.”

CAPÍTULO 36

Ela seria a companheira perfeita para o Alfa.

EU"NÃO DEVO SER O ÚNICO A SENTIR UMA FORTE SENSAÇÃO DE déjà vu", diz Saul, mas ninguém ri.

Eu não descreveria os assistentes do Noroeste como os mais alegres de todos, mas eles costumam provocar uns aos outros, trocar farpas e piadas internas que passam despercebidas para mim. Esta noite, porém, a atmosfera na cabana de Koen é de uma mansão gótica, de meados do século XIX. Os líderes do grupo estão a caminho. A maior parte da liderança da matilha está presente, e todos concordam com a decisão de Koen de perseguir o culto antes que Irene possa atacar.

“É a mesma estratégia que Constantino usou”, diz ele.

"Mire no Alfa e nos segundos mais próximos", recita Amanda. "Quando a matilha tenta se reagrupar, eles avançam para baixo."

"Eles não têm os insiders que tinham naquela época", ressalta Mai. "Nem a mão de obra." “O ataque pode não ser tão generalizado”, Amanda concorda, “mas e se algo acontecer com

Koen?”

"Isso não seria o ideal. Sempre tem um bando de babacas sem experiência em liderança que decidem tentar o desafio no pior momento possível." Koen se

encosta no balcão e olha para o nada. "Não basta pegar a Irene. Precisamos garantir que nenhum lobisomem relacionado ao culto permaneça livre. Caso contrário, daqui a dois anos, algum babaca que por acaso é primo de terceiro grau do Constantine vai voltar com alguma reivindicação de merda e irritar todos os outros babacas."

“Quais são as chances de a garota humana estar mentindo sobre as armas?” Jorma pergunta. "Nenhuma", diz Koen. "Ela adora Serena e quer vê-la segura."

"A solução mais fácil", diz Elle, "seria atrair o máximo possível deles para algum lugar onde possamos neutralizá-los facilmente. Talvez pudéssemos alimentá-los com informações falsas que estamos coletando para uma reunião de liderança."

"Não sabemos a extensão das armas deles", ressalta Koen. "Da última vez, nós os subestimamos, e vocês sabem o que aconteceu." " *Nós nos* referimos aos pais dele. *O que aconteceu* se refere aos meus."

"E Irene seria tão fácil de enganar?", pergunta Colin.

Lentamente, Koen balança a cabeça. "Ela é iludida, mas não estúpida. Ela acreditou que Serena ficaria do lado dela em relação ao Noroeste, e isso foi míope da parte dela. Ela não cometerá o mesmo erro duas vezes."

“Poderíamos usar Jess para plantar informações falsas?” Pavel balança a cabeça. "Ela não está cooperando." “Ainda poderíamos usá-la como isca.”

“Irene não dá a mínima para ela”, diz Amanda.

"Mas ela se importa comigo." É a primeira vez que falo na reunião. Todos se viram para mim, e é como um holofote bem na minha cara. "Sou sobrinha dela. Filha do Constantine." Não é novidade para ninguém, mas alguns segundos baixam os olhos, como se a lembrança fosse

difícil de engolir. Não os culpo nem um pouco. "Eu seria uma isca que valeria a pena. Eu poderia marcar uma reunião com ela, dizer que mudei de ideia sobre o Favorecido."

"Ela não vai acreditar", diz Amanda. "Você claramente fez sua escolha."

"Ela pode até saber que estamos usando você para atraí-la para lá e usar isso contra nós", acrescenta Mai.

E eles têm razão. No entanto. "E se *me usarem* como isca?" A pergunta me rende muitos olhares confusos. Alguns olhares céticos — *acho que o halfling é lento* — são trocados. "Irene quer que Koen vá embora", explico. "Ela sabe que Koen virá atrás de mim se eu for levada, porque ele já veio. Ela sabe que ele também trará vários de seus subordinados. É o cenário idea l para ela."

Silêncio. Amanda aperta os olhos. "Não tenho certeza se entendi?"

"Se Irene me tivesse à disposição agora, ela me usaria para atrair a liderança do Noroeste para um lugar onde pudesse se livrar de você facilmente. Então, deixe-a fazer isso. Deixe- a pensar que está nos emboscando, enquanto *nós a* emboscamos . Como você disse, a mão de obra dela é limitada. Ela vai ter que usar todos os seus recursos na emboscada..."

"E não sobrar ninguém para nos dar atenção." Saul assente lentamente. "Não é uma má ideia."

"Não é", admite Elle. "Exceto pelo pequeno detalhe de que Serena *não está* com Irene." "Isso pode ser fácil de consertar", diz Amanda, parecendo estar a bordo. "Nele nos disse onde ficam os esconderijos. Poderíamos desfilar com Serena perto de um, alguém a sequestraria para agradar a Madre Irene, e então..."

"Suficiente."

A sala inteira fica em silêncio. O olhar de cada segundo se volta para os dedos dos pés, como se fossem crianças sendo repreendidas coletivamente por não darem descarga.

Acho que é esse o efeito que tem — a voz do Alfa. Só que os olhos da Amanda se erguem. Não me surpreende — sempre senti que havia algo mais sólido no relacionamento dela com o Koen, algo que vem do fato de ela ser a amiga mais próxima dele. Talvez seja por isso que ela tem a coragem de se opor a ele. "Koen, essa não é uma *garota final idiota..." "Plano de subir as escadas* . Serena sabe que é improvável que Irene lhe faça mal. Ela é importante demais para o culto."

“Você pode garantir isso?”

Amanda desvia o olhar, mas murmura: "Não posso garantir nada. Não posso garantir que as armas secretas de Irene não sejam gerbilos embalsamados. Mas posso dar um palpite."

"Não, não pode. Não na minha mochila." A voz de Koen é áspera, e um silêncio profundo e terrível se segue, no qual todos, incluindo Amanda, fazem uma daquelas estranhas gen uflexões oculares.

Eu me levanto, atravesso a sala e vou até ele. "Não foi ideia da Amanda. Foi minha. Então, se você tem algo contra..."

"Você sabe que sim, assassino."

Somos os únicos dois na cozinha, o que dá uma ilusão de privacidade. Mas é só isso —u ma ilusão. Todos podem ouvir. Todos *estão* ... "Você tem um plano melhor?"

Ele me encara. Meu coração palpita de carinho e um pouco de tristeza pelo que estou prestes a fazer com ele.

"Claramente, não. Esta é a melhor maneira de manter a matilha segura."

“Eu *não* vou deixar você— ”

"É isso aí, Koen. Você não precisa me *deixar* . Eu posso fazer o que eu quiser. Eu poderia atravessar a fronteira humana agora mesmo, e você não conseguiria me impedir."

Seu maxilar fica tenso. "Eu sou o Alfa desta matilha."

"Você vai. E todos os outros nesta sala vão seguir suas ordens. Mas eu não."

De repente, ele parece maior. Mais furioso. Ele se eleva sobre mim de uma forma nova e desconhecida, e sibila entre dentes: "Você está sob meu comando. Se eu disser que quero você aqui, você vai ficar aqui, porra. Seu plano te colocaria em perigo e fora da minha proteção, e isso é inaceitável."

“Koen.” Eu sorrio.

Ele se inclina para a frente. Eu deveria estar com medo. Só que *não estou* .

"Eu te amo", eu digo simplesmente.

Seus olhos se fecham. "Você é *minha* . Minha companheira. Minha..."

"Mais importante, você *me ama* . E é por isso que não tem autoridade sobre mim." Estendo a mão para acariciar seu rosto com as costas da mão. Deixo meu braço cair mole ao meu lado, repentinamente frio.

Quando me viro, encontro os olhos de Amanda e acenamos uma para a outra.

O PLANO SE EXECUTA COMO UMA DANÇA BEM COREOGRAFADA.

No dia seguinte, Amanda e eu somos escoltados até o território do grupo mais a leste. Anneke, sua líder, nos encontra sob as árvores altas à beira do rio e me recebe com um curioso aceno de cabeça. "Espero que você saiba no que se meteu", ela me diz. Quando Koen e Saul saem dos bancos da frente, ela abaixa a cabeça. "Alfa. Eu cuido dela daqui."

"Sim. Dê-nos um minuto."

Anneke e Amanda dão um passo para trás, e Saul apalpa meu braço em busca do rastreador GPS cravado na minha carne. "Ainda não dói?"

Eu balanço a cabeça.

"Ótimo. Está um pouco avermelhado, mas é melhor assim, pois vai facilitar para Irene notar. Se doer..."

"Cala a boca, Saul", resmunga Koen. "Ela é uma Lobisomem adulta e não precisa que você se preocupe com ela."

Saul arqueia uma sobrancelha. "Com licença, *Alfa* . Devo ter ouvido mal quando você ameaçou acorrentá-la ao radiador para evitar que ela batesse o dedo do pé."

"Ela é minha companheira", rosna Koen. " *Eu* posso tratá-la como se ela fosse feita de madrepérola. *Você* não."

Saul me abraça, me deseja boa sorte e desaparece da vista de Koen em velocidade recorde. Então somos só nós dois. Do outro lado do céu, uma ave de rapina canta em um tom alto e descendente.

"Eu deveria ter feito isso", murmura Koen. À luz do sol, seus olhos parecem mais escuros do que o normal.

"O que?"

"Te acorrentei na porra do meu radiador. Eu ainda posso. Eu vou."

Eu rio. "Não, não vai. Mas eu vou ficar bem. Eles não sabem que eu posso me transformar de novo. Se as coisas ficarem perigosas, eu sempre posso correr."

Ele cerra os dentes. "Se alguma coisa acontecer com você, eu vou..."

"Me mate, sim. Eu já sei o que fazer." Eu adoraria abraçá-lo, mas Anneke está logo atrás de mim e faz parte da Assembleia. Não quero dificultar as coisas para ele. "Acho que vai dar certo, Koen. Vamos nos livrar dessa ameaça e... seguir em frente." Eu sorrio. Mais ou menos. "Considere isso meu presente de despedida para o Noroeste."

“Você já deu o suficiente ao Noroeste.”

Engulo em seco. "Gosto de pensar que simplesmente não tirei uma de suas características mais atraentes." Não tem graça. Nenhum de nós está rindo. As pontadas no meu peito parecem mais facadas.

"Claro." Ele suspira. "Preciso ir, Serena. Antes que eu te acorrente em algum lugar de verdade."

Concordo com a cabeça, afastando a sensação de formigamento na garganta. Observo Koen se virar e se distanciar um pouco.

Mas ele para.

Respira fundo, com os ombros arqueados.

Vira-se novamente e marcha de volta para mim, pegando meu rosto entre as palmas das mãos e pressionando nossos lábios.

É um beijo simples, intenso e marcante. Meus dedos agarram seus pulsos, e ele cheira como se nunca tivéssemos saído da cabana dele. Ainda estamos em nosso ninho, medindo a respiração um do outro. Maravilhados com a rapidez com que entramos no ritmo.

"O que você precisar, tem que vir até mim. É uma ordem." Sua voz está tensa. "Não me importa onde você esteja. Não me importa o que seja. Quero que você me prometa que, para qualquer coisa que você— "

“Eu prometo, Koen.”

Ele acena com a cabeça. Enche os pulmões de ar. Balança a cabeça. "Que chatice", resmunga, e então vai embora.

Amanda e eu entramos no carro de Anneke.

A CASA DO MEU AVÔ ESTÁ VAZIA HÁ QUASE CINCO DÉCADAS . O exterior, no entanto, parece surpreendentemente intacto, e ninguém parece ter iniciado uma competição de atirar pedras em direção às janelas da sala de estar.

"Posso reivindicar esta propriedade?", pergunto, de pé na sacada. "Ela me pertence?" "Tecnicamente, tudo no território da matilha pertence à própria matilha", me diz a assistente

de Anneke, um tanto pedante. " *Deveríamos apresentá-la a Jorma"* , Amanda sussurrou para mim mais cedo, depois de nos oferecer um croissant e pronunciar o nome como se estivéssemos em um jantar requintado em Toulouse.

“Alguém está cuidando deste lugar?”

“Sim. As pessoas ficarão aqui ocasionalmente, principalmente quando estiverem entre residências. Elas seriam bem-vindas para se mudar, mas...”

“Eles sabem que é a casa onde o pai de Constantino nasceu e não querem se

comprometer?” Ela concorda.

"Justo. Provavelmente tem muito mofo preto nessas paredes." Isso certamente explicaria a história da família.

"Também fica bem perto da fronteira", ela ressalta. "Ali, aquela fileira de árvores? É território humano. Muito bem patrulhado, e não temos tido problemas há muito tempo. Mas..."

"Interessante." Finjo estar aprendendo algo novo. "Obrigada por me mostrar."

"Sem problemas. Devo dizer que fiquei surpresa quando Anneke disse que você gostaria de visitar a casa do seu avô, mas... acho que faz sentido."

Eu sorrio. Dez minutos depois, estou deitada na grama com Amanda, olhando para o céu nublado. Meus dedos brincam com o colar da minha mãe. " *Coloque"* , Saul sugeriu antes de eu sair. " *Isso tornará a mentira de que você só pensa em se reconectar com seus ancestrais ai nda mais crível."*

“Esse lugar me dá arrepios”, diz Amanda, mas minha mente está em outra coisa. *Alguém* mais.

"Eu estraguei tudo para ele?"

Ela me olha de relance. "O quê? Quem?"

"Será que eu enfraqueçai irreparavelmente a autoridade de Koen?" Quando o enfr entei publicamente, os rostos de seus assistentes variavam de chocados a escandalizados.

Amanda ri. "Meu Deus, não. Acredite, todos nós temos muito claros nossos respectivos papéis na vida de Koen. Ninguém imaginaria que, só porque *você* se safa de reclamar do Alfa, *eles também conseguiriam* ."

“Não quero complicar as coisas para ele, agora que estou indo embora.”

Ela fica em silêncio por um longo instante. Quando me viro para encará-la, percebo que ela me encara. "Obrigada, Serena", ela me diz. Séria e, estranhamente, sincera.

"Para que?"

“Por não tirá-lo de nós.”

"Ah." Esfrego a mão na calça jeans. "Como você sabe que ele..."

"Eu não fiz. Ou talvez tenha feito, mas não porque ele me contou. Eu sabia desde o começo que chegaria a esse ponto. Desde o momento em que ele voltou do Sudoeste e me disse que tinha te encontrado." Ela ri, balançando a cabeça. "Ele ficou tão bravo, Serena, por *Gostando tanto de você*, na verdade . E eu chamei o Saul de lado e disse: "É assim que a gente perde o Koen". Ele ainda não sabe. E se eu contasse, ele ia me mandar embora e me chamaria de... babaca, ou algo assim. Mas eu sabia." A expressão dela fica séria. "Eu o teria perdoado se ele tivesse deixado o Noroeste. Mas acho que ele não teria se perdoado. Então, obrigada."

É quando o telefone dela toca, como planejado, e Amanda entra em casa para atender a ligação, me deixando sozinho.

Conforme planejado.

DESTA VEZ NÃO HÁ DROGAS ENVOLVIDAS, E QUANDO me vejo amarrado e amordaçado na frente de Irene, me sinto grato.

Sério? Eu coloquei a expectativa muito baixa. Preciso começar a exigir mais dos meus sequestradores.

E há um esconderijo a uns 13 quilômetros dali , Nele me contou ontem, apontando para um mapa. *É inconveniente, porque fica tão perto do território da matilha que o risco de ser pego durante as patrulhas é alto. Mas Irene nunca desistiu.*

Por causa da proximidade com a casa do pai dela?

Ela assentiu. *Havia rumores de que o antigo líder do grupo queria demolir a casa, e Irene decidiu ficar de olho para garantir que ainda estivesse de pé. Não temos um local de sepultamento para Constantino, então é como um memorial. Nos inspira.*

Olhei para Koen. *Faria sentido eu viajar para lá, já que tinha acabado de descobrir sobre minha família. Alguém como Irene, que passou a vida inteira defendendo o legado de Constantine, não acharia estranho.*

Tomei os dentes cerrados de Koen como concordância, e aqui estou eu. Piscando para Irene enquanto ela se ajoelha na minha frente. Tentando evitar seu toque enquanto ela segura meu rosto com suas mãos finas e macias e me diz: "Você cometeu um erro ao escolher o Noroeste em vez do seu povo. Eu..." sei que você é jovem e inexperiente, mas deveria saber melhor.”

Eu me debato um pouco, mais para me exibir, mas isso é catártico. Nunca tive uma família para decepcionar antes, e é uma espécie de viagem de poder. Muito divertido. Não entendo o que a Misery está falando.

"Não vou desistir de você, se eu puder evitar. Você é o único descendente direto de Constantino e meu único parente consanguíneo."

Um dos Favorecidos, um lobisomem macho, se aproxima para sussurrar algo em seu ouvido. Irene assente, parecendo satisfeita, e ele vai embora. Imagino onde estamos. Dirigimos cerca de cinco horas para o sul.

"A questão é, Eva." Ela abaixa a voz. Seu sorriso é melancólico e ameaçador. "Talvez eu simplesmente não consiga evitar. Se você recusar seu direito de nascença e não me permitir elevá-la ao símbolo que deveria ser... terei que transformá-la em uma mártir."

Ela olha para o meu braço, onde o rastreador está implantado.

Finjo não notar o brilho em seus olhos.

MEUS OLHOS SE ARREBENTAM QUANDO VEJO AS ARMAS QUE ELES ACUMULERAM , e não é mais um exemplo de atuação premiada. Eu estava preparado para as armas de fogo, mas não para os explosivos.

Isso claramente já estava sendo preparado há algum tempo. Quando a noite chega, finjo dormir e reúno trechos de conversas que circulam por aí. Eles estavam quase prontos para atacar, e minha presença é apenas uma oportunidade para acelerar os procedimentos.

Não temos muito tempo, mas...

... aquele rastreador? Eles conseguem ver a localização dela, provavelmente estão a caminho...

. . . situação ideal, mas precisamos nos apressar . . .

...pode não vir. Afinal, ele a deixou sozinha perto da fronteira, não é o ato de alguém que se importa.

... bobagem. Ele tinha o seu segundo mais próximo protegendo-a. A mulher. Ela errou. . . . é muito apegado à garota . . .

O coitado do Koen provavelmente está rangendo os dentes até virarem tocos. Será que ele já chamou a Amanda de "testículo" só por ter concordado comigo com o plano? Será que isso está lhe tirando alguns anos de vida? Será que vai ser melhor para ele quando eu voltar para o Sudoeste. " *Longe dos olhos, longe do coração"* nunca será a nossa praia, mas talvez não saber se estou em perigo salve o revestimento do esôfago dele?

Preciso falar com o Jorma. Garantir que alguém esteja lá para cuidar dele, mesmo que eu não possa.

"Eva", chama uma voz, e meus olhos se abrem de repente. É um humano segurando algo afiado. "Desculpe. Não vai doer."

Saio antes que eu possa imaginar a que ele está se referindo.

MEU PRÓXIMO MOMENTO DE CONSCIÊNCIA É NO MEIO DA NOITE. Estou grogue e confuso, no mesmo lugar seguro onde adormeci. Só que não está mais fervilhando de atividade.

Somos só eu e dois guardas humanos.

Meu braço, onde estava o rastreador, dói como uma ferida aberta. Sangue seco gruda no meu bíceps e se acumula na parte interna do meu cotovelo.

E é aí que percebo que talvez eu tenha subestimado Irene.

CAPÍTULO 37

Ela é uma loba pequena. De cor creme e branca, com os mesmos olhos castanho - escuros de sua forma humana, e orelhas amarelo-claras, grandes para o corpo e mais pontudas do que a maioria. Sua cauda grossa e focinho delicado têm algumas marcas claras que a tornam absolutamente única. Tão bonita que ele pensa que, se ela fosse a última coisa que visse, não se importaria. Nem um pouco.

TEI, PEGARAM MEU RASTREADOR E ME DEIXARAM PARA TRÁS, O QUE NÃO É COMO EU PENSEI

QUE ia acontecer. Irene deve saber que o Noroeste vai notar que ele não está mais preso ao meu corpo, o que pode significar uma série de coisas. Na melhor das hipóteses, ela sabe que algo pode estar errado e decidiu ser cautelosa. Na pior, ela sabe exatamente qual é o nosso plano e optou por usar uma isca menos valiosa, equipá-la com meu rastreador e deixá-la ser uma vítima da luta que vai começar.

Isso porque não quero acreditar que Irene sacrificaria um dos Favorecidos.

Assim que acordo completamente, grito na minha mordaça. Me contorço. Faço uma cena. Um guarda, um homem de cabelos grisalhos e barba comprida, me observa por alguns minutos. Então ele suspira, se aproxima e solta minha boca. "O que foi?"

Para onde diabos eles foram? seria minha escolha para iniciar uma conversa, mas eu me contento com "preciso ir ao banheiro". Não é nem mentira.

Ele e o guarda mais jovem trocam um olhar. "Só... vá."

"Onde?"

Eles parecem confusos.

"Você quer que eu só me mije nas calças?"

“Quero dizer... sim.”

Penso em fazer uma piada do tipo " *Você sabe quem é meu pai?"* , mas decido ser um pouco mais sutil. "Irene me deixaria manter minha dignidade." Elegante, se assim posso dizer.

"Será que ela faria isso?" Beard parece em dúvida. Ele olha para a arma ao lado da mão direita e depois para o homem mais jovem, que claramente *não* está no comando. Ao contrário de Beard, ele parece devidamente intimidado pela ideia de estar na lista negra de Irene. "Talvez. Mas já assisti TV o suficiente para prever como a coisa toda *de me levar ao banheiro e me desamarrar por um segundo* sempre termina."

"Você já?"

Ele concorda, orgulhoso de sua clarividência.

Suspiro. "Ok, escuta — não me desamarre. Nem me leve para fora. Que tal você abaixar minhas calças e calcinhas para que eu não tenha que ficar sentada na minha própria urina por um tempo? Seu amigo pode me segurar sob a mira de uma arma para que eu não tente nada. Não que eu pudesse, já que meus braços *e* pés estão amarrados."

Beard pensa bem, não encontra objeções, e o resto é fácil. Não foi muito inteligente da parte deles presumir que eu precisaria de outra pessoa para me desamarrar. Por outro lado, eles não fazem ideia de que eu posso me transformar .

Sinto a onda de poder, de *certeza* , enquanto meus dedos se afiam em garras. Na forma de Lobisomem, meus pulsos são finos o suficiente para que eu possa facilmente incliná-los e rasgar

a corda. Beard se aproxima para me ajudar com a emergência no banheiro, e dominá-lo é questão de alguns golpes. Como eu suspeitava, seu jovem amigo está intimidado demais pela situação para atirar e matar o filho pródigo de Constantine. Assim que Beard está gemendo no chão, ele joga a arma e foge.

Saboreio a deliciosa dor nos meus ossos enquanto assumo a forma de lobo. Faz muito tempo, tempo demais. Cada uma das minhas células me acolhe enquanto me acomodo nelas.

O que resta da minha mente humana se sente um pouco culpado por ter atacado o garoto e o deixado fora de combate, lembrando-se do que Koen disse sobre o culto e seu hábito de proteger lobisomens com humanos. Um pouco, mas não o suficiente para me deter.

A floresta é meu lar. Ela me chama. Me impele a seguir em frente. Me abraça como se eu fosse digno dela, sempre serei. Eu saio atrás do culto, rastreando seu cheiro, seguindo cada vestígio de sua passagem. Humanos, em particular, são fáceis de perseguir. Marcas de pneus. Pegadas de sapatos. O lixo ocasional. *Eles não se deram ao trabalho de esconder seu rastro* , a floresta sussurra. *Eu te contarei tudo o que você precisa saber. Eu te guiarei até eles.*

Eu troto por dez minutos. Ou horas. Não consigo ver o tempo dessa forma, apenas sequências. Eventos. Causa e efeito. Meu cérebro posterior é maior, e tudo é instinto, claro. Bom ou ruim. Querer ou *foder, não* . Amigo ou inimigo. Não há concessões, porque sou a essência pura de mim mesmo. Sou insignificante. Sou fome, amor e alegria. Sou a matilha, e a matilha sou eu.

Então avisto chamas. Ouça gritos e tiros. Cheiro de fumaça.

Meu cérebro de lobo não *entende* . Tudo o que vê é caos e dor, adrenalina e raiva. Galo em direção ao campo de batalha, deixando para trás a parte mais densa da floresta. Há um incêndio, que começou na clareira e está se espalhando rapidamente para as árvores. Mal consigo respirar. O calor é tão intenso que meu pelo parece chamuscado.

Vá embora , meus instintos gritam. *Vá embora.*

Mas avisto Pavel. Seu pescoço está quase todo preso nas poderosas mandíbulas de outro lobo, um lobo castanho-amarelado que não reconheço. Quando Pavel tenta se libertar sem sucesso, corro em sua direção e cravo minhas presas no lado vulnerável da barriga do outro lobo. Ninguém me ensinou a lutar dessa forma, mas eu sei mesmo assim. Eu *sei* .

O lobo-cervo consegue me despistar. Pelos padrões dos lobisomens, não sou uma criatura assustadora, mas me inflo, tentando parecer maior. Rosno. Levanto o rabo. Quando ele se agacha, pronto para atacar, faço o mesmo — e então uivo em triunfo quando Pavel o pega de surpresa e o joga no chão.

Ao meu redor, humanos gritam, disparando suas armas. Um olhar me diz que o culto está sobrecarregado e perdendo terreno rapidamente. É então que avisto Koen e descubro o que é o verdadeiro medo.

Ele ainda está em forma humana. Rosno —*Que diabos ele está esperando?* —, mas ele não consegue me ouvir. Ao contrário de todos os outros, ele corre em direção à fonte do fogo. Corro atrás dele, pronta para cravar meus dentes em seu pescoço e puxá-lo para longe. Então percebo qual é o seu objetivo.

Uma garota. Uma garota humana que mal consigo distinguir através das chamas — exceto pelo cabelo castanho-avermelhado. Ela está no chão, inconsciente, e ele está tentando resgatá- la. *Irmã de Nele.*

Ondas de calor me atingem, e observo Koen desaparecer em meio às chamas. Solto um gemido baixo, correndo ao redor do perímetro da fogueira e me virando para tossir. Rosno. Lato. Espero que ele reapareça por vários segundos. Ou anos.

Então, como o idiota que sou, eu o sigo.

"Idiota" , grita uma voz para mim. Mas acrescenta: " *Socorro! El e!"*

É impossível respirar. Com a boca escancarada e a língua de fora, sigo seus passos e dou um pulo de alívio ao vê-lo saindo do fogo por outra direção, carregando o corpo inconsciente da garota. Corro atrás dele, tentando manter a fumaça longe dos meus pulmões. Koen passa correndo pelas chamas, deita a garota na grama e encosta o ouvido na boca dela, procurando por um sinal de vida.

Estou trotando em direção a ele e é quando vejo Irene.

Ela está nua e descalça. Não me nota, porque Koen e a garota estão bem entre nós. Infelizmente, tenho quase certeza de que Koen também não *a nota* . Ele está concentrado em fazer RCP na irmã de Nele e não se vira, nem mesmo quando Irene levanta algo que se parece muito com um rifle.

Meus pelos se arrepiam ao longo da espinha. Num instante, meu medo explode em pura e explosiva fúria.

Não no meu turno, tia.

Estalo os dentes, pretendendo avisar Koen. O problema é que ele se vira para *mim* e me reconhece instantaneamente, apesar de nunca ter visto minha forma de lobo. Sinto seu alívio, sua alegria e *tudo o mais* como uma onda de choque, reverberando por mim.

Atrás dele, porém, Irene está mirando.

Meu próximo movimento é instinto primitivo, algo além da razão e do pensamento. Observo-a ajustar a boca do cano e corro em sua direção o mais rápido que posso. Salto por cima de Koen e da garota, avançando em direção ao rifle, pronto para rasgar a garganta de Irene. Alguém grita meu nome.

O vento sopra o fogo em nossa direção.

estalo agudo e alto reverbera por toda a floresta.

Essa é a última coisa de que me lembro.

CAPÍTULO 38

"Seu babaca patético." A voz do Vampiro o acorda aos trancos e barrancos. Ele está dormindo ao lado da cama de Serena — já faz... Ele não se importa. "É meio nojento, como você está perdidamente apaixonado por ela. Mas, por favor, continue. Homens patéticos e arrepiados são muito divertidos."

EUACHA QUE TUDO FOI UM SONHO.

Não só a luta, o fogo e o sequestro. Não só o Koen, eu sendo um Lobisomem e meu tempo no *The Herald* . Acho que ainda estou na faculdade, me perguntando

quem diabos está recebendo propina por colocar um requisito de química em um curso de finanças. Acho que estou na casa do Colateral, me perguntando se a cara de babaca do novo paisagista significa que ele é secretamente um ativista anti- vampiros.

Os últimos seis ou sete anos foram um pesadelo. Nada mais poderia explicar que

a prim eira coisa que ouço quando recupero a consciência é a gargalhada da Misery. "Nossa, cara. Ele vai ficar *tão* puto."

"Quem?", pergunto ofegante. Meu paladar parece coberto de algas. Quando um canudo é enfiado na minha boca, eu o seguro e tomo uns doze goles.

"Quem o quê?" pergunta Misery.

Estou, obviamente, em uma cama de hospital. Ela está, obviamente, na cadeira ao lado. A julgar pela minha mesa de cabeceira coberta de dispositivos eletrônicos, uma bolsa de sangue vazia e até mesmo o último volume da série de mistérios "Lobos", nós dois juramos que... Pare de ler coisas que incitam ódio, ela já está aqui há um tempo. "Quem vai ficar puto?"

"Koen. Você esteve fora por quatro dias, e ele literalmente concordou em ir embora esta manhã."

“Para onde ele foi?”

"Algo, algo, *pacote* . Acho que ele está sendo repreendido por... Será possível que Amanda tenha mencionado uma Assembleia?"

Sim. "Eu sou... Este é o Sudoeste?"

"O quê? Não. Olhe pela janela. Está chovendo aqui. Tem árvores e merda. Estamos na toca." Ela se recosta na cadeira, tira os sapatos e estica as pernas compridas aos pés da minha cama. Seu rosto bonito, de fada, se curva em um sorriso feliz. "De qualquer forma. Tenho certeza de que você está muito confusa. E tem perguntas. Terei prazer em te ajudar", ela oferece, magnanimamente.

Quando o Koen volta? Parece uma pergunta horrível para a minha melhor amiga, que claramente estava cuidando da minha cama doente. Então, eu pergunto: "Ela atirou em mim?" "Irene? Sim, mas só no braço. Perna? Não sei. Você estava na forma de lobo."

"Onde ela está?"

"Hum, então. Koen estava, hum, bravo."

"Ah."

“Receio que você tenha sido desanimado.”

"Que trágico", digo, sem dar a mínima. "A garota?"

“A ruiva? Aquela em que colocaram seu rastreador? Ela está totalmente recuperada. A liás, conheci a irmã dela. Ela tem uma queda por você *e* pelo Koen. É meio fofo, sinceramente.”

"Ela tem dezesseis anos."

"Acho que é uma paixão platônica. Mas também, quando você tinha dezesseis anos, você queria comer o Sr. Lumière no vestiário."

"Eu disse?", resmungo. Sim, eu disse. "E os outros? Alguma coisa que eu deva saber?" "Vamos ver... Os membros do culto estão presos ou com Irene. O que, tenho certeza, vai deixá-los encantados. O incêndio foi apagado. Ninguém do Noroeste morreu, embora tenha havido ferimentos leves. Posso apenas dizer... tive bastante tempo para refletir sobre as revelações recentes e não estou nem *um pouco* surpreso que você venha de uma longa linhagem de líderes de culto. Você me convenceu a fazer tanta coisa estranha ao longo dos anos, e eu sempre me perguntei por que eu continuava acreditando nisso."

"Que bom que descobrimos." Sento-me. É um processo agradável, fácil e indolor. "Não que eu esteja infeliz com isso, mas por que você está aqui?"

Ela faz beicinho. "Porque minha irmã estava à beira da morte?"

"Mas eu estava?"

"Bem, estado crítico. Curiosamente, não por causa da bala. Você bateu a cabeça com força ao bater na Irene. Basicamente, você é responsável pelos piores ferimentos. Que jeito de mostrar iniciativa." Ela levanta a mão. Com um suspiro, cumprimento-a com um high-five. "Lowe veio comigo. Ele foi embora ontem, quando te liberaram. Hoje tive que beber sangue de geladeira, e é como passar de pasta de amendoim gourmet para diarreia."

“Imagens tão vívidas— ”

A porta se abre. "Que miséria! Olha esse sapo que eu..." Um suspiro. "Serena acordou *?* " Um segundo depois, o sapo salta para longe, e um peso macio e ossudo pousa em mim com toda a graça de um esquilo voador. Retribuo o abraço de jiboia de Ana, tentando não cair no choro com o quanto ela cresceu nos últimos meses. "Ei, querida."

"Seu cabelo é tão comprido", ela diz. "Posso trançá- lo?"

"Claro."

“Misery e eu fizemos tatuagens iguais!” De repente, as costas da mão direita de Ana aparecem diante dos meus olhos.

“Isso é um... narval?”

Misery acena orgulhosamente e levanta o braço para me mostrar o dela.

"Além disso, você sabia que semana que vem é o aniversário da Misha e meu presente para ela é um castelo inflável? E a Sparkles mandou um oi." Olho para Misery, que balança a cabeça lentamente. " *Ele não"* , ela me diz sem emitir som. *Ele não consegue falar.*

Ana tagarela no meu colo por mais alguns minutos —Lowe saiu a negócios da matilha, mas voltará em breve, o tio Koen comprou waffles de unicórnio para ela, qual é meu queijo favorito, tem um garoto na escola dela por quem ela não *tem* nenhuma queda, mas *vai* se casar assim que tiver maioridade, eu ainda sou o favorito dela porque somos os únicos dois "híbridos" no mundo, mas Nele é sua nova melhor amiga.

“Nele?”

"Eles estão se dando bem", Misery me diz. "Talvez você e Ana tenham que dividir a guarda. Ei, chato, por que você não vai contar para a Nele onde você está antes que ela se preocupe?" Ana pisca para ela. "Você está tentando se livrar de mim para poder ter uma conversa adulta com a Serena?"

"Viu? Eu disse ao Lowe que você é esperto demais para cair nessa besteira." Misery revira os olhos.

“Sobre o que vocês dois vão conversar?”

"Vou dar uma surra na Serena."

"O que isso significa?"

"Sabe que agora ela só tem um cu? Eu vou— "

— *Ana* — interrompo —, por que você não vai procurar, hum... outro sapo? Para fazer companhia a este?

Ana sai rindo alto, e eu balanço a cabeça. "Nossa. Ela aprendeu a pronunciar seu nome."

"É trágico", diz ela, pesarosa. "Todos os dias, faço o meu melhor para atrasar o desenvolvimento cognitivo dela e mantê-la criança para sempre, e é assim que ela me retribui." “Minhas condolências.”

“E aí, pessoal, como vocês estão se sentindo?”

Sinceramente, nada mal. Não tem fumaça. Não dói muito. Todos que eu amo parecem ter sobrevivido à semana. "Se eu disser que está tudo bem, você vai gritar comigo?"

"Eu vou gritar com você de qualquer jeito."

Franzo a testa. "Por quê? Você teria feito o mesmo. Você *fez* o mesmo... você se casou com um cara que você não conhecia para vir me procurar em território inimigo. Como isso é menos irresponsável do que um plano de isca calculado para..."

"Você acha *que é* por isso que estou brava com você?" Ela abaixa as pernas e se inclina para a frente, mostrando as presas. O que significa que ela está *muito* brava. "Senhorita, eu não dou a mínima para isso."

“Então o que— ”

“Por que eu tenho que descobrir com Lowe o que é um Heat?”

Eu congelo. Ela acabou de dizer...?

“Sim, eu sei. E vou te lembrar disso todos os dias, pelo resto da sua vida. Que, por acaso, você achou que ia *acabar logo* ? Não que eu soubesse se *outras pessoas* não tivessem me contado.”

Merda. Merda, merda. Isso é *ruim* . "Acabou não dando em nada. E o Heat, eu teria t e contado no segundo em que voltei para morar no Sudoeste. E— "

“Eu não acredito em você.”

“Bem, você deveria, porque— ”

Não, Serena, *eu estou* falando. Lembra quando você não me contou que era uma Lobisomem? E nós concordamos que você deveria ter contado? Claramente você não aprendeu nada. Você agiu de forma egoísta de novo. E sabe de uma coisa? Estou farta disso. Estou farta de você carregar tudo como se fosse o cara com a pedra.

“Sísifo?”

“Não, o outro cara.”

“Rei Arthur?”

“Não, o babaca que carrega o plan eta.”

"Atlas!"

"Sim!" Seu sorriso vitorioso espelha o meu. Então ela se lembra de si mesma, e sua expressão se torna desanimada. "Serena, não posso continuar me perguntando o que você não está me contando. Não posso continuar descobrindo que você está enfrentando problemas enormes sozinha."

"Sofrimento, não é..." Não tenho o direito de chorar. Então, me esforço muito para não chorar. "Só não quero que você se preocupe..."

“Eu me preocupo de qualquer jeito. Me preocupo *ainda mais* , porque não sei se

você vai me procurar quando precisar. Escuta, você já me viu encher meu sutiã de lição de matemática. Já te vi com as sobrancelhas raspadas. Não há mais dignidade entre nós. Já passamos pelos nossos piores momentos juntos— ”

"E agora você está no seu *melhor* ", deixo escapar. "E não quero te arrastar de volta para o fundo do poço comigo."

É o que eu sinto. De verdade. Genuinamente. Eu não sabia disso completamente até as palavras escaparem, e agora estou olhando para Misery, minha linda e amada irmã, e a dor em seus olhos me faz querer pular de um penhasco.

"É isso que você pensa?", ela sussurra. "Que eu sou... *funcional demais* para você? Que eu não gostaria de ficar com você porque..."

"É só que...", começo. Mas qualquer coisa que eu consiga dizer parece tão profundamente míope. "Você tem muitas pessoas que te amam agora. Você não está mais sozinha. E eu quero que você possa aproveitar isso sem ter que se preocupar com sua amiga híbrida, perdedora, desempregada, talvez terminal, que agora tem ciclos de acasalamento estranhos e é um fardo para todos por causa do narcisismo não diagnosticado em sua árvore genealógica." Limpo a bochecha com as costas da mão. E Misery fica em silêncio por tanto tempo que me pergunto se é isso.

Ela já teve o sufi ciente.

Mas então ela diz: "Não estou. No meu melhor. E eu... me sinto sozinha, insegura e perdida o tempo todo. Me pergunto se a vida das pessoas piora por minha causa *o tempo todo* . Ter um vampiro "Amigo não compra nenhum favor para o Lowe. E a Ana? Eu tenho uma *filha da puta* que me olha como se eu fosse um modelo. A Serena é tão pequena, basicamente mantida unida com cuspe e fita adesiva, e um dia desses ela vai se juntar a uma gangue de motoqueiros ou me perguntar como as crianças são feitas— "

"Você provavelmente ficará bem por um tempo."

— E eu estou arruinando ela, porque esqueço que não devo xingar perto dela. E alguns colegas da escola estão tirando sarro dela por não conseguir se transformar...

"O quê?" Puxo os lençóis e me levanto num pulo. "Aqueles *babacas* !"

"Eu *sei* !", ela também se levanta. "Você acredita que a Juno não me deixa ir chupar os bichinhos deles na frente daqueles olhos inúteis?"

"Na verdade, eu posso. Os bichinhos não fizeram nada de errado. Mas poderíamos esfaquear os próprios colegas de classe..."

"Juno proibiu isso também! *Nada de violência contra menores* ", ela canta, na pior imitação de Juno que já tive o prazer de presenciar. Ainda estou pensando em meios de vingança, mas Misery continua. "É uma merda. Sinto constantemente que não estou preparada para isso. E a razão pela qual dói tanto é que... eu *quero* estar. Eu a adoro. Mas será que ela estaria melhor se eu fosse embora? E Lowe, a vida dele seria muito mais fácil com uma companheira lobisomem. Eu deveria deixá-lo, certo? Mas eu o amo tanto. Quase tanto quanto ele me ama."

Eu rio e sai um pouco de ranho nojento.

"Mas, Serena, o problema com Ana, Lowe, Juno e todas as outras pessoas que conhecerei pelo resto da minha vida é que... elas não são *você* . Elas não entendem. Elas nunca vão entender." Eu acho... eu *sei* que se ela pudesse chorar, ela choraria. *Eu* certamente consigo.

"Assim como Koen ou Amanda nunca vão entender. Elas vão entender outras coisas. Elas vão entender outros momentos... elas vão ter suas próprias exclusividades. Mas elas não vão entender *isso* ."

Que abuso descarado do verbo "pegar". E ainda assim... "Não acredito que sei exatamente o que você quer dizer."

“É porque você— ”

"Entendi. Sim."

Dois amigos normais se abraçariam. Apenas nos recostamos em nossos respectivos lugares e nos encaramos, entretidos com a nossa própria idiotice. "Ribbit", diz o sapo, e nós dois concordamos com a cabeça.

"Você nem me disse que está apaixonada pelo Koen", ela reclama.

“Como você— ”

"Vamos, Serena."

Dou de ombros. "Ele não pode ficar comigo, de qualquer jeito."

“Sim. É só que...”

"O que?"

"Não sei. O Koen não é o tipo de cara que se deixa limitar por coisas como pessoas dizendo não."

“E ainda assim.”

"É. O que mais você anda escondendo? Não precisa dizer 'nada', porque— "

"Talvez eu queira ficar aqui", digo abruptamente.

"Ah." Misery olha ao redor, como se não soubesse bem o que dizer. Sério, é cativante pra caramba. "No... hospital?"

“Não, eu... eu amo este lugar. O Noroeste. Não sei se é porque uma parte de mim se lembra de estar aqui quando eu era criança, mas me sinto em casa. E acho que talvez eu queira morar aqui, mesmo que não possa ficar com o Koen. Este é um território tão grande, e eu poderia ficar fora do caminho dele, e... Você me odiaria?”

"O quê? Não. A gente ainda vai se ver o tempo todo. Tipo, olha o Lowe e o Koen. Eles são tão codependentes quanto a gente."

"Eles são?"

"Ah, qual é. Koen é da Lowe... Se eu dissesse figura paterna, isso tornaria as coisas estranhas?"

" *Tão* estranho."

"Ok, então digamos que o irmão mais velho de quem Lowe sempre precisou. Ele basicamente salvou a vida dele quando o acolheu, e acho que Koen tem orgulho de Lowe. Certa vez, ouvi-o dizer que 'criar o filho' foi a melhor coisa que ele já fez. Se eles conseguiram fazer dar certo, nós também conseguimos. Não me importa se somos próximos geograficamente. Só quero sentir que sei o que está acontecendo com a sua vida."

Concordo com a cabeça, agradecida. "Já que estamos sendo sinceros: no fundo, você não está feliz por ter tido que pular toda essa história do alarme falso de morte?"

"Sim, mas isso não vem ao caso. *E* você me privou do prazer de tirar sarro de você por ter uma orgia sexual obrigatória de três dias." Ela suspira. "Serena?"

"Hum?"

“Deveríamos cortar as unhas dos pés um do outro e conversar sobre a questão do nó?”

Penso em como tenho pouca vontade de fazer isso. Em como estamos atrasados. "Tem máquina de cortar cabelo no banheiro?"

Ela se levanta e vai procurar um pouco.

CAPÍTULO 39

"Sei que pode parecer uma decisão difícil, mas é para o seu bem, Koen", diz Xabier. O restante da Assembleia concorda com diferentes graus de entusiasmo.

Ele sente como se o chão sob seus pés não fosse mais sólido.

EU"NÃO SEI", AMANDA ME DIZ QUANDO PERGUNTAVA SE KOEN SERIA FORÇADO A RENUNCIAR.

"Não é tão simples assim", acrescenta Saul, aproximando-se mais dela do que nas últimas semanas. Eles entraram na cabana de Koen de mãos dadas, ou talvez tenha sido uma ilusão de ótica. "Eles não podem exigir que ele se demita. Eles não têm esse tipo de poder. Eles não são, tipo, nossos pais de verdade."

Amanda o apunhala com os olhos. "O que eles *podem* dizer é que não estão dispostos a ficar com o Noroeste."

"Foi a Anneke quem contou? Foi porque ele me beijou na frente dela?"

"Não é só isso", explica Jorma, erguendo os olhos de uma pilha de papéis mais grossa que meu pulso. "Anneke, Xabier e Conan estavam lá quando você se machucou. Não há dúvidas de que Koen está emocionalmente comprometido. Isso não é tanto um órgão controlador sancionando uma criança malcomportada, mas sim uma conversa entre adultos sobre o futuro da matilha. Muito provavelmente, darão a ele um ultimato e pedirão que você deixe o núcleo." "Sinto muito. Eu— ”

"Serena, querida." Saul me lança um olhar severo. "Você *literalmente* levou um tiro pelo Alfa desta matilha. Preciso que você nunca mais se desculpe. E sim, eu quero mais uma fatia daquele bolo de café."

Sinto-me obscenamente culpada. Penso nisso pelo resto do dia, em meio ao fluxo con stante de visitantes cujos nomes mal me lembro, e mal consigo dormir durante a noite. "Isso é ideal", diz Misery, trocando um olhar de desconfiança mútua com Twinkles. Ana decidiu que, se ele quisesse, deveria poder entrar, e quem era eu para dizer não a ela? Tomara que Koen não se importe que ele tenha se mudado para o quarto. "Já que estou aqui, podemos passar o tempo tirando

sarro dos Alfas Lobisomens e dos porretes que eles colocam na bunda deles juntos." Koen só volta na tarde seguinte, quando Ana está no aeroporto local com Amanda, esperando Lowe pousar. Misery está dormindo no armário de Koen, e quase piso nela quando vou roubar outro moletom dele. Claramente, não foi só o calor que me fez gostar deles.

Então, enquanto faço uma torrada para satisfazer meu novo e voraz apetite, uma ideia brilhante me ocorre.

O armário seria um esconderijo *espetacular . Consigo me imaginar conversando calmamente sobre isso com o Koen. Eu poderia morar debaixo da sua cama. Você já ouviu falar do conceito de "segredinho sujo"? Vamos ser sinceros, não é como se eu gostasse de sair com outras pessoas ultimamente.*

Aperto a alavanca da torradeira. Ela não para abaixada.

Eu poderia me esconder lá com o Twinkles. Poderíamos compartilhar uns ossos gostosos. Empurrar.

Ler. Dormir. Encontrar um emprego remoto na área financeira e fazer a minha parte.

Empurrar.

Não posso ser usado contra você se ninguém souber que eu existo. Então, realmente, esta é a melhor solução para todos nós.

Empurre, empurre, empurre, empurre —

Duas coisas acontecem em rápida sucessão. Primeiro, o mecanismo de mola da torradeira quebra. Então a porta se abre. Quando me viro, Koen está na entrada. Seus olhos se demoram no meu rosto por um instante, depois se voltam para os meus dedos.

Que ainda estão segurando a alavanca.

Que caiu.

"Não é o que parece", deixo escapar, sentindo-me pega em flagrante, ainda mais

do que quando Misery me viu desenhar corações ao redor do nome do Sr. Lumière.

Koen assente e fecha a porta atrás de si. Ele parece...

Quero me jogar nele. Quero morder seu pescoço, apertá-lo e inalar seu cheiro tão profundamente que ele nunca mais sairá dos meus pulmões. Em vez disso, observo sua expressão de sofrimento e tento não me encolher.

“Acho que sua torradeira está quebrada”, informo a ele.

"Não diga."

“Não, quero dizer, estava quebrado *antes* .”

"Foi mesmo?" Seu olhar se dirige a um ponto no balcão. Eu o sigo, e...

Certo. Ótimo. A maldita torradeira não estava ligada na tomada e eu não aprendi nada. Legal. "Você, hum, talvez precise de uma nova", digo, com toda a dignidade que consigo reunir. O que é terrivelmente pouco. "Como sou uma pessoa generosa, vou pagar por ela."

"Você poderia."

"É. Vou até comprar na loja." Estendo a mão. Por que estou quase chorando? "Me dá as chaves do seu carro."

"Você quer quebrar isso também?"

Estremeço, mas teimosamente não retiro o braço. Koen nunca me entrega as chaves do carro, mas pega minha mão e me puxa para perto dele.

Ele me abraçou muitas vezes, mas nunca assim — tão perto que quase dói, como se estivesse tentando me engolir para dentro do seu corpo. "Sempre tem alguma coisa com você, hein?", ele murmura, pela quinta ou milionésima vez. E pela quinta ou milionésima vez, eu me derreto nele e esqueço que existe um mundo de merda lá fora.

"Desculpe", digo. A voz sai abafada contra a flanela dele.

"Sobre o quê?"

“Não sei. Tudo?”

"Hmm." O som reverbera através de mim. "A questão é que não acho que você deva se arrepender de nada do que aconteceu. Tirando a torradeira." Ele me pega no colo, com um braço sob meus joelhos, e me carrega para fora, para nos sentarmos em uma cadeira na varanda. Minha cabeça se encaixa perfeitamente sob seu queixo, minhas pernas se estendem sobre suas coxas, e essa é uma péssima ideia. *Qualquer um* poderia nos ver.

Mas eu vou embora em quê, vinte e quatro horas? Se tudo vai dar errado de qualquer jeito, que dê errado enquanto eu estiver no colo dele.

"Posso te contar uma coisa?", me forço a dizer antes de perder a coragem. "E não é... não estou pedindo nada. Só quero que você saiba, porque... só acho que talvez você gostaria de saber?"

Seu queixo bate no topo da minha cabeça. Um aceno de cabeça.

"Eu estava errado. Quando eu disse que você não era meu companheiro, mesmo que eu fosse seu. E eu sei o que você está pensando: 'Não, seu idiota, você simplesmente se apaixonou por mim como qualquer pessoa normal se apaixonaria, é o que acontece quando duas pessoas que se gostam passam tempo juntas', mas isso é... mais. Eu gostei de você desde o começo, de um jeito que nunca tinha acontecido comigo, e todos esses sentimentos... Acho que não tenho palavras para explicar, mas eu..."

O peito dele balança sob minha orelha. Eu me afasto e percebo que ele está rindo silenciosamente.

"O que?"

"Nada." Ele coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. "Só estou feliz que você tenha descoberto."

"Você quer dizer que sabia?"

"Não tenho certeza. Mas havia sinais."

"Ah." Eu pisco. "Sério?"

“Serena, nosso primeiro encontro te enviou para Heat.”

Eu coro. "Bem, não sabemos. Pode ter sido coincidência." Ele parece desconfiado. "Sério. Talvez o Alex, o cara da TI, tenha me mandado para Heat."

"É. Só que você não suportaria ser tocado por ninguém além de mim." Um sorriso surge nos cantos dos seus olhos. "Pessoas sem parceiros são muito menos criteriosas quando estão nessa situação, acredite."

"Ah." Olho para o horizonte, depois para ele novamente. "Então... você *é* meu companheiro?"

"Talvez nunca saibamos, já que sua biologia é diferente da de um Lobisomem completo. Não me importa muito, porque..."

"Porque?"

“Porque você é perfeita.”

Abaixo os olhos, sentindo-me tão ocupada... com *tudo* que não consigo sustentar o olhar de Koen. "Bem. Acho que não importa muito. Eu não te contei, porque... eu não estava tentando te dar um motivo para desistir."

"Ótimo. Porque eu não vou me demitir."

Engulo em seco, sentindo o nó na garganta. Está tudo bem. Melhor do que bem, é *exatamente* o que eu queria. Koen, ficar com o Noroeste. A coisa certa a fazer. "Ótimo", ecoo. Preciso mudar de assunto, antes de implorar para ele fazer algo que realmente não deveria. "Os líderes do grupo eram uns babacas por causa de... coisas?"

"Nada mais do que o normal. Disseram que estou emocionalmente comprometido por sua causa. O que é verdade." Seu polegar acaricia meu lábio inferior. "Já faz um tempo, na verdade." "Talvez. Então você tem... então você tem sentimentos. Grande coisa." Eu poderia ficar indignada por ele, o que é

ridículo. Koen não precisa que eu o proteja ou defenda, e ainda assim aqui estou eu. "Não muda nada. Cada decisão que você tomou levou em consideração o bem da matilha."

"Sim. Eles concordariam com isso."

"Ótimo. Porque é besteira. Você pode... você pode estar apaixonado por alguém e ainda ser um Alfa fantástico. A questão é que eu te amo, e companheiro ou não, eu não te amaria nem a

metade se você não fosse o tipo de pessoa que merece. E um dos motivos pelos quais você merece é que você *se importa* ." Meus olhos idiotas estão lacrimejando. E Koen...

Koen está falhando, miseravelmente, em conter um sorriso. "Todos concordam com você, assassino. Inclusive a Assembleia."

"Bom. Eles são muito *melhores* ."

“É por isso que eles rescindiram o pacto.”

Não entendi. Não de primeira. "O quê?"

"Eles sabem o que aconteceu. Eles sabem como você me enfrentou. Eles sabem que eu deixei você ser nossa isca. Eles sabem que você salvou minha vida. Eles disseram exatamente o que você disse." Sua mão corre pelos meus cabelos. Seus olhos seguem seu caminho. "Que sua presença não influencia minha capacidade de fazer meu trabalho. Mas acho que eles estão errados."

"Errado?"

Ele concorda. "Acho que me afeta. Acho que você me torna um líder melhor." Seu sorriso se alarga. "Você torna meu mundo melhor, com certeza. E, companheiro ou não, eu não te amaria nem a metade se você não fosse o tipo de pessoa que merece."

Minhas próprias palavras, jogadas de volta para mim, e é como se toda a minha vida se reorientasse. A brisa, as árvores, a grama, o musgo, as focas, as ondas — elas param, imóveis, por uma fração de segundo. Então, voltam a soprar,

farfalhar, chiar, sussurrar, espirrar, bater, mas de uma forma ligeiramente, enormemente diferente.

“Isso significa que...?” Ele concorda. "Pudermos . . . ?" "Se você quiser."

"Se eu..." Minha risada é grossa. Aguada. "Se *eu* quiser? *Você* quer?"

Ele também ri. "Deixa eu pensar."

Eu me inclino para frente e o mordo no queixo, com força. Sinto seu sorriso crescer entre meus dentes. "Então a gente pode... ficar aqui? Nesta cabana? E eu arranjo um emprego? E você faz as suas coisas de Alfa? E a gente... a gente corre junto? E fica sem graça?"

“Isso parece um sonho, na verdade.”

"E eu vou cozinhar? E vamos ver a Misery e o Lowe? E você vai me fazer mais cadeiras e me deixar decorar a cabana?"

"O que você quiser, querida."

“E teremos Twinkles como nosso cão lobo que às vezes dorme na nossa cama?”

“Foi por isso que quase bati em uma tigela de água mais cedo?”

Concordo com a cabeça. Aconchego-me nele.

Ele suspira. Aperta ainda mais o abraço. "Que chatice."

Eu me pergunto por que demorei até esse exato momento para perceber que essa era a maneira dele de dizer *eu te amo* o tempo todo.

EPÍLOGO

HE CONSEGUE SE MANTER JUSTO POR POUCO MAIS DE SEIS semanas.

Em termos de façanhas, esta é tão hercúlea, tão extenuante, tão imensamente exigente, que Koen tem certeza de que compensará cada coisa ruim que fez durante sua vida miserável e questionável. Ele é capaz de controlar seus instintos

e negar a si mesmo a única coisa que deseja com uma paixão avassaladora, feroz e avassaladora. Isso, no mínimo, lhe garantirá um lugar e m seu paraíso particular de Lobisomens.

O que, ele percebeu, requer apenas uma única coisa: Serena.

"Já está entediado?", ela pergunta a ele mais ou menos um mês depois de se mudar definitivamente. É uma pergunta absurda. E, no entanto, de uma forma racional e imparcial, Koen entende o que ela quer dizer.

Eles tiveram um começo difícil. Os quase assassinatos, os sequestros e todas essas outras bobagens. Os sustos médicos. O fato de ele ter que afastá-la repetidamente, mesmo mantendo distância, o destroçava. Resumindo, os primeiros meses foram muito agitados. Comparados a tudo isso, as últimas semanas foram incrivelmente fáceis.

Eles acordam de manhã. Ele sai para o trabalho. Ela faz o dela — remoto, para Karolina, algo sobre dinheiro ou ações que lembra Koen todos os dias o quanto ela é mais inteligente do que ele e o enche de um orgulho radiante e apaixonado. Ele volta para casa. Fim.

À primeira vista, parece chato. Mas há tanta coisa escondida nas frestas do ritmo diário deles que Koen não consegue imaginar que o tempo que passa com ela seja menos do que emocionante. Não que ele fosse pego de surpresa admitindo isso para alguém, mas ele está simplesmente... apaixonado, essa é a palavra. Do jeito que ela precisa ser arrancada da cama com chá e beijos pela manhã. Da alegria desavergonhada dela em descobrir cada canto do território deles. Do fato de que cada pequena ação mundana parece nova, brilhante e mágica quando ela está por perto.

E sim, são coisas comuns. Chatas, ele supõe. Ela fica sentada na loja dele fazendo palavras cruzadas enquanto ele constrói mais cadeiras para ela. Ela o faz comprar uma TV e o obriga a assistir aos filmes idiotas de humanos com os quais ela cresceu, e não é plausível que os gêmeos tenham voltado do acampamento trocados de lugar e os pais *não* tenham percebido imediatamente pelos cheiros. Ela tagarela e resmunga para si mesma e conta coisas para ele, todo tipo de coisa, engraçadas e sérias, grandes e pequenas, e quanto mais ela fala, mais ele não quer fazer nada além de ouvi-la. Ela pede para ele tocar piano para ela, então ele encontra algumas partituras de Bach. Ela quer correr, e é aí

que ele a leva para seus lugares favoritos, no fundo da floresta. Ela cozinha, e isso é... ele tem muita sorte. Principalmente porque, quando ela não está com vontade, quando ele caça pequenos animais para ela e os deixa cair aos seus pés, com o rabo abanando e a língua para fora, em expectativa, ela também age feliz, satisfeita e contente com ele. O instinto alfa normalmente não se preocupa com aprovação externa, mas Serena... ela se sente como outra parte dele.

Seu coração, em outro corpo.

" *Você está* entediada?", ele pergunta, em vez de responder. Eles estão na varanda, e ela está escovando o cão-lobo com um removedor de pelos que comprou online. Ele agora ostenta uma

coleira, equipada com um pingente em forma de coração que proclama brilhantemente: *Brilha* . Koen continua esperando ver traição nos olhos da fera, mas ele parece genuinamente feliz por ter sido domesticado e deslumbrado.

Koen pode se ide ntificar.

"Não", Serena responde. "Não. Não sou. Isso é tudo o que eu sempre... É que você é um Alfa. Talvez você goste de aventura?"

Para ele, parece uma aventura. Isto. *Eles.* Acordar todas as manhãs se perguntando se sobreviverá à intensidade dos seus sentimentos por ela. Parece improvável, e ainda assim. Ele sempre consegue sobreviver à noite. "Estou bem", diz ele simplesmente.

"Ok. Contanto que você não se importe." Outra passada de escova. "Toda essa rotina chata de casado." Ela morde o lábio inferior com cuidado. Ela é tão encantadoramente linda que às vezes Koen perde a noção de tempo e espaço. Às vezes, ele se pega com vontade de rosnar para outras pessoas por olharem para ela. Ele vai ter que se esforçar nisso. "Contanto que você não mude de ideia", ela acrescenta.

Koen não a segue imediatamente, muito impressionado com a curva suave do pescoço dela enquanto ela prende o cabelo atrás da delicada concha de uma orelha. Ele considera perguntar: " *Mudar de ideia sobre o quê?"*. Quando finalmente lhe ocorre o que ela está falando, ele pega a escova da mão dela e a puxa para o seu colo.

Beijá-la da maneira menos *entediante* que ele for capaz.

ELE QUERIA ISSO DESDE O MOMENTO EM QUE A VIU PELA PRIMEIRA VEZ na sala de estar da Lowe, de joelhos para receber o abraço de Ana, com o cabelo preso e a expressão triste. Ou seja: ele queria isso há muito tempo, mas agora anseia por isso. Anseia por isso.

Ele pode até *precisar* disso.

"Ela pode não saber que isso é uma coisa", diz Saul depois que Koen quase quebra a espinha em dois durante uma luta de brincadeira.

"Ela sabe", murmura Koen. “Como você pode ser tão— ” "Eu disse a ela."

"Você contou a ela *o que* é uma mordida de acasalamento?", pergunta Amanda, tão irritantemente astuta como sempre. "Ou você disse a ela que *quer* mordê-la especificamente para finalmente selar o ritual de acasalamento, e que se conter está te deixando louco?"

Koen o encara. "Ela era humana até três horas atrás. A coisa certa a fazer é deixá-la se acostumar a ser uma Lobisomem antes que eu a destrua com minhas mandíbulas picadoras de carne e deixe uma cicatriz, para meu próprio prazer."

"A primeira opção, hein?" Amanda sorri com ar de quem sabe. "Você explicou a ela a imensa paz de espírito que a mordida lhe daria?"

"Como isso *não* a pressionaria?"

"A questão é", Saul ressalta, "que eu entendo a vontade de dar espaço a ela, mas até você mordê-la você ficará mal-humorado, mal-humorado e rabugento. Aposto que a Serena também não está gostando muito."

"Ah, qual é, Saul. Fala sério", Amanda zomba. "O Koen é rabugento com a gente, não com *ela* ."

Isso mesmo. Porque quando ele está com a Serena, ele está de ótimo humor. Quando está com ela, ela é *dele* . E não importa que ele ainda não a tenha mordido, porque a garganta macia dela está a poucos centímetros de distância,

porque ela cheira como se não precisasse de mais nada além dele, porque ela tem a capacidade indescritível de transformá-lo em uma criatura de paciência, felicidade e repouso.

O problema... bem, os problemas ocorrem principalmente quando ela *não* está por perto. Seis semanas depois de toda aquela merda com o Favorito, por exemplo. Quando ele está em território humano para uma viagem de trabalho de três dias. O objetivo é, ostensivamente, ajudar os humanos a descobrir o que fazer com o bando de membros de culto ainda não desprogramados que o Noroeste acabou de entregar às autoridades. Koen está a um fio de distância de perguntar a Lowe e Maddie por que diabos ele teve que vir até aqui só para ser enganado negócios que não têm mais nada a ver com sua maldita matilha.

Até que sua paciência se esgota e ele rosna: "Por que diabos eu tive que vir até aqui só para me meter em negócios que não têm mais nada a ver com a minha maldita matilha? Eu não dou a mínima para humanos. Dê-lhes terapia, ou mande-os para apodrecer no fundo de uma vala, ou coloque-os em um cruzeiro com tudo incluído —simplesmente não me envolva."

Maddie arqueia uma sobrancelha. "Eu pensei que você gostaria de ver com os próprios olhos as pessoas que tentaram invadir seu território sendo levadas à justiça."

Lowe bufa, e Koen lhe lança um olhar *furioso de "Não ouse, porra* ".

Lowe, infelizmente, ousa. "Ele está *acasalado* agora ."

"Ouvi dizer", Maddie sorri. "Espero que você e Serena sejam muito felizes."

"No momento, estou muito infeliz." Porque ele está aqui e Serena está em *outro lugar* . Os meses que passou longe dela *foram* abomináveis, mas Koen tolamente acreditou que o havia m ensinado a suportar a ausência dela. Ele está começando a perceber que pode não ser o caso. Ele conta as horas e os minutos. Ele sente o cheiro dela em lugares onde ela nunca pôs os pés. Ele não é um homem inquieto. Por que diabos ele não consegue parar de balançar a perna, então? Não ajuda em nada que ele não tenha notícias dela com mais frequência enquanto está fora.

Ele se recusa a se tornar o tipo de pessoa que manda mensagens com emojis de coração a cada dez minutos, mas, por Deus, *Serena não consegue arcar com o*

fardo de ser a carente? Ela não pode explodir o celular dele?

"Como o recente acasalamento de Koen se relaciona com sua falta de interesse em relações entre Lobisomens e Humanos?", Maddie pergunta a Lowe, como se Koen não estivesse na mesma s ala.

"Indiretamente. Ele sente falta da Serena. Não aguenta se importar com coisas que não são dela por muito tempo."

“Então esta foi uma longa viagem para ele?”

“Não. Dois dias.”

“Dois e três quartos”, murmura Koen.

Maddie o ignora. "É por isso que ele verifica o celular a cada dois minutos?"

“Sim”, diz Lowe, enquanto Koen resmunga melancolicamente, “sou viciado *em Tetris* ”.

"É complicado", continua Lowe. "Estar longe do parceiro. Em muitos níveis. E quanto mais recente o acasalamento, mais desagradável a distância." Ele parece saber por experiência própria. “Melhora com o tempo?”, pergunta Maddie.

Lowe estremece. "Não que eu saiba. *Embora* ..."

"Não ouse dizer isso, porra", Koen rosna.

Mais uma vez, Lowe ousa. "Há coisas que ele poderia fazer para tornar a situação mais suportável."

“E ele não está fazendo isso porque...?”

“Seu palpite é tão bom quanto meu— ”

Koen joga o telefone em Lowe e fica orgulhoso da precisão com que ele responde.

Então... sim. Tudo bem. Ele precisará morder Serena. Então haverá um sinal

tangível do acasalamento, toda essa história estará completa, e a parte instintiva e selvagem dele será acalmada. Ele sentirá menos como se seu mundo pudesse explodir por falta dela, menos como se fugisse com ela, aconchegando-a no tronco de uma árvore e guardando-a como seu precioso e belo segredo. Ele a *morderá* — a alternativa é inconcebível — mas primeiro lhe dará tempo. Espaço. Uma chance de se acalmar.

"Só tenha paciência" , ele rosna para si mesmo. " *Você não é o centro do mundo.* Ela *é."* Mas parece uma tortura quando ele retorna para ela depois de três dias (e três horas e vinte minutos) longe. Serena está com Twinkles, esperando por Koen na varanda da cabana, mas corre em sua direção antes mesmo que ele diminua a velocidade. Ele está com medo de atropelá- la, então estaciona bem no meio da entrada da garagem, sai do veículo e deixa o corpo amolecido dela bater contra o dele enquanto ela se joga em seus braços.

Ela se estica para um beijo, dois, um milhão, mas ela é muito pequena e talvez muito ansiosa e claramente não planejou isso, então ele tem que pegá-la e deslizar as mãos para baixo para apertar suas coxas enquanto ela envolve as pernas ao redor dele.

"Você pode", ela diz entre beijos, "nunca" — beijar — "sair de novo?" Beijar. "Tipo, nunca?" Beijar.

A única resposta que ele consegue dar é um gemido. Ele a inspira, o nariz enterrado na glande na base do pescoço dela. É, claro que ele nunca mais vai embora. Ele vai fazer melhor do que ela: eles vão ficar na cabana dele para sempre. Fechar todas as entradas com tijolos. Parece um ótimo negócio.

Ele adoraria ser um cavalheiro pelo menos uma vez — carregá-la para dentro, dar a ela os lanches que trouxe do território humano, perguntar como foi a semana dela no trabalho, dizer que sentiu falta dela e —Deus, a banalidade disso parece absurdamente tentadora. O problema é que não é bem assim. Koen raramente consegue se concentrar quando se trata de Serena, o que é culpa dele, fraqueza dele, sim, claro, mas não ajuda que o cheiro dela seja fenomenal, ou que ela não cheire mais tão intensamente *como* quando ele foi embora. Sem mencionar que ele aparentemente *precisa* de sexo em quantidades e frequências que são... humilhantes. E ele não conseguirá deixá-la ir até ter certeza de que ela está ilesa e inteira, porque esse é o ponto principal: ele realmente não confia que o mundo a tratará bem se ele não estiver por perto. Ela é simplesmente linda

demais.

Koen gostaria de poder se ajudar, mas não é o caso. Ela é maleável em seus braços, e o sofá é tentadoramente horizontal. e pelo menos ele consegue chutar a porta para fechá-la atrás de si antes de deitá-la e puxar sua blusa com tanta força que —"Porra!" —o decote rasga. Ele deveria se arrepender, mas agora tem acesso total aos seios dela, e talvez o universo seja um lugar bom e justo, afinal.

"Eu acho", ele sussurra contra o ouvido dela, rouco, "que você deveria começar a vir comigo nessas viagens." Suas mãos tremem. Ele a deseja demais.

"Senti sua falta", ela diz em vez de sim, lambendo a glândula sob o maxilar dele, e ele não se incomoda em dizer que sentiu sua falta também, porque parece tão redundante quando ele está tentando inalá- la.

"Serena", ele murmura contra a têmpora dela. É realmente um comportamento de parceiro horrível, transar com a parceira antes mesmo de dizer oi, mas ela está se contorcendo embaixo dele, e a fricção é inacreditável, e ele não consegue se controlar. Talvez ela também não consiga, e é *aí* que acontece.

O evento mais transformador que ele já vivenciou.

Quase parece um erro de cálculo da parte dela. Porque num momento ela está beijando e chupando a glândula dele, e no outro seus dentes cravam na pele do pescoço dele.

O prazer é tão estonteante quanto aniquilador. Ele não goza nas calças, mas é quase isso. A única razão pela qual ele consegue se conter é que o mundo para. Por vários segundos, ele não gira. Koen e Serena ficam assim, imóveis, presos à mordida dela, por longos momentos. E então...

Então ela se afasta. Ela lambe os lábios, e ele descobre que estão escuros.

Com seu maldito *sangue* .

Desta vez ele *goza* um pouquinho.

Por alguns segundos, os olhos de Serena se tornam completamente lupinos. Então, eles voltam a ser humanos, ainda com aquele lindo e intenso castanho

pelo qual ele se apaixonou, e ela está com ele novamente, presente, consciente e...

Ela pisca. "Puta merda. Eu...?"

Sim.

“Meu Deus. Eu mordi você?”

Ela fez. Ela fez, porra. Koen está imensamente orgulhoso dela. Como seus dentinhos ficaram profundos. As lâminas afiadas de seus caninos. Até doeu um pouco. Ok, não exatamente, mas ele *sentiu que* ela apoderava-se de sua alma.

Ela *é dona* dele. É *oficial* .

"Sinto muito. Eu... eu não queria. Eu só estava... eu estava pensando em você e eu... eu estava tendo esses sonhos e... eu me empolguei. Seu pescoço estava *bem ali* e... meu Deus. Você está bem?" Ela parece muito alarmada. "Vai grudar? Deixar uma cicatriz?"

Nada jamais deu mais alegria a Koen do que poder dizer a ela: "Ah, sim".

"Tem certeza?"

Ele não tem muita experiência com isso, mas... é muito *melhor* . Ele espera que seja distorcido. Em relevo. Bonito à sua maneira feia. Ele espera que seja uma confusão de linhas grossas e finas que ninguém possa fingir que não vê. Ele é dela. Ele sempre foi, mas agora ela o reivindicou, e ele vai esfregar isso na cara de todo mundo até que implorem para ele parar, e mesmo assim, ele não vai. Em vez disso, ele vai implorar por outra. No pulso, talvez, para que ele possa olhar para ela a cada segundo de cada dia. Em *ambos* os pulsos. Por que não? Quantas cicatrizes de acasalamento são demais? Francamente, quem disse que menos é mais er a...

"Sinto *muito* . Eu provavelmente deveria ter perguntado se— ”

Um som profundo escapa de sua garganta. *Não.* Não havia necessidade disso. O pensamento é tão ridículo que ele decide se concentrar em outra coisa.

Como tirar as calças.

"Koen? Você concorda que eu tenha feito isso?"

Ele está atordoado. Sobrecarregado da melhor maneira possível. Ele realmente não tem certeza de como comunicar a ela que nunca... tem sido mais difícil, mais feliz e mais certo da existência de um Deus benevolente do que agora. "É", ele resmunga.

"Certo. Ótimo. Eu... Ótimo." Há um pouco de sangue escorrendo pela coluna da garganta dele, porque ela *massacrou* sua glândula. Ele sente que ela se arqueia para lambê-la, e... Perfeição. Sua companheira é perfeita. Ele massacrará qualquer um que tentar tirá-la dele, é claro.

Ela sorri para ele, e ele sorri de volta quando ela pergunta: "Tudo bem se..."

Ele para o que está fazendo — tentando penetrá-la — e olha para cima. Aguarda o pedido dela, seja ele qual for, mesmo sabendo que a resposta será sim. Não é como se ele fosse negar nada a ela. Ele tentou e sempre, sempre falhou. "É?"

"Se você..." Ela está corando um pouco. Suas lindas bochechas rosadas — uma cor tão estranha, mas tão encantadora.

"O que?"

"Hum, talvez você queira me morder também?"

É então que Koen desmaia por um minuto. Pelo menos, é o que ele pensa. Sua visão escurece e o som desaparece. Ele fica suspenso no nada. Então, quando ele acorda, ela ainda está mole embaixo dele, claramente no meio de um pequeno discurso.

"... fiz isso com você, então seria justo, sabe? E você disse, algumas semanas atrás, que queria me morder também..." As bochechas — agora que recuperou a visão, ele percebe que estão ainda mais *rosadas* . Ele acha que pode gozar de novo só de olhar para elas.

E então o verdadeiro significado de suas palavras vem à tona.

"Você me pediu para te morder", ele diz asperamente.

Ela acena rapidamente.

“A mordida de acasalamento.” Mais acenos de cabeça. "Meu."

Acenar.

"Em você."

"Você nunca mais tocou no assunto. Fiquei me perguntando se foi algo que eu fiz, ou..."

"Eu estava fodendo..." Um som profundo, gutural e indizível surge do fundo do seu peito. Koen não sabia que era capaz disso. "Eu estava te dando espaço."

Ela franze a testa. "O quê?"

“Eu estava sendo um companheiro paciente, atencioso, respeitoso, não intrusivo e complacente. Eu estava tentando— ”

"Koen, você é o parceiro mais intrusivo *de todos* . Você não para de me encarar quando estamos no mesmo quarto, me acorda para transar no meio da noite, fica rasgando minhas roupas e quer ficar comigo o tempo todo, desde que não esteja em missão de bando. Você não é o tipo de parceiro que dá espaço, e..."

"Estou *tentando* . Eu poderia ser muito pior."

“—*e* não estou reclamando, porque eu não te aceitaria de outra forma.”

Ele engole em seco. Mexe o maxilar. "Você passou por uma merda. E eu estou me esforçando para parecer mais... evoluído do que realmente sou."

Ela olha para ele com tanta pena que ele sabe o quão miseravelmente falh ou.

“Eu presumi”, ele continua, “que você não queria que eu rasgasse sua pele, fizesse você sangrar e marcasse você puramente para minha própria excitação sexual, e— ”

"Koen. Meu amor." Ela levanta a mão para tocar o rosto dele. Ela está claramente seguran do o riso. "Você poderia, por favor, rasgar minha pele, me fazer sangrar e deixar uma cicatriz puramente para o seu próprio desejo sexual..."

A força com que ele vira Serena de bruços não é *evoluída* , nem a maneira como ele puxa os pelos grossos da nuca. O pescoço dela. O problema é que está no caminho. A calcinha dela também, o que significa que ele tem que arrancá-la, e... ok, talvez a Serena tenha razão.

Koen a penetra rapidamente, talvez fundo demais e cedo demais, sem tempo para se adaptar, mas ela aguenta tudo o que ele lhe oferece. Ele a ouve ofegar e recupera um pouco o controle, tentando estocadas lentas e sem pressa, mas conseguindo. Seu nó já está pulsando, começando a inflar, pressionando contra as paredes apertadas da boceta dela. Ela está quente por dentro, brilhando de calor.

Ele morreria por ela, e mataria por ela. Mais importante, ele viverá por ela. Ela será o propósito que guiará cada segundo de cada dia dele.

"Eu vou fazer isso", diz ele, lambendo a espinha dela, uma promessa. Ela já está assentindo, arqueando-se para trás, e quando ele abre a boca, a pele da glande dela está macia sob sua língua, sob o roçar de seus dentes. "Eu vou marcar você", diz ele, porque é disso que se trata, e ele quer deixar claro.

Ela não responde. Mas ele a sente gozar, apertando-se em torno de seu nó crescente. Quando não consegue mais esperar, seus dentes cortam sua carne macia. O gosto férreo de seu sangue é forte e doce.

O gosto, pensa Koen, é o mesmo que deveria ser para sempre.

AGRADECIMENTOS

Para começar, gostaria de agradecer a James Cameron: obrigado, meu bom senhor, por escolher *Battle Angel Alita* e mudar o curso da história.

Em segundo lugar (mas primeiro mesmo), obrigada a todos que leram *"Noiva"* . Foi um afastamento dos meus livros anteriores e um pouco arriscado. Enquanto escrevia, eu sabia que queria dar à Serena um merecido final feliz, e foi o apoio

de vocês que tornou *"Materna"* possível. Mais uma vez, obrigada por abraçarem o nó.

Muitos agradecimentos, como sempre, a: Thao Le, meu agente; Sarah Blumenstock, minha editora, e Liz Sellers, sua assistente (e Cindy Hwang, sua mãe editora); Kristin Cipolla, Tara O'Connor, Bridget O'Toole e Kim-Salina I, pelo marketing e publicidade; Jennifer Myers, minha editora de produção; Christine Legon, minha editora-chefe; Janice Lee, minha editora de texto; minha revisora; Megha Jain, minha leitora fria; Daniel Brount, meu designer de interiores; lilithsaur, pela melhor ilustração da capa; e Vikki Chu, pelo design da capa.

Também, meus eternos agradecimentos à Claire, por ser minha consultora de culto. À Jen, por me fazer escrever o epílogo mordaz. À Alison, Becca, Christina, Danelle, Lauren, Leslie, Paola, Stephanie e Susan, por perceberem imediatamente a situação dos peitos no jantar do Meet Cute. À minha família e a todas as pessoas que tenho a sorte de chamar de amigas.

Mas acima de tudo: *obrigado, Dr. James Francis Cameron. O mundo é um lugar melhor graças a você.*



Justin Murphy da Out of the Attic Photography

ALI HAZELWOOD é autora de *Noiva* e *A Hipótese do Amor , best-sellers do New York Times* , e também autora de artigos revisados por pares sobre neurociência, em que ninguém se pega e o para sempre nem sempre é feliz. Natural da Itália, morou na Alemanha e no Japão antes de se mudar para os EUA para cursar doutorado em neurociência. Quando não está trabalhando, Ali pode ser encontrada fazendo crochê e comendo bolo. pops, ou assistindo filmes de

ficção científica com seus três senhores felinos (e seu marido um pouco menos felino).

VISITE ALI HAZELWOOD ONLINE

AliHazelwood.com


AliHazelwood


AliHazelwood

Explore the ALIVERSE...



***O que é errado* encontra *o que parece certo* neste romance ambientado na Itália.**

Maya Killgore tem 23 anos e ainda está tentando descobrir sua vida. Conor Harkness tem trinta e oito anos, e Maya não consegue parar de pensar

nele.

É um clichê tão grande que quase faz seu coração explodir: homem mais velho e mulher mais jovem; cara de sucesso na área da biotecnologia e estudante de pós-graduação esforçado; o melhor do irmão amigo e a garota que ele nem sabia que

existia. Como Conor adora lembrá-la, a dinâmica de poder é muito desequilibrada. Qualquer relacionamento entre eles seria problemático de tantas maneiras que seria impossível contar, e Maya deveria simplesmente superá-lo. Afinal, ele deixou claro que quer que ela saia da sua vida.

Mas nem tudo é o que parece – e os clichês às vezes se transformam em reviravoltas na trama.

Quando o irmão de Maya decide se casar em Taormina, ela e Conor acabam presos juntos em uma romântica vila siciliana por mais de uma semana. Lá, na bela costa jônica, entre ruínas antigas, comidas deliciosas e cavernas naturais, Maya percebe que Conor pode estar escondendo algo dela. E conforme o casamento começa a sair do controle, ela decide que uma aventura de verão pode ser exatamente o que ela precisa – mesmo que seja problemática.

Explore the ALIVERSE...



Um mergulhador competitivo e um nadador craque mergulham em águas proibidas neste romance universitário picante.

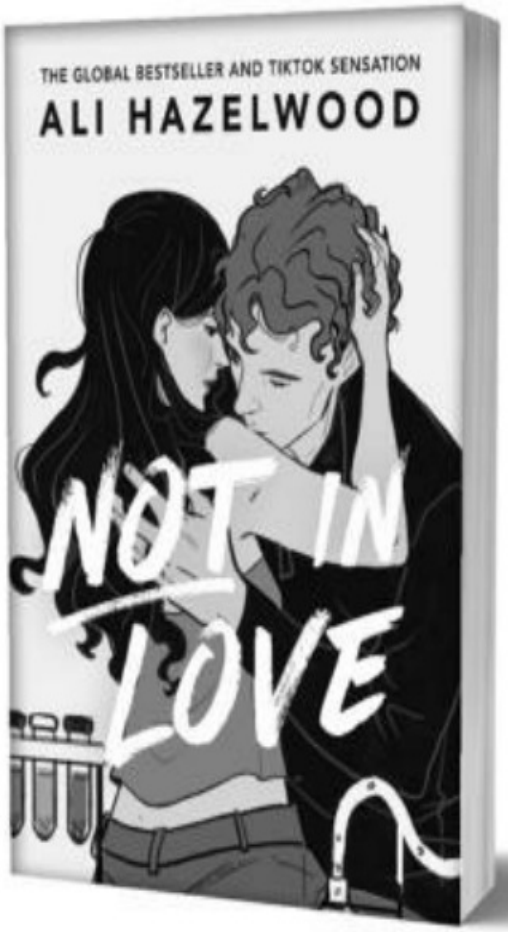
Scarlett Vandermeer está nadando contra a corrente. Aluna do terceiro ano de Stanford e atleta especializada em saltos ornamentais, Scarlett prefere manter a cabeça baixa, concentrando-se em entrar na faculdade de medicina e na recuperação da lesão que quase encerrou sua carreira. Ela não tem tempo para relacionamentos – pelo menos, é o que diz a si mesma.

Capitão de natação, campeão mundial e figura de ouro do atletismo aquático

completo, Lukas Blomqvist prospera com disciplina. É assim que ele conquista medalhas de ouro e quebra recordes: foco total em cada braçada. À primeira vista, Lukas e Scarlett não têm nada em comum. Até que um segredo bem guardado vem à tona e tudo muda.

Então, eles começam um acordo. E, à medida que a pressão que antecede as Olimpíadas aumenta, o relacionamento deles também aumenta. Era para ser apenas uma aventura temporária e mutuamente satisfatória. Mas quando ficar longe de Lukas se torna impossível, Scarlett percebe que seu coração pode estar à beira de um abismo...

Explore the ALIVERSE...



Um caso secreto e proibido prova que tudo é justo no amor e na ciência.

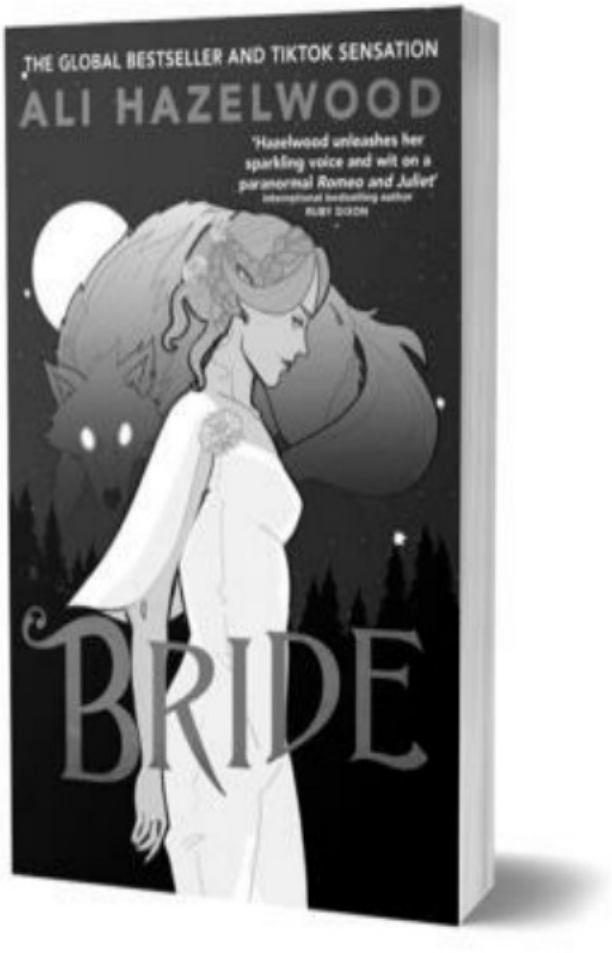
Rue Siebert pode não ter *tudo* , mas tem o *suficiente* : alguns amigos com quem sempre pode contar, a estabilidade financeira que almejava quando criança e uma carreira de sucesso como engenheira de biotecnologia na Kline, uma das startups mais promissoras na área de ciência de alimentos. Seu mundo é estável, agradável e conquistado com afinco. Até que uma aquisição hostil e seu testa de ferro ofensivamente atraente ameaçam derrubar tudo.

Eli Killgore e seus sócios querem Kline, ponto final. Eli tem seus próprios

motivos para levar esse negócio adiante – e ele é um homem que consegue o que quer. Com uma exceção: Rue. A mulher em quem ele não consegue parar de pensar. A mulher que está fora dos limites para ele.

Divididos entre a lealdade e uma atração inegável, Rue e Eli jogam a cautela pela janela do laboratório e da sala de reuniões. O caso deles é secreto, sem compromisso, e tem um prazo determinado: o dia em que uma de suas empresas prevalecer. Mas o coração é um negócio arriscado – um negócio que vale para sempre.





Uma aliança perigosa entre uma noiva vampira e um lobisomem Alfa se

torna um amor profundo o suficiente para você cravar os dentes nele.

Misery Lark, a única filha do mais poderoso conselheiro vampiro do Sudoeste, é uma pária – mais uma vez. Seus dias de vida anônima entre os humanos acabaram: ela foi convocada para manter uma aliança histórica de paz entre os vampiros e seus inimigos mortais, os lobisomens, e não vê outra escolha a não ser se render em troca – mais uma vez...

Lobisomens são implacáveis e imprevisíveis, e seu Alfa, Lowe Moreland, não é exceção. Ele governa sua matilha com autoridade absoluta, mas não sem justiça. E, ao contrário do Conselho Vampiro, não sem sentimento. Fica claro pela maneira como ele rastreia cada movimento de Misery que ele não confia nela. Se ao menos ele soubesse o quanto estava certo...

Porque Misery tem seus próprios motivos para concordar com esse casamento de conveniência, motivos que não têm nada a ver com política ou alianças, e

tudo a ver com a única coisa com a qual ela sempre se importou. E ela está disposta a fazer o que for preciso para recuperar o que é dela, mesmo que isso signifique uma vida sozinha no território dos Lobis... sozinha com o lobo.